

HGUNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DA
COMUNICAÇÃO HUMANA

Amanda Schreiner Pereira

**A FUNÇÃO DA VOZ NOS PRIMÓRDIOS DA CONSTITUIÇÃO
PSÍQUICA**

Santa Maria, RS
2017

Amanda Schreiner Pereira

A FUNÇÃO DA VOZ NOS PRIMÓRDIOS DA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

Tese apresentada para o exame de defesa da tese de doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Distúrbios da Comunicação Humana**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Keske-Soares
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Angela Maria Resende Vorcaro

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Pereira, Amanda Schreiner
A FUNÇÃO DA VOZ NOS PRIMÓRDIOS DA CONSTITUIÇÃO
PSÍQUICA / Amanda Schreiner Pereira.- 2017.
200 p.; 30 cm

Orientadora: Márcia Keske-Soares
Coorientadora: Angela Maria Resende Vorcaro
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-
Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, RS, 2017

1. Voz 2. Constituição Psíquica I. Soares, Márcia Keske
II. Vorcaro, Angela Maria Resende

© 2017

Todos os direitos autorais reservados a Amanda Schreiner Pereira. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte. Endereço: Hermes Guedes de Oliveira, 364. Pé de Plátano. CEP: 97.110-726. Santa Maria – RS, Brasil. Fone (55) 991644144. E-mail:psico_amanda@hotmail.com

Amanda Schreiner Pereira

A FUNÇÃO DA VOZ NOS PRIMÓRDIOS DA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

Tese apresentada para o exame de defesa da tese de doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Distúrbios da Comunicação Humana.**

Aprovado em 14 de julho de 2017:

Márcia Keske-Soares, Dr.^a (UFSM)
Presidente/Orientador

Angela Maria Resende Vorcaro, Dr.^a (UFMG)
Coorientador

Ana Maria Medeiros da Costa, Dr.^a (UERJ)
Comissão Examinadora

Liliane Seide Froemming, Dr.^a (UFRGS)
Comissão Examinadora

Luís Fernando Lofrano de Oliveira, Dr.^a (UFSM)
Comissão Examinadora

Carolina Lisbôa Mezzomo, Dr.^a (UFSM)
Comissão Examinadora

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

Mateus. Os movimentos foram tantos! Estive presente, ausente, antecipada, atrasada, e você suportou. Nos desdobramentos que a palavra pode ter, foi o suporte imprescindível para que este trabalho acontecesse.

Elis. Você brincou, jogou, mostrou que os espaços vazios, que agora designo intervalares, permitem lugar ao ato criativo.

Carmen. As palavras são insuficientes para agradecer a sua escuta e os efeitos de fluidez que permitiram que eu me aventurasse pela escrita e bordeasse esta tese.

Márcia. Obrigada pela aposta e pelo respeito que guiou nossas trocas, você foi estrutura neste percurso.

Angela. A você, minha admiração. Das palavras faladas às escritas, oportunizou que esta escrita fosse transliteração.

Meus pais. Meu primeiro tempo de formação. Agradeço a transmissão que propicia a ética com a qual me posiciono em vida.

Minha irmã. Sem você a condição de paridade seria outra. Com você sou semelhança e diferença, o que permite que eu ocupe lugares próximos e distantes.

Aline. Obrigada pelo olhar sensível e meticuloso, que ofertou contorno único à transcrição de meu trabalho.

APPOA. Por instigar, desde o princípio de minha formação, o desejo pela Psicanálise. Agradeço especialmente aos colegas da cidade de Santa Maria. Este escrito manifesta a transferência de trabalho que constituímos.

Enfim, a todos que permitiram que esta tese fosse inscrita como “nossa”.

RESUMO

A FUNÇÃO DA VOZ NOS PRIMÓRDIOS DA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

AUTORA: Amanda Schreiner Pereira

ORIENTADORA: Márcia Keske-Soares

COORIENTADORA: Angela Maria Resende Vorcaro

Este trabalho apresenta um estudo sobre a função da voz nos primórdios da constituição psíquica com base nas inscrições primárias que fazem corpo no *infans* e evidenciam o lugar da voz escandida no psiquismo. O estudo é composto de dois capítulos. O primeiro é um estudo teórico-crítico psicanalítico, embasado na leitura da obra de Freud e de Lacan e nos recortes empreendidos pelas autoras para associar a voz escandida à linguagem e à pulsão. Ele posiciona o sujeito, desde os primórdios, pela relação com os endereçamentos maternos. Dos vagidos iniciais à passagem pela voz que faz apelo, mediante o engajamento na matriz simbolizante, chega à voz objeto áfono do sujeito da enunciação, denotando a falta Outra no próprio sujeito. O segundo capítulo manifesta a forma como o sujeito se engaja no laço com o outro, vindo a assumir a voz timbrada, melodiosa e escandida. Para aprofundar os contornos imaginário e simbólico do objeto a voz, esboça os tempos diacrônicos das produções vocais dos bebês, vinculando-os aos momentos sincrônicos que evidenciam a constituição do sujeito na Psicanálise. Também discute as tensões primordiais da vida anímica por meio da observação de manifestações infantis precoces, com excertos da obra de Freud e de Lacan, a fim de localizar antecedentes dessas manifestações na pesquisa empreendida para a tese. A pesquisa realizada foi um estudo de caso exploratório-descritivo, do qual participaram dois bebês e suas mães. Os casos foram acompanhados longitudinalmente durante o período de um a 11 meses de idade dos bebês. Foram realizadas duas entrevistas não-estruturadas e 11 observações da interação livre entre as mães e seus filhos. As cenas foram registradas por filmagens e gravações de áudio, sendo complementadas em diários de campo. As leituras empreendidas permitiram discutir: a primariedade rítmica incidente no *infans*, demarcando a incidência simbólica já no segundo mês de vida dos bebês; o laço pulsional e os contornos prosódicos vocais, implicando a incorporação da língua nos bebês de quatro meses de idade; a passagem pela voz apelativa e os objetos que quedam, denotando, respectivamente, a circunscrição dos traços sonorizados e o objeto-resto pulsional, no nono mês e, ainda, a voz que ressoa articulada, apontando a travessia pelos significantes no sujeito constituído pela linguagem e a ressonância da voz escandida nos bebês de 11 meses. Como conclusão, afirmamos que o sujeito ressoa, em seu corpo, a temporalidade do andamento materno e contorna, de modo singular, o objeto a voz, resquício do indizível. Ele comparece em cada intervalo demarcado pela voz escandida, mediante os resíduos do andamento, e faz da voz inaudita objeto áfono, na torção do retorno pulsional relativo à invocação, veículo de seu desejo.

Palavras-chave: Voz. Linguagem. Pulsão. Psicanálise. Relação materno-filial.

ABSTRACT

THE FUNCTION OF THE VOICE IN THE PSYCHIC CONSTITUTION

AUTHOR: Amanda Schreiner Pereira

ADVISOR: Márcia Keske-Soares

CO-ADVISOR: Angela Maria Resende Vorcaro

This study verses about the function of the voice in the psychic constitution, considering the primary inscriptions that act on of the *infans* and evidence the place of the scandid voice on the psychism. It is composed of two chapters. The first one is a theoretical, clinical psychoanalytic study, based on Freud's and Lacan's studies, and on the effort of the authors to associate the scandid voice to the language and to the drive. It situates the subject, from an early stage, relating him/her to the maternal addressing. From the initial cries to the voice that appeals, through the engagement in the symbolizing matrix, arises to the voiceless object of the subject of enunciation, denoting the Other lack in the subject himself/herself. The second chapter manifests the way the subject engages on the bond with the other, assuming the tuned, melodious and scandid voice. To deepen the imaginary and symbolic contours of the voice, a object, the study approaches the diachronic timing of the vocal production of babies, linking them to the synchronic moments that evidence the constitution of the subject in Psychoanalysis. It also discusses the primary tensions of the psychic life, considering the observation of early child manifestations, based on excerpts from Freud's and Lacan's studies, to find records of such manifestations in the research carried out for this thesis. The research was an exploratory and descriptive case study, and the participants were two babies and their mothers. Cases were longitudinally followed up, from the time the babies were one to 11 months old. Two non-structured interviews and 11 moments of observation of free interactions among mothers and their babies were carried out. Scenes were video and audio recorded, as well as registered on a field diary. This effort enabled the discussion of the incident rhythmical primarity in the *infans*, demarcating the presence of the symbolic incidence already in the second month of life of the babies; the drive bond and the prosodic vocal contours, implicating the incorporation of the language, regarding four-months-old babies; the appealing voice and the objects that fall indicating, respectively, the delimitation of the sounding traces and the rest-object of the drive, in the ninth month; and the articulated voice, evidencing the crossing through the significant as concerns the subjects constituted by language, and the resonance of the scandid voice in 11 months-old babies. In conclusion, we claim that the subject reverberates in his/her body the timing of the maternal progression and contours, in a singular way, the voice, a object, remnant of the unspeakable. He/She appears every interval demarcated by the scandid voice, from the residues of the progress and makes from the unheard voice, voiceless object, in the twist of the drive return related to the invocation, vehicle of his/her desire.

Keywords: Voice. Language. Drive. Psychoanalysis. Mother-child relationship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Boné auditivo lateral de Freud	52
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CAPÍTULO TEMÁTICO: a voz que ressoa	25
2.1	VOZ E LINGUAGEM.....	25
2.1.1	Precedência do lugar Outro.....	25
2.1.2	Incursões do primeiro grito	27
2.1.3	Tropismo de voz e acionamento vocal	36
2.1.4	Voz-traço-apelo.....	44
2.1.5	Do grito-apelo ao <i>um</i>	49
2.1.6	Significantes e enredamento vocal.....	58
2.1.7	Duas operações lógicas essenciais.....	63
2.2	VOZ E PULSÃO.....	67
2.2.1	Os elementos pulsionais	67
2.2.2	O sujeito do desejo Outro	73
2.2.3	O tempo reverso da pulsão invocante	78
2.2.4	O tempo reverso da pulsão escópica e o estágio do espelho.....	86
2.2.5	A voz do pai morto no sujeito que se enuncia	92
2.3	DISCUSSÃO	105
3	CAPÍTULO TEMÁTICO: a voz que con-soa	113
3.1	REVISÃO TEÓRICA.....	113
3.1.1.	Introduzindo <i>Ali onde se estava</i>	113
3.1.2	Vocalise-ação.....	117
3.1.3	Interrupções do discurso Outro nos movimentos monológicos	131
3.1.4	O andamento e a voz escandida	139
3.2	PERCURSO METODOLÓGICO	146
3.2.1	Participantes	146
3.2.2	Delineamento, procedimentos, instrumentos e análise	146
3.2.3	Considerações éticas.....	150
3.3	LEITURAS E RECORTES	153
3.3.1	A primariedade rítmica incidente no <i>infans</i>	154
3.3.2	O laço pulsional e os contornos prosódicos vocais	162
3.3.3	A passagem pela voz apelativa e os objetos que ficam	166
3.3.4	A voz que ressoa articulada	172
4	CONCLUSÃO	177
	REFERÊNCIAS.....	183
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MÃES)	193
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (REPRESENTANTES LEGAIS DOS BEBÊS)	196
	ANEXO C – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	200

1 INTRODUÇÃO

Foram muitas as vozes com as quais nos encontramos neste percurso. Voz da prosódia, leito da língua. Voz do sintoma, à míngua. Voz do som, brilhante. Voz da pulsão, áfona, hiante. Voz do tempo-espaço, topológico. Voz e linguagem, jogo lógico – e por aí adiante. Com tantas vozes cambaleantes, andamos em direções outrora distantes. Neste processo de doutoramento, fomos fatigados pelos entrecruzamentos até que chegasse o momento no qual pudéssemos fazer de nossa voz composição. Apegamo-nos, então, às referências de base, presentes no percurso de formação da autora, e promovemos releituras que trilham a linha pela qual pretendemos conduzir nossos leitores.

Este estudo tem como objetivo propor a função da voz nos primórdios da constituição psíquica. Na travessia pela qual o sujeito implicar-se-á em seu inconsciente, chegando à condição de sujeito da enunciação, lança movimentos primários nos quais as inscrições corporais *infans* evidenciarão lugar à voz escandida, um dos motes de nossas articulações teóricas. Desse modo, a tese pretende posicionar o sujeito desde os primórdios, com seus vagidos iniciais, sua passagem pela voz que faz apelo, mediante o engajamento na primeira matriz simbolizante, até chegar à voz enquanto objeto áfono do sujeito da enunciação.

Acompanhando as passagens explicitadas acima, também pretende abordar de que modo, no corpo do bebê, é possível relacionar as sonorizações *infans* às operações constituintes do sujeito. A voz fônica interessa a este trabalho pelo campo com o qual ele pretende conversar, o fonoaudiológico, que oferta subsídios para que a linguagem, dentro da perspectiva da Psicanálise, possa circular dentre vazões da língua e da voz prosódica, que dá saliência aos aspectos suprasegmentais da mesma.

Pela apresentação dos dois capítulos que seguem, serão expostas as razões e as questões que fizeram com que este escrito se delineasse da forma como se apresenta ao leitor. Como dito, esta tese é composta por dois capítulos temáticos, o primeiro, “A voz que ressoa”, pretende avançar a teorização acerca da voz escandida com argumentos psicanalíticos de Freud e de Lacan.

Os textos freudianos foram escolhidos por tratarem da origem do sujeito e de suas operações constituintes. Em relação à obra lacaniana, foram explorados os seminários relativos ao início da proposição da voz enquanto objeto pulsional,

seminários 10 e 11, e o início do seminário inacabado, “Introdução aos Nomes-do-pai”, que se situa cronologicamente entre eles; além de outros excertos da obra do mesmo autor. Acredita-se que essas escolhas subsidiam os objetivos propostos acima e facilitam a articulação do campo psicanalítico com o fonoaudiológico, no qual se objetiva introduzir a voz relativa à pulsão (*Trieb*) e sua relação com a linguagem.

O primeiro capítulo está dividido em duas grandes partes, uma que relaciona a voz à linguagem e outro que articula a voz à pulsão. As questões suscitadas em cada uma delas estarão articuladas em sua discussão, bem como a discriminação de cada um dos conceitos nelas propostos, culminando num apanhado teórico que possibilita o registro da função da voz nos primórdios da constituição psíquica do sujeito.

Quanto à linguagem, é pelos preceitos lacanianos que este trabalho a embasa, no que Lacan (1998/1964) enuncia como traço da genialidade de Freud a relação que este propõe entre o desejo e a linguagem, mesmo que de uma forma que ele, Lacan, terá de elucidar. Esta tese inicia o mapeamento da voz por meio das primeiras inscrições psíquicas e, portanto, de sua relação com a origem do sujeito do desejo, estruturado pela linguagem.

Em um primeiro momento, localiza a “Precedência do lugar Outro”, relativa ao campo no qual estão inseridos os provedores dos primeiros endereçamentos vocais e dos significantes àqueles que nascem. Essa parte do trabalho destina-se a delimitar o lugar Outro e seus efeitos discursivos, capazes de transcrever o mundo sobre o corpo *infans*, ou melhor, fazendo corpo *infans*. Partindo de um tempo em que o sujeito só é suposição no Outro para chegar aos desdobramentos dessas suposições e dos endereçamentos a ela relativos, o estudo delimita a origem da percepção sonora e trata do inapreensível à própria percepção auditiva por meio das apreciações judicativas freudianas. (FREUD, 2011/1925).

Logo, destina-se a cercar o primeiro grito *infans*, diante da presença do próximo assegurador, que Freud (1996/1895) nomeia *Nebenmensch*. Do agente do Outro teremos a oferta do objeto da necessidade; a demanda, na transformação do grito em apelo, e a lógica da linguagem, pelos modos como assegura os atributos diferenciais do apelo, dando início à vida anímica. Os movimentos dessa seção, chamada “Incursões do primeiro grito”, levam-nos às seguintes questões:

considerando que a demanda recobre a necessidade, haveria função vital relativa à voz? Caso afirmativo, poderíamos atestar uma apetência sonora já ao nascimento?

Com essas questões, uma ressalva: com a entrada da Psicanálise, cada vez mais, na questão da satisfação da necessidade, na medida em que se interessou mais pelos estágios primitivos de desenvolvimento, corre-se o risco de tratar a relação mãe-criança com base naquilo que se desenrola na realidade cotidiana. (LACAN, 1995/1956-1957). Cuidado o risco, considera-se imprescindível não tornar a realidade fonte de evidência, mas, ao mesmo tempo, sustenta-se a perspectiva de que as incidências fenomenológicas estão atreladas às operações constituintes, de modo que se pode, com base nas referências textuais, fazer leituras acerca dessas.

Assim, este trabalho visa a delimitar movimentos que evidenciarão a experiência de satisfação por meio dos registros da voz do agente do Outro, apontando a matriz pela qual presença-ausência possibilitarão o ingresso ao mundo simbólico. Respondendo às questões suscitadas, configurou-se a seção “Tropismo de voz e acionamento vocal”. Toma-se como base a observação de que, ao nascimento, os bebês já possuem uma predileção pela voz sonorizada materna. Essa predileção foi associada, por alguns teóricos, à apetência simbólica, suposta no enganche ao prosódico *mamanhês*. (CATÃO, 2009; LAZNIK, 2004).

Diferente do que supõem os autores acima citados, esta tese lança a hipótese da passagem pelo timbre e de sua expulsão para que o enganche prosódico denotativo da apetência simbólica opere. Para tanto, dissocia a voz prosódica do *mamanhês* da “boa sonoridade” recebida pelos bebês, isso pautada no que sustenta como voz primordialmente expulsa, voz do timbre. A vinculação da voz prosódica com a voz do timbre não deixou de trazer questões: a expulsão do timbre dever-se-ia ao chamarisco prosódico? Como distinguir, diante da sonoridade do timbre e do gozo transmitido pelas características do *mamanhês*, as escansões temporais da voz escandida que este estudo pretende abordar?

Numa linha que propõe relacionar a voz materna à voz sonorizada dos balbucios, o presente trabalho propõe-se a lançar os tempos em que o sujeito irá incorporar as características de voz timbrada, melodiosa e escandida. A tese aposta que a origem da voz escandida se dá na temporalidade ritmada que inaugura a condição de subjetivação. Para tanto, aponta o despontar do objeto voz que se perde pela passagem por um orifício, o labial, para abrir-se apelo *infans* na pressa, o

que é exposto na seção “Voz-traço-apelo”. Da voz-traço ressoa o andamento dos endereçamentos maternos ao bebê, fazendo corpo.

Na seção “Do grito-apelo ao *um*”, empreendemos um salto constitutivo para introduzir o *traço unário* e o *Ideal-do-Eu*, conceitos que se aproximam de alguns preceitos pelos quais será abordada a função da voz, no que ela faz frente à origem do pai primitivo na barra significante.

Ao trabalhar o autoerotismo, o desenvolvimento do *Eu*, a incorporação e o recalque primordial em Freud e Lacan, apreciações caras à Psicanálise, introduz-se aos leitores iniciantes conceitos que permitirão acompanhar os desdobramentos desta tese. Nessa proposta, um dos conceitos fundamentais no campo psicanalítico, o *Inconsciente*, é tomado como marcador temporal que se abre e se fecha, movimentando a cadeia significante, o que é esboçado na seção “Significantes e enredamento vocal”.

Nesse segmento, expõe-se o modo como o sujeito apreende a bateria significante sobre a qual uma temporalidade se esboça. Poder-se-ia findar, nessa seção, a relação entre a voz e a linguagem, mas considerou-se pertinente mais uma localização teórica, de modo que “Duas operações lógicas essenciais” são abordadas, a alienação e a separação; operações da classificação do sujeito em sua dependência significante ao lugar do Outro. (LACAN, 1998/1964, p. 196).

Essa revisitação às operações lógicas essenciais aproxima-se de questões que serão trazidas com as afirmações lacanianas de que os ouvidos, mesmo sendo orifícios que não se podem fechar, podem ensurdecer a certo discurso. Pela via da separação, apontar-se-á a circularidade da relação do sujeito com o Outro, num intervalo que reserva o lugar da voz, a qual Lacan (1998/1964) refere como objeto pulsional relativo ao desejo do Outro.

Apresenta-se então a segunda parte do capítulo primeiro, que investigará a voz pulsional. No seminário 11, em que Lacan (1998/1964) trabalha o estatuto conceitual de quatro termos freudianos: o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão, o autor faz referência ao artigo definido “a” da pulsão. Delimita, assim, “a” pulsão enquanto “um” conceito, mas não deixa de informar que, desde os seminários e escritos passados, relaciona esse conceito a uma função mais global, à função do significante. É isso que também faz este estudo ao aprofundar, na Psicanálise, a

base de seu entendimento sobre a linguagem, relacionando a função de corte significante à voz escandida.

No seminário supracitado, Lacan diz que a pulsão ainda é de acesso difícil, quase inabordada, por isso propõe a ela a topologia de borda, privilegiando os orifícios do corpo, a ação retroativa e a dissociação entre objetivo e alvo da pulsão. Aprofundando as bordas, a retroação e o circuito pulsional da voz, esta tese revisita a voz-resto que queda quando o sujeito se inaugura pela linguagem.

Mesmo que encontremos diversos estudos sobre a voz na Psicanálise, afirmamos que ela é, ainda, pouco abordada em relação aos demais objetos pulsionais. No ano de 2016, no entanto, no Brasil, alguns eventos propuseram-se a trabalhar a temática da voz enquanto objeto da pulsão. Ao participar dos eventos, evidenciamos que nossas apostas teóricas poderiam ser levadas a título de tese neste trabalho. As considerações teóricas registradas nesses eventos serão fruto de uma série de especulações durante este escrito. (VIVÈS, 2016a, 2016b; VORCARO, 2016, informações verbais).

Do mesmo modo, publicações dos últimos anos foram referências importantes, possibilitando que pudéssemos argumentar com autores contemporâneos (FERREIRA, 2015; GORENBERG, 2016; PORGE, 2012, 2014), bem como um escrito da coorientadora deste trabalho, ainda no prelo. (VORCARO, 2017a, no prelo).

Para dar início à seção relativa à voz e à pulsão, demarcam-se “Os elementos pulsionais”, a saber, impulso (*drang*), alvo (*ziel*), objeto (*objekt*) e fonte (*quelle*) e os três objetos da pulsão: seio, excremento e olhar (FREUD, 2016/1905, 2015/1915), aos quais se acrescenta, com as argumentações de Lacan (2005/1962-63, 2005/1963, 1998/1964), o objeto voz. Esses elementos permitirão ao leitor conceitualizar a pulsão.

Dar-se-á ênfase aos objetos pulsionais e ao modo como eles funcionam no nível da falta, principalmente à voz pulsional, que se liga à falta do Outro e situa-se como falta Outra no próprio sujeito. Abordar “O sujeito do desejo Outro” implica diferenciar a voz e o olhar pulsionais, mas, ao mesmo tempo, articular as bordas corporais e a constituição do sujeito diante da dialética do desejo Outro, passando pela identificação transativista. (BERGÉS e BALBO, 2002).

Atento à voz em seu terceiro tempo pulsional, “O tempo reverso da pulsão invocante”, este estudo entrecruza diversidades teóricas sobre o delineamento do objeto voz, colocando em questão se a voz que interessa aos psicanalistas refere-se ao objeto áfono ou ao objeto sonoro e, ao mesmo tempo, propondo que o objeto áfono pode ser alvo de constructos de referência no campo fonoaudiológico.

Para questionar o objeto áfono e o objeto sonoro, esta tese passa por algumas analogias, utilizadas como recursos desses teóricos para delimitar a voz: sua ligação à música e a metáfora do canto das sereias, do mito grego. Tal analogia faz retornar ao canto materno do *mamanhês*, pelo qual serão recolocadas questões trazidas na seção dedicada à vinculação da voz com a linguagem. Com isso, a tese permite avançar na hipótese do ponto surdo, de Vivès (2009a, 2012, 2016a, 2016b), explorando o processo delicado pelo qual os ouvidos, como bordas relativas ao objeto voz, podem se fechar.

O trabalho também explora o que seria o processo de incorporação da própria voz no sujeito, no modo como ele se aliena na linguagem pronunciada pelo Outro, mas posiciona-se na hiância em que a voz cava-lhe lugar, lugar vazio onde o sujeito virá ressoar em sua própria frequência, evidenciando a passagem entre o sujeito e ele mesmo. (LACAN, 2005/1962-63).

Ao mesmo tempo, pelos contornos simbólico-imaginários da pulsão invocante, apoia-se no eco da voz, de Porge (2012, 2014), para se aproximar da voz que consoa, corpo dado a ver, relativo ao estágio do espelho, proposto por Lacan (1998/1949; 1998/1960) e que será apresentado junto ao tempo reverso da pulsão escópica. Em relação ao valor da dialética do desejo, tocar-se-á no olhar pacificador, apetite do olho do terceiro tempo pulsional, para chegar aos contornos da acomodação do propósito narcísico no *Ideal-do-Eu*. (LACAN, 1998/1964). Tomando como base essa fôrma de *a*, objeto da pulsão, o estudo posiciona a especificidade da função simbólica da voz na conexão dos objetos *a*, antes desordenados no *Real* do corpo.

A especificidade da voz como objeto pulsional que permite a conexão objetual será questionada na seção “A voz do pai morto no sujeito que se enuncia”, na qual a tese apresenta os desdobramentos da voz imperativa, relativa ao *Supereu*. Trata-se da voz que se apresenta como Outro do sujeito cuja função é delimitada

testemunhal. A metáfora do *shofar*, emblematizada por Lacan (2005/1962-63), objetiva auxiliar a leitura sobre essa função da voz.

Soma-se a ela a abordagem ao totemismo e ao pai da horda primeva. (FREUD, 2012/1913, 2013/1921). Acredita-se que esses trajetos permitirão restituir o valor da voz intervalar, uma vez que possibilita que o sujeito, aí situado, se implique com o corte significante, colocando à prova a separação e a experiência com seu *Inconsciente*. (LACAN, 1998/1964, 2016/1958-59). Pela experiência de linguagem, faz-se perceber a inclinação da voz que queda naquele que fala. Findadas as articulações teóricas, a “Discussão” pretende orquestrar a condição autoral em que a função da voz é proposta na constituição psíquica do sujeito, no primeiro capítulo.

Por sua vez, o segundo capítulo, intitulado “A voz que con-soa”, que soa conjuntamente, dá vazão a aspectos da língua no que ela se liga às operações constituintes do psiquismo, servindo de embasamento às futuras argumentações fonoaudiológicas sobre os sujeitos que falam. Como será exposto, de início, o *infans* emite sons e está constantemente exposto às produções de som dos que o acolhem neste mundo. Perceber como, com sua sonoridade, o bebê se implica no laço com o outro por meio de uma estrutura de linguagem é o objetivo desse capítulo.

Desse modo, ele delimita qual é a voz que circula, permitindo os primeiros balbucios do bebê, e evidencia como os sujeitos irão incorporar as características de voz timbrada, melodiosa e escandida. Denotando o movimento de apropriação vocal *infans*, o estudo trabalha as considerações de teóricos de diferentes campos sobre a “voz própria” (VIVÈS, 2009a, 2012; LIER-DE-VITTO, 1996). Vale-se de suas argumentações para redimensionar a voz objeto desta tese.

Ao nos propormos a desdobrar a função da voz, no início do desenvolvimento deste trabalho, encontramos inquietantes associações da voz materna aos riscos psíquicos e desenvolvimentistas dos bebês. O segundo capítulo também pretende abordar as incidências fenomenológicas da fala da mãe no corpo do bebê, mas enfatizando sua importância na inscrição de operações constituintes, sem estabelecer uma correlação direta entre a produção da mãe e o bom exercício da maternidade.

Com base na premissa de não se deixar capturar pela via imaginária, este trabalho atenta à importância das marcações intervalares e à descontinuidade temporal da fala, pelas quais os sons passam a ter valor de escansão. Associa-se os

intervalos relativos à inauguração do campo simbólico à língua materna interdita, de Melman (1992), privilegiando o modo como ela será transmitida ao *infans* sob o recurso da língua nacionalmente falada, presente em cada endereçamento materno ao bebê.

Para atingir seus objetivos, a pesquisa presente no segundo capítulo será apresentada em três seções: “Revisão Teórica”; “Percurso Metodológico” e “Leituras e Recortes”. Durante a revisão, os leitores serão reintroduzidos a pontos essenciais do primeiro capítulo, pertinentes aos contornos simbólico-imaginários do objeto *a*, voz, que o estudo requer aprofundar.

Tais contornos serão propostos nas sonorizações *infans*, pontuando o estabelecimento do jogo erógeno do bebê com o outro, os processos de alienação e separação e a reduplicação vocal *infans* por captura à imagem espelhar. Para tanto, abordar-se-á a relação, mais que acidental, em que a linguagem se liga a uma sonoridade, conforme afirma Lacan (2005/1963); a experiência de fala e a experiência de linguagem articuladas ao discurso Outro; a expulsão do grito *infans* e sua implicação na modulação vocal; os demarcadores rítmicos da materialidade linguística da prosódia e a mobilidade do sujeito diante desses demarcadores.

Serão esboçados tempos diacrônicos das produções vocais dos bebês, como expostos por alguns estudiosos da Linguística, e sua vinculação aos momentos sincrônicos que evidenciam a constituição do sujeito na Psicanálise. Do mesmo modo, serão trazidos excertos de manifestações infantis, capturados com base nas obras de Freud e de Lacan, que incitam a pensar a vida anímica pela observação de manifestações precoces infantis, como o jogo do *fort-da* (FREUD/ 2010/1920), os monólogos de berço (LACAN, 2016/1958-59) e o sonho de Anna Freud (FREUD, 1996/1897; LACAN, 2016/1958-59).

Esses fenômenos, reveladores das tensões primordiais do psiquismo, serão apresentados na presunção de relacionarem-se aos excertos da pesquisa empreendida nesta tese, na medida em que o trabalho supõe, neles, antecedentes dos movimentos primordiais relativos à função da voz.

Por sua vez, a “Revisão Teórica” proposta implica não somente a base referencial, mas também a imposição de nossas questões aos leitores, retomando o conceito de voz escandida com base no ressoar do andamento impresso nos cuidados maternantes com o bebê. (VORCARO, 2001, 2002, 2003, 2017a, no prelo).

Na seção reservada aos aspectos metodológicos, serão apresentados os seguintes aspectos da pesquisa realizada ao longo de um ano de trabalho: participantes, delineamentos, procedimentos, instrumentos e forma de análise dos excertos que serão expostos logo a seguir. Além disso, em sua dimensão ética, a tese procura enfatizar que a demanda inicial do estudo partiu da autora, o que tem efeitos no estudo. Com base nisso, delimita a impossibilidade da neutralidade do pesquisador, prerrogativa científica.

Nas “Leituras e recortes” empreendidos nesta tese, serão discutidas as questões teóricas com os materiais resultantes dos procedimentos metodológicos. Para tanto, foram divididos os resultados e suas discussões em quatro momentos lógicos, também situados cronologicamente: “A primariedade rítmica incidente no *infans*”, que demarcará a incidência simbólica já no segundo mês de vida nos bebês; “O laço pulsional e os contornos prosódicos vocais”, que enfatizarão a constituição do laço com o outro e a incorporação da língua nos bebês de quatro meses de idade; “A passagem pela voz apelativa e os objetos que quedam”, que denotarão, respectivamente, a circunscrição dos traços sonorizados e o objeto-resto relativo à voz pulsional, observados nas leituras empreendidas do nono mês de vida dos bebês, e “A voz que ressoa articulada”, que demarcará a travessia pelos significantes, o sujeito constituído pela linguagem e a ressonância da voz escandida nos bebês de 11 meses.

A conclusão permitirá retomar o percurso deste escrito, pontuando o que se requer como um fim de tese, movimento de fechamento que consideramos escandido, na medida em que abre possibilidades para outras articulações, relativas ao objeto de nosso estudo, nas quais pretendemos continuar investindo em nossa formação.

2 CAPÍTULO TEMÁTICO: A VOZ QUE RESSOA

2.1 VOZ E LINGUAGEM

2.1.1 Precedência do lugar Outro

A origem do sujeito precede o nascimento, essa é a primeira prerrogativa pela qual nos embasaremos – através da Psicanálise – em sua fundação teórico/clínica por Sigmund Freud e na releitura e no aprofundamento de Jaques Lacan. Essa precedência é relativa ao campo da linguagem, no qual estão inseridos os sujeitos que assumirão a função de provedores dos primeiros endereçamentos vocais e dos significantes àqueles que nascem.

Mesmo antes de nascer, o bebê é falado, projetado e esperado. Isso organiza um campo, uma pré-história constituída de redes de sentidos, forças iniciais prévias a qualquer experiência. Essa pré-história podemos observar no discurso parental: meu filho se chamará “x”, porque “x.....” significa “y.....”. Ele se parecerá com “.....”; cada pai, mãe ou substituto irá preencher essas lacunas conforme suas particularidades. Dizemos pai, mãe ou substituto porque, independentemente da pessoa que assumirá o lugar de endereçamento da pré-história ao bebê, o que conta é a sua função, função essa denominada Outro¹ por Lacan. Abordaremos o Outro a partir da acentuação de Lacan (1998/1964) à repartição de dois campos da entrada *Inconsciente*²: o sujeito e o Outro, articulação que ele se propõe para reconstituir o *Inconsciente* freudiano ao seu devido lugar.

O Outro primordial é o portador dos primeiros significantes que serão endereçados por meio do campo discursivo ao *infans*³. O campo do Outro já está lá, antes que o *infans* venha ao mundo, e é o lugar de onde o sujeito se constitui. Valendo-se desse lugar, o agente do Outro opera interpretações sobre o pequeno ser que nasce e comanda o que se presentifica como sujeito.

¹ O Outro, Lacan grafa A. “Outro, que chamamos o grande Outro (A), lugar da fala, virtualmente o lugar da verdade.” (LACAN, 1998/1964, p. 125).

² O *Inconsciente* é uma das instâncias da primeira tópica do aparelho psíquico freudiano, que ainda inclui a *Consciência* e a *Pré-Consciência*. No percurso freudiano, podemos situar o inconsciente como adjetivo, aquilo que não chega à consciência; mas também situar o *Inconsciente* sistemático, com um funcionamento próprio, também dito *Inconsciente* substantivo.

³ Termo que designa os que ainda não falam.

Bergès e Balbo (2002) observam que Lacan dá lugar primordial ao discurso e não ao objeto da bilateralidade sujeito-objeto. Temos, assim, o agente do discurso e o que esse agente produz em seu discurso sobre o pequeno ser que nasce, de modo que o Outro radicalmente primário ofertará condições para que o *infans* possa se constituir sujeito. Para Lacan (1998/1964), o *Inconsciente (Ics)*⁴ é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala, em consequência do que é estruturado como uma linguagem. Vejamos de que modo operam os efeitos discursivos.

Sabemos que, logo após o nascimento, a partir da função interpretativa do agente do Outro, a cada coisa que o bebê faz, recebe uma significação. Ao significar o que ainda não tem significado, o agente do Outro transcreve o mundo no corpo *infans*. Essa transcrição se dá de modo muito peculiar – a mãe transitiva⁵.

O transitivismo⁶ é um processo primordial por meio do qual uma criança ascende ao afeto pela afetação do agente do Outro. Em seu estudo sobre o transitivismo, Bergès e Balbo (2002) apoiam-se no fenômeno em que uma mãe, ao ver o filho cair sem exprimir dor, experiencia e comunica, por meio da fala, a dor que sente nela mesma. Com isso, a mãe sustenta seu afeto comunicando uma certeza, de modo que seu filho lhe dá razão, passando a sentir dor.

De início, podemos dizer que a condição real a qual está submetido o agente materno é recortada desde o lugar Outro, que sustenta sua fala e seus atos em direção ao *infans* ordenado pela linguagem. Esse é o princípio do processo por meio do qual o *Real* da coisa inapreensível será amarrado, posteriormente, aos registros *Simbólico* e *Imaginário*⁷.

Como esclarecem Vorcaro e Resende (2016), o transitivismo consiste na competência de experimentar no próprio corpo imaginário, referindo-se a ele para localizar, de modo simbólico, um afeto real sofrido pelo outro. Assim, o agente do

⁴ Grafaremos *cs*, *pcs* e *ics* com iniciais minúsculas, quando forem adjetivos, e, com iniciais maiúsculas, quando substantivos, seguindo a nota do tradutor Paulo César de Souza para as Obras Completas de Sigmund Freud, pela editora Companhia das Letras.

⁵ Usamos transitar como verbo, seguindo as indicações de Bergès e Balbo (2002) de que um sujeito transitiva – verbo/ação – um objeto – complemento do verbo.

⁶ Bergès e Balbo (2002) se valem da retomada de Lacan do termo transitivismo, que Wallon emprega desde 1921. Ele tem origem em Wernicke e refere-se ao transitivismo normal, segundo o qual a criança saberá distribuir entre ela e o outro os estados e atos que ela percebe.

⁷ *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (*RSI*) são os registros por meio dos quais Lacan denota a estruturação psíquica. Cada dimensão é efeito da dupla ligação que a constrange às outras duas. Usaremos os termos *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* grafados em itálico e iniciando por letra maiúscula pelas mesmas razões com as quais justificamos a grafia das instâncias da primeira tópica psíquica de Freud.

Outro supõe o que a criança experimenta referenciando-se num discurso sobre o sofrimento dela, por exemplo: na emissão de um “a” bem entonado; ao mesmo tempo em que esta experiência afeta seu próprio corpo, estabelecendo a ternariedade do Outro. Trata-se do terceiro termo que, em Bergès e Balbo (2002), vemos introduzir-se com o transitivismo por meio da formulação das hipóteses atribuídas ao filho pelo discurso materno.

A partir de então, os fenômenos observados jamais serão bipolarizáveis: serão sempre referidos a pelo menos três termos. Essa ternariedade mínima obriga, certamente, a pensar o sujeito e o objeto, mas a pensá-los em referência ao grande Outro e, portanto, em referência à função de divisão que ele comanda e pela qual sujeito e objeto são marcados. [...] Essa insistência não exclui menos a própria psicanálise, toda teorização da relação do sujeito ao objeto. (BERGÈS e BALBO, 2002, p. 17)

As antecipações discursivas do agente são extremamente precoces. Ainda grávida, uma mãe supõe demandas a seu filho, e, sobre essas demandas, sustenta-se todo um diálogo. Ela verbaliza e dá sentido aos movimentos motores intrauterinos, experienciados em seu próprio corpo. (BERGÈS e BALBO, 2002). Com Freud (2014/1926), entendemos que há mais relação de continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a ruptura do nascimento poderia nos suscitar. Iniciemos nosso curso pelas manifestações *infans* passíveis de leitura desde o lugar Outro, com esse primeiro sopro ou esse primeiro grito, que Freud já descrevera no início de sua obra.

2.1.2 Incursões do primeiro grito

Freud (1996/1895) aponta que a primeira expressão do *infans*, em sua condição de prematuração humana, seu estado de insuficiência, é a descarga da tensão orgânica por meio de um grito. Esse grito é uma forma de se afastar da experiência dolorosa ocasionada pela ruptura do equilíbrio homeostático vivido pelo bebê em seu meio fetal.

Quase trinta anos mais tarde, ele aponta que o nascimento é o primeiro grande estado de angústia (FREUD, 2011/1923). No texto “Inibição, Sintoma e Angústia”, Freud (2014/1926) segue a sustentação, abordando novamente o ato do nascimento. Ao tocar numa área fronteira da fisiologia – a origem de todos os afetos – ele afirma que os estados afetivos incorporaram-se à psique precipitados de

vivências antiquíssimas, dentre elas, a primeira vivência individual da angústia: o nascimento. No nascimento, a atividade dos pulmões para eliminação dos estímulos internos incita a forma posterior de reação de angústia do bebê, que se manifestará em descarga via músculos respiratórios e vocais. (FREUD, 2014/1926)

Essa exposição vem ao encontro do que ele trouxera no “Projeto para uma psicologia científica”. Diante do desprendimento de energia do mundo interior *infans*, em forma de grito, interviria uma alteração no mundo exterior a fim de eliminar temporariamente essa manifestação. Para Freud (1996/1895), essa intervenção sobrevém mediante auxílio alheio do próximo assegurador (*Nebenmensch*). Ela se dá, por exemplo, pela provisão de alimento. Isso porque, diante do que estamos chamando de primeiro grito, o agente também se angustia, tomando o grito como apelo a si e sentindo-se compelido a responder.

Na oferta de alguma coisa, o lactente registra passivamente os estímulos externos, ele se interessa pelo seu campo de percepção e nisso se percebe que há objetos “desde o tempo mais precoce da fase neonatal.” (LACAN, 1964/1998, p. 160). São objetos perceptivos. Após o nascimento, além da percepção dos estímulos externos, temos os estímulos internos, que devem, do mesmo modo, ser eliminados para que se mantenha um equilíbrio. Trata-se da homeostase, função do primeiro princípio de funcionamento mental, o prazer.

Seguindo Freud, Lacan (1998/1964) diz que primeiro temos um *Eu*⁸ (*Ich*) solidário ao aparelho do sistema nervoso central, com a condição de conservar as tensões em um nível baixo, em referência ao princípio homeostático. Esse primeiro *Eu* é um aparelho de filtragem da estimulação à descarga, a qual Freud atribui a qualidade do autoerotismo. Nesse tempo, tudo pode existir sem que haja o mínimo de sujeito, a não ser na suposição do Outro, como sustentamos no início do escrito.

É nessa suposição, de que ali há sujeito, que diante das manifestações do grito, em um só tempo: (a) o outro assegurador, compelido pelo real do organismo que nasceu e da presença que lhe afeta, oferece o suprimento de sua necessidade; (b) o outro semelhante eleva o grito à condição de apelo, fazendo deste uma

⁸ Em “O Eu e o Id”, Freud (2011/1923) delibera a tópica dinâmica do aparelho psíquico: *Isso (Es)*; *Eu (Ich)*; *Supereu (Über-Ich)*. No português, há traduções que usam *Id*, *Ego* e *Superego*. Tavares (2010) adota *Isso*, *Eu* e *Supereu* a partir das contribuições feitas por Souza em sua tese de Doutorado, *As Palavras de Freud*, de 1999. Para o autor, podemos traduzir *Ich-Ego-Eu*, mas não temos um correlato para *Es*. Sugere que possamos traduzi-lo como *Isso*, porque parece preservar o “inominável” de Freud. As contribuições de Souza se encontram em livro homônimo a sua tese, datado de 2010 – citado nas referências de nosso estudo.

demanda a si; e (c) o Outro barrado assegura atributos diferenciais ao grito-apelo, encarnando-o na lógica da linguagem a qual está submetido.

Iniciemos pela oferta do objeto/coisa apaziguador, na qual se consuma uma ação capaz de cancelar o estímulo endógeno *infans*, que, ao mesmo tempo, instaura uma experiência de satisfação com decisivas consequências no sujeito a advir. Em correspondência com seu amigo Fliess, na conhecida Carta 112 [52], datada de 06 de dezembro de 1986, Freud (2016/1896) escreve sobre o primeiro registro da diferença entre dois estados: tensão x descarga tensional/apaziguamento. Nesse registro, o diferencial que opõe tensão e apaziguamento é articulado numa experiência de satisfação, na qual presença e ausência intercalam-se na automaticidade da resposta à manifestação.

Esse registro será ultrapassado pelas transcrições psíquicas responsáveis, na tese freudiana, pelo estabelecimento de toda e qualquer memória. Para Freud (2016/1896), a memória não tem uma versão única, ela é revista nos registros psíquicos da realidade a partir de cada transcrição. Em sua leitura freudiana, Jerusalinsky, A. (2008) aponta que as transcrições arrancam as sensações do puro automatismo neurofisiológico, modulando a percepção. Desse modo, o advento da percepção, a despeito do registro da tensão-apaziguamento, demarca a transposição de um tempo mítico em que nada há de sujeito, a não ser como suposição no Outro.

Vamos aos registros de Freud (2016/1986), num tempo em que ainda não contava com sua primeira tópica do aparelho psíquico elaborada. O primeiro estado refere-se aos neurônios nos quais as percepções se originam, mas que não conservam nenhum traço do que aconteceu; ele os chama de *W (Wahrnehmungen)*. O segundo, indica o signo da percepção, trata-se dos primeiros registros da percepção que surgem à consciência e se dispõem por simultaneidade; Freud os chama de *Wz (Wahrnehmungszeichen)*. Após, temos *Ub (Unbewusstsein)*, a inconsciência, um registro disposto segundo outras relações, sem acesso à consciência e que talvez corresponda a lembranças conceituais. Já a pré-consciência, *Vb (Vorbewusstsein)*, é a terceira transcrição; ligada às representações verbais, ela torna-se consciente de acordo com determinadas regras. Sigamos pelo trajeto no qual se origina a percepção, a fim de trabalhar a origem da percepção do som, ponto que interessa em nossa tese sobre a voz.

Dizíamos que, diante do primeiro grito, da primeira experiência dolorosa, algo é oferecido pelo outro assegurador que busca sanar o que supõe ser a necessidade do bebê. Nesse ato de oferecimento, está claro que o outro, agente da função materna, lê o grito como uma demanda a si, o agente é quem pode ofertar o objeto da necessidade. Chamamos esse outro de agente da função materna, visto que “o que é próprio no exercício da função materna é o trabalho de recobrir o real do organismo do bebê”. (JERUSALINSKY, J., 2004, p. 220).

Todavia, na oferta do outro, podemos já delimitar uma duplicidade de objetos. De um lado, o alimento, objeto da satisfação da necessidade; de outro, o seio, fonte de apaziguamento. Temos aqui um objeto ligado à sua função biológica e outro ligado ao corpo do agente, na oferta de apaziguamento-satisfação. Para Freud (2016/1900), a imagem mnemônica da percepção particular da experiência de satisfação associa-se ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade, permitindo que o ressurgimento da necessidade reinvista tal imagem e evoque alucinatoriamente a percepção para reestabelecer a situação da satisfação original.

Essa atividade psíquica leva à identidade perceptiva, repetição da percepção que está enlaçada com a satisfação da necessidade. Isso já havia sido proposto por Freud (2016/1895), quando disse que a insuficiência da atividade primitiva, em que perdura a tensão do estado de necessidade, obriga a uma atividade secundária que inibe esta curta via regressiva e que desvia as excitações para caminhos que conduzam, a partir do exterior, ao reestabelecimento da identidade perceptiva.

Esse caminho, que ele retoma em “A Interpretação dos Sonhos” (FREUD, 2016/1900), tem o caráter da ação específica que funda o princípio da repetição cuja finalidade é a reprodução do estado inicial. O *infans* se esforça para fazer retornar suas experiências em seu próprio corpo, mas, diante de traços novos e incomparáveis, há irredução a si mesmo e se constitui um fundo organizado e estável do Outro, fora da representação: a *Coisa (das Ding)*. Para Lacan (2008, 1959-60), a *Coisa* é um lugar central, uma exterioridade íntima, para o qual utiliza o neologismo extimidade⁹. “Êtimo: o mais íntimo, o mais particular, o mais interior, mas que está excluído, fora.” (SEGANFREDO e CHATELARD, 2014, p. 63)

⁹ Mais adiante, no seminário 16, “de um Outro ao outro”, Lacan (2008/1968-69) usa o neologismo extimidade como a territorialidade do sujeito que os objetos a colonizarão. Fala do ponto vazio da estrutura, onde situa o lugar êtimo do objeto *a*, conjugando o íntimo com a exterioridade radical.

Observamos que, na experiência com o próximo assegurador (*Nebenmensch*), como define Freud, a *Coisa* é o elemento originalmente isolado pelo *infans*, um interior excluído. (LACAN, 2008/1959-60). Por outro lado, se origina o complexo perceptivo do próximo, onde sinais perceptivos são convocados para o registro da perda do objeto da necessidade. (FREUD, 2016/1895).

Esse complexo perceptivo do outro assegurador é dividido, então, em dois componentes: ele é uma *Coisa* êxtima, mas também é compreendido por um trabalho mnêmico. Quinet (2004) esclarece que a *Coisa* não pode ser conhecida porque não é apreendida pela percepção, ela é independente de nossos sentidos, de modo que não pode ser objeto nem da experiência, nem da representação. Registramos que essa *Coisa*, então, é inapreensível à própria percepção auditiva. Quanto ao segundo, como expusemos a partir da carta à Fliess, uma parte do complexo perceptivo do outro semelhante sofre uma primeira transcrição e é reconduzido a uma informação do próprio corpo.

Sendo a *Coisa* (*das Ding*) um elemento isolado, perguntamo-nos de que modo algo é excluído do interior de um *Eu-Real* (*Real-Ich*), mesmo que hipotético. No texto sobre a Negativa, no qual Freud (2011/1925) retoma a diferença entre a criança e o mundo externo, encontramos elementos para poder pensar que é por meio de uma apreciação judicativa, uma apreciação responsável pela primeira transcrição, que líamos na carta freudiana, e da qual se subtrai um resto refratário à apreensão.

O trabalho de Freud sobre a apreciação judicativa remonta às origens da função do julgamento diante de duas espécies de decisões. Na primeira decisão, o julgamento afirma ou desafia um atributo particular a uma coisa, ela é boa ou má. Sua expressão reside na oralidade, segundo Freud (2011/1925), da seguinte forma: gostaria de botar isso para dentro de mim, na forma “comer isso”, ou gostaria de manter aquilo fora de mim, cuspi-lo fora. Essa atividade é relativa ao prazer-desprazer.

Freud (2014/1914) gostaria de ter se contentado com a ideia de que o desprazer é apenas a expressão de tensão mais alta, uma quantidade material que se transforma em qualidade desprazer, como exposto no início de sua obra. Todavia, ao longo de seu escrito, reativa a função do desprazer, localizando sua grandeza no investimento objetal.

Conseguimos, dessa forma, situar o que pode ser “colocado para dentro e para fora”. Diz Freud (2011/1925) que o *Eu-Prazer (Lust-Ich)* deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom e ejetar de si tudo quanto é mau, que lhe é estranho; sendo que, de início, o estranho e o externo são idênticos. Trata-se de um segundo *Eu*, esse *Eu-Prazer*, oriundo do primeiro *Eu*, chamado *Eu-Real (Real-Ich)*. Ou seja, observamos que o *Eu-Real (Real-Ich)* hipotético da organização psíquica é suposto *Eu-Prazer (Lust-Ich)*. (LACAN, 2008/1959-60). Lacan (1998/1964) diz que o princípio do prazer é aquilo que se desdobra por fora da calota inicial *Real-Ich*, sendo a primeira articulação do aparelho psíquico entre homeostase e prazer.

Desse modo, podemos sustentar que essa primeira articulação é justamente fruto da apreciação judicativa do Juízo de Atribuição. O que se desdobra por fora vai diferenciando-se no que traz prazer e desprazer e isso retrata o tempo lógico econômico em que o *Eu-Prazer (Lust-Ich)* se instaura no campo exterior da calota do *Eu-Real (Real-Ich)*. Esse é o tempo em que se repartem os objetos, em que aparece o objeto “bom para mim” e o objeto resto, objeto estranho.

O desdobramento do princípio do prazer se dá sobre as amarras da apreciação judicativa de atribuição. O que é mau é mantido fora. Isso porque há um inassimilável que se constitui *Não-eu*. Como diz Lacan (1998/1964), é no que o *Eu-Prazer* se distingue que o *Não-eu* tomba. Esse inassimilável é o que resta irreduzível ao princípio do prazer, o desprazer. Dessa forma, há uma mutilação primitiva, uma expulsão primária (*Ausstossung*¹⁰). Diante desse mutilado, assevera-se um segundo julgamento, que discute a existência na realidade de uma representação. O julgamento de existência decide quanto à existência de algo na realidade, faz um teste de realidade.

Vamos situar o teste da realidade em um texto em que Freud (2010/1911) se dispõe a investigar a relação do neurótico com a realidade. Apesar de ser um texto introdutório e não conclusivo, como explicitado por ele, oferece elementos suficientes acerca do início do domínio do princípio de realidade.

Para Freud, os processos psíquicos inconscientes são os processos primários; vestígios de uma fase de desenvolvimento em que constituíam os únicos

¹⁰ Freud (2011/1925) apresenta a negação como sucessora da expulsão (*Ausstossung*), termos que opõe e associa à afirmação primordial (*Behajung*). Ele responde pela constituição do fora como real exterior jamais reencontrável. Rabinovitch (2001) trata o par *Behajung-Ausstossung* como um mito de origem que supõe preexistir o que ele supostamente constitui, traduz *Ausstossung* como expulsão primária.

processos psíquicos, seguindo a tendência prazer-desprazer ou o princípio do prazer. Trata-se de ganhar prazer retirando da atividade psíquica atos que possam suscitar desprazer.

Como consequências do princípio de realidade, novas exigências tornam necessárias adaptações do aparelho psíquico, vejamos quais. A maior significação da realidade externa eleva a qualificação dos órgãos dos sentidos voltados ao mundo externo e a consciência a eles vinculada. É estabelecida a função atenção para exame periódico do mundo exterior e identificação de dados já conhecidos. Para isso, é instituído um sistema de registro, para guardar os dados dessa periódica tarefa da consciência, parte do que constitui a memória.

O juízo de existência passa a resolver se uma ideia concorda com a realidade, por comparação aos traços de memória da realidade. Por fim, a descarga motora, que aliviava o aparelho psíquico por meio de inervações enviadas ao interior do corpo – mímica, expressões de afeto – “recebeu uma nova função, ao ser utilizada na modificação adequada da realidade. Transformou-se em ação” (FREUD, 2010/1911, p. 113).

[...] uma ação experimental em que são deslocadas quantidades menores de investimento [...] Isso requeria uma conversão dos investimentos livremente deslocáveis em investimentos fixos, o que foi alcançado ao se elevar o nível de todo o processo de investimento. (FREUD, 2010/1911, p. 114)

Tal transformação e suspensão da descarga se formou a partir do imaginar, diante do processo de pensamento. As características do pensar permitiram suportar a tensão dos estímulos mediante a suspensão da descarga. Freud (1911/2010) diz ser provável que, originalmente, o pensar fosse inconsciente e se voltou para as relações entre as impressões de objetos, adquirindo qualidades perceptíveis à consciência mediante a ligação a resíduos verbais.

Para Freud (2010/1911), o *Eu-Prazer (Lust-Ich)* trabalha pelo prazer, enquanto o *Eu-Real (Real-Ich)*, voltado agora para a realidade, busca o que é útil e protege-se dos danos. É, portanto, uma salvaguarda ao princípio do prazer, de modo que se abandona um prazer momentâneo para ganhar um prazer seguro posteriormente. Interessante perceber que Freud assemelha aqui o mito religioso da renúncia e gostaríamos de fazer notar a ligação desta com os resíduos verbais, que logo serão objetos de nosso estudo.

Em resumo, para Freud (2011/1925), o julgamento de Existência denota um interesse na realidade e se desenvolve por meio do *Eu-Prazer (Lust-Ich)* inicial. Trata-se de julgar se uma representação pode ser redescoberta, também, na percepção. Desse modo, o primeiro julgamento verifica se algo será ou não integrado ao *Eu*; o segundo, se algo que está no *Eu* como representação pode ser redescoberto também na percepção/realidade, sendo que aqui a consideração pelo princípio de prazer foi posta de lado. Trata-se também de interno e externo; o que é meramente uma representação subjetiva e o que está também lá fora.

Assim, não somente é importante ao sujeito que um objeto de satisfação receba o atributo de bom, integrando-se ao seu *Eu-Prazer (Lust-Ich)*, mas que, ainda, possa ser reencontrado no mundo externo para que o sujeito possa se apossar dele sempre que necessitar. Temos, aqui, o engajamento representativo do *infans* que busca o reencontro com o objeto. Do objeto para sempre perdido freudiano, teremos objetos substitutos que só reinscrevem seu estatuto diferencial para com a satisfação mítica que deu origem à série, balizando o contorno desta falta inassimilável. (VORCARO,1997).

Dissemos que, no princípio, há apoio em uma função vital. Também trouxemos a área fronteira à fisiologia, que Freud pôde desenvolver em sua teoria sobre os afetos. Essas fronteiras são oriundas da própria formação de Freud, a Neurologia, subvertida pela criação da Psicanálise. Vamos introduzir, agora, um dos termos que será objeto de nosso estudo em seções posteriores – a pulsão (*Trieb*¹¹) –

¹¹ Até o final do século XX, a única versão das obras de Freud disponível em língua portuguesa aos brasileiros era a Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, escrita com base na versão inglesa de James e Alix Strachey, que traduz a palavra *Trieb* por *Instinto*. (TAVARES, 2012). Para a tradução de *Trieb*, termo alemão utilizado originalmente por Freud, atualmente o leitor brasileiro depara-se com três propostas: (1) do psicanalista Luiz Hanns, lançada em 2004, pela editora Imago, do Rio de Janeiro; (2) do tradutor Paulo César de Souza, pela editora Companhia das Letras, de São Paulo, desde 2010 e (3) do filósofo Renato Zwick, pela editora L&PM, de Porto Alegre, também lançada no ano de 2010. As três propostas divergem quanto à tradução do conceito fundamental *Trieb*. Luiz Hanns (2004) adota *Pulsão*, aderindo ao neologismo francês *Pulsion* (Pulsão), por ter a vantagem de remeter foneticamente a algo que “pulsa” e à “impulsão”. Paulo César de Souza (2010) usa *Instinto*, justificando-se na origem etimológica: instigar, aguilhoar, estimular; ele usa a palavra entre aspas para diferenciá-la do determinismo biológico do termo inglês *Instinkt*. Renato Zwick, ao traduzir Freud (2016/1930), por sua vez, adota o termo *Impulso* para se referir ao substantivo *Trieb* do verbo *Trieben* (impelir, impulsionar, tocar para frente); o tradutor o justifica pela proximidade lexical com a língua portuguesa. Notadas as divergências de tradução, adotaremos, neste trabalho, o termo *Pulsão*, já usual no Brasil, e concernente com as traduções da obra lacaniana que utilizaremos.

sobre a qual advém a busca pelo reencontro objetual, enfatizando que é a função vital que receberá novo estatuto a partir do desenrolar da vida anímica¹².

No texto sobre o narcisismo, Freud (2014/1914) já enfatizava que as primeiras satisfações, as autoeróticas, são vivenciadas em conexão com as funções vitais sobre as quais se apoiam as pulsões no início. O fato de as pessoas que lidam com a alimentação e o cuidado da criança serem os primeiros objetos de investimentos da mesma é um resquício dessa conexão.

A pulsão é um conceito fronteiro entre o anímico e o somático. Lembremos aqui que se trata de uma fronteira/limite no campo do conhecimento, do conceito. Todavia, Freud diz que esse conceito fundamental (*Grundbegriff*) para o campo psicológico, a pulsão, é como “uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal” (FREUD, 2015/1915, p. 25).

Já situamos que Freud (2015/1915) compreende o neonato, em seus primeiros dias, como um ser desamparado, que recebe estímulos sobre sua substância nervosa. O sistema nervoso tem como primeira tarefa o domínio dos estímulos. Em breve o ser vivo passará por uma primeira diferenciação: de um lado, perceberá os estímulos externos que podem ser afastados por uma ação; de outro, evidenciará a existência de estímulos internos, por sua vez constantes. Dessa forma, a primeira diferenciação da atividade perceptiva é a capacidade de discernir dentro e fora.

Ao esquema reflexo fisiológico, que tende ao afastamento dos estímulos externos, logo sobrevêm o afluxo dos estímulos internos, que exigem atividades complicadas e intrincadas. Diante deles, o sistema nervoso é obrigado a abdicar de sua função natural – o afastamento dos estímulos externos. Esses exigentes estímulos internos, Freud (2015/1915) chama estímulos pulsionais. Suas características são: advir do interior do próprio organismo e atuar como uma força constante, uma força de caráter inexpugnável. Diante deles, produz-se também uma modificação no mundo externo, mundo esse que oferece satisfação à fonte dos estímulos pulsionais. Com Freud, somos impelidos a explorar essa transformação.

Na descrição do conceito de pulsão, Freud distingue alguns termos que a ele se relacionam: impulso (*drang*), alvo (*ziel*), objeto (*objekt*) e fonte (*quelle*). Tais termos nos esclarecem a relação supracitada. O impulso é o que dá a medida da

¹² Anímica pode ser lida como psíquica.

exigência de trabalho. Nesse sentido, toda pulsão é ativa. Já o alvo, a meta, é sempre a satisfação, mesmo que diferentes caminhos a conduzam para um mesmo fim: a suspensão da estimulação da fonte pulsional. Todavia, pelo fato de haver uma variedade de caminhos, Freud (2015/1915) se permite falar em pulsão com meta passiva, pulsão inibida em sua meta, metas aproximadas, metas intermediárias. Esta meta, a satisfação, mesmo que parcial, é atingida através do objeto. Em sua origem, o objeto não está ligado à pulsão, ele só se liga a ela pela capacidade de levar à satisfação. Assim sendo, é o termo mais variável dentre os quatro.

O objeto pulsional não precisa ser um objeto material estranho/externo, pode ser uma parte do próprio corpo. Também pode servir a diferentes pulsões, assim como pode ser substituído no curso dos destinos da pulsão¹³. Esse objeto é referente do objeto primeiro, perdido para sempre. Já a fonte é um processo somático, uma parte do corpo. Freud (2015/1915) a credita como elemento mais decisivo, mesmo não sendo de natureza psicológica. A fonte só se liga à vida anímica pela meta, de maneira que as pulsões podem ser inferidas de modo retrospectivo – atingindo-se o alvo. É o estímulo dessa parte do corpo, da fonte, que é passível de ser representado pela pulsão.

Observamos, assim, a fonte e a função vital de apoio sobre as quais se inicia, a partir da presença Outra, a vida anímica. Considerando esses elementos e o foco de nosso estudo, nos perguntamos: haveria função vital relativa à voz, assim como o alimento, que sacia a fome, está para o seio? Teríamos de registrar algo da ordem de uma apetência sonora já no nascimento?

2.1.3 Tropismo de voz e acionamento vocal

A vertente psicanalítica que seguimos neste escrito permite dizer que o que nasce é uma “libra de carne”. (LACAN, 2005/1962-63). Mas não é um pedaço de carne qualquer, desde o princípio, percebe-se seu tropismo de voz. Como observa

¹³ São quatro os destinos pulsionais descritos por Freud (2015/1915): (1) a reversão em seu contrário; (2) o retorno em direção à própria pessoa; (3) o recalque; e (4) a sublimação. Não esmiuçaremos cada um deles, mas abordaremos algumas incidências dos destinos como vetorizadores do desejo do sujeito ao longo de nosso escrito.

Vivès (2016a), desde o nascimento, o *infans* vira a cabeça em direção à voz materna. (Informação verbal¹⁴).

Pesquisas informam que, durante o primeiro mês de vida, os bebês discriminam a voz de sua mãe em relação às vozes de outras pessoas (KENT e MIOLO, 1997). Muito cedo, nas primeiras duas horas de vida, neonatos já são capazes de responder de forma seletiva à voz materna. Eles aumentam a atividade motora quando ouvem a voz da mãe, porém o mesmo não acontece quando ouvem vozes não familiares. (QUERLEU, et. al., 1984).

A familiaridade, nestes estudos, é evocada pela sensibilidade auditiva que os bebês desenvolvem já no meio intrauterino. Mesmo que a criança só seja exposta ao espectro sonoro completo após o nascimento, as experiências pré-natais auxiliam a reconhecer alguns sons nas primeiras semanas de vida (WERNER, 2007). Aos quatro meses de gestação, o feto já ouve os sons provindos do exterior do corpo materno, de modo que esse ambiente sonoro preexiste ao nascimento. (MATIAS, 1999; NUNES, 2010). Com isso, é capaz de conhecer a voz materna, as músicas simples e os sons comuns ao ambiente. (MOON e FIFER, 2000).

Não há nada de objeto psíquico nas pesquisas citadas acima, e não há nada de objeto materno ou qualquer outro no meio intrauterino, como observou Freud (2014/1926). Mas os estudos psicanalíticos apontam que o bebê, ao nascer, tem fome de voz, sustentando que o pequeno é um apetente simbólico. (CATÃO, 2009; LAZNIK, 2004). Este modo de tratar a sonoridade materna, como enganche simbólico, permite-nos questionar: de que voz se trata? Que voz é essa que, como refere Vivès (2012), produz sobre um pedaço de carne que nasce um enxerto originário de significante? Para tais autores, não é qualquer voz, para que o *infans* não se torne impassível diante da fala, é preciso que haja na voz materna algo bastante singular, uma prosódia¹⁵ singular, conhecida como *manhês, mamanhês ou parenthese*.¹⁶

¹⁴ Palestra apresentada por Jean-Michel Vivès, no Colóquio Internacional sobre Voz. Abordagens em análise de discurso e psicanálise, na cidade de Florianópolis, em 23 de agosto de 2016.

¹⁵ A prosódia refere-se ao ritmo, à entonação e à acentuação da língua quando falada.

¹⁶ Este nome alusivo foi determinado ao final da década de 60 e refere-se a um tipo específico de fala que é dirigido pelas mães aos bebês ou às crianças pequenas. (JAKOBSON, 1969/1941). Ela é produzida por qualquer adulto ou até mesmo crianças mais velhas diante de crianças pequenas, em quase todas as culturas. (BARBOSA E CARDOSO-MARTINS, 2014). Utilizaremos o termo *mamanhês*, por ser mais recorrente em nossas leituras.

Inicialmente apontada como uma fala adaptada às possibilidades linguísticas do *infans*, por suas especificidades fonéticas, léxicas e gramaticais (JAKOBSON, 1969/1941), destaca-se pelas modificações prosódicas em relação à fala dirigida aos adultos. Para Ferreira (2001), essas modificações são caracterizadas por elevação da frequência fundamental (*higher pitch*), incidência de picos prosódicos, sintaxe simplificada, uso de diminutivos, evitação de encontros consonantais e repetição silábica.

Neste “exagero prosódico”, considerado como uso espontâneo da musicalidade na fala dirigida à criança e aos bebês, também temos uma fala mais cadenciada, de ritmo diferenciado, sendo as pausas entre os enunciados mais longas, aspectos já evidenciados no estudo de Stern (2002/1977). Essa evidência rítmica da pulsação e da pausa, também é apontada por Weismer (1996), o qual enfatiza que, no *mamanhês*, há acentuação de mais de um elemento em uma frase e pausas que marcam mais previsivelmente as fronteiras de enunciados depois de cada frase ou palavra única. Veremos, adiante, que Vorcaro (2017a, no prelo) sustenta que a voz que produz enxerto significativo não é a voz da prosódia específica, mas a do andamento singular que demarca escansões e distingue um ritmo ao bloco sonoro.

Mateus (2004) expõe que a prosódia é composta pelos traços e pelos constituintes, referindo-se aos primeiros como a medida do tempo (duração), as inflexões (o tom) e o acento (que tonaliza a voz), e aos segundos como a sílaba e a palavra. Focando nos traços prosódicos, diz que suas propriedades são inerentes ao som e estão relacionadas com as características acústicas das ondas sonoras. Ela descreve, então, as três propriedades: o tom ou frequência, a intensidade e a duração.

O tom tem como correlato acústico a frequência da onda sonora, o número de vezes que um ciclo completo de vibração das partículas se repete durante um segundo. Quanto maior o número de ciclos de vibração das partículas, maior é a altura do som, mais “alto” é o tom. A frequência fundamental relaciona-se com as cordas vocais: quanto mais delgadas, maior o número de vibrações, maior a altura do som. Uma sequência de segmentos com os seus respectivos tons cria a entoação dessa sequência, quer se trate de uma palavra ou de um grupo de palavras.

A intensidade do som, por sua vez, decorre da amplitude da onda sonora, o valor da distância entre a pressão zero e a pressão máxima da onda, diz a autora. Quanto maior for a amplitude de vibração das partículas, maior é a quantidade de energia transportada por estas e maior é a sensação auditiva de intensidade do som. A proeminência do som, chamada “acento”, decorre dessa intensidade.

A terceira propriedade, a duração, refere-se ao tempo de articulação de um som, sílaba ou enunciado e tem uma importância fundamental no ritmo de cada língua. A duração de cada unidade varia conforme a velocidade de elocução, o que significa que, se a velocidade de produção for maior, a duração de cada elemento é menor. (MATEUS, 2004).

Desse modo, duração, intensidade e frequência concorrem para a construção do ritmo das línguas e é esse aspecto que encontramos diferenciado no *mamanhês*. É a peculiaridade prosódica do *mamanhês*, voz rítmica e musical, que Catão (2009) e Laznik (2004) afirmam ser a fonte de encantamento do bebê ou a fonte pela qual ele se deixa fisgar. Seria esta voz, a voz prosódica do *mamanhês*, a boa sonoridade recebida pelos bebês no juízo de atribuição? Qual seria a voz expulsa então? Essas questões se impuseram às autoras dessa tese, junto à constatação de que, mesmo concorrendo com qualquer *mamanhês*, o timbre materno é o chamarisco mais potente no princípio da vida do bebê.

Enquanto um bebê com menos de um mês consegue reconhecer o timbre que torna peculiar a voz de sua mãe, é apenas entre um e quatro meses que reconhece variações em padrões entoacionais e diferentes ritmos de fala. Somente entre quatro e seis meses ele detecta marcadores prosódicos de unidades oracionais e tem uma preferência pelo *mamanhês* em relação à fala dirigida ao adulto. (KENT e MIOLO, 1997)

Encontramos sustentação de nossa tese sobre o timbre materno nos desdobramentos atuais de Vivès (2016b). Ele concorda que o *infans* reconhece o timbre muito cedo, como puderam mostrar as experiências de psicólogos geneticistas conduzidas com recém-nascidos de algumas horas de idade. (Informação verbal¹⁷).

¹⁷ Palestra apresentada por Jean-Michel Vivès, em Conferência na FCM-UNICAMP, na cidade de Campinas, em 29 de agosto de 2016.

O timbre é uma voz natural, aquilo que é único, próprio a cada indivíduo, algo que informa em tempo normal sobre as qualidades de uma voz. Como vimos, dentre os parâmetros sonoros da qualidade da voz, temos: a altura, que permite dizer se um som é grave ou agudo; a duração, que define um som, num espaço de tempo, como curto ou longo; e o volume, cuja intensidade define se um som é delicado ou forte. Eles são medidos, respectivamente, em hertz, segundos e decibéis. (VIVÈS, 2016b, informação verbal)

Vivès (2016b) trata o timbre como quarto parâmetro, justamente por ser incomensurável. Em seu caráter enigmático, o timbre escapa à possibilidade de ser totalmente cernido. Ele é tudo que faz com que um som produza a mesma altura, a mesma duração, a mesma intensidade de outro e não se pareça com ele. (Informação verbal).

O timbre resulta de um embaralhado complexo no qual outras frequências sonoras, como os harmônicos e as reverberações, vêm somar à frequência inicial. O timbre depende também do contorno temporal do som: ataque, queda, sustentação, extinção. Não se pode medir o timbre de determinado som, mas pode-se observar seu espectro sonoro com a ajuda de analisadores que identificam e permitem a visualização de diversas frequências a ele associadas. Assim, dois sons podem ter a mesma altura e a mesma potência, mas não podem ter o mesmo timbre, que depende da forma como é atacado e de ressonadores privilegiados. (VIVÈS, 2016b, informação verbal)

O timbre é o parâmetro vocal mais difícil de apreender: a potência e a altura podem ser medidos, mas não o timbre, ele é para a voz o equivalente das impressões digitais, por isso o chamamos impressão vocal. A este índice de presença poderoso, Vivès (2016a) reserva a dimensão real da voz, voz primordial, que deve ser acolhida e, ao mesmo tempo, rejeitada. (Informação verbal).

Seria essa a dimensão da voz-isca chamariz simbólico? Seria o timbre o elemento já reconhecido no meio fetal que, acolhido a partir de uma extimidade, é o estranho/externo que foi expulso? Partamos da voz que fisga ao campo da linguagem. Vivès (2016b) a explicita com a metáfora do anzol. A linguagem é um anzol, e a voz, a isca. A criança come a isca e é absorvida pelo anzol. Ela é orientada pelo gozo da voz, mas é a linguagem que a pega. Esse tropismo pela voz permanece por toda a vida, nós também gozamos da voz que transmite a

mensagem. Goza-se tanto mais quanto menos se entende o que se diz. (Informação verbal).

Nesse sentido, percebemos que o que orienta o *infans* a pegar a isca não é o timbre, mas o gozo transmitido na prosódia do *mamanhês*, o que faz com que se recolorem as questões: a expulsão do timbre dever-se-ia ao enganche prosódico que permite ao *infans*, sugado pelo gozo materno, ser fisgado pela linguagem, de modo que o timbre resta como *Coisa* inapreensível nessa operação? É nesse sentido que podemos dizer que ele é o que temos de mais real na voz?

Como distinguir, a partir da sonoridade do timbre e do gozo transmitido pelas características prosódicas linguísticas do *mamanhês*, com seus elementos intervalares, escansões temporais das produções languageiras, o objeto de nossa exploração, a voz que trazemos para o registro psíquico? Que voz é essa que circula, permitindo os primeiros balbucios do bebê e a incorporação das características de voz timbrada, melodiosa e escandida?

Vivès (2012) diz que a voz do bebê também é um objeto primordial perdido, desde o momento em que é ouvida pela mãe como um apelo demandante. É a partir do momento em que uma mãe oferta significação ao grito do *infans*, que ela se perde como objeto por trás do que significa no Outro primordial.

Todas as questões e suposições que evocamos até agora apontam que devemos sustentar a indefinição entre sujeito e Outro. Com Lacan (2005/1962-63), podemos considerar que o sujeito se constitui no Outro e, ao se constituir, só podemos falar em Outro do sujeito. Seguindo as premissas perceptivas e a relação com o significante, podemos definir o que é que se expulsa e de que forma podemos chamar isso de voz, constituindo um fora que, ao mesmo tempo, denota um dentro.

Num primeiro tempo, associaremos a perda do objeto primordial ao funcionamento prévio ao engajamento na linguagem. No juízo de atribuição, os objetos da satisfação da necessidade permitem à criança alojar-se em uma posição onde se inscreve o registro de uma diferença entre dois estados que se recobrem. Trata-se dos estados de satisfação/insatisfação inscritos como presença/ausência do outro assegurador.

No seminário 4, Lacan (1995/1956-57) diz que aqui temos a posição zero (0), a instauração dos símbolos puros de mais e de menos, tendo em vista que a presença está sob fundo da ausência, e a ausência na proporção em que constitui a

presença. Esses sinais se determinam reciprocamente na relação diferencial em que se reenviam um ao outro. Para Jerusalinsky, J. (2004), observa-se esses movimentos recíprocos nas principais marcas do Outro no bebê, que inscrevem uma estrutura que supõe uma temporalidade ritmada das funções e da sua funcionalidade: fome-saciedade, sono-vigília, ritmicidade das vocalizações.

Segundo Vorcaro (1997, 2001, 2002, 2003, 2017a, no prelo), é essa temporalidade ritmada que sustenta a condição mínima para a possibilidade simbólica estrutural, uma vez que tais traços demarcam uma matriz simbólica que inaugura a condição de subjetivação. O neonato e o outro funcionam simetricamente numa diferenciação ordenada e operada pela fala maternante. O outro lhe responde supondo, nela, um apelo. Utiliza o recurso tanto da modalização de sua fala, quanto de sua presença, apaziguando a criança.

Aqui há o funcionamento binário, imaginário, dos dois estados: desaparecimento e retorno, modalizados como tensão-apaziguamento, que permitirão a cada um desses antecipar o outro. É numa dupla mínima de termos em relação diferencial, que a incidência da falta real do objeto da satisfação localiza um sistema de pontos singulares posicionando o impossível da automaticidade tensão-apaziguamento. O objeto de satisfação se esboça no simbólico ao emergir enquanto falta radical, essa é sua condição. Essa falta radical chama-se privação. Ali, onde algo inominado falta na posição esperada, instaura-se a situação de privação, é a própria condição de falta que demarca o lugar, num traço que se introduz no real, perfurando-o. Afetado pela descontinuidade da presença-ausência, relativa à impossibilidade de tensão-apaziguamento, temos uma primeira incidência do *Real* sobre o *Simbólico*. (VORCARO, 2017a, no prelo).

Costa, Ana (2013-14) afirma que a privação é uma suspensão da perda e do tempo. A condição de privação remetida à suspensão do tempo é interessante para pensarmos o que, nesse primeiro tempo estruturante do *Simbólico*, constitui-se enquanto temporalidade; do mesmo modo, em relação à suspensão da perda, perda suspensa no tempo, quase “paralisada”, deve advir uma ação. No constitutivo psíquico que sustentamos em nosso trabalho, sublinhamos que a perda se refere a um objeto/coisa, remetendo-nos à Freud (2016/1895), e que o tempo está justamente dimensionado na presença-ausência desse objeto. (LACAN, 1995/1956-57).

No seminário 5, Lacan (1999/1957-58) insiste em dizer que temos de ter presente o fato de que se trata de uma privação real e que, sendo real, pode ser reduzida. Por qual meio? Por meio de um acionamento vocal no *infans*, constituindo aqui um apelo à coisa alternante. Diante da hiância, o *infans* ocupará esta posição vazia pelo grito, que substitui o termo sustentador da alternância. O que evocamos é que podemos dimensionar a perda de dois objetos: o objeto/coisa, que outrora chamávamos de objeto da necessidade, cujo agente materno pode assegurar-lhe o retorno; e o despontar do objeto voz, que se perde pela passagem por um orifício que se abre no apelo *infans*.

Quanto ao objeto voz-grito, temos de analisá-lo pelas prerrogativas judicativas que expúnhamos há pouco. O que é cuspidado no campo da voz? É esse grito, em sua condição de uma primeira inscrição, a apelativa. Abre-se em sua expulsão, em seu recurso de cuspe, um desdobramento: sua elevação ao segundo juízo.

Dissemos que o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade não é encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas reencontrar tal objeto, certificar-se de que ele ainda está lá. O grito-apelo pode justamente sustentar a reativação de um objeto, reevocá-lo. Se pensarmos que, na associação entre a voz recuperadora do objeto, o grito *infans* se liga a uma imagem acústica capaz de reevocar tal objeto, teremos aqui certa formatação da voz/timbre em significante unário, unário na medida em que faz um chamado específico por meio de seu acionamento vocal, presta-se a significar algo para alguém.

A Vivès (2016a) interessa justamente o Juízo de Existência, campo da representação. Ele diz que é preciso encontrar um traço no ambiente, um outro não surdo suscetível a responder. O sujeito se apoia na hipótese de o outro lhe responder. (informação verbal). Neste tempo, podemos também pensar a queda do timbre materno, dando lugar à voz referência da presença materna, que ainda dará lugar às formações de sentido relativas aos reencontros objetais. Temos aqui a formação da identidade perceptiva prosódica, que permite reconhecer os primeiros registros e amarrações da voz, deixando para traz o grito/timbre/resto.

Trata-se do momento em que traço e coisa se separam, momento em que as transcrições recalcam o objeto perceptivo, substituindo-o por um signo. É preciso que partamos dessa primeira repartição para que possamos avançar em nossa tese

sobre a voz. Para isso, adentraremos no signo, no traço e no significante como descritos por Lacan.

2.1.4 Voz-traço-apelo

Falamos, na seção anterior, sobre a condição de privação a partir da qual acontece o movimento de elevação do grito *infans* à função de apelo. Lembremos que esse movimento é precedido da condição em que o Outro traça o primeiro grito *infans* como um apelo a si. Essa condição implica que o *infans* seja retirado, pelo agente do Outro, da condição de organismo, para tornar-se filho, articulado numa linhagem e numa história que o transpõe da natureza à cultura, ao mesmo tempo em que o priva do fluxo vital caótico, organizando-o como linguagem.

Esse grito-apelo é uma leitura do agente do Outro sobre o grito *infans*, posicionado simbolicamente por tal agente. Isso faz com que, no Outro, o *grito infans* seja constituído como uma demanda, demanda que substitui a condição da necessidade primeira daquele que nasce, uma vez que o agente tem de responder-lhe. É pelo sentido que o Outro emite, por sua leitura sobre o grito *infans*, que o neonato pode se assujeitar à demanda Outra. Tomaremos esse sentido emitido pelo agente do Outro como signo. Entendemos, com Lacan (1998/1964), que o signo é alguma coisa para alguém. O grito *infans* é alguma coisa para o agente do Outro.

Já observamos que o caráter de alternância da relação presença-ausência, que instala a sincronia estrutural da diferença sígnica, fica mais complexo nos valores sucessivos que o agente do Outro atribui às manifestações *infans*. O grito do bebê, mesmo ao se repetir idêntico, sem diferença fônica, avança para o Outro na direção significante, uma vez que muda de valor a cada emissão. (VORCARO, 1997).

Isso ocorre porque a significação dada pelo agente do Outro às manifestações do bebê é sustentada na linguagem. Jerusalinsky, A. (1999) afirma que é por isso que o agente interpreta os atos *infans* numa série onde questiona, por exemplo: o que veio antes do choro? Ou seja, a interpretação vale-se de um curso de ida e volta no tempo. A linguagem coloca um ordenamento simbólico que situa o lugar da criança no espaço de uma série que a significa. Desse modo, o objeto da demanda é ofertado do lugar Outro em meio à lógica da linguagem, numa leitura interpretativa do agente por retroação. Assim, avançamos sempre em direção à

outra coisa – a hipótese de que se tratava de outra coisa que o bebê demandava está mantida.

Além disso, o objeto não chega ao mesmo tempo em que a criança o reclama. O próprio efeito do funcionamento ritmado da alternância faz incidir uma lacuna, uma alteridade real, na relação de alternância rítmica. Isso ocorre porque o *infans* já apreendeu que a mãe costuma reaparecer. O que se dá, conforme Freud (2014/1926), pelas repetidas experiências de aproximação e afastamento desta.

Como mostra Vorcaro (2001, 2017a, no prelo), essas experiências de aproximação e afastamento são acompanhadas da emissão vocal com a prosódia própria materna ou uma cantiga infantil, que demarcam um balanço. Essa prosódia é marca do ritmo das emissões no próprio corpo e é capaz de ressoar no corpo do bebê. É, assim, uma provocação que evoca movimentos e sons no corpo do *infans*, uma consonância ao andamento materno imposto à prosódia, à cantiga ou ao refrão reproduzido.

Jerusalinsky, J. (2009) permite que identifiquemos o enriquecimento das modulações vocais dos bebês a partir das alternâncias da prosódia materna. Desde os dois meses de idade do bebê, a mãe já silencia após convocá-lo, esperando que ele lhe retorne. Ferreira (1997) observa que, além de interpretar a vocalização dos bebês, a mãe também assume, alternadamente, as posições da troca dialógica (*turn-talking*), falando por ele¹⁸. Esse revezamento manifesta a suposição de que o bebê tem algo a dizer, ou seja, sustenta uma alteridade. Para Jerusalinsky, J., a mãe dá, assim, voz ao bebê, tomando suas fonações como um chamado.

Quanto às fonações do bebê, são denominadas balbucios. Essa primeiras produções sonoras são divididas em duas etapas, em termos de sua produção. Durante os primeiros seis meses de vida, há o chamado balbucio reflexo ou balbucio proprioceptivo; que não é articulado como o é quando os sons são reunidos em uma língua. (KENT e MIOLO, 1997). Jakobson (1969/1941) apontou-o como uma capacidade de articulação de sons que não se encontram reunidos em uma só língua. Assim, observa-se que bebês de variadas nacionalidades produzem o mesmo tipo de som nesse período.

¹⁸ Stern (2002/1977) havia evocado esse fenômeno como diálogo vocal imaginário em que a mãe cede o mesmo tempo de um diálogo com um adulto para que o bebê responda. Boysson-Bardies (1999) também situa tal fenômeno, nomeando-o como “comportamento de revezamento”.

Posteriormente, há uma fase de diferenciação, na qual, para Jakobson (1969/1941), os balbucios passam a ter valor linguístico. A partir dessa etapa, em que o balbucio é chamado canônico¹⁹ ou intencional, os bebês vão perdendo progressivamente a capacidade de produzir fonemas que não fazem parte da língua materna²⁰. Isso ocorre por volta dos sete aos 11 meses de idade.

Para Jerusalinsky, J. (2009, p. 111), antes mesmo da produção dos balbucios intencionais, já encontramos, em bebês com menos de seis meses, um “enriquecimento da modulação das vocalizações. O choro ininterrupto do recém-nascido diante de algum desconforto físico passa progressivamente a ser substituído por choros com intervalos.” Nesse tempo, suas vocalizações variam quanto à intensidade, ao ritmo e à entoação, na medida em que se instalam como um jogo erógeno no laço com o outro.

Vorcaro (2017a, no prelo) faz observar que mesmo as brincadeiras de separações, propostas pela mãe à criança, são acompanhadas de uma prosódia rítmica, entoadas de formas diversas de registro do desaparecimento “*cadê? onde está?*” e do reencontro “*achou!*”. Ressaltamos que, mesmo em situações de cuidados cotidianos, a fala do agente do Outro acompanha seus atos em direção ao bebê, por exemplo: “*vamos trocar a fraldinha?*”.

A autora aponta que a velocidade das pulsações ou o cantar em diferentes vozes também são variações incidentes nessa cena. Nessas variações, a criança é surpreendida, isso força um engajamento ativo no qual o neonato passa a esperar a surpresa. Isso nem sempre é passível de realização. Na ocasião, a produção de um desmantelamento da cena por meio de uma interjeição do bebê pode responder pela impossibilidade do engajamento ou surpresa. (VORCARO, 2017a, no prelo).

É da série psíquica das separações que a experiência de distanciamento da mãe franqueia a distinção entre o desamparo primário e o posterior estado de anseio. Articulamos, aqui, a questão intervalar à antecipação. É em razão dos intervalos que foi possível prever que, depois de determinado som, aconteceria o movimento seguinte. Para Costa, Ana (2008, p. 102):

¹⁹ Canônico porque há uma produção de cadeias de balbucio variado e reduplicado, baseada em unidade semelhante à das sílabas da fala adulta (KENT e MIOLO, 1997).

²⁰ Na Linguística, a língua materna é a língua compartilhada na cultura onde o *infans* é criado, em contraposição às outras línguas, estrangeiras. (JERUSALINSKY, J., 2009)

O interdito surge na voz na medida em que ela, num primeiro momento, marca um ritmo. De alguma maneira o ritmo é o que registra o intervalo e o interdito – a presença da ausência no Outro – é aquilo que faz intervalo e que está no ritmo e na entonação da voz ao se articularem as palavras. O ritmo é extremamente primário. A voz produz um ritmo que se inscreve corporalmente, como a condição mesma da antecipação. E é a partir deste ritmo que a criança consegue, nas relações primárias, sair de um contínuo e prever, antecipar, o que virá. A criança registra a linguagem da mãe para além do que entende, porque antecipa certa condição do ritmo que é próprio da fala da mãe.

Desse modo, temos a defasagem temporal na oferta do objeto, a primariedade das condições da alternância rítmica do objeto presente-ausente que faz incidir a lacuna. Com ela, há um terceiro termo entre *infans* e objeto da necessidade, que faz com que o primeiro grito possa ser transformado em grito-demanda *infans*. Ao mesmo tempo em que o *grito infans* é vetorizado pela demanda do Outro, temos a cedência de uma parte do corpo *infans*, um escape sonoro que pode ser constituído como perda/soltura.

Nessa cedência de uma parte do corpo *infans*, corpo que ainda não é corpo, no sentido de que não é *Um*, introduz-se a surpresa da separação de uma parte de si. O si aqui, bem cabe, não é eu, nem tu, não é *Eu*, nem *outro*, mas entre. O grito que se desprende passando por um orifício do corpo, mesmo ainda não constituído “*Um* corpo”, pode se tornar apelo, substituindo um dos termos esperados na alternância da oferta objetual que trabalhamos na seção anterior.

Se o corpo *infans* ressoa o movimento prosódico materno, temos então a elevação de uma segunda potência. Na segmentação temporal rítmica do cuidador, uma substituição inesperada advém de um apressamento ou de uma lentificação do andamento. Isso porque o encontro faltoso que marca a exclusão de um dos termos diferenciais delimita uma fissura na alternância, pelo adiamento ou pela precipitação dos termos alternantes. (VORCARO, 1997, 2017a).

Podemos incluir aqui a questão do silêncio no movimento prosódico/musical materno. Para Porge (2012, 2014), o discurso, desde o lugar do Outro, pode ser portador de um valor – pulsional – pela escolha dos termos, por sua sonoridade, pelo ritmo das frases e também por seus silêncios. O silêncio é uma pausa no discurso, da qual se sente a duração, ele introduz a dimensão temporal. Ele pode ser um ponto morto, mas também ter o valor de uma escansão, uma precipitação, um relance. Na música, o silêncio se chama síncope e é contado e grafado, localizado no compasso como notas. Esse silêncio sincopado é o que permite a

antecipação na pressa. Porge esclarece que a pressa é a iminência do tempo de avanço possível do outro, tempo que não se mede e que é concorrência com o outro.

É pelo estado de anseio instaurado a partir da expectativa de reencontro que o bebê pode tornar seu grito apelo. Esse grito-apelo é originado no grito *infans* que, expulso, pôde entrar no movimento de reencontro representativo, fazendo-se traço do significante. Esse grito, Vorcaro (1997, 2017a) chama de grito-significante-da-coisa, resquício de um objeto indizível. O que se desprende como grito faz dessa emissão o que não se pode dizer. Nesse sentido, esse grito-significante-da-coisa é um significante *traço unário*, referindo-se ao termo unário, que Lacan (2003/1961-62, não publicado) retira do traço único de Freud (2013/1921).

No seminário dedicado à Identificação, Lacan (2003/1961-1962, não publicado) exemplifica o *traço unário* com o nome próprio, uma marca distintiva e intraduzível. Quanto mais o *traço unário* se reduz ao traço sem qualidades, mais ele funciona como suporte da diferença. Nesse sentido, entende que todo significante tem o traço como suporte.

Podemos pensar que é na simultaneidade na qual o timbre materno dá lugar à prosódia, com suas continuidades e seus intervalos, que o valor índice em que o grito *infans* faz-se apelo marca um sujeito em vias de constituir-se pela linguagem, no que a marca, enquanto *traço unário*, comparece, advertindo o que não está lá onde se esperava. Essa voz apelativa ressoa prosodicamente fazendo corpo *infans*. Temos aqui uma forma peculiar de identificação, a incorporação²¹. A voz toma corpo com empréstimos de recursos da língua, para engajar-se no funcionamento da linguagem. Vai em busca da possibilidade de tradução de seu anseio.

Dissemos que o traço conserva a perda primordial do objeto *Coisa*, uma vez apelando a sua restituição. Também é preciso salientar que ele reforça poder haver algo em seu lugar, porque intima a recuperação, mesmo que esse algo seja ainda intraduzível e inapreensível.

Rinaldi (2008) lembra que é o *traço único* que apaga a *Coisa (das Ding)*, deixando dela os rastros. O *traço unário* é um traço distintivo, de pura diferença, que

²¹ Ao trazer o tipo especial de identificação, a incorporação (*Einverlibung*), Lacan (2005/1962-63) faz referência a um artigo de Isakower, de 1920, em que este observa as dafnias, crustáceos conhecidos como pulgas d'água. No momento de sua metamorfose, elas preenchem suas válvulas introduzindo pequenos grãos de areia em seu aparato acústico, que corresponde ao caracol do ouvido humano.

surge no lugar do apagamento do objeto, onde algo, que diz respeito a esse objeto, se perde. É a partir de diversos apagamentos que teremos a passagem ao significante. Remetidos ao grito-apelo *infans* como *traço unário*, pensamos que, por mais que se desprenda de modo sonoro, solicitando o retorno da coisa alternante, o que se desprende como grito faz dessa emissão o que não se pode dizer. Na compreensão de Vorcaro (1997), esse grito-apelo *infans* ultrapassa a função fonatória, torna-se resquício de um objeto indizível, concebendo esse objeto indizível como resto da entrada do campo do significante. Adentremos nele como Lacan, com seu *traço unário*.

2.1.5 Do grito-apelo ao *um*

É no que se agarra ao traço unário, que o sujeito ingressa no reino significante, na relação com o desejo do Outro. (LACAN, 1998/1964). Vamos adentrar nesse campo com uma ressalva lacaniana: devemos nos prevenir de não confundirmos o *Eu (je)* constituído no desejo do Outro e o *Eu (moi)* redobrado pela imagem refletida no Outro. É por referência à imagem refletida que Lacan trará o *traço unário*.

Ao final de seu décimo primeiro seminário, com algumas notas sobre a identificação em Freud, Lacan refere-se a esse traço, destacando-o de uma das formas de identificação que Freud (2013/1921) apresenta em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”.

Freud escreve que a identificação é a forma mais primitiva e original do laço afetivo com outra pessoa. Observamos, aqui, que Freud refere-se à relação entre duas pessoas, dois semelhantes enlaçados. Isso já é um indicativo de que demos um salto constitutivo, passamos do sujeito em vias de constituir-se para o *Eu (moi)* constitutivo do estágio do espelho²². Esse salto parece-nos necessário, porque oferecerá as balizas predecessoras da dimensão que queremos dar à voz. Logo mais, retomaremos o que se produz nesse intervalo. Por ora, voltemo-nos à Freud (2013/1921), retomando o mesmo trabalho no qual Lacan embasou-se para lançar seu *traço unário*.

²² Exploraremos o estágio do espelho na seção 2.2.4 – página 86.

Do mesmo modo como Freud (2013/1921) situou a angústia, ele traz a identificação: como um derivado da primeira fase da organização da libido, da fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo, dessa maneira, aniquilado como tal. Assimilação e aniquilamento, ambivalência da identificação, que pode tornar-se expressão de ternura ou de um desejo do afastamento de alguém. Lembremo-nos do cuspe, que agora pode tornar-se afastamento, e do objeto que, ingerido, é apagado enquanto tal. Assimilação e aniquilamento; ingestão e expulsão.

Guiemo-nos pelo caminho em que Freud situa seus três tipos de identificação. No primeiro tipo de laço, a identificação molda o *Eu* segundo um aspecto de alguém que foi tomado como modelo, sendo anterior à escolha objetal sexual. No segundo, a identificação pode aparecer no lugar da escolha de objeto. Após a escolha do objeto amoroso, regride-se para o primeiro modo de identificação e o *Eu* assume as características do objeto. Já o terceiro modo de identificação, Freud (2013/1921) chama de infecção mental. Essa identificação deixa inteiramente fora de consideração qualquer relação de objeto. O mecanismo é o da identificação baseada na possibilidade ou no desejo de colocar-se na mesma situação. O laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada na qualidade afetiva comum de laço com o líder.

No segundo tipo de identificação, destacamos o termo de Freud (2013/1921): a identificação pode tomar emprestado um “traço único” (*einzigster Zug*). Quanto ao terceiro tipo, enfatizamos que ele sustenta por analogia à hipnose, na qual o hipnotizador situa-se no lugar do *Ideal-do-Eu*. Vejamos o que Freud (2013/1921) enuncia sobre a instância *Ideal-do-Eu*, na obra da qual Lacan retira o termo unário do traço.

Em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, Freud refere o *Ideal-do-Eu* como uma instância cruel que abrange a consciência. Ele descreve suas funções: a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a verificação da realidade das coisas. Além disso, é a principal influência no recalque. Essa instância já estava prevista por Freud em 1914:

Não seria de admirar se achássemos uma instância psíquica particular que cumpre a tarefa de vigiar a garantia da satisfação narcísica que provém do Ideal-do-Eu, e nesta intenção, observa incessantemente o eu atual e mede-o ideal [...] nossa consciência moral cumpre essa característica. (Freud, 2014/1914, p. 188)

Todavia, sua gênese é esboçada em 1923, em “O Eu e o Isso”, quando lança efetivamente a segunda tópica do aparelho psíquico. Advertidos, vamos primeiramente delinear como Freud resume sua primeira tópica nessa mesma obra, o que permite entrelaçá-la com a segunda. Da primeira tópica de sua obra, Freud (2011/1923) diz que recolheu três termos: *Consciente (Cs)*, *Pré-consciente (Pcs)* e *Inconsciente (Ics)*. Há uma distinção que ele afirma, por vezes, ser indispensável: no sentido dinâmico, há apenas um *Inconsciente (Ics)*; já no sentido descritivo, há dois tipos de *Inconsciente* – *Pcs* e *Ics* – sendo o primeiro o mais próximo do *Cs*.

A *Consciência* é a superfície do aparelho psíquico. Como função, espacialmente, é a primeira desde o mundo externo. No princípio, tanto as percepções sensoriais, que vêm do mundo externo, quanto as percepções internas, que Freud (2011/1923) denomina sensações ou sentimentos, são conscientes. O melhor exemplo das sensações internas são as da série prazer-desprazer. Estar consciente invoca a percepção imediata e segura, mas a consciência de um elemento psíquico, uma ideia, não é duradoura, tornando-se latente.

Para que a percepção tenha consequência, é necessário que se acrescente a consciência. Desde os primórdios de sua obra, Freud juntou a percepção com a consciência, segundo um sistema “percepção-consciência”, de modo que a consciência importe, na percepção, suas próprias condições de efetuação. Pommier (2004) se utiliza da metáfora do vivente que bate seu corpo contra uma cadeira, mesmo que a tenha percebido. O ato de tomada de consciência pertence somente àquele que percebe, aquele que deve subjetivar constantemente o percebido – como vimos no Juízo de Existência.

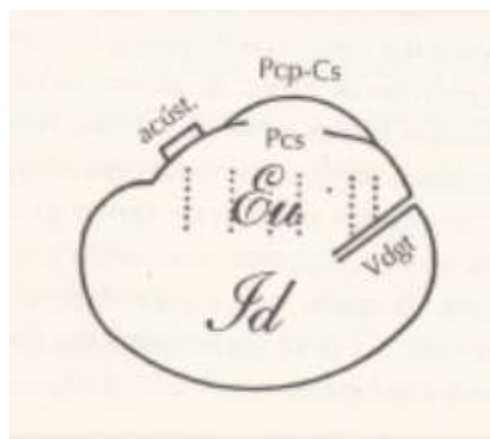
A fim de estabelecer a relação entre percepção externa e interna e o sistema superficial percipiente *Pcp-Cs*, Freud (2011/1923) lança os caminhos pelos quais uma ideia pode tornar-se consciente, isso depois de ter-se estabelecido a estruturação psíquica. A forma com que ela pode ter acesso a essa superfície é se tornando pré-consciente. Isso se dá por meio da ligação com representações verbais, que são resíduos mnemônicos de percepções acústicas. Temos aqui, então, que o reencontro com o objeto da realidade, a partir do representativo do objeto

originalmente perdido, se dá mediante os resíduos mnemônicos das percepções acústicas.

Para Freud (2011/1923), o *Pré-consciente* tem uma origem sensorial especial, apoiada nos resíduos mnemônicos das percepções acústicas. São a eles secundários os componentes visuais, como a palavra lida; e os componentes de movimento, como gestos e expressões faciais. Eles funcionam como sinais auxiliares às representações verbais. Assim, fora os afetos, que têm uma passagem direta de *Ics* para *Cs*, mesmo se ligados às representações verbais, aquilo que quer tornar-se consciente deve tentar converter-se em percepções externas mediante traços mnemônicos. Isso se dá por meio de elos com os materiais pré-conscientes, é assim que as ideias inconscientes podem ser conduzidas ao *Consciente*.

No sistema perceptivo, que abarca o *Pré-consciente*, encontraremos o núcleo de uma das instâncias da segunda tópica, já citada. Em sua origem, o núcleo do *Eu* se apoia nos resíduos mnemônicos verbais da palavra ouvida. Temos aqui um interesse de nosso escrito. Essa origem do núcleo, Freud (2011/1923) emblematiza com o “boné auditivo” lateral (Figura 1). (grifo do autor). Seguindo a anatomia cerebral, Freud diz que é como um boné usado de lado.

Figura 1 – Boné auditivo lateral de Freud



Fonte: (FREUD, 2011/1923, p. 30)

Com esse modelo, Freud (2011/1923) apresenta seu esquema das duas tópicas, a “calota acústica”. Nela, o *Eu* aparece como um prosseguimento da diferenciação da superfície. É a parte do *Isso* – *Id* na figura, direcionalmente inferior

ao *Eu*, modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do sistema superficial percipiente *Pcp-Cs*.

Nesse grafo, podemos ver que o *Eu* não está completamente separado do *Isso*, indicando, além disso, que carrega um tampão auditivo. Assim, para o *Eu*, a percepção corresponde ao papel das pulsões no *Isso*. (GORENBERG, 2016). Na gênese do *Eu*, em sua diferenciação do *Isso*, Freud (2011/1923) soma ao fator perceptivo o fator corpo. O corpo se sobressai ao mundo das percepções. Em relação ao fator corpo, o *Eu* seria uma projeção de uma superfície, é nesse sentido que ele chama o *Eu* de corporal. O *Eu* consciente é um *Eu* do corpo.

O *Eu* esforça-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer que vigora no *Isso*. Ele liga-se à consciência com a função de controlar o acesso à motilidade, dominar a descarga de excitações no mundo externo. Nesse esforço, ao confrontar-se com o *complexo de Édipo*²³, o *Eu* toma forças emprestadas, diz Freud (2011/1923). Como os pais são percebidos como obstáculos à realização dos desejos edípicos, o *Eu* fortifica-se estabelecendo o obstáculo dentro de si. Algo então se diferencia no *Eu*, o *Ideal-do-Eu*, “dando expressão duradoura à influência dos pais”, perpetuando, justamente, os fatores aos quais deve sua existência. (FREUD, 2011/1923, p. 44). De caráter coercitivo e manifestação como imperativo categórico, o *Ideal-do-Eu* é o representante de nossa relação com os pais.

O *Ideal-do-Eu* é a expressão dos mais importantes destinos libidinais. Como dissemos, Freud (2014/1914) já havia se expressado em relação a ele, justamente num texto em que trata de aperfeiçoar sua teoria da libido a partir da observação e compreensão da vida psíquica das crianças, na qual atesta um investimento libidinal no *Eu* que permite lançar as bases sobre o conceito de narcisismo em *Psicanálise*.

No texto de 1914, para empreender uma teoria da libido, Freud (2014/1914) supõe a separação entre as pulsões sexuais e as do *Eu*, apoiando-se em bases biológicas para a sustentação da energia sexual. Essa tese é, desde o princípio, dita abandonável por ele caso a *Psicanálise* trouxesse outras bases conceituais, e o trouxe. Desse modo, trata-se de um texto que sustenta a primeira dualidade

²³ Noção central na psicanálise de Freud, o *complexo de Édipo*, referente ao personagem Édipo de Sócrates, é, de forma bastante sucinta, a representação inconsciente pela qual se manifesta o desejo e a hostilidade da criança pelos seus pais, numa trama a qual Freud adere após abandonar sua teoria da sedução. Trata-se de um complexo de cunho estruturante no sujeito. Lacan (1992/1969-70) o considerou um mito freudiano, analisando-o estruturalmente, conjugado aos demais mitos freudianos.

pulsional, abandonada posteriormente. Todavia, deixa reservado de que modo o investimento libidinal transita do autoerotismo ao investimento objetal, de forma que, apoiados nesse texto, acompanharemos como o trânsito libidinal se desdobra na constituição subjetiva.

Freud (2014/1914) já havia observado que a unidade do *Eu* não existe de início no *infans*, o *Eu* deve ser desenvolvido. O autoerotismo é primordial, um estado prematuro da libido. Algo deve então ser acrescentado ao autoerotismo para configurar o narcisismo. Esse algo é uma ação psíquica nova. Essa ação psíquica nova pode ser compreendida como a representação, que permitirá que nos reencontremos faltosamente com o objeto, conforme exposto na seção anterior.

Por sua relação ao sistema perceptivo, o *Eu* tem a tarefa de estabelecer a ordenação temporal dos processos psíquicos e submetê-los à prova de realidade. Todavia, encontramos também no *Eu* algo inconsciente, algo recalcado que dele se separou. É nesse sentido que o *Eu* se desenvolve da percepção das pulsões – que logo serão esmiuçadas – ao domínio sobre elas, da obediência à inibição das pulsões. Nessa operação, a parte de formação reativa do *Ideal-do-Eu* tem forte presença. Adentremos nas primeiras percepções, localizadas por Freud na oferta do seio pelo próximo assegurador (*Nebenmensch*).

No início, na primitiva fase oral, Freud (2011/1923) diz que investimento objetal e identificação não se distinguem um do outro. É só mais tarde que o *Eu* inicial, ainda frágil, toma conhecimento dos investimentos objetais e tende a aprová-los ou afastá-los. O desenvolvimento do *Eu* consiste num afastamento do narcisismo primário, por meio da libido deslocada para um ideal. O narcisismo é deslocado para um *Eu-Ideal*, perfeito, que tenta atingir o *Ideal-do-Eu*. A criança já não é mais seu próprio ideal, mas tem de atingi-lo. Simultaneamente, o *Eu* emite investimentos de objeto, fica empobrecido. Com isso, o *Eu* só enriquece novamente mediante a satisfação, por meio objetal, e o cumprimento do ideal.

Temos aqui as escolhas relativas ao narcisismo secundário e à passagem pelo *complexo Edípico*. Freud (2011/1923) denota que, ao estabelecer o *Ideal-do-Eu*, o *Eu* assenhora-se do *complexo de Édipo* e submete-se ao *Isso*. O *Eu* volta-se ao exterior e o *Ideal-do-Eu* confronta-se com o *Isso*, sendo que os conflitos entre o *Eu* e o *Ideal-de-Eu* serão agora oposição entre mundo exterior e interior, visto que o *Eu* representa o mundo externo no *Isso*.

No resultado do *complexo de Édipo* do menino: “você deve, mas não pode ser como papai”, o *Supereu* contém a advertência e a proibição. Temos aqui a dupla face do *Ideal-do-Eu*, resultado de seu empenho contra o *complexo de Édipo*, do qual também é resultado. Essa crítica parental depois se revela na sociedade. Todas as outras pessoas com as quais a criança irá conviver se associarão a essa instância de vigilância moral. Desse modo, o *Ideal-do-Eu* fornece um modelo para a compreensão da psicologia das massas, do componente social do ideal comum. (FREUD, 2014/1914).

Dessa maneira, o *Supereu* manterá a capacidade de confrontar-se com o *Eu* e dominá-lo pelo resto da vida. Ele é:

[...] o monumento que recorda a anterior fraqueza e dependência do *Eu*, e que mantém seu predomínio sobre o *Eu* maduro. Assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o *Eu* submete-se ao imperativo categórico do seu *Super-Eu*. (FREUD, 2011/1923, p. 60, grifo nosso).

O *Supereu*, quando é inconsciente, consiste nas representações verbais, já citadas quando atribuímos importância aos resíduos verbais do *Pcs*, no sentido de que, em sua origem, o *Eu* se apoia em tais resíduos. Freud (2011/1923) diz que, assim como o *Eu*, o *Supereu* não pode negar sua origem no que foi ouvido, pois é parte do *Eu* e continua acessível à consciência a partir das representações verbais, porém a energia de seu investimento não deriva das percepções auditivas, mas das fontes interiores do *Isso*.

Mesmo que encontremos, no estabelecimento da identificação secundária, o precipitado do *Eu* denominado *Supereu*, Freud afirma que essa instância não é simples resíduo das escolhas objetivas do *Isso*. O *Supereu* é, ao mesmo tempo, herdeiro do *complexo de Édipo* e a primeira identificação. Essa primeira identificação – incorporação – acontece quando o *Eu* ainda é fraco e introduz nele os mais imponentes objetos. Quando o *Eu* (re)cria seu *Supereu* a partir do *Isso*, “talvez só faça aparecer de novo anteriores formas do *Eu*, proporcione-lhes uma ressurreição”, reativando antigos conflitos do *Eu* com o *Isso*. (FREUD, 2011/1923, p. 48, grifo nosso).

Freud (2011/1923) levanta a questão sobre as diferentes identificações em que o *Eu* se distribui para afirmar que, na origem do *Ideal-do-Eu*, encontramos a primeira e a mais significativa das identificações, aquela com os pais da pré-história

peçoal, uma identificação direta, que não é resultado dos investimentos objetais, mas, mais antiga que esses, é uma identificação imediata, direta, que ele chama identificação primária.

Uma das formas de identificação trazidas por Freud (2011/1923), em nota de rodapé, é a crença - dos povos primitivos - de que as características de animais dos quais se alimentavam persistiam em seu caráter. Essa é justamente a crença do canibalismo, que persiste nos costumes de refeições totêmicas até a Sagrada Comunhão. O *Supereu* deriva das vivências que conduziram ao totemismo. Ele nasce de uma identificação com o modelo do pai, do qual retira o caráter duro e cruel. Tendo o *Eu* controlado a libido, por meio da identificação, recebe a punição do *Supereu* pela agressividade misturada à libido.

Freud (2014/1914) afirma que, no fundo, a instância *Ideal-do-Eu* foi uma corporificação que iniciou na crítica parental. Ela se origina na angústia ante o castigo dos pais, ante a possibilidade de perda do amor desses. Tal crítica tem sua estimulação mediada pela voz dos pais.

É no entrecruzamento do significante unário com a identificação primária, narcísica, do estágio do espelho, que incidirá o *Ideal-do-Eu*. Pautado em sua teoria sobre o significante e transpondo o traço unário para ela, Lacan (2003/1961-62, não publicado) transforma o “único”, da segunda identificação freudiana, em “unário”. Será, assim, a partir de uma pequena diferença absoluta, incomparável, que se constituirá o grande *I*, que acomoda o propósito narcísico. No seminário 11, Lacan (1998/1964) usa o codinome significante unário, que só se presta a intimar uma recuperação. É o significante que apaga, como dissemos. É estrutura basal que torna possível que alguma coisa tenha a função de barrar/riscar outra coisa.

Esse significante que tem a função do “*um*”, é a partir dele que o sujeito poderá contar os demais significantes. Isso porque, quando o significante unário é instituído, dois uns já se distinguiriam e podemos contar “*um*”. Isso possibilita distinguir o significante unário do signo, Lacan (1998/1964) ainda dirá que é o *um* da fenda, do traço, da ruptura.

Com isso, quer dizer que é a fenda, o traço de abertura, que faz surgir a ausência, como o grito que faz surgir o silêncio como silêncio; “o grito não se perfila sobre fundo de silêncio, mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio” (LACAN, 1998/1964, p. 31). É a essa estrutura inicial que Lacan pede que os que o escutam

no seminário estejam atentos, isso designa a prudência de não tomar o sujeito como aquele alienado à sua história, ao discurso que conjuga seu desejo. Corroboramos com Vorcaro (2017a, no prelo), não parece nada simples tomar sua afirmativa de que o inconsciente é o discurso do Outro. Claro que a fala que porta o discurso do Outro é precocemente incidente na criança, mas, dessa fala, ela terá de se destacar.

Lacan diz que, anteriormente ao *um*, existe a forma essencial com que aparece o *Inconsciente*, e essa forma é a descontinuidade. Lembremos o que expusemos sobre a tese de Vorcaro (1997, 2001), que a autora retoma em 2017 (texto no prelo), a respeito da lacuna temporal, descontínua, sobre a qual incide a oferta de objetos. Além dos objetos da necessidade, advindos descontinuamente no anseio *infans*, o Outro oferece, em sua fala, significantes primordiais – também por descontinuidade.

Temos agora, no unário, justamente a função do *um*. Certamente é numa outra posição que situaremos o *Inconsciente* diante disso, já que não se trata mais do discurso descontínuo que deu origem ao anseio diante da matriz simbólica. Ao mesmo tempo em que apaga, o unário abre a fenda em que podem se perfilar os demais significantes, dá início à série. Do apagamento, destacaremos o recalque primordial. Da fenda, a hiância que se abre ao sujeito do desejo.

Sabemos que Freud concebeu o recalque em dois tempos: o recalque secundário - ou recalque propriamente dito – e um anterior que ele qualifica igualmente de recalque. Sobre esse recalque originário, Melman (1992, p. 24) expõe uma questão delicada:

[...] qualquer elemento literal é suscetível de vir a ser rejeitado, recalqueado e de tal forma que aquilo que consideramos recalqueado originário não implica na existência de um significante primeiro que teria sido recalqueado. Ao contrário, o que é originário é essa barra que é suscetível de vir a atingir qualquer letra e levá-la à posição de recalçada.

Como vimos, questionando o que seria originário nesse recalque primordial, Melman (1992) diz ser a barra e não um primeiro significante. O originário é o movimento de barra que pode atingir qualquer elemento literal. Lacan (1998/1964) enfatiza que o apagamento se dá num nível primordial, que é o que Freud (2016/1900) fala quanto à função da “censura”: a marca é advento da função de censura, isso que nos permitirá situar o ponto de origem do pai primitivo na barra significante no nível primordial. (grifo nosso). No momento, trabalharemos o

significante unário na origem do recalçamento, no qual nasce a primeira barra. Associemos o apagamento ofertado pela barra ao andaime de significantes do qual nos fala Lacan (1998/1964).

2.1.6 Significantes e enredamento vocal

Lacan diz que, sobre o recalque primordial, edifica-se um andaime de significantes, uma estrutura sincrônica que reserva ao inconsciente a função radical do recalçamento. A origem dessa edificação buscamos no apontamento da Carta 52 freudiana, já citada. Segundo Lacan (1998/1964), para que os traços de percepção, *Wahrnehmungszeichen (Wz)*, que outrora chamávamos de signos de percepção, passem para a memória, é preciso que se apaguem na percepção, e reciprocamente. Com isso, entendemos que, ou estamos em um registro, ou em outro. Trata-se de uma delimitação “geográfica”, topológica, que podemos facilmente localizar na primeira tópica freudiana. Coloquemos sob esse apagamento os resíduos verbais nucleares agora recalçados, passados para baixo. (grifo nosso)

O que nos chama a atenção, nesse momento, é que, apagados em um registro, os traços se edificam em outro. Vemos Lacan referir-se a essa sobreposição, além de andaime, como mapa, enxame S_1 , conjunto, bateria. Sobre a bateria de significantes, Lacan (1998/1964) retoma dois termos de Freud (2016/1900): o acaso (*Willkür*) e o arbitrário (*Zuffal*) – o acaso da interpretação e o arbitrário das aproximações. A partir disso, está feito o mapa das referências significantes. Poderíamos chamar de acaso da interpretação a leitura do Outro sobre o grito *infans*? Poderíamos dizer que o arbitrário das aproximações se funda na experiência inconsciente na qual o grito *infans* transforma-se em voz do grito-apelo?

Quanto à fenda que se abre pelo traço, é nela que parece ser possível situar o *Inconsciente* como marcador temporal dos tempos do “abre e fecha” para os significantes sobrepostos. Na abertura e no fechamento, forma-se a rede, a cadeia de significantes na experiência inconsciente. Essa rede sincrônica implica retornos, ela se ordena na linguagem por retroação. É essa rede sincrônica que sustenta a diacronia. A cada elemento novo, que retroage sobre o elemento anterior, uma significação nova se edita. Estamos agora no ponto de partida da série, ponto em que algo que teve valor diferencial lança-nos a perceber a existência de outro elemento do qual o primeiro diferenciou-se.

Sobre essa cadeia em que algo se deixa pegar, Lacan dirá que o S_1 , enxame, significante mestre, lhe dá a ordem, a ordem significante no que a ordem se instaura pelo envolvimento no qual toda cadeia subsiste. É do *Wo es war, soll Ich werden*²⁴ freudiano, traduzido por Garcia-Roza (2009) como “*Ali onde se estava, ali como sujeito devo vir a ser*”, que Lacan destaca o lugar completo da rede dos significantes, lá onde o sujeito estava desde sempre. Tomemos o “*Ali onde se estava*”, o associamos ao discurso do Outro no qual o *infans* carrega sua bateria.

Lacan (1998/1964) diz que é desse lugar, “*Ali onde se estava*”, que os antigos reconheciam uma espécie de coisas, entre elas as mensagens dos deuses. Além de reconhecer, faziam delas alguma coisa. Essas mensagens, cuja oportunidade remete à qualidade de mensagens sígnicas e destinatárias de ações, Lacan (1998/1964) diz estarem sempre aí. Lembremos que o S_1 ordena a cadeia que o envolve. Parece retomar aqui a função do tecido. Não é interessante que Lacan diga que esse tecido no qual algo se deixa pegar talvez seja a voz dos deuses, a voz dos deuses que se faz ouvir.

Lacan salienta que, há muito, nossas orelhas voltaram a seu estado original, ou seja, não ouvem, “todo mundo sabe que elas são de modo algum feitas para ouvir.” (LACAN, 1998/1964, p. 47). Nos parece que aqui ele precisa o que é que não podemos ouvir. É do campo real que ele diz serem os deuses, mas, lá onde estava o real, o sujeito está para ser reencontrado. Lá onde estava o lugar completo dos significantes, o sujeito deve vir a ser, fazendo com que as vozes dos deuses tornem-se inaudíveis.

Dissemos que esse lugar, onde o sujeito estava desde sempre, era o discurso do Outro. Dissemos que dali o sujeito apreende a bateria, constituída por simultaneidade, e que, pelo estatuto diferencial unário, abre a fenda sobre a qual uma temporalidade se esboça: a temporalidade da estrutura do inconsciente como

²⁴ Nas “Novas Conferências Introdutórias”, Freud (2010/1933) resume o objetivo da análise em um aforismo: “*Wo Es war, soll Ich werden*”. Esse aforismo foi transformado para o português, “*Onde estava o Id, ali estará o Ego*”, a partir da tradução inglesa “*Where the Id was, there the Ego shall be*”. Tavares (2010) adverte que, nessa sentença lacônica, formada quase somente por monossílabos, podemos estabelecer uma série de jogos. A tradução termo-a-termo seria a seguinte: *wo* (onde) *es* (isso) *war* (era/estava) *soll* (devo/deve) *ich* (eu) *werden* (advir/tornar-se). Ao abordar uma série de equívocos nas possíveis traduções e interpretações do aforismo freudiano, principalmente por Freud não usar artigos na frase, mas colocar os termos em maiúsculo, dando a entender se tratarem de substantivos, Tavares (2010) sugere que a tradução mais correta para o Português seja a de Garcia-Roza (2009): “*Ali onde se estava, ali como sujeito devo vir a ser*”, que adotaremos neste escrito.

uma linguagem que se desdobra, de significante em significante, a partir de uma primeira fenda aberta entre um S_1 e um S_2 .

É na fenda aberta pelo significante unário que grafamos o sujeito: \$ (S barrado). Como diz Lacan, “só há aparecimento concebível de um sujeito como tal a partir da introdução primária de um significante, e do significante mais simples, aquele que é chamado de *traço unário*.” (LACAN, 2005/1963, p. 31, grifo nosso).

Para Vorcaro (2017b), o encadeamento de significantes da linguagem, que ocupam o campo experiencial da criança, marcará o corpo *infans* sob a forma de corte, inscrevendo o traço vazio de função estruturante. Já informamos que o *infans* não é nada sem o Outro, apenas conceito de uma possibilidade; o neonato é conceito vazio sem objeto, negativado por ser apenas um possível sujeito. (Informação verbal²⁵).

É um ser privado e é a operação de privação, que citamos no início deste escrito, que situará seu ponto de entrada na linguagem, posicionado como algo possível, ainda a ser, por estar privado da condição subjetiva. Desse modo, para Lacan (2003/1961-62, não publicado), o neonato é promessa, sujeito que, primeiro, se constitui menos-um.

Mas uma marca lhe intima a ser. Como exploramos com o *traço unário*, essa marca tem implicações. Conforme Vorcaro (2017b), a marca lhe intima a ser, demandando que assimile as condições identificatórias que lhe são oferecidas. (Informação verbal). Essa identificação demarca e rasura o que havia antes: todo o registro da identificação assenta-se na relação com o significante no Outro, “significante que, no registro da demanda, é caracterizado em seu conjunto como o sinal da presença do Outro.” (LACAN, 1999/1957-58, p. 355). A primordialidade desse traço cortante está ligada à primeira forma de identificação, que se faz sobre a evocação do corpo com a incorporação.

Há então a perda de identidade de percepção, pois, entre percepção e consciência, institui-se a representação, e o percebido torna-se, assim, sub-situado pelo significante. Para Lacan (2003/1961-1962, não publicado), a consistência de uma experiência primária de satisfação será lembrada devido à perda demarcada pelo *traço unário*, que a co-memora.

²⁵ Palestra apresentada por Angela Maria Resende Vorcaro, em conferência no I Encontro Sul-Brasileiro de Psicanálise: Infância e Adolescência, na cidade de Joinville, em 02 de junho de 2017.

Conforme Lacan (1992/1969-70), de início, todos os significantes se equivalem, jogando apenas com a diferença de cada um com todos os outros, mas um deles virá em posição de significante-mestre. Para Vorcaro (2017b), a primeira identificação é forçada ao traço da lei da linguagem, em que vigora a substituição infinita de representantes das representações primárias. (Informação verbal).

A barra da linguagem marca a divisão do sujeito, que se revela na hiância entre dois significantes, remetido de um a outro. É daí que colhemos a afirmativa de Lacan (1998/1964) de que o significante representa um sujeito para outro significante. Também colhemos sua célebre frase “O inconsciente é estruturado como uma linguagem.” (LACAN, 1998/1964, p. 26).

Mesmo que tenhamos uma língua oprimida, o inconsciente é estruturado/articulado como uma linguagem. Por que língua oprimida? É sobre a questão do que seria a língua materna, que Melman (1992) esboça sua tese da língua materna interditada. A resposta está incluída no próprio significante. Estamos habituados a buscar a língua em um traço positivo, mas Melman direciona a busca, afirmando que, nesse caso, ela estava em um traço negativo maior. Ela “é aquela na qual, para aquele que fala, a mãe foi interditada.” (MELMAN, 1992, p. 32).

Para tanto, Melman (1992) propõe uma dissociação possível entre uma mãe real e uma mãe simbólica, incluída na língua falada. Para diferenciar uma mãe real de uma simbólica, é preciso distinguir também um pai real de um pai simbólico operando na língua positivada falada. Lembremos como ele articula os três registros lacanianos: o *Simbólico* é o sistema no qual cada um dos elementos é um símbolo da perda que organiza a significância, cada um deles é incapaz de apreender os elementos perdidos que fundam a significância, a linguagem é organizada nesse sistema; o *Real* é o que escapa à tomada do *Simbólico*, e o *Imaginário* é a representação que vem dar sentido ao *Real*, é a imagem do corpo, a representação suscetível de responder ao vazio aberto pelo *Real* no Outro. Visto dessa forma, é como se a imagem fosse satisfazer a questão escutada no Outro, onde o lugar do sujeito é vazio.

Pensemos, então, que a língua falada pelo agente do Outro inclui, nesse agente falante, a língua materna interditada. Ao lado dos pais reais, há uma mãe simbólica, inerente à língua que a criança vai falar, isso na medida em que esta mãe é interditada e o pai simbólico é o suporte desse interdito. A privação da mãe,

operada pela língua, acontece por causa dos significantes supostos representativos do interdito. Observamos que há nos endereçamentos vocais maternos ao bebê o interdito (dito-que-não). Para nós a ritmação é causa do interdito, na medida em que é o que provoca seu registro.

Esse interdito, o lemos também na obra de Didier-Weill (1999). Em sua metaforização à ópera, esse seguidor de Lacan aborda a voz pela sonata materna e, em um dos conflitos semânticos relativos à sonata: opõe *parlar* cantando e prima *la voce*. A primeira refere-se à música adaptada às escansões próprias às leis da fala, e a segunda, retrata a emancipação da voz, por meio da voz divina da diva que, lançando-se às alturas da acuidade, tende a fazer ouvir uma pura continuidade de som musical, abolindo a inteligibilidade do texto falado.

Didier-Weill (1999) explica que o canto falado, que inclui a inteligibilidade do texto musical, demarca a lei simbólica. Essa lei é fundada na integração das escansões languageiras e é própria para transmitir o sentido simbólico do código. Por outro lado, a voz da diva remete a uma subversão dessa lei, pela pura sonoridade contínua da mãe.

Desde o princípio deste escrito, tentamos demonstrar que a necessidade é subvertida pelo significante. Onde a repetição busca o reencontro de *das Ding*; a revelação do *Real* pelo significante faz-se ponto inicial da organização do mundo no psiquismo. Significante que se desdobra em outros significantes, constitutivos de uma organização em cadeia simbólica. O sujeito, ascendendo à inteligibilidade da descontinuidade, adentra no funcionamento simbólico, mesmo que permaneça sob a ascendência originária da pura sonoridade materna, como aponta Didier-Weill (1999).

É o desejo materno, razão do interdito, que faz suspensão ao significante primeiro, mediante o qual o sujeito sai em busca de um segundo, terceiro, quarto, fazendo “rodar” a cadeia dos significantes pelos quais foi marcado seu aparelho psíquico. Parte de um S_1 que se desdobra até um segundo significante na cadeia a fim de capturar o objeto do desejo materno e, nesses desfiladeiros, encontra-se com sua condição de não capturável. Seu apelo a um significante que pudesse reduzi-lo a capturável torna infundável sua busca.

Cabe salientar que todos esses termos: signo, significado, linguagem... dão indícios da relação de Lacan com a Linguística, campo ao qual Freud não teve

acesso. Lacan busca, na Linguística, o jogo combinatório que opera “em sua espontaneidade, sozinho, de uma maneira pré-subjetiva” (LACAN, 1998/1964, p. 26). Com isso, diz que é essa a estrutura que dá estatuto ao *Inconsciente*. Em sua referência à Linguística, dá prevalência à estrutura pré-subjetiva da linguagem para dar estatuto ao *Inconsciente*. Foi com base nisso que Lacan pôde deduzir uma topologia que desse conta da constituição do sujeito.

Na intencionalidade de retorno da coisa alternante, vislumbramos um movimento topológico que demarca justamente o *Inconsciente* freudiano como entendido na leitura lacaniana. No movimento de abertura, encontramos um novo significante. Com isso, enfocamos que o significante não se faz equivaler à recuperação, mas traça a falta objetual referente à recuperação.

Desse modo, de um lado temos a função de corte do traço, marcador do sujeito na linguagem e referência ao *Inconsciente*; de outro, o trajeto em torno do reencontro, sempre faltoso, com o objeto. A primeira marca significativa é a insígnia a partir da qual o sujeito, na origem da dialética de sua relação com o Outro, contará os demais significantes. Cada significante oferecido a mais, como resposta, mantém a unicidade da retroação à expectativa de reencontro da *Coisa*, incidindo no ressublinhamento do *traço unário*. No *a posteriori* da repetição do *traço unário*, temos a marca simbólica que suportará a identificação imaginária do sujeito. (VORCARO, 1997).

O corte de onde se origina o primeiro significante tem uma função topológica de borda. É assim que a relação do sujeito com o Outro se engendra num processo de hiância. Nessa hiância, encontramos o sujeito do *Inconsciente*, que se busca, nos demais significantes, pela bateria da qual se constituiu.

Cabe ainda situar, no lugar prévio do sujeito originado em um significante que o representa para outro significante no arsenal do Outro, duas operações da lógica constituinte do sujeito: alienação e separação. Ambas são operações da classificação do sujeito em sua dependência significativa ao lugar do Outro (LACAN, 1998/1964, p. 196).

2.1.7 Duas operações lógicas essenciais

A primeira operação da lógica constituinte do sujeito, a alienação, é o que condena o sujeito a só aparecer na sua divisão fundamental, ligada à função da

dupla de significantes. Com os dois, temos também a função do sujeito. Desse modo, o fenômeno da alienação é que o significante representa o sujeito para outro significante, o que quer dizer que há *afânise*²⁶ de um dos significantes.

É a função da alienação que permite à Lacan (1998/1964), no seminário 11, apurar a tradução que havia dado ao *Vorstellungsrepräsentanz*²⁷, representante da representação, enfatizando que ele é um representante não representativo, o que dá a ele a condição de um significante binário (LACAN, 1998/1964, grifo nosso).

É esse significante binário a causa que constitui o ponto central do recalçamento primordial (*Urverdrängung*) de Freud, ponto de atração por onde serão possíveis os outros recalques, passagens ao lugar por baixo do significante. Na alienação, ele é localizado no primeiro acasalamento significante, no qual o sujeito é concebido no que o significante unário surge no campo do Outro e no que representa o sujeito para outro significante.

No seminário 11, para diferenciar o significante do significado, Lacan (1998/1964) usa uma barra como efeito de sentido. O sentido novo, criado por seu uso, corresponde ao engatamento de um significante no outro, no *Inconsciente*. O significante substitutivo, que vem no lugar do outro, constitui um efeito de metáfora e remete o outro significante para debaixo da barra, fazendo dele um significante recalçado, um “s” que representa a perda do sujeito.

A cada etapa da vida do sujeito, algo vem manejar o valor índice desse significante original.

Assim é percebida propriamente a dialética do desejo do sujeito como se constituindo pelo desejo do Outro [...] Eu lhes rogo considerar a necessidade lógica desse momento em que o sujeito como X só se constitui [...] pela queda necessária desse significante primeiro. (LACAN, 1998/1964, p. 237).

Lacan faz notar que, quando só há um significante, o primeiro, ele não se substitui ali. Nesse momento constituinte em que cai a significância, há o efeito de

²⁶ Derivado do grego *aphanisis* (fazer desaparecer), o termo *afânise* foi utilizado, em 1927, pelo psicanalista inglês Ernest Jones para retratar o desaparecimento do desejo sexual. Lacan, diferente de Jones, utiliza o termo para referir-se ao *fading* (esvaecimento) do sujeito.

²⁷ No seminário 6, Lacan (2016, 1958-59, p. 62) diz que “esse *Vorstellungsrepräsentanz* equivale estritamente à noção e ao termo significante”. Ele destaca a importância que Freud dá, no nível do recalque, ao *Vorstellungsrepräsentanz*. Lembramos que o “s” no alemão liga palavras compostas, no caso a ligação se dá entre *Vorstellung* e *Repräsentanz*. A significação entra em jogo na *Vorstellung*, já o termo *Repräsentanz*, o significante, deve ser tomado em polo oposto, deve ser registrado como tal, como pura diferença.

retorno, a fração, cujos efeitos de linguagem podem nos indicar. Se o denominador é zero, o valor é infinito, temos aqui um dos tempos constituintes do sujeito. O valor do sujeito se torna infinito, não infinito pelo fato de poder ter todos os sentidos, estar aberto a todos os sentidos, mas, ao contrário, por abolir todos os sentidos.

Esse significante que mata todos os sentidos funda a função da liberdade *Inconsciente* em relação a todos os sentidos, o que não quer dizer que ele não esteja determinado pelas significações dialetizadas na relação do desejo do Outro. É aqui que Lacan (1998/1964, p. 338) marca a hiância entre o fato de que o menos-um não é zero e que “[...] a um tal discurso os ouvidos se tornem surdos”. Antes de explorarmos a via de retorno do *vel* da alienação, a separação, esclareceremos o que estamos propondo com o *menos-um*.

Na alienação, localizamos o primeiro acasalamento significativo, no qual o sujeito é concebido quando o significante unário surge no campo do Outro. No efeito da *afânise*, se o sujeito aparece em algum lugar como sentido, no outro, é desaparecimento. Assim, para Lacan (1998/1964), a alienação não quer dizer que o sujeito está condenado ao campo do Outro, mas condenado ao *vel* em que só aparece como dividido. Como dissemos, o sujeito é *ou* sentido, *ou* desaparecimento. É da natureza do modo como o sentido vem a aparecer no campo do Outro ser eclipsado pela natureza do ser induzido pela função do significante. Lacan equivalerá o *vel* da alienação, na teoria dos conjuntos, à adição dos elementos, na lógica da reunião.

A via de retorno do *vel* da alienação é a separação, é por ela que o sujeito acha o “ponto fraco” do casal primitivo de significantes. Antes de adentrarmos na operação separação, marcamos que Lacan faz notar que há sempre uma operação mental e depois a outra, há uma ordem. Dessa ordem, colhemos o que já há, no número, implicado da presença do Outro, que Lacan (1998/1964) diz podermos figurar introduzindo o zero. Trata-se da presença do sujeito que, nesse nível da alienação, totaliza-se, campo da dialética cuja neutralidade aparente esconde a presença do desejo, ilustrada pelo efeito de retorno pelo qual responderá a separação. Ele salienta que é preciso dar passos à frente para a presença do desejo.

O *vel* da separação é representado nas teorias do conjunto pela intersecção, sendo constituído pelos elementos que pertencem aos dois conjuntos. A forma

lógica da segunda operação é dada pela *intersecção* que comporta o lugar vazio do ser do *infans* e a impossibilidade de o Outro, tesouro de significantes, recobri-lo com um significante qualquer.

Como esclarece Vorcaro (2017b), a relação entre o significante que representa o sujeito e o significante em posição de representante da representação (S_2) é ainda insuficiente para que o ser se enuncie: entre esses dois significantes é necessário que o sujeito se situe separado deles. (Informação verbal). A separação está na hiância e “termina a circularidade da relação do sujeito ao Outro, mas aí se demonstra uma torção essencial” (LACAN, 1998/1964, p. 202) na qual o sujeito terá de se engendrar no recobrimento de duas faltas.

Aqui, Lacan expõe a dialética dos objetos do desejo, que faz junção do desejo do sujeito com o desejo do Outro. E é justamente no intervalo significativo que “vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do desejo do discurso do Outro, do primeiro Outro [...] a mãe, no caso”. (LACAN, 1998/1964, p. 207). O desejo desse Outro está aquém do que ela diz, além do que faz surgir como sentido. Na intimação que o Outro faz à criança por seu discurso, nos intervalos desse discurso, a criança se pergunta: ele me fala isso, mas “*Que quieres?*” (“*Che Vuoi?*”) No intervalo, cortando os significantes, mora a metonímia, e é dessa falta do discurso do Outro que se inclina o desejo.

Tal desejo encontrar-se-á na dependência da demanda. Sendo essa articulada em significantes, deixa um resto metonímico, um elemento impossível e impegável que Lacan (1998/1964) chama desejo (d). Com isso, podemos dizer que entre S_1 e S_2 encontramos um objeto resíduo que porta a função d . É justamente à voz que Lacan reserva a condição de responder no lugar do objeto pulsional referente ao desejo *do* Outro. (grifo nosso).

À pergunta sobre o que quer o Outro, o sujeito responde com a falta antecedente, a sua própria, seu desaparecimento percebido pelo Outro. Para Lacan (1998/1964), há uma falta precedente com a qual o sujeito responde à falta objetual suscitada no tempo sucessor. Observamos que se abre um ponto de falta, ou melhor, um intervalo, intervalo entre S_1 e S_2 , uma descontinuidade que permite interrogar o desejo do Outro, e isso faz com que o sujeito constitua seu desejo como falta no Outro. O sujeito, diante desse ponto de falta, numa torção fundamental,

retorna ao ponto inicial, o de sua falta como sujeito, como *afânise* (ou sentido, ou desaparecimento).

É a partir disso que gostaríamos de tocar no “ponto que introduz a dialética do sujeito do *Inconsciente*”, o objeto da pulsão voz. (LACAN, 1998/1964, p. 229, grifo nosso). Esse objeto queda da hiância aberta de um significante unário até o S_2 , artesão, como o chama Lacan (2007/1975-76), suportando a falta do encontro ou o encontro faltoso. Trabalharemos, na próxima seção, a pulsão, “manifesta no desfiladeiro do significante, onde se constitui a dialética do sujeito no duplo termo da alienação e da separação”. (LACAN, 1998/1964, p. 252).

2.2 VOZ E PULSÃO

2.2.1 Os elementos pulsionais

Já introduzimos, na seção 2.1.2, a pulsão, conceito fronteiroço entre o anímico/psíquico e o somático em Freud (2015/1915). Exploraremos agora os quatro termos e os quatro objetos da pulsão. Os quatro termos, já descrevemos em Freud (2015/1915): impulso (*drang*), alvo (*ziel*), objeto (*objekt*) e fonte (*quelle*). Quanto aos objetos, Freud (1996/1905; 2015/1915) estabelece três: seio, excremento e olhar, pensados a partir dos orifícios que se abrem para o mundo – boca, ânus, olhos – lugares de mediação com o outro. A esses objetos parciais sexuais, veremos somar-se a “voz” com Lacan.

Chamamos a pulsão de parcial sexual porque atinge a satisfação sem atingir a totalização biológica da função sexual, a reprodução. (FREUD, 2015/1915). Do mesmo modo, entendemos, com Lacan (1998/1964), que não é por uma questão de desenvolvimento que se passa de uma pulsão a outra, da pulsão oral à anal, por exemplo. Esses objetos não são hierarquizados, o que impossibilita conferir às pulsões uma ordenação. Vejamos de que modo podemos situar a pulsão sexual.

Freud (2016/1905) desenvolve a ideia de pulsão sexual em seu trabalho “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”. Segundo Garcia-Roza (2009), Freud tinha nesse texto a proposta de perverter as teorias pré-existentes, assentadas sobre os instintos, por meio do conceito da Pulsão (*Trieb*), que ele concebe como um desvio do instinto. Para Freud (2016/1905), enquanto os instintos possuem padrões fixos de conduta ligando objeto e objetivo e têm como função a reprodução, denotando a

preservação da espécie, na pulsão, o padrão de ligação entre objeto e satisfação é fixado durante a história do sujeito. Já nesse texto Freud especifica a variedade objetual da pulsão, de modo que ela é, em primeiro lugar, independente de seu objeto.

Consideramos os três ensaios freudianos um marco definitivo em toda a teoria psicanalítica. Ele especifica a qualidade perverso-polimorfa da sexualidade infantil. Na época em que Freud escreveu esse texto, as perversões eram descritas como atividades sexuais que se estendiam para além das regiões do corpo que se destinam à união e reprodução sexual. Para Freud (2016/1905), toda pessoa sadia deveria acrescentar algo perverso no objetivo sexual, sendo que a perversidade já era um elemento observado na primeira infância. O próprio conceito de uma sexualidade na infância, negado pelo adulto por meio da amnésia desse período do desenvolvimento, é revelado pela psicanálise freudiana.

O extrato sexual mais primitivo da sexualidade infantil é o *autoerotismo*. Anterior ao narcisismo, o autoerotismo exige somente sensações locais de satisfação. Relativo à pulsão, trata-se de um estado no qual a pulsão sexual não precisa recorrer a um objeto externo, pois encontra satisfação ligada a um órgão ou à excitação de uma zona erógena no próprio corpo.

Já observamos, em nossos quatro termos da pulsão, que originalmente elas mantêm relação com as funções vitais, que fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto. Com esses primeiros ensaios freudianos, em que vemos a exploração do conceito de pulsão, fica evidente que o apoio à função vital, não é o apoio da criança na mãe, mas o da pulsão nas funções somáticas vitais, o próprio instinto, como esclarece Garcia-Roza (2009). Na amamentação, o objeto da necessidade não é o seio, mas o leite. O que satisfaz a fome é a ingestão do leite. Mas, ao mesmo tempo, há excitação dos lábios e da língua, sendo o objeto da pulsão sexual o seio materno. É dessa forma que a pulsão sexual pôde ser entendida como o desvio do instinto.

Vamos rever os quatro termos da pulsão freudiana com o suporte de Lacan (1998/1964). O *impulso* é do nível da necessidade, da fome, da sede. Destacamos que Lacan (1998/1964) reserva um caráter de superfície a esse nível do organismo *Real-Ich* que é suportado pelo sistema nervoso, e não pelo organismo inteiro. Essa superfície é investida pulsionalmente por uma força. Essa força não é de energia

cinética, que se rege pelo movimento; ela não tem ritmo, não é biológica, não tem dia e noite, não tem subida e descida.

Já as zonas erógenas, as *fontes*, têm uma estrutura de borda, uma hiância, como a boca que se abre para abocanhar o seio na pulsão oral. A erogeneidade é definida por Freud (2014/1914) como a atividade em que um lugar do corpo envia à vida psíquica estímulos sexuais excitantes. Ela é uma propriedade geral de todo o corpo, sendo que uma parte desse pode ter aumento ou redução dos estímulos. São chamadas zonas erógenas esses lugares do corpo, para Lacan (1998/1964), a borda remelenta de nossas pálpebras, nossa orelha, nosso umbigo, também servem como bordas.

Quanto à satisfação, o *alvo*, ele sustenta um interesse especial em um dos quatro destinos da pulsão, na sublimação, em que a satisfação é inibida quanto a seu alvo. Para Freud (2016/1905), a sublimação refere-se à satisfação pulsional ligada a outro campo que não o sexual. Para Lacan (1998/1964), está aqui o ponto principal do alvo da pulsão, que ela não o atinge. É nesse nível do alvo não atingido que Lacan retifica o que está no nível de toda pulsão, porque isso põe em jogo a categoria do impossível. Trata-se aqui de um dos registros psíquicos, do *Real*, *Real* como obstáculo ao princípio do prazer, cuja economia admite o impossível.

Com isso, Lacan (1998/1964) pôde sustentar que o impossível não é o contrário do possível e que o princípio do prazer não se arranja tão facilmente. Tal fato fora apontado pelo próprio Freud (2010/1920), no trabalho “Além do princípio do prazer”, no qual questiona a harmonização do princípio do prazer mediante exemplos como as vivências dolorosas repetidas nas brincadeiras infantis e os sonhos de guerra dos soldados.

No sobrepujo do princípio do prazer, podemos pensar a função da pulsão: apreender que não é por aí que ela se satisfaz, na medida em que nenhum objeto da necessidade pode satisfazê-la. Pensemos na pulsão oral, nenhum alimento a satisfaz, e é por esse fato que o objeto pulsional é introduzido. O objeto “não é o alimento, não é eco de alimento”, nem de cuidado de mãe; é algo que vai sozinho, é o seio contornado, bordeado e escamoteado pela pulsão. (LACAN, 1998/1964, p. 160, grifo nosso).

Adentramos aqui no *objeto* da pulsão, que não está nem no sujeito nem no órgão, mas no entre que os separa, ele é o sinal da falta e da perda. É nesse sentido

que Lacan (2005/1962-63) diz que o seio é amboceptor, não está nem lá, na mãe; nem cá. Com Freud, entendemos que ele surge como substituto do objeto primordial perdido e reinscreve seu estatuto diferencial para com a satisfação mítica que deu origem à série. Lacan o nomeia a^{28} . Objeto a da álgebra lacaniana, “nossa álgebra”, como menciona no seminário 11. Esse objeto funciona no nível da falta $-\varphi^{29}$ (lê-se: *menos fi*). Para Lacan (1998/1964, p. 101), “O objeto a é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão. Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo [...] como fazendo falta.”

Segundo Lacan (2005/1962-63), a função da falta não existe no *Real*, somente por intermédio do *Simbólico*, de uma introdução prévia do *Simbólico* no *Real*, trata-se da falta que presentifica o que não está presente, que presentifica uma ausência. Para tanto, é preciso, inicialmente, que haja um objeto separável, como o seio, para depois ter alguma relação com a falta.

Destacamos que esse objeto não está nem na mãe nem no bebê. Do mesmo modo, o corte do objeto não se dá no mesmo lugar para os dois. Como amboceptor, o seio chapado chupa o organismo da mãe. O seio é algo que está separado do sujeito, mas lhe pertence e nele o sujeito se completa. O ato em que, espantada, a criança vira a cabeça, ao se afastar do seio, mostra que esse seio pertence à mãe somente de modo aparente. Como Lacan (2005/1962-63) aponta, a pulsão é invaginação, na qual o objeto desliza para dentro, é algo que se furta em nível de captação. Por outro lado, há uma exposição interior, o objeto deve ser situado no exterior e realiza-se ao ligar-se a alguma coisa do interior onde encontra sua satisfação.

Assim, não é o desmame que faz do peito um objeto perdido. Remor (2015) esclarece que o objeto primordial freudiano, na leitura de Lacan, nunca houve como próprio, é como a placenta perdida: nem mãe, nem bebê. Nesse sentido, a se assemelha ao falo, representação da falta, presença da ausência. O falo era definido, até o décimo primeiro seminário de Lacan, como um dos termos da função do pequeno a : entre o oral, o anal, o escópico e o invocador.

Foi no seminário anterior a esse, o seminário de apenas uma lição – “Introdução aos Nomes-do-Pai” - que Lacan (2005, 1963) explicitou o quinto objeto,

²⁸ Utilizaremos a grafado minúsculo e itálico sempre que nos referirmos ao objeto pulsional revisto por Lacan, do mesmo modo que o autor.

²⁹ Lacan utiliza a vigésima letra do alfabeto grego em minúsculo: φ , precedida pelo sinal da subtração: -, para representar a castração imaginária.

o que nos interessa: a voz. No seminário 10, já havia situado as diversidades com que *a* se relaciona ao modo como o desejo do Outro é apreendido pelo sujeito. No quarto termo, por exemplo, trouxera o olhar fundador do espelho, nível *i(a)*, onde a aparência mascara a angústia do desejo.

Ao tratar da função do pequeno *a* e da sua relação com o desejo, na única lição introdutória, diz que já havia chegado ao quinto termo da função pequeno *a*. Sigamos o curso das cinco formas que ele trabalha nesta lição:

1. A função do objeto oral, primeira forma, só pode ser compreendida se o objeto, no momento em que se separa do sujeito, for introduzido na demanda do Outro. No apelo em direção à mãe, desenha-se, sobre o objeto *a*, o além onde está o desejo do agente do Outro.
2. A função da segunda forma, o objeto anal, está em conceder o objeto, ao soltar o excremento fezes, dominando a demanda do Outro, “ou seja, seu desejo, que ainda permanece ambíguo”. (LACAN, 2005/1963, p. 67). É nesse nível que o sujeito se agarra à oblatividade³⁰.
3. No nível genital, Lacan situa o objeto fálico que logo será abandonado como objeto da pulsão na hiância da castração. Sua função é delimitar que o desejo está sempre separado do gozo por uma falha central.
4. Já no nível da pulsão escópica, sua essência, é que o sujeito é cativo da função do desejo, é aqui que o objeto é estranho. O objeto é aquele olho que representa tão bem o equivalente do órgão a ser castrado, como no Édipo³¹, mas não é absolutamente disso que se trata. Para Lacan (2005/1963), na pulsão escópica, o que sai do sujeito e o enfrenta não é o verdadeiro *a*. Ele é um complemento à imagem especular, *i(a)*. O sujeito encontra o mundo como espetáculo que o possui e é arrebatado pelo espetáculo. Regozija-se, acreditando desejar porque se vê como desejado, não percebe que o Outro quer lhe arrancar é o olhar – fonte de seu desejo próprio.
5. Finalmente, Lacan chega ao quinto termo da função pequeno *a*:

Foi assim que os conduzi à porta a que chegamos agora, a do quinto termo da função do pequeno *a*, por meio do qual vai mostrar-se o leque do objeto em sua relação pré-genital com a demanda do Outro pós-genital e com esse

³⁰ Um sacrifício de si mesmo para satisfazer as necessidades de outrem.

³¹ Édipo, personagem da mitologia grega, mata o pai biológico e casa-se com a própria mãe, sem saber. Quando, anos depois, Jocasta e Édipo descobrem que são mãe e filho, ela comete suicídio e ele fura os próprios olhos por ter estado cego e não ter reconhecido a própria mãe.

desejo enigmático em que o Outro é o lugar do chamariz sob a forma do a. No quinto termo, o a do Outro é, em suma, a única testemunha de que o lugar do Outro não é apenas o lugar da miragem. Não nomeei esse pequeno a [...]. (LACAN, 2005/1963, p. 70).

Em seu próximo seminário, Lacan (1998/1964) exclui o falo enquanto objeto pulsional, mantendo os demais objetos funcionando no nível da castração³². Seguem-se os quatro termos referidos a seus respectivos objetos. No nível oral, o objeto é aquilo do qual o sujeito foi desmamado, que aparece como privação. O nível anal é o lugar da metáfora, das fezes no lugar do falo, recurso de dar outra coisa. O nível escópico não está mais no nível do pedido, mas no nível do desejo do Outro, mesmo nível da pulsão a qual Lacan chama de invocadora e que tem a característica de ser a mais próxima da experiência do inconsciente.

Dessa forma, há dois objetos que concernem à demanda: objeto oral e anal, e dois objetos que vão mais além, os objetos relativos ao desejo Outro. Como especifica Assoun (1999), o olhar e a voz fazem parte da segunda díade de objetos propostos por Lacan para explicar o objeto a, precipitado na função da falta. Em suas versões escópica e vocal – é o autor quem usa o termo vocal – o olhar seria relativo ao desejo pelo Outro, e a voz, relativa ao desejo do Outro – como já expusemos.

Lacan já havia enunciado que poderíamos partir da abordagem fenomenológica para situar a relação com a voz do Outro como objeto caído do Outro, o faremos neste escrito. Lacan (2005/1963, p. 71), porém, acentuou que não poderíamos esgotar sua função estrutural a não ser dirigindo a interrogação para o que é o Outro como sujeito. É a partir do Outro que o a assume seu isolamento e é na relação do sujeito com o Outro que ele se constitui como resto. Esse resto é a *Coisa*, que Freud deixou cair, cuja função irreduzível sobrevive à prova do encontro com o significante puro. (LACAN, 2005/1962-63). Para dar sequência, é preciso que apresentemos a dialética do desejo do sujeito originado no desejo Outro, passando pela dialética em jogo no circuito pulsional e pela identificação transativista.

³² Castração é um termo utilizado por Freud e relido por Lacan em sua teoria sobre o significante. Lacan, ao tratar da castração e do objeto, situa a castração como uma representação simbólica de ameaça de desaparecimento – não ser mais tudo o que a mãe deseja, sua completude – uma passagem que permite vetorizar o desejo na direção da busca fálica e que aponta à incompletude.

2.2.2 O sujeito do desejo Outro

Até o momento, trouxemos o Outro primordial na condição daquele que porta os primeiros significantes, imprimindo-os sobre o *infans*, submetendo-o aos registros estruturais da linguagem. Foi nesse sentido que abordamos que o sujeito, ainda desconhecido, surge onde pode ser lido no Outro como demandante. Além disso, salientamos a forma descontínua, ritmada, com que a matriz simbólica se inscreve no *infans*, fazendo surgir o sujeito na hiância em que um significante remete-se a outro significante. O desejo Outro manifesta-se no que a articulação significante deixa cair de significação, sendo o objeto pulsional o que aparece como resto dessa operação. O Outro está pressentido em falta porque há um resto que sobrevive à prova do encontro com o significante, resto irreduzível na operação total do advento do sujeito no lugar do Outro. (LACAN, 2005/1962-63).

É a pulsão que domina o intervalo entre dois significantes, ao mesmo tempo em que se conforma com a estrutura da linguagem, redobrando-se sobre a superfície já revestida desde o *traço unário*. Duas faltas se recobrem: uma, relativa à dialética do sujeito por sua relação com o Outro, pelo fato de que o sujeito depende do significante que está primeiro no campo do Outro; e outra, retomada pela falta real anterior, a do objeto primordialmente perdido, representada pela pulsão. (LACAN, 1998/1964).

O objeto original da pulsão foi apresentado como um vazio, cavo que deve ser contornado pelo trajeto da pulsão. O trajeto compreende que algo que sai de uma borda reduplica sua estrutura fechada, assegurando somente o contorno do objeto. Nesse sentido, a função da pulsão está diretamente relacionada com o contorno de seu objeto, que se apresenta no intervalo entre a ida e a volta, entre a partida impulsiva e a chegada insatisfeita.

Segue o trajeto em circuito: o impulso (*Drang*) atravessa uma superfície constituída como borda – na teoria freudiana, a fonte (*Quelle*) –, a zona da pulsão erógena, para atingir seu alvo (*Ziel*)³³, sendo o alvo seu retorno em circuito. Desse modo, o circuito parte do impulso que sai da borda erógena para a ela retornar, como seu alvo, após ter feito o contorno no objeto. É por esse circuito que o sujeito atinge a dimensão do Outro. (LACAN, 1998/1964, grifo nosso).

³³ Esse alvo, Lacan o toma por duas vias, recorrendo à língua inglesa, como *Aim* – trajeto, e como *Goal* – atingir o alvo, fazendo dele seu retorno em circuito.

A circularidade pulsional é remetida às razões gramaticais de inversão do sujeito e do objeto, já presentes no texto de Freud (2016/1905). Lacan (1998/1964) afirma que é apenas utilizando o recurso de língua, os polos ativo e passivo do verbo, que Freud, numa reversão fundamental, faz circular o percurso da pulsão. São os polos “ver/ser visto” freudianos aos quais Lacan soma o tempo reflexivo, argumentando que Freud falou de um terceiro tempo, o tempo de “um novo sujeito”, tempo de fechamento de um curso circular.

Transcrevendo os três tempos para seu trabalho clínico com bebês, Laznik (2004) os exemplifica. No primeiro tempo, ativo, o bebê vai em busca do objeto; ele pode ser observado no bebê que busca o seio da mãe. O segundo, passivo, tempo autoerótico em que o bebê se satisfaz pulsionalmente com seu próprio corpo, é denotado no bebê que chupa o próprio dedo. Quanto ao terceiro tempo, reflexivo, no qual ele se faz objeto de um “novo” sujeito, vemos o bebê regozijar-se ao se oferecer para ser chupado pela mãe, ele ergue seu pezinho, sua barriguinha..., a fim de que ela o abocanhe com gozo. Esse terceiro tempo é fundamental aos demais, trata-se de “fazer-se” objeto para o outro. (grifo nosso).

No contorno do objeto, temos a função que se dá num “se” onde está o alvo, “se” do “se” fazer, “se” fazer sofrer, “se” contentar. (LACAN, 1998/1964, grifo do autor). Para a satisfação do circuito da pulsão oral, por exemplo, trata-se de se fazer chupar, fazer-se comer. É no fechamento desse curso que o *infans* reverte a direção da demanda, demonstrando o caráter significante do objeto.

Com Lacan (1998/1964), entendemos que é por ser parcial e também por só encontrar o Outro barrado que o alvo da pulsão é o retorno em circuito. Partindo do entendimento do circuito como a reversão da demanda, também entendemos que a passagem de uma pulsão a outra não se dá por maturação – como já apontamos –, mas pelo reviramento da demanda do Outro. No exemplo oral, no qual nos apoiamos para a questão alimentar, observa-se que a demanda de ser alimentado é resposta ao Outro que demanda ao bebê deixar-se alimentar.

Quando uma mãe diz a seu filho “ele está com fome”, sustenta o propósito de uma hipótese de demanda, essa hipótese dá consistência simbólica, ela mesma é simbólica porque nenhum referencial pode lhe atestar a certeza, ela se situa no lugar do Outro. Para Bèrges e Balbo (2002, p. 28), é o transitivismo que permite ascender ao terceiro tempo da pulsão, tempo do surgimento do novo sujeito, “outro

semelhante, graças ao qual os retornos concernentes ao objeto e as inversões concernentes às metas são possíveis”.

O transitivismo é o processo no qual a mãe faz uma hipótese de um saber em torno do qual seu apelo vai circular, para retornar a ela sob a forma de uma demanda, demanda que ela supõe ser a de uma identificação do filho com o discurso que ela lhe dirige. “Quando a mãe faz a hipótese de uma demanda no filho é porque formula a hipótese prévia de que o filho vai articular essa demanda ao desejo dela.” (BERGÈS E BALBO, 2002, p. 33). Ela supõe desejo por ela mesma e, se não o faz, não pode fazer a hipótese de uma demanda. Assim, a demanda suposta no filho é o relançamento do seu próprio desejo de mãe. Tal relançamento é dinamizado também pela atividade erotizada no filho.

A partir da observação de bebês e dos cuidados maternos, Freud (2010/1911) apontou que as descargas motoras dos gritos e do esperneio eram a revelação do desprazer do bebê, descargas essas que ele utilizará posteriormente como expressão de seu desprazer. É o relançamento do próprio desejo de mãe que modifica a demanda e justifica essas atividades motoras da criança.

Isso porque a atitude carinhosa dos pais em relação aos filhos é reprodução do narcisismo próprio abandonado, é isso que dá o cunho de superestimação desse investimento objetual no bebê. Como explicita Freud (2014/1914), as mães oferecem à criança um amor pleno de objeto por meio do narcisismo secundário. Ela ama, na criança, o que ela mesma é. Tal fato leva à atribuição de perfeição à criança, “*sua majestade, o bebê*” (*His Majestad the Baby*). (grifo nosso). O amor dos pais é o narcisismo renascido transformado em amor de objeto.

Mas a mãe não pode entregar-se aos excessos do gozo, ela funciona no domínio simbólico, de modo que inscreve um corpo de linguagem. No transitivismo, o agente materno incita à identificação com o seu discurso, com o qual a criança toma corpo. (VORCARO e RESENDE, 2016).

A mãe, agente do discurso transativista, estabelece a mediação separadora ao nomear a coisa sofrida pela criança remetendo-se ao seu próprio corpo, lembrando ter um corpo e, por essa via, interceptando uma identificação direta entre corpos. É o que será testemunhado pela criança que sofre um golpe e, após escutar o discurso transativista do semelhante, chora secundariamente. “A passagem, do corpo da mãe

ao do filho, graças ao transitivismo, faz-se no campo simbólico, a saber, seu dizer sobre seu próprio corpo” (BERGÈS e BALBO, 1992, p.91).

De sua fala, uma mãe intimida o filho. Isso tem como consequência, então, que, diante disso, o filho chora. Temos aqui a primeira falta relativa ao transitivismo, é a falta encontrada pelo sujeito no Outro, em que a mãe transativista diz a seu filho que, daquilo que experimenta, não sabe nada. Ela também não sabe.

Por ser dividida, a mãe jamais poderá responder, e o filho concebe um objeto *a* do qual pode imaginar o $-\varphi$ de sua mãe. (BERGÈS e BALBO, 2002). A aparição do sujeito, no nível do outro, diz respeito justamente ao tempo em que a falta do Outro, por ser o agente desejante, se preenche no próprio sujeito, que ativamente se faz objeto. Assim, há uma diferença: o sujeito transativa o discurso Outro e se identifica ao discurso Outro. (grifo nosso).

Há, ainda, a segunda falta em jogo no transitivismo, na qual a criança se interroga sobre o que foi experienciado pela mãe, experiência que falta ao discurso no Outro, quando questiona, por exemplo, “*Por que você me disse isso?*”, substituto do choro. (grifo nosso).

É preciso que possamos distinguir a identificação primordial ativa, que é transitiva e tem em vista o corpo, da identificação secundária passiva, intransitiva, que tem em vista o *Eu*. É justamente no que concerne à identificação que tem em vista o corpo que relacionamos a pulsão em seu circuito – sob o qual se estabelece o corpo-linguagem.

É somente quando a criança, e não a mãe, transativa; dizendo “ai” no lugar do outro semelhante que se machuca, que temos o significante emergindo no campo do Outro no sujeito. Para Bergès e Balbo (2002), trata-se de um relançamento do *vel* da alienação no transitivismo, quando o sujeito faz ouvir o “ai”, afeto que se originou no que foi escutado de sua mãe, não no experimentado. Para tanto, é preciso que tenha implantado o *vel* da alienação, que Laznik (2004) e Catão (2009) designam ocorrer no terceiro tempo da pulsão.

A partir do processo em que questiona o desejo do Outro, o sujeito transativa no Outro; nesse lugar de onde surge o “ai”, há criação de um significante ligado ao afeto que estava dele desprovido. Para Bergès e Balbo (2002), a atribuição de corpo e a identificação imaginária caminham juntas. É porque uma mãe atribui um corpo ao filho que este se identifica ao discurso que ela sustenta a esse respeito.

A identificação transativista primordial é “um processo pelo qual os traços são deixados à espera de uma inscrição significante e simbólica posterior”. (BERGÈS e BALBO, 2002, p. 52). O transativismo que se produz entre a mãe e a criança é preâmbulo de duplo desconhecimento e não de conhecimento. O desconhecido antecede e origina a pulsão e o transativismo, ele é uma absoluta necessidade lógica para a qual o discurso transativista impõe limites por meio do discurso articulado ao lugar do Outro – especialmente a mãe. É aqui que alguma coisa vem trazer, ao absoluto, o simbólico de uma borda. O recalçamento, a identificação ativa/transitiva e a identificação passiva/intransitiva concorrem para a constituição dessa borda.

Se o sujeito se apresenta ao Outro com sua pulsão, mas não encontra significante ao qual se ordenar, falta significante que faça disso simbólico. Como vimos, o sujeito é representado por um significante função para outro significante, que tem lugar de funcionamento, isso vale para tudo o que diz respeito às pulsões. Assim, o desconhecido exigirá do psiquismo uma representação para se fazer conhecer. Diante disso, Bergès e Balbo (2002) perguntam-se qual a contribuição transativista para o direcionamento pulsional?

Em resposta, afirmam que o transativismo permite ejetar o objeto *a* que faz tampão ao desconhecimento – materno ou outro –, mesmo lançando a função de reencontrá-lo para novo tamponamento. Se não há transativismo, *a* faz tampão, e os “*a*”s da mãe e da criança são comuns: nada de divisão/separação. Temos aqui uma das funções da voz, como exposto em Lacan (2005/1963): testemunhar que o lugar do objeto *a* não é apenas o da miragem. A voz mostra o leque do objeto em sua relação com o desejo enigmático em que o Outro é o lugar do chamariz.

Ao contrário do objeto escópico, o objeto invocante ultrapassa a ocultação da angústia no desejo ligado ao Outro. Tudo que é revelado na função da voz está mascarado na função do olho. Desse modo, a voz denunciaria o enodamento do desejo com a angústia. (LACAN, 2005/1962-63).

Associaremos essa percepção à hipótese de Porge (2012; 2014), segundo a qual o objeto pulsional voz é relativo ao sujeito em sua divisão. É na medida dessa divisão que poderemos trazer a voz subjetivadora do terceiro tempo pulsional e a assunção da própria voz. (VIVÈS, 2012).

2.2.3 O tempo reverso da pulsão invocante

Inicialmente, nos ocuparemos dos três tempos da pulsão invocante como descritos por Vivès (2012). O primeiro tempo consistiria em *ser ouvido*, momento mítico que corresponderia ao grito. Nesse tempo, o sujeito ainda não existe, a posição ativa só será percebida como tal no “só depois” do encontro com o Outro. Quanto ao segundo tempo, *ouvir*, corresponderia à aparição do agente do Outro que responde ao grito. Em relação ao terceiro, *se fazer ouvir*, trata-se do tempo do sujeito em-via-de-tornar-se, que assume a própria voz em busca do ouvido do Outro para dele obter uma resposta. O terceiro tempo de Vivès também é o tempo da posição subjetiva em que o sujeito constitui o Outro não surdo, capaz de ouvi-lo.

Sua proposição aproxima-se da perspectiva de Didier-Weill (2014), de que se trata de uma pulsão de escuta. Didier-Weill retoma o circuito pulsional, assim como o fez na década de 70, durante um dos seminários proferidos por Jacques Lacan, no que se relacionam aos diferentes tempos em que se articulam duas ou três torções localizáveis entre o sujeito e o Outro. Baseado no reviramento da pulsão invocante em pulsão de escuta, suas ideias começaram a ser construídas por relação à música, em razão da emoção vivenciada ao escutar uma música e dos diferentes tempos pelos quais se produzem efeitos da música no ouvinte.

Para ele, inicialmente é como ouvintes que funcionamos ao escutar uma música, como se a música trouxesse uma resposta e a antecedência de uma questão que portávamos como Outro. A música antecede a questão “*Que queres?*”, a qual já nos referimos, e com isso descobre-se que um sujeito já teria escutado em nós essa questão. Esse sujeito lhe responde com a sua produção musical.

Como isso se articula com o desejo do Outro? Lembremos que se trata do Outro do sujeito. Se há em mim, como Outro, um desejo, uma falta, essa falta é inspiradora. Quem a recebeu não foi paralisado por ela, mas inspirado por ela, e a música é o testemunho de sua inspiração.

Em que sentido as considerações de Didier-Weill se articulam com nosso trabalho sobre a voz? Já em 1999, o psicanalista dizia que o *infans* pode ser equiparado ao ouvinte da música assim como o som da voz materna, ao produto do compositor musical. Dessa forma, a voz materna é inspirada pela falta e é o testemunho de que essa falta é “libertadora”. Libertadora de quê? Para Vivès (2012), a pulsão invocante põe em cena o processo pelo qual uma voz – a da mãe – que se

dirige, por meio de uma exterioridade absoluta, a um sujeito suposto, cessa, em dado momento, de ser causa exterior para tornar-se causa íntima de um sujeito que é levado a descobrir a finalidade de sua vocação: fazer ouvir sua própria voz. Libertadora na medida em que autoriza o sujeito a falar com sua própria voz, endereçada ao outro.

Falando em voz materna, podemos retomar, com o *mamanhês*, a vinculação que outrora trouxemos sobre o empuxo vocal para a linguagem. Além de ser forte chamarisco ao pequeno apetente simbólico, essa voz também é considerada importante amenizador da interdição materna, possibilitando que a mãe usufrua do gozo pelo corpo *infans*, ultrapassando o interdito pelo qual é constituída. (CATÃO, 2009; JERUSALINSKY, J., 2004; LAZNIK, 2004; VIVÈS, 2012). Jerusalinsky, J. (2004), por exemplo, diz que o *mamanhês* é uma produção materna no intuito de recobrir parcialmente a inevitável castração que a língua comporta, mas, ao mesmo tempo, ele fica situado como efeito da castração.

Quanto ao fato de ser forte empuxo ao gozo materno, essa voz foi metaforizada por alguns psicanalistas por meio do mito do canto das sereias. (BENTATA, 2009; LAZNIK, 2004; VIVÈS, 2009b). Sedutoras, assim foram conhecidas as sereias, esses seres popularmente ditos parte mulher – parte peixe; contudo, originalmente parte mulher – parte pássaro. São seres mitológicos que habitavam os rochedos entre a ilha de Capri e a costa da Itália. Suas características mais conhecidas eram a beleza e a linda voz, além de também serem descritas como excelentes musicistas, fazendo desses atributos suas marcas da sedução. Elas atraíam, por meio de seu canto, navios para as costas rochosas da ilha, fazendo com que eles afundassem. Após o naufrágio, as sereias devoravam os corpos dos marinheiros afogados.

As sereias foram mencionadas pela primeira vez no canto XII da Odisseia. Odisseia é, depois da Ilíada, o principal texto que foi reunido sob o nome de Homero, na cultura grega. É um poema elaborado ao longo de séculos de tradução oral, tendo tido sua forma fixada por escrito provavelmente no fim do século VIII a.C. O nome Odisseia é oriundo de seu personagem principal, Odisseu. Odisseu ficou conhecido pela tradução latina como Ulisses e é esse o nome que utilizaremos.

O poema relata o regresso de anos do herói Ulisses a sua terra, Ítaca. Ulisses era rei da ilha de Ítaca e se juntou a outros gregos na guerra contra Troia. Depois

que venceram, ele e seus homens navegaram pelo Mediterrâneo tentando voltar ao reino. Cada capítulo da Odisseia narra uma situação enfrentada por Ulisses. Uma das dificuldades foi escapar da sedução das sereias. Para escapar, Ulisses é orientado por Circe, a deusa-feiticeira, ela avisa que ele encontrará sereias que seduzem todos os homens que delas se aproximam e que, quando eles ouvem seu canto, estão perdidos. Circe diz que Ulisses pode escutar o canto, mas que deve pedir aos companheiros a bordo que o amarrem com cordas no convés do navio. Diz, ainda, que deve tapar os ouvidos dos demais marinheiros com cera e orientá-los a amarrá-lo mais forte caso peça para soltá-lo. (HOMERO, 2001).

Seguindo-a, ao aproximar-se da ilha, ele tapa os ouvidos dos marinheiros com cera e solicita-lhes que o amarrem ao mastro da embarcação. Parece-nos interessante que, na estratégia de Ulisses, ele evitava que seus companheiros ensurdescessem não somente à voz das sereias, mas ao seu próprio apelo para que o desamarrassem. Além da voz implícita no canto, as sereias seduziam com uma promessa de gozo e de saber. Afirmavam que todas as coisas sabiam e, em seu chamado, prometiam-lhe que prosseguiria mais instruído caso deleitasse com elas. (HOMERO, 2001).

Também encontramos as sereias na lenda de Jasão e dos Argonautas. Jasão, outro estrategista-herói que não sucumbe às sereias, assim como Ulisses venceu com suas amarras. Muito menino ainda, Jasão sofreu as amarguras do exílio porque seu pai, herdeiro do trono, foi derrubado do poder por seu meio-irmão. Na adolescência, Jasão resolve reivindicar o trono junto ao tio e apresenta-se ao rei pedindo que lhe entregue o poder. O rei finge aceitar, no entanto, na esperança de se desvencilhar do sobrinho, propõe uma troca: lhe dá o trono desde que Jasão lhe traga o Velocino de Ouro. Jasão aceita e, para sua missão, manda construir um grande navio, denominado Argo. Ele convida os heróis mais valentes da Grécia, entre eles, Orfeu, o poeta-cantor encarregado de ritmar a cadência dos remadores.

Após enfrentarem alguns desafios, chega o momento de atravessar o mar com as sereias. Orfeu, que tinha o dom da música, fora então requisitado para ensurdecer seus companheiros das vozes suaves das sereias. Coube-lhe, então, sobrepajar, com sua canção (*ária*) e seu instrumento (*cítara*)³⁴, a voz das sereias

³⁴ Instrumento de cordas esticadas dentro ou sobre uma caixa de ressonância.

que seduziam os navegantes. Tarefa árdua, pois foi preciso que também gritasse ao capitão para que acordasse do encantamento das sereias. (GALITO, 2001).

Por que o canto de Orfeu não é suficiente para salvar a todos das sereias? Vivès (2012) diz que, na sereia, a voz ocupa o que está antes da cena, a voz real próxima ao grito, um fragmento de voz desatrelado de suas amarras simbólicas, o mais próximo do objeto errático *a*.

O texto grego marca três elementos da voz, há uma alternância entre os termos que designam o canto sedutor das sereias. A primeira das expressões, *phthoggos*, designa a voz enquanto grito, um puro som que traz em si algo de inarticulado. A segunda, *op's*, é relativa à sedução, nela predomina a harmonia. A terceira, *aoíde*, refere-se ao hino, associado ao saber prometido. (BENTATA, 2009, grifo do autor).

Apontando a constância entre o vaivém dessas três diferentes qualidades atribuídas à voz das sereias e associando-as ao movimento de subjetivação, Bentata (2009) faz uma correspondência: (1) a voz/grito equivaleria ao *Real*, reduzindo toda a significação e prometendo um gozo sem limites; (2) a voz suave, cantada, marcaria o tempo em que o significante da presença da mãe é a sua voz, no qual a marcação das palavras antecipa algo da ordem significante; e (3) o terceiro elemento marcaria a promessa de saber das sereias.

Dessa forma, o autor delimita o gozo e o significante relativos à mesma voz que aqui estamos associando à voz-empuxo materna, lembrando que falamos da voz relativa à sonorização. Ele diz que a voz que toma corpo estabelece uma dimensão pulsional ligada ao objeto sonoro, cuja função é complexa, pois o órgão fonador é capaz de produzir seu objeto sem necessitar da intervenção do Outro. A primeira voz do bebê, de dimensão real, só duraria um breve instante e logo seria grito apelativo, apelo imperativo ao Outro, dimensão simbólica.

Já a voz suavemente cantada pela mãe marcaria o tempo em que o significante da presença da mãe é a sua voz, à qual já nos referimos no capítulo anterior. Quando a escuta, o bebê fica muito excitado e coloca-se, por exemplo, a mamar compulsivamente, diz o autor. (BENTATA, 2009).

O terceiro tempo marca um saber sobre o nome, tempo de nomeação, uma vez que é a partir desta travessia que Ulisses conta sua história. Até ali, chama-se ninguém e andava errante. Após o encontro com as sereias, dirige-se para seu lugar

de origem - Ítaca. O autor equipara esse movimento ao de subjetivação – ao sujeito que se constitui no campo do Outro – a partir do tempo reverso da pulsão.

Há ainda uma terceira versão do Mito, que Vivès (2009b) expõe mediante sua leitura da obra de Kafka. Ela data do início do século passado e propõe o silêncio das sereias e a surdez de Ulisses. Nessa versão, o silêncio das sereias seria o que haveria de mais infalível no seu canto. Pode acontecer de alguém escapar da sua música, mas não de seu silêncio. Nessa versão, quando Ulisses chega, as sereias param de cantar. Ulisses não percebe que elas silenciam porque resolve também tapar seus ouvidos, assim, em vez de perceber que elas silenciavam, acreditou que estava livre de seu canto, protegido do perigo de escutá-las.

Aproximando-se da voz silenciada das sereias mortas, Vivès (2009b) traz a voz silenciada pelo ensurdecimento, o *infans* deve tornar-se surdo a ela. É preciso ensurdecer, processo possível, segundo Vivès (2012), por meio da aquisição de um ponto surdo, lugar intrapsíquico no qual o sujeito, após ter entrado em ressonância com o timbre originário, deve tornar-se surdo para falar sem saber o que diz. Quando a mensagem do Outro se torna palavra própria, nota-se o instante lacaniano da emergência do sujeito no lugar do Outro, “[...] instante em que, na alteridade absoluta dos significantes do Outro, suas notas começam a ressoar como minhas ou, mais precisamente, como se ‘pudessem ter sido’ minhas.” (DIDIER-WEILL, 1999, p. 54, grifo do autor).

Para Vivès (2012), o ponto surdo é uma presença hipotética, mas necessária, para compreendermos o circuito da pulsão invocante. A entrada em jogo da pulsão invocante é relativa a um ato de invocação que supõe o advento de uma alteridade.

Como dissemos, em seu tempo reverso, a pulsão invocante implica o *se fazer ouvir*, o *se fazer ouvir* “de que Freud nem mesmo nos fala” (LACAN, 1998/1964, p 184). Lacan indica que, enquanto a flecha do *se fazer ver* retorna para o outro, a flecha do *se fazer ouvir*, por uma razão estrutural, vai para o outro. Trata-se, assim, do tempo em que o sujeito em-via-de-tornar-se assume a própria voz, indo em busca do ouvido do Outro. Quando Lacan evidencia a direção do terceiro tempo da pulsão invocante, diz que, no campo do *Inconsciente*, os ouvidos são o único orifício que não se pode fechar.

Somamos a isso outra constatação, de anos mais tarde, durante o seminário 23, quando Lacan afirma que o dizer Outro, para que consoe, para que ressoe,

precisa que o corpo seja sensível a ele e que ele o é, é um fato. “Porque o corpo tem alguns orifícios, dos quais o mais importante é o ouvido, porque ele não pode se tapar, se cerrar, se fechar. É por esse viés que, no corpo, responde o que chamei de voz.” (LACAN, 2007/1975-76, p. 19).

Vejamos o que é que ressoa das orelhas aos ouvidos inconscientes, para que a pulsão contorne o objeto voz. “O que entra pelos ouvidos”, é sob esse título que Lacan (2005/1962-63) inicia a vigésima lição de seu décimo seminário. Nesse trabalho, menciona que alguma coisa na forma orgânica se assemelha aos dados topológicos primários. Referindo-se ao aparelho coclear, em termos fisiológicos, diz tratar-se de uma caixa de ressonância do tipo tubo. O tubo é como um pote que pode ressoar de seu bojo um vazio. O som percorre o espaço do tubo como um conduto fechado, com teclas na posição de cordas implicadas no retorno da onda.

Fazendo essa digressão, Lacan (2005/1962-63) afirma que a mais simples imisção é capaz de ressoar esse vazio. Imisção e não emissão. A emissão se refere ao ato de lançar som, já a imisção refere-se ao ato de “pôr dentro de”. (grifo nosso). Ato que, nesse retorno do tubo, permite o tipo de identificação relativa ao *a* enquanto voz, incorporação. Incorpora-se a voz por ressonância³⁵, ao ressoar no vazio do Outro, o que é diferente de *i(a)* imagem do espelho.

Lacan (2005/1962-63) alerta que o que ressoa no vazio do Outro, da frequência do Outro em seu vazio, só ressoa no *infans* em sua própria frequência. É aqui que podemos usar o termo incorporação. É desse modo que a voz incorporada serve como função à constituição do próprio vazio do sujeito mediante o vazio do Outro. É essa voz, acreditamos, que Porge (2012, 2014) diz engendrar a passagem entre um sujeito que fala e outro que escuta, mas principalmente a passagem entre um sujeito e ele mesmo.

Devemos agora retomar dois elementos pulsionais do circuito invocante: o objeto e sua borda, a fim de distingui-los e trabalhar o espaço-tempo topológico da

³⁵ Para a física, a ressonância é o fenômeno que acontece quando um sistema físico recebe energia por meio de excitações de frequência igual a uma de suas frequências naturais de vibração. Cada sistema físico capaz de vibrar possui uma ou mais frequências naturais que são características do sistema, mais precisamente, da maneira como esse é construído. Por exemplo: um pêndulo ao ser afastado do ponto de equilíbrio, as cordas de um violão ou uma ponte para a passagem de pedestres sobre uma rodovia movimentada. Disponível em: <http://www.sofisica.com.br/conteudos/Ondulatoria/Ondas/ressonancia.php>.

voz na pulsão invocante. Para tanto, vamos usufruir do “estágio do eco”, proposto por Porge (2012, 2014).

Para seguir sua proposta, vejamos primeiro o que ele expõe como eco. Pensemos no caráter de estranheza que todos temos ao escutar a própria voz. Sigamos o raciocínio de Porge: se minha voz, quando a escuto por meio da exterioridade – como num gravador – não é a mesma que escuto ao falar, quando falo, supostamente o outro não ouve a minha voz como eu a escuto e, “se o outro não ouve minha voz como eu a ouço, também ele não a ouve como eu a emito.” (PORGE, 2014, p. 87). Sugere, então, que “a minha voz” é o eco de minha voz. (grifo nosso).

O estágio do eco marca a separação da voz como objeto a daquilo que seria a sonorização vocal mais ou menos agradável. Segundo o autor, a estrutura áfona da voz pode ser refletida no quão agradável ela é porque isso nos permite situar uma identidade não confirmada da voz, ou seja, não há identidade vocal objetivável. “A sonorização é uma imaginarização mais ou menos satisfatória da voz”. (PORGE, 2014, p. 109). A verdadeira voz se destaca das representações sensoriais e não tem imagem especular, sendo que a “verdadeira” voz é *a-fonia*, a perda do sonoro. (grifo nosso).

Visto que a sonorização da voz ouvida é diferente da voz emitida, o eco manifesta a divisão: há sujeito inerente ao laço, na *punção*, e há sujeito inerente à voz. Sobre a *punção*, a destacamos na fórmula em que Lacan (1998/1964) articula demanda e pulsão $\$ \diamond D$ (lê-se S barrado *punção* de D maiúsculo, sendo S o sujeito, e D, a demanda). O losango é suporte da borda, suporte do processo circular e da relação que Lacan (1999/1957-58) nomeou *punção* (*poinçon*) – instrumento que serve para furar. Mais tarde, Lacan (2005/1962-63) mostrou a função de corte da *punção*, aquilo que deixa furo e inscreve uma marca que se grava no lugar da falta do Outro, a marca do *traço unário*. A *punção* é uma borda de real, circunscribe um vazio. O lugar vazio é determinado pelo fenômeno de borda.

Para sustentar sua tese, Porge (2012, 2014) convoca as duas bordas relativas à voz: (1) boca para falar, chamar e (2) orelha para ouvir, escutar. Com base nisso, Porge revê os tempos do trajeto da pulsão, com saída de dois orifícios, de modo que estabelece duas séries com três tempos cada: (1^o) falar ou chamar –

(2º) ser falado ou ser chamado – (3º) fazer-se falar ou fazer-se ouvir; (1º) ouvir ou escutar – (2º) ser ouvido ou ser escutado – (3º) fazer-se ouvir ou fazer-se escutar.

As séries podem ser complementares, 1º e 2º tempos de uma e outra, por exemplo, falar e ser ouvido – ou podem ser fatores de reversão, 3º tempo. Como vimos, no tempo da reversão ao seu contrário, marca-se a genialidade freudiana, que Lacan bem pôde elaborar em seus seminários. Porge (2012, 2014), ao lançar as duas séries, enuncia que deveriam ser feitas ressalvas quanto a seus cruzamentos e curtos-circuitos. Há uma problemática geral da pulsão: situar-se num limite. O fato de estar entre boca e orelha inscreve a pulsão invocante em uma problemática de divisão, da separação da relação do sujeito ao Outro. Na passagem pulsional pela fonte, há uma escansão, um intervalo de abertura e fechamento onde podemos situar o corte.

Adentremos no jogo de abertura e fechamento, na incidência da pulsação inconsciente, a partir do trajeto da pulsão invocante, conforme proposto por Porge (2012, 2014). Para ele, tal trajeto caracteriza as outras pulsões – reajustando o campo pulsional que precede o estágio do eco. A proposta do autor para a questão do fechamento da pulsão invocante é de que ela se fecha Outramente, em forma de um trajeto em duplo laço. (PORGE, 2014, p. 91).

É um trajeto em forma de meia-volta, que passa pela boca e pela orelha. O orifício da orelha se projeta sobre a boca – ou inversamente – o que faz simplificar o trajeto em torno dos dois objetos. O circuito se fecha sobre um vazio, equiparado ao silêncio da voz, lugar ocupado por *a*, voz pulsional. Sem adentrar nas figuras topológicas, marcamos que a “voz não é somente alguma coisa de interior que passa para o exterior, como se a fronteira estivesse já constituída.” (PORGE, 2014, p. 96). Falar em interior deforma a abordagem, porque se trata de uma continuidade interior-exterior. Enganchada ao objeto *a*, a voz assume o estatuto de um espaço-tempo que sutura o sujeito consigo mesmo e em relação ao Outro. (PORGE, 2014, p. 61).

Pudemos, até aqui, apreciar as abordagens referentes aos tempos pulsionais nos quais a voz é objeto. Da mesma forma, pudemos diferenciar a voz dos demais objetos pulsionais. Para Vivès (2012, p. 19), “Ao mamilo, ao excremento e ao olhar que parcializam o corpo se opõe a voz pela qual ele subjetiva.” Escrevemos sobre as pulsões relativas às demandas e ao desejo, em que a voz se destaca como desejo

do Outro. Com isso, dissemos que os objetos *a* não são equivalentes, mas também não são independentes. “Seio, fezes, voz e olhar são objetos libidinais reunidos na sincronia da estrutura do sujeito ao Outro e na qual intervêm [...] as funções da necessidade, da demanda, do desejo”. (PORGE, 2014, p. 26-27).

Porge (2012, 2014) insiste no que Lacan chamou de conexão porque se trata de sincronia de estrutura e não de diacronia de desenvolvimento. Como evocamos, isso significa que a passagem de uma pulsão à outra não obedece a um processo de maturação e sim às intervenções da demanda e do desejo nas relações do sujeito ao Outro. Mas é à voz – objeto do desejo do Outro – que ele dá a função de conectar os demais objetos pulsionais. Em decorrência de quê? Seria o eco da voz que denota um corpo que faria a conexão? Seria ela relativa, então, ao estágio do espelho?

Porge (2012, 2014) afirma que o estágio do eco tem sua pertinência no estágio do espelho na função simbólica em que se exerce a fala. O estágio do eco é constitutivo do *Supereu*, assim como o estágio do espelho é constitutivo do *Eu* do qual o estágio do eco é predecessor e contemporâneo. Exploraremos, agora, o estágio do espelho, fundador do *Eu (moi)*, para podermos, posteriormente, retornar à hipótese de Porge sobre o estágio do eco.

2.2.4 O tempo reverso da pulsão escópica e o estágio do espelho

Quando Lacan (1998/1949) apresenta o estágio do espelho, aponta a linha de partilha entre o imaginário e a eficácia simbólica, entre a alienação do *Eu (moi)* à imagem e a formação do *Eu (je)* antes que a linguagem lhe restitua sua função de sujeito. Mais tarde, Lacan (1998/1960) aponta a dimensão simbólica da fala do Outro como testemunho que decanta a confirmação do reconhecimento da imagem no que a voz participa reativando a função simbólica da fala e do *Ideal-do-Eu*, necessária à constituição do *Eu (moi)*. Façamos um percurso por suas exposições relativas a tal estágio.

Iniciemos pela descrição de Lacan (1998/1949) sobre o início do estágio especular, que ocorre entre os seis e os dezoito primeiros meses de vida: numa certa idade, quando o lactente ainda nem tem o domínio da marcha ou da postura em pé, ele reconhece sua imagem no espelho já como sua. Esse ato repercute numa série de gestos em que ele experimenta ludicamente a relação dos

movimentos assumidos da imagem ao seu refletido. É um espetáculo marcante em que o lactente, diante do espelho, ainda sustentado pelo colo humano ou por qualquer apoio artificial, supera, num trabalho jubilatório, os entraves desse apoio, para suspender numa postura mais ou menos inclinada e buscar, para fixá-lo, um aspecto instantâneo da imagem.

No momento jubilatório em que assume sua totalidade na sua imagem especular, a criança retorna sua cabeça para o agente que a sustenta, que está atrás dela, encarnando o Outro. Demanda-lhe assentimento, homologação do valor dessa imagem, tempo fundamental da relação imaginária na medida em que há um limite: a autentificação do Outro que não aparece na imagem virtual.

Ao assumir uma imagem ortopédica de sua totalidade, uma estrutura o fisga, na mesma condição onde o sujeito se constitui no lugar do Outro, na relação significante. Ao acomodar sua própria imagem, o sujeito deve achar oportunidade de uma integração essencial. (LACAN, 1998/1964). Nessa autentificação, ao identificar-se imaginariamente com a imagem de um corpo homologado pelo Outro, a criança encontra a origem e a matriz do seu *Eu (moi)*, escalando o caminho do narcisismo. O termo narcisismo é a estrutura essencial que Freud tira da referência especular, diz Lacan (19998/1964). Há jubilação da assunção de unidade do *Eu* no estágio do espelho – visto que, antes do estágio do espelho, aquilo que será *i(a)* encontra-se na desordem dos pequenos *a* –, fantasia do corpo despedaçado. (LACAN, 2005/1962-63).

A presença do sujeito no Outro, por meio da imagem especular, é destinada a fundar a função *Eu-ideal/Ideal-do-Eu*. A mola do *Ideal-do-Eu* está no *Eu-Ideal*, diz Lacan, ali onde o sujeito viu aparecer seu ideal naquele que o olhou. Nessa imagem especular, referida ao prazer, o ideal “*I*” é colocado em algum lugar do Outro. Esse *I*, idealizante da idealização, é distante do verdadeiro *a*. (LACAN, 1998/1964). Mas além de *I*, o sujeito se verá como visto pelo Outro, numa imagem diferente da especular, referida ao prazer. Para tanto, a criança faz-se objeto enganador, imagem do objeto sobre o qual o Outro pode gozar do sujeito.

O objeto pulsional mais característico para remeter a essa semelhança é o olhar, isso porque ele nunca atravessa a hiância, que constitui a divisão inaugural do sujeito, ele “resta atravessado na garganta do significante” (LACAN, 1998/1964, p. 255) e é nesse ponto de falta que o sujeito tem de se reconhecer. Lacan diz que não

há uma diferença essencial entre $i(a)$ – objeto narcísico – e a função de a – objeto pulsional. Para Lacan (2005/1962-63), é no nível do desejo escópico que a estrutura do desejo encontra sua forma mais desenvolvida em sua alienação fundamental, por mascarar mais profundamente o objeto a .

Na privação, o Outro constituiu a condição para a origem do desejo da criança. Por sua vez, na imaginarização, ele configura a identificação a uma imagem tomada na potência totalizadora que o antecipa, recobrando sua condição, ainda inconstituída. A estrutura especular reflexa do espelho forma essa imagem, na experiência da ilusão de domínio, em relação à imagem total, imagem de júbilo e fascínio. O que caracteriza o campo escópico e sua satisfação é que a queda do sujeito fica sempre despercebida. Esse objeto a deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência. (VORCARO, 1997).

A pulsão, no nível escópico, apresenta-se na esquizo entre o olho e o olhar. (LACAN, 1998/1964). Ao se constituir como efeito imaginário do olhar suposto ao Outro, o sujeito vai encontrar-se na identificação com a imagem. Pela antinomia entre visão e olhar, na pulsão escópica, Lacan atinge o registro fundamental do objeto perdido freudiano, “objeto causa da posição do sujeito” (LACAN, 2005/1962-63, p. 196). Esse objeto está subordinado ao fantasma $\$ \diamond a$ (lê-se: S barrado *punção* de a , sendo S o sujeito, e a , o objeto).

O desejo visual mascara a angústia do que comanda o sujeito, fazendo-se o suporte mais satisfatório da função do fantasma, estrutura mínima de qualquer sujeito. Lacan (2003/1961-62, não publicado) afirma que o fantasma deve ser lido: o sujeito, enquanto marcado pelo significante, é, propriamente, no fantasma, corte de a , onde \diamond é o buril, desejo que une o $\$$ ao a .

No fantasma, $\$$ e objeto a , resto da mesma divisão, mantêm-se um em presença do outro, sustentados um pelo outro. O fantasma fundamental, representado na fórmula $\$ \diamond a$, é a articulação entre o momento de apagamento do sujeito, que não encontra nada que lhe permita situar-se e nomear-se no Outro como sujeito do inconsciente, e o objeto a , extraído em suplência ao significante faltante como elemento real. (LACAN, 2016/1958-59).

Enquanto significante, a criança terá de redobrar seu efeito para se designar a si mesma, não sendo nem o que é designada nem o que designa. Isso porque a insuficiência do *Imaginário* é efeito da incisão simbólica que sustenta o desejo, por

meio dos deslizamentos, na busca do que falta à mãe e da falta no que é dado pela mãe. (VORCARO, 1997).

O desejo está velado e posto em relação a uma ausência, à possibilidade de aparição comandada pela presença do Outro. Desse modo, a imagem refletida é caracterizada por uma falta, pois o que é chamado não sabe ali aparecer, mas o olho sempre tende a fazer desconhecer, na relação com o Outro, que, por trás do desejável, há um desejanter. Desse modo, a cada vez que, por um incidente, sua imagem no Outro aparece para o sujeito como privada de seu olhar, toda a trama se desfaz, e é o retorno à angústia mais básica. Eis o *aleph*³⁶ da angústia, a relação do sujeito com o pequeno *a* em sua estrutura mais fundamental. (LACAN, 2005/1962-63)

Nesse inquietante, por onde o sujeito pode reencontrar-se com sua angústia mais básica, Vivès (2016b) situa o canto das sereias no mito grego. Na história de Jasão, o canto de Orfeu é música como quadro, armadilha e enquadre da voz. Temos aqui a voz que se sustenta pelo enganche imaginário. Para Vivès, quando Jasão convoca Orfeu, sugerindo que seu canto pode ser mais poderoso, não percebe que, enquanto ele canta, as sereias gritam a voz objeto real. (Informação verbal).

Nessa condição de grito, a voz é êxtima, como dissemos. Vivès (2016b) lembra que Freud (2010/1919) trouxera o “inquietante” com base no campo visual, como revelação de sua própria imagem refletida no espelho como não conhecida e, ao mesmo tempo, conhecida, estranha e familiar. (grifo nosso). Diz que, no texto de 1914, sobre o narcisismo, Freud já o introduzira, e é daí que Lacan o coloca num funcionamento de extimidade. (Informação verbal).

Para Vivès (2016b), o ponto que faz a volta na inquietante estranheza, é algo que foi preso, recalcado, e que, nessa hora, sai. Em sua proposição, o que volta é a dimensão do grito, grito que, no “Projeto”, Freud trouxe ligado a uma expressão de sofrimento e também como aquele que faz existir o objeto. Somos nascidos do grito e a ameaça de sua volta causa estranheza. Essa dimensão onde podemos localizar o *Real*, no campo escópico, trazemos para o ponto cego. (Informação verbal).

³⁶ *Aleph* é o nome dado à primeira letra do alfabeto dos idiomas semíticos (hebraico, fenício, aramaico, siríaco e árabe), e é correspondente ao *Alpha* do idioma grego. De acordo com os estudiosos da Linguística, o *aleph* do idioma fenício teria dado origem ao *alpha* grego que, posteriormente, originou a letra “a” no alfabeto latino.

Há um ponto cego que falta à imagem, onde o olhar é intragável à função narcísica da miragem, é o ponto do encontro faltoso da pulsão escópica. A criança experimenta a apreensão de uma falta possível, ponto cego, do *objeto a*, falta à imagem especular: a imagem é superfície furada que só se mantém em *a*. Assim, o que a criança olha é o olhar imaginado por ela no campo do Outro e do qual ela constitui um lugar no fazer-se ver, terceiro tempo da pulsão escópica. Ao ser olhado, torna-se novo sujeito que se mostra, fazendo-se olhar no que não pode ver. (LACAN, 1998/1964; VORCARO, 1997).

Esse é o olhar mais além de *I*, trata-se do olhar pelo qual somos surpreendidos, lugar da relação do *Eu* ao que me rodeia. Quando estamos sob o olhar, não vemos mais o olho que nos olha. Se vemos o olho, o olhar desaparece. Esse olhar não é um olhar visto, mas um olhar imaginado no campo do Outro. (LACAN, 1998/1964).

Lacan (1998/1964) demonstra esse olhar na função *voyeur*, na qual a ação de olhar no buraco da fechadura é surpreendida por outro olhar sobre essa ação. Lacan diz que esse olhar que surpreende, desorienta, desmonta a ação *voyeur*, reduzindo-a ao sentimento de vergonha, é o contrário da visão e se reporta a um *ruído ouvido* no momento em que se apresenta a ação, é o olhar da presença de outrem. (grifo nosso). Esse olhar só intervém na medida em que o sujeito surpreendido é o sujeito sustentado numa função do desejo e não do sujeito nadificante – *Eu (moi)*.

No ato *voyeur*, o sujeito está, enquanto perverso, no atingimento do fecho. O objeto olhar não está no nível do outro que surpreende o sujeito que olha no buraco da fechadura, mas no nível daquele que o surpreende como olhar escondido, olhar perdido e, repentinamente, reencontrado, na vergonha, pela introdução do outro.

No valor da dialética do desejo, o olhar da presença Outra, esse do *ruído ouvido*, desorganiza o campo da percepção. Por onde o domínio da visão foi integrado ao campo do desejo, a visão – a função das imagens – define-se por corresponder duas imagens, ponto a ponto, no espaço. Trata-se de uma imagem ligada a uma superfície, um ponto geometral. O sujeito cartesiano é como um ponto geometral. Ao seu redor temos o quadro. O espaço geometral da visão é reconstituível pelo cego, de modo que na perspectiva geometral se trata de demarcação do espaço e não de visão. De tudo que a visão nos entrega do espaço, diz Lacan (1998/1964), o cego é capaz de dar conta, de imaginar, de falar.

Esse campo geometral é o do sujeito da representação, ponto sobre o qual o sujeito deve se fazer quadro sob o olhar. O vejo-me ver-me, não tomado pela visão, é vejo fora. A percepção não está em mim, mas sobre os objetos que apreende. Essa percepção parece dependente do vejo-me ver-me e o privilégio do sujeito está em perceber que as representações lhe pertencem. No campo escópico, sou quadro, olhado de fora. Assim entro na luz e recebo seu efeito do olhar, o olhar é o instrumento pelo qual a luz se encarna, sou foto-grafado. (LACAN, 1998/1964).

Lacan (1998/1964) faz notar que esse espaço geometral, nada tendo a ver com a visão, tem sim uma dimensão parcial no campo do olhar. Seria algo de simbólico da função da falta, da aparição o fantasma? Pergunta-se ele. A época em que o sujeito se procura na ótica geometral é a época em que se encarna na imagem do $-\varphi$ da castração, que centra a organização dos desejos pelo quadro das pulsões fundamentais – trata-se aqui do sujeito nadificante – *Eu*.

Esse quadro, é uma armadilha de olhar, procurando o olhar em cada um de seus cantos, o veremos desaparecer. O sujeito tem que fazer um quadro, a função do quadro tem uma relação com o olhar: é uma pastagem para o olho. Queres olhar? Veja isso. Há um efeito pacificador, apolíneo, algo é dado mais ao olho que ao olhar, o que comporta uma deposição, um abandono do olhar. Lacan (1998/1964, p. 109) diz que deve haver ali algo de mais reduzido, de mais próximo do signo.

No seminário “de um Outro ao outro”, Lacan (2008/1968-69) diferencia o vestígio do signo do *traço unário*, incorporação simbólica, que *enforma* o Outro, onde os objetos *a* funcionam como substância formatada. Pelo modo como o sujeito apaga o vestígio do *traço unário*, constitui um conjunto de objetos que definem a presença do Outro. Nesse trabalho, ressitua os quatro objetos pulsionais que passam a vigorar como suportes do sujeito: o seio será o resíduo da demanda ao Outro; o excremento, o dejetivo cedido ao Outro; o olhar, a fresta que se abre; e a voz, a escansão da linguagem.

Lacan (1998/1964) sublinha a distinção total do registro escópico em relação ao campo invocante. O olhar opera numa queda do sujeito. Sujeito teleguiado, que não está aí de jeito nenhum, e é por isso que Lacan, no caso do olhar, inverte sua fórmula do desejo como desejo do Outro. Ele diz que o olhar é uma espécie de desejo ao Outro, na extremidade onde está o dar-se-a-ver, que pacifica o apetite do olho naquele que olha. Esse apetite do olho, alimentar, é o valor de encanto da

pintura. O sujeito se demarca nessa captura imaginária, mas não é inteiramente preso por ela, ele sabe jogar com a máscara do mais além do olhar.

O essencial dessa relação de aparência do ser é o ponto luminoso: uma lata de sardinha que brilha ao boiar no mar sob a luz solar, lata que me olha ali onde a vejo. O que é luz me olha na relação geometral da profundidade do campo. Ponto luminoso onde está tudo que me olha, diz Lacan (1998/1964), tal como eu me pinto, como me faço quadro. O quadro está em meu olho, mas eu estou no quadro, sou mancha no quadro. E isso faz da paisagem algo diferente da perspectiva, do quadro. O que faz mediação é algo inverso ao papel do ponto geometral, ele opera não por ser atravessável, mas por ser opaco, “o olhar é sempre algum jogo da luz com a opacidade” (LACAN, 1998/1964, p. 95).

Desse modo, temos a luz e o opaco, o inatravessável. Não é interessante que Lacan (2003/1961-62, não publicado) tenha remetido ao *traço unário* justamente como esse traço de qualidade opaca? É aqui que entrecruzamos o significante unário com a identificação primária, narcísica, do estágio do espelho, onde incidirá o *Ideal-do-Eu*, que acomoda o propósito narcísico do fazer-se olhar. De que modo o acomoda? E o que faz com o vestígio do traço?

2.2.5 A voz do pai morto no sujeito que se enuncia

Retornamos à participação da voz no estágio do espelho, como proposto por Porge (2012, 2014), especialmente pelo posicionamento da função simbólica de *Ideal de Eu*, de onde o sujeito vê a si mesmo como adorável. É no sentido do adorável que o autor dá à voz a função de conectar os objetos *a*, antes desordenados no *Real* do corpo.

Lacan já havia sustentado que cada um dos objetos teria repercussão sobre os demais e que a questão seria determinar, em todos os níveis do objeto, qual é a função do desejo. A união está na fundação do sujeito no Outro, por intermédio dos significantes, e no advento do resto em torno do qual gira o drama do desejo. (LACAN, 2005/1962-63).

Lacan (1998/1964) pontua, sobre a unidade topológica das hiências, a fecundidade do objeto enquanto resto e a solidariedade íntima dos objetos *a*. Lacan diz que os objetos da pulsão são unidos, solidários, nenhum atinge, todos tangenciam e se articulam na impossibilidade simbólica. O objeto da pulsão é uma

subjetivação sem sujeito, um traçado, nível em que o sujeito é um aparelho. É a unidade topológica das hiâncias a forma com que se estrutura o aparelho do corpo, é por ela que a pulsão tem seu papel no funcionamento inconsciente. O sujeito-aparelho é lacunar, lacuna na qual se instaura a função de um objeto perdido.

Logo mais, ao questionar como se ligam pulsão e *Inconsciente*, Lacan responde ser pela libido, órgão que se encarna no corpo, como tatuagem, demarcando sua função erótica e, ao mesmo tempo, sua função no grupo. Ela vem se inserir nas zonas erógenas, orifícios ligados à abertura e ao fechamento da hiância do *Inconsciente*. Seus representantes são formas de objetos que podem simbolizar o objeto perdido, como a placenta, perdida ao nascer. (LACAN, 1998/1964). Qual seria a especificidade da voz, então, na conexão objetal?

No estudo do julgamento, Freud (2011/1925) trazia a afirmação (*Behajung*) como substituta da união; ao contrário da negação (*Verneinung*), a sucessora da expulsão (*Ausstossung*). Nesse sentido, perguntamo-nos qual voz seria a responsável pela união, visto termos apontado à expulsão do grito originário. Sabemos que o *Eu*, a partir do estágio do espelho, será o representante da união, como disse Freud (2011/1923).

Freud (2011/1923) lança a hipótese de que há uma energia deslocável, no *Eu* e no *Isso*, que provém da libido narcísica e que trabalha para o princípio do prazer. É ela quem mantém a intenção de união, contribuindo para a unidade *Eu*. Bem no início, enquanto o *Eu* ainda está em formação, toda a libido é acumulada no *Isso*. Parte dessa energia o *Isso* envia para o investimento objetal; o *Eu* procura apoderar-se dessa energia e impor-se ao *Isso* como objeto de amor, onde temos o narcisismo secundário. Subjugando a libido, o *Eu* se enche ele mesmo de libido, tornando-se representante da união num trabalho de sublimação que tem como consequência uma disjunção pulsional. O que ocorre, que disjunção é essa? A liberação da agressividade – afeto ligado à pulsão – no *Supereu*. Desse modo, a moral, atuante no *Supereu* sobre o *Eu*, é produto do que, no próprio *Eu*, se decompôs. (FREUD, 2011/1923).

Nesse sentido, entendemos que devemos pensar além da dimensão adorável como a responsável pela conexão objetal. A incorporação – primeira identificação – acontece quando o *Eu* ainda é fraco e introduz nele os mais imponentes objetos. (FREUD, 2011/1923). De onde eles provêm? Como dissemos, quando o *Eu* (re)cria

seu *Supereu* por meio do *Isso*, “talvez só faça aparecer de novo anteriores formas do *Eu*, proporcione-lhes uma ressurreição” (FREUD, 2011/1923, p. 48), reativando antigos conflitos do *Eu* com o *Isso*. O que ressuscita mediante a identificação imediata e direta que Freud (2014/1914) afirmara se originar na angústia ante o castigo dos pais, pela estimulação de suas vozes?

Chegamos na voz imperativa e no afeto agressivo que se impõe ao *Eu*, representante da união. Ao falar sobre os delírios de observação, Freud (2014/1994) diz que as vozes que falam em terceira pessoa aos doentes são de domínio da instância relativa ao *Ideal-do-Eu*, ele ressalta que esse poder que critica está em todos os sujeitos “normais” e segue a crítica parental. (grifo nosso). Nesse mesmo sentido, Lacan (2005/1963, p. 71) afirma que “A voz do Outro deve ser considerada um objeto essencial”, todo analista é solicitado a seguir suas diversas encarnações, dar seu lugar, no campo da psicose ou nas formações do *Supereu*. “Ao situar a fonte *a* do *Supereu*, talvez muitas coisas fiquem mais claras.” (grifos nossos).

Já vimos que Lacan (2016/1958-59) adota os pequenos *a* em suas diferentes formas, sendo uma delas a mutilação, que ele encontra por relação ao *complexo de castração*. Ele lembra que, no começo, Freud ligou o *complexo de castração* ao cruel *Supereu*, por meio do recurso mítico. As mutilações são, muitas vezes, inclusas nos ritos de iniciação, ritos destinados a mudar a natureza do sujeito, o sentido dos seus desejos naturais. Os ritos ofertam ao desejo uma função em que se possa identificar o ser do sujeito que se torna ser em exercício. É nesse sentido que a mutilação tem a função de índice, de orientar o desejo. É o índice de algo realizado expresso além do *Simbólico*.

Os ritos podem, assim, mostrar a função fundamental de *a*. O sujeito é capaz de se mutilar, de se separar de uma parte dele mesmo, o que é, efetivamente, corte. Esse corte instaura a passagem para uma função significativa. Sem se esquivar das ambiguidades pertinentes à função do falo, Lacan (2016/1958-59) diz que, no *complexo de castração*, trata-se do falo que é marcado, alçado à função significativa. Não é a marca da castração simplesmente negação, como poderíamos notar no texto de Freud (2014/1914) – angústia pelo pênis, no menino, e inveja do pênis, na menina –, perda do pênis, mas uma marca que extrai o indivíduo de um estado primeiro para identificá-lo a uma potência superior.

Lembremos do unário, da marca/traço que anula. Vimos que, no tempo da identificação (LACAN, 1998/1964), em que o *traço unário* é o núcleo do *Ideal-do-Eu* e posiciona a dimensão simbólica, logo o sujeito evidenciar-se-á com sua aparição no intervalo da separação significante. Quando anulamos qualquer espécie de coisa, imaginária ou real, ela só pode elevar sua potência à qualificação significante. (LACAN, 1999/1957-58).

A barra é um dos modos mais certos pelo qual algo real é elevado ao significante. “Aquilo do qual existe um traço é manifestamente constituído como significado” (LACAN, 1999/1957-58, p. 355). O transitivismo já deixara um traço a se inscrever. Reativamos sua eficiência em desdobrar também um efeito no corpo. Esse efeito no qual tem função a voz, que faz intervir no discurso o peso real do sujeito, essa voz grossa da instância do *Supereu*.

Há, no Outro do sujeito, em seu desejo, o testemunho da voz incorporada do *Supereu*. Temos aqui a função testemunhal da voz, que foi substantificada por Lacan (2005/1963-62) com uma imagem: a do instrumento musical *shofar*³⁷. Aos povos primitivos, deve-se a invenção dos primeiros instrumentos musicais que se atribuem a deuses e semideuses. Eles comunicavam o sofrimento desses deuses aos seres humanos mediante um som. O *shofar* é um dos mais antigos instrumentos de sopro, originado de um chifre. (REIK, 1962/1946). Ao ser soprado, faz ouvir sons comoventes e inquietantes. (LACAN, 2005/1963-62).

Vamos adentrar sua substância sonora, substrato do desejo, a fim de evocar justamente a função de testemunho do desejo do Outro. Vamos nos remeter ao *shofar* em duas passagens: no assassinato do pai da horda primeva e no sacrifício do carneiro no lugar de Isaac. Para adentrá-las, precisamos fornecer elementos de nossas referências psicanalíticas.

A primeira passagem, relativa ao pai da horda primeva, é trabalhada por Freud (2012/1913) no texto “Totem e Tabu”. É por relação ao pai que deu lugar ao totem que abordaremos uma das funções do *shofar*, no que substantifica a voz. Freud (2012/1913) escreve sobre o totem baseado nas antepassadas tribos aborígenas australianas. Os homens dessa tribo alimentavam-se praticamente de

³⁷ Jacques Lacan faz alusão ao trabalho de Theodor Reik sobre o *shofar*, apresentado para a Sociedade Psicanalítica de Viena, em 05/01/1919, a fim de explicitar os mitos sobre a origem da música entre os povos antigos. O artigo do psicanalista, “*The Shofar (The Ram’s Horn)*”, encontra-se no livro “*Ritual Four Psychoanalytic Studies*”, de 1946. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/32076731/Theodor-Reik-the-Shofar>.

carne animal e desconheciam chefes, no entanto, estabeleceram um elemento regulador de suas relações sociais: não terem relações sexuais incestuosas, utilizando-se do sistema de *totemismo*. (grifo do autor).

Essas tribos se dividiam em pequenos clãs, cada qual com seu totem. Os totens eram animais com relações especiais com o clã, eram ancestrais comuns, que podiam ser perigosos com os outros, mas protegiam os filhos do clã; em contrapartida, os membros do clã não poderiam matar seu totem. Freud (2012/1913) informa que o totem era transmitido hereditariamente e, em cada clã, instituiu-se a exogamia. Com a proibição da endogamia, além de não serem permitidas relações sexuais entre os membros do mesmo clã, tais membros não podiam casar-se uns com os outros.

Além disso, um sistema de classes matrimoniais baseado em classes e subclasses de clãs – fratrias que regulam as relações matrimoniais – parece ter sido necessário, como prevenção do incesto, diante de um suposto declínio do totem. É um sistema semelhante ao da igreja católica, diz Freud (2012/1913), quando proibiu a relação entre primos e outros parentes. O fato é que a interdição do incesto regula a psicologia dos povos. Para Freud, sua proibição é fruto dos desejos infantis incestuosos.

Por sua vez, o tabu, palavra de origem polinésia, “está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições” e pode ser traduzido com a expressão “temor sagrado”. (FREUD, 2012/1913, p. 27). As restrições do tabu são diferentes das religiosas e das morais, pois não obedecem a um deus e não se incluem em um sistema que dá por necessárias as privações. De origem desconhecida, os tabus designam algo da vida psíquica, de modo que Freud (2012/1913) supõe serem os sistemas morais do homem contemporâneo aparentados dos tabus primitivos.

Os tabus são proibições antiquíssimas impostas violentamente aos homens primitivos pela geração anterior. O que faz com que o tabu perdure é “o desejo original de fazer o proibido”. (FREUD, 2012/1913, p. 45). Em sua ambivalência, os homens primitivos desejam, inconscientemente, infringir as proibições, mas o temor é mais forte que o desejo. “As mais antigas e importantes proibições do tabu são as duas leis fundamentais do totemismo: não liquidar o animal totêmico e evitar as relações sexuais com os indivíduos do mesmo totem que são do sexo oposto.”

(FREUD, 2012/1913, p. 45). Cá estão os apetites primordiais do desejo infantil. Na base da obediência, se acha uma renúncia.

Conhecer a origem do tabu implica conhecer nosso “imperativo categórico”, nossa “consciência moral”. Lembramos que, nessa época, Freud (2012/1913) ainda não tinha dimensionado o *Supereu*. Essa consciência é a percepção interna da rejeição de determinados desejos, sentida mediante a justificativa de condenação, recriminação, culpa. O mesmo ocorre com o tabu, ele é um mandamento da consciência, cuja violação traz um terrível sentimento de culpa, ao mesmo tempo evidente e de origem desconhecida. Tão desconhecida que a veracidade da crença de que os povos primitivos desejavam assassinar é inadmissível, assim como há oposição ao que faz ouvir a “voz da consciência”. (grifo nosso).

Em 1921, Freud (2013/1921) retorna ao mito do pai da horda primeva, pai, temido e honrado, que produzira os filhos que compuseram o primeiro grupo. Os membros desse grupo mataram-no e despedaçaram-no, mas nenhum deles pudera ocupar seu lugar, renunciando à herança do pai. Desse modo, formaram a comunidade totêmica, destinada a preservar e a expiar a lembrança do assassinato. O pai totêmico rememora a indignidade ao pai, despertando a culpa pelos desejos hostis dirigidos a ele.

Com o tempo, os membros desse grupo buscaram novos desfechos para a revivescência do antigo estado de coisas. O macho tornou-se o chefe de família e destruiu as prerrogativas do predomínio feminino que se estabelecera durante o período em que não havia pai. À sombra da antiga família grupal, os pais das novas famílias eram limitados pelos direitos dos outros. Freud (2013/1921) diz que um indivíduo, o primeiro poeta épico da comunidade totêmica, na urgência de seu anseio, libertou-se do grupo e assumiu o papel do pai. Esse poeta disfarçou a verdade e inventou o mito heroico, sendo que o progresso foi obtido de sua imaginação.

O herói – do mito heroico – era um homem que, sozinho, havia matado o pai. O pai era um monstro totêmico, mas primeiro ideal do menino, filho mais moço adorado e protegido pela mãe. Ele fora então o herói que aspirou ao lugar do pai, sucedendo-o. Esse foi o primeiro *Ideal-do-Eu* criado pelo poeta-herói, cujas façanhas gozava ele próprio. A mulher toma o papel da sedutora, enquanto o herói reivindica

ter realizado sozinho o assassinato, o qual somente a horda, como um todo, poderia ter cumprido.

Os mitos e os contos de fadas são reconhecidos por Freud (2013/1921) como sucedâneos do feito heroico, que, relatado, faz com que os ouvintes identifiquem-se com ele, por terem a mesma relação de anseio pelo pai primevo. Freud diz que o herói deificado pode ter sido mais antigo que o Deus Pai e precursor do retorno do pai primevo como deidade, colocando a série: Deusa Mãe — Herói — Deus Pai, que adquire a divindade do pai primevo nunca esquecido.

No mito freudiano da família primeva, o amor pelas mães e irmãs levou o grupo de irmãos ao parricídio. Uma das reações ao parricídio foi a instituição da exogamia totêmica, fato presente na vida erótica do homem, restituída na interdição do incesto, pela passagem pelo *complexo de Édipo*, e oriunda da forma mais primitiva de religião: o totemismo. (FREUD, 2013/1921). Desse modo, o pai da horda primeva é o pai primordial, pai anterior ao interdito do incesto e ao surgimento da Lei da estrutura das alianças e do parentesco. (LACAN, 2005/1963, p. 71).

Para investigar a função do *shofar*, Lacan retorna a alguns textos bíblicos, a partir do trabalho de Reik (1962/1946). A primeira referência que ele cita menciona o som do *shofar* no diálogo entre Moisés e o Senhor³⁸, cena em que o som do instrumento se mistura ao som de uma tempestade de ruídos. Essa tempestade refere-se ao círculo de trovões, que restringe o acesso ao Senhor e que não poderia ser ultrapassado por qualquer indivíduo. O fato curioso, diz Lacan (2005/1962-63), é que, mesmo sendo proibido, qualquer um poderia subir o monte, o que traduz como: o som do *shofar* poderia ser modificado por qualquer um.

Quando Moisés sobe o Monte Sinai, o povo percebe o som do *shofar*; quando desce do morro, irradiando amor ao pai, já o havia matado. Lacan (2005/1962-63) denota que a prova disso é a destruição do Bezerro de Ouro, a quem o povo adorava. Transformando-o em pó, Moisés oferta o Bezerro destruído para que o povo o coma, desfrutando de um banquete totêmico. Considerando-se Javé (Deus)

³⁸ No relato do sacrifício de Isaac, *Akeidá* (o quase-sacrifício), *Elohim*, um dos nomes do Deus Hebreu, propõe a Abraham o sacrifício de seu filho Isaac, sacrifício autorizado pelo *Torá* (livro que contém a Lei). O sacrifício fazia parte do pacto, como o monoteísmo. Autorizado pelo Deus, porque obedeceu a sua voz, Abraham sacrifica um carneiro no lugar de seu filho. Sobre esse mito, Lacan leu *Rashi*, um dos mais importantes interpretadores do *Torá*. Lacan (1997/1973-74, não publicado) diz que o carneiro sacrificado é o carneiro primordial, que estava ali desde o sétimo dia da criação. É designado como um *Elohim* – antepassado da raça de *Sem*, que une Abraham com as origens. O animal é um símbolo. Assim, o grito do animal morto é a imitação ancestral da voz do Pai. O impacto do som condensa aflição e alegria pela morte do pai. (GORENBERG, 2016).

um touro, o bezerro seria o representante de uma divindade-filho? O que vem Moisés a destruir? Sua própria insígnia. (LACAN, 2005/1962-63).

Para Freud (1996/1939), foi Moisés, representante de Deus e responsável pela libertação do povo do Egito, quem criou o povo judeu. É o varão de Moisés que imprime o traço no povo judeu: escolhido de Deus. É Moisés que dá ao povo escolhido o arrimo religioso, ele era o homem por cuja referência de autoridade o povo judeu ansiava. Ansiavam por um pai sentido da infância em diante, pai a quem o herói da lenda se gaba por ter derrotado. Moisés tinha os traços do pai, era irado e inquieto, sendo que o povo judeu repete o assassinato do pai da horda.

Outras passagens bíblicas referem-se ao *shofar* como som evocador da renovação da aliança com Deus ou ao seu uso em ocasiões excepcionais, como na excomunhão, exclusão da comunidade hebraica. Reik (1962/1946) traz a renovação baseado no pacto na permissão do sacrifício do carneiro no lugar do filho de Abraão, de modo que o som do *shofar* seria a lembrança do pacto de aliança com Deus.

No judaísmo, a elaboração da culpa pelo parricídio original é expressa no *Torá*³⁹, nome dado aos cinco primeiros livros do *Tanakh*⁴⁰, pelo desejo de reparação. No dia do quase-sacrifício (*Akeidá*), como refere o *Talmud*⁴¹, Abraão, prestes a cumprir uma ordem de Deus, é provido de um cordeiro para ser sacrificado no lugar de seu filho Isaac. A atualização da cena está no dia do Perdão, uma das datas mais importantes do Judaísmo, cuja função é renovar a aliança com Deus, uma oportunidade de expiação, um momento de natureza reconciliadora.

No dia do perdão, ouve-se o som do *shofar* três vezes repetidos. São três os sons emitidos: o tom sustenido ou longo sustenido (*Teki'ah*); as notas interrompidas ou interrompido (*Shebarim*); e o trêmulo ou tramular (*Teru'ah*). O último, Lacan associa à lembrança dos *instantes precedentes* ao momento do sacrifício de Isaac, também representa sua conclusão – o sacrifício do carneiro. O som do *shofar*, contudo, representa “a angústia e a última luta mortal do pai, aqui substituído totemicamente pelo touro”. (LACAN, 2005/1962-63, p. 74).

Para Gorenberg (2016), a voz do *shofar*, originária do touro totêmico, rememora a indignidade em relação ao pai, despertando a culpa pelos desejos hostis a ele. “O tom estremecedor do shofar, com seus três sons crus: o tom

³⁹ Em hebraico תּוֹרָה, que significa instrução, apontamento.

⁴⁰ Conjunto principal de livros sagrados do Judaísmo.

⁴¹ Livro sagrado dos judeus e texto central para o judaísmo rabínico.

sustenido, as notas interrompidas e o trêmulo, representam a angústia e a última luta mortal de Deus pai.” (GORENBERG, 2016, p. 74)

É importante notar que o *shofar* é um instrumento rítmico, não toca melodia (REIK, 1962/1946). Lacan (2005/1962-63) diz que poderia ter escolhido outros instrumentos, todos de qualidades rítmicas, porque as batidas rítmicas têm a função particularíssima de levar ao mais extremo interesse, é uma função precipitante e de ligação. Por associação ao rítmico *shofar*, pensamos na precedência simbólica do grande Outro no trêmulo que demarca o corte suscitado na voz escandida, que outrora trouxemos neste escrito. Temos, nessa voz, a origem do assassinato do pai e tudo que ele ordena, é o mugido do touro abatido do pai que se faz ouvir no *shofar* de Moisés. É o fato original, inscrito no mito do assassinato do pai, aquilo que dá partida à economia do desejo e que interdítamos como impossível de transgredir, o desejo original.

Podemos associar os intervalos em que o agente do Outro emblematiza sua falta originária na voz trêmula, suspensa, elidida ou, como diz Lacan, na mensagem interrompida que o sujeito recebe. Sua interrupção é representativa da angústia do desejo original, no nível do Outro materno, aquilo que transborda o corpo materno, como afeto, no momento em que uma mãe transitiva, sustentando um corpo ao sujeito em constituição. Ao mesmo tempo, é por ser impossível responder ao além da demanda da criança, que esta pode se interrogar sobre seu desejo e localizar o que a ata ao Outro.

Sabemos que é em razão da falta fálica que uma mãe, um pai ou quem quer que assuma o lugar de agente do Outro se sente convocado a responder aos atos do bebê. É a falta fálica que determina que a criança seja colocada no lugar do falo, daquilo que poderia vir a completar a falta estrutural do Outro. Nessa medida, a expectativa parental pode fazer de um filho tudo aquilo que os pais não foram, por exemplo. Essas projeções sobre a criança foram determinantes das leituras que o agente pôde fazer do *infans*, como dissemos no início deste escrito.

A passagem pelo *complexo de Édipo* teve como consequência o referencial fálico, esboçado na dimensão da castração. O falo vetorizou o desejo parental. Interditado, o agente do Outro presentificou seu desejo no *infans*, apoiado na regência do *Supereu*. Contamos com a proposta de Porge (2012, 2014) sobre a

incidência precoce do *Supereu*, transmissível ao sujeito inconstituído desde o princípio.

A voz do *Supereu*, incisiva, é a voz que se impõe ao sujeito e que tem o caráter de corte. Lacan propõe-se a fazer compreender de que modo a voz responde pelas exigências formais do *a* minúsculo, “na medida em que ele pode ser elevado à função significante do corte, do intervalo enquanto tal”. (LACAN, 2016/1958-59, p. 415). Como vimos, os cortes deixam surgir um apelo de significação, o sujeito está ali implicado e, ao mesmo tempo, tragado, pois desaparece na significação que o visa.

Aquele tragado é o sujeito como desdobramos, com Lacan (1998/1964), na dimensão da alienação. E quem é o implicado? “Aquele que está implicado é o sujeito, na medida em que está no intervalo do discurso do *Inconsciente*. O sujeito propriamente falando.” (LACAN, 2016/1958-59, p. 417). Sua implicação deve-se ao fascínio pelo nível do corte do objeto, instante em que, ao se visar e se interrogar, deve se sustentar como ser de seu *Inconsciente*.

Para Porge (2012, 2014), nesse intervalo, podemos ouvir o eco se afastar, colocamos à prova a separação, operação parceira da alienação. Em nossa leitura, colocar à prova a separação é colocar-se na experiência com seu próprio *Inconsciente*, o que está implicado no ato de fala.

Lacan (2005/1962-63) extrai do texto de Reik a formulação que retém para a transmissão de seu propósito, sustentar o sujeito do desejo para a Psicanálise. Tal formulação sugere que o extraído possa fazer perceber “o que completa a relação do sujeito com o significante, [...] numa primeira apropriação, de sua passagem ao ato”. (LACAN, 2005/1962-63, p. 273).

Com Freud (1996/1939), vimos que Moisés não permitia que seu Deus tivesse nome nem imagem. Tem-se, com isso, a proibição mosaica da adoração a Deus numa forma visível. Freud evidencia, nisso, a evolução da humanidade, o orgulho do desenvolvimento da fala, para a qual a percepção deu lugar à intelectualização. Desse modo, ideias, lembranças e inferências se tornaram decisivas, em contraste com a atividade psíquica relativa aos órgãos sensórios. Nesse caminho da “hominização” a referência é a paternidade, representativa do intelectual. (grifo nosso).

Esse pai é internalizado *Supereu*, e o *Eu*, no lugar de obter prazer na satisfação libidinal, tem agora um prazer substitutivo – o prazer relativo à obediência ao *Supereu* – no lugar da supervisão dos pais nos primeiros anos de vida. Substituto da obediência em troca do amor parental, com seu *Supereu*, o sujeito tem a satisfação narcísica do orgulho.

Seria motivo de orgulho a renovação da aliança paterna por meio do ato de fala? É a essa voz que nos referimos? Para Gorenberg (2016), o fato do *shofar* renovar a aliança com Deus, o que completa a relação do sujeito com o significante, é uma primeira apropriação, uma passagem ao ato. Poderíamos pensar, aqui, o ato de fala, mas Lacan (2005/1962-63) reserva o termo *ato* e retém o que coloca na presença de *a*. O que sustenta *a* deve ser desvinculado da linguística e da fonetização, de seu sistema de oposições.

Quando alguma coisa desse sistema passa para uma emissão, trata-se de uma dimensão nova, isolada, de uma dimensão em si, dimensão propriamente vocal. Em que mergulha, em termos corporais, a possibilidade dessa dimensão emissível? (LACAN, 2005/1962-63, p. 273).

É uma possibilidade de o sujeito submergir corporalmente. (GORENBERG, 2016). Parece-nos que a autora fala da submersão pelo caráter topográfico, que Lacan (2005/1962-63) coloca na relação do sujeito com o Outro. Trata-se, então, de uma passagem que aponta para o processo de mudança de posição subjetiva, que Erlich e Alberti (2008) leem no aforismo “*Wo Es war, soll Ich werden*”. É preciso uma operação para tomar conta da verdade do sujeito do *Inconsciente* no instante em que ele aparece. Trata-se de uma reposição do *Eu* ao assumir o lugar onde o *Isso* se encontrava, um sujeito que deve assumir a responsabilidade pelo *Inconsciente*.

Não se trata de duas entidades externas e alheias, *Eu* ou *Isso*, mas da implicação de um falante. Um falante não diz “meu *Eu*”, diz “eu”. Espera-se que esse eu torne-se advertido d’*Isso*, que escute *Isso* que fala em si. Garcia-Roza (2009) esclarece que Freud não fala de substâncias, não trata da transformação ou substituição de uma substância do *Isso* por outra do *Eu*, mas do modo de ser da subjetividade em diferentes sujeitos. Trata-se, portanto, da exigência pela verdade desconhecida pelo *Eu*, sujeito do enunciado.

Podemos agora retomar a duplicidade do *Eu*: o *moi* é anterior ao *je*, ele tem seu primeiro esboço constituído no imaginário. O *moi*, descrito por Lacan, se esboça

no plano da relação imaginária do estado especular, e o *je* é um termo verbal cujo uso é apreendido numa certa referência ao outro, que é uma realidade falada. O *je* constitui-se inicialmente, numa experiência de linguagem, em referência ao tu. O sujeito do enunciado, ao mesmo tempo em que se enuncia, se renuncia. (GARCIA-ROZA, 2009).

Com Moisés e a circuncisão, Freud (1996/1939) soma à renúncia o sacrifício, mesmo sacrifício que o pai primevo outrora infligira aos filhos, na plenitude de seu poder absoluto. Desse modo, a circuncisão aparece como o substituto simbólico da castração. Temos aqui um operador interessante para pensar esse vetorizador do desejo por referência simbólica, há uma castração, agora simbólica.

Para Lacan (1998/1964), ao falar, o sujeito começa a constituir, no lugar do Outro, a mentira verídica pela qual tem começo aquilo que participa do desejo no *Inconsciente*. Isso implica a incidência simbólica referente ao pacto com a cultura, que pudemos remeter ao pacto da entrada na linguagem baseados no primeiro barramento do sujeito.

O *shofar* testemunha o grito do pai morto e rememora o pacto que ali se dá. E quem é que tem de lembrar? O agente da rememoração é aquele mesmo que pode agora fazer retornar a dimensão que confere sentido à interrogação “*Que queres?*” (“*Che Vuoi?*”), trazida pelo lugar do Outro do sujeito. (LACAN, 2005/1963). Ele porta, em seu corpo, a voz do pai silenciada, voz destacada da fala e da própria sonorização. Foi ao ressoar o vazio Outro, ao incorporar voz e perder a voz arcaica, que o sujeito pôde falar sem saber o que diz. Ele fala com um timbre único, marca primeira de sua presença, mas inaudito a cada verbalização sua. Esse timbre é reconhecido pelo outro semelhante, mesmo que ele esteja a qualquer distância; afetado, esse timbre toma corpo, incorpora sonoridade e fala em nome próprio. O que há cuja voz é assumida pelo sujeito a cada vez que fala? A pergunta é de Lacan (2005/1962-63). Há um engajamento de seu corpo na cadeia com todas as suas consequências.

Ao se falar, o sujeito se funda e se determina como um efeito significante. Trata-se do significante não somente articulado, encadeado com os demais, mas do sujeito que, na hiância, implica-se com a fala em seu corpo. O objeto *shofar* permite apresentar a voz separável. Para Lacan (2005/1962-63), essa dimensão não é a da carreação, necessária à cadeia significante, mas a dimensão em que a voz,

enquanto objeto separável, representado pelo som emissível do *shofar*, é referência ao enigma que é o Outro do sujeito, implicado em todo ato de endereçamento.

No terceiro tempo da pulsão, [...] a voz silenciosa e invocante alude ao momento de insurreição em que o real humano se viu inflamado pelo encontro com o endereçamento, revelando-se assim a forma mais apurada da voz no sentido em que a psicanálise tenta circunscrevê-la. (VIVÉS, 2012, p. 25).

O silêncio pode ser referência simbólica, fazer andar em série de significações; também pode ser alvo de uma captura imaginária, preso à determinada imagem de sentido, por exemplo; mas pode vir no lugar de resto, objeto caído no corte de abertura e de fechamento inconsciente. Lembremos que Lacan (1998/1964) dá ao objeto pulsional voz um estatuto estrutural, que é resquício de uma impossibilidade do simbólico. Essa voz, que só pôde ser substancializada por meio da metáfora do *shofar*, Lacan (2005/1962-63) apontou como o dejetivo da voz do *Supereu* nas neuroses.

Como vimos, no momento estrutural em que o bramido do *Supereu* se aninhou ao “*Que queres?*” (“*Che Vuoi?*”), dirigimo-nos ao Outro como sujeito. Assim como o outro semelhante foi dividido entre aquele que fala e aquele que escuta; o sujeito foi instituído, em seu desejo, por relação ao vazio do Outro que o habita. É esse o vazio capaz de ressoar no sujeito a cada vez que fala. No eco que transita pelo mundo dos significantes, há um imperativo que reclama obediência; que impõe ordem, articulação, encadeamento. Pelos intervalos desses encadeamentos, por vezes, o desejo ressurgue, arrancando as harmonias costumeiras, como diz Lacan (2005/1962-63).

Perceber a inclinação da voz, objeto áfono, caído naquele que fala, e acompanhar o efeito de alívio do *Supereu*, sobreposto à voz caída, é seguir os efeitos de esvaziamento da consistência fantasmática ligada ao objeto *a*. No seminário “Introdução aos Nomes-do-Pai”, Lacan (2005/1963) diz que a voz do Outro deve ser considerada um objeto essencial, pois todo analista é solicitado a seguir suas diversas encarnações. Expusemos algumas condições em que a voz se encarna e queda, imprescindíveis para que o sujeito possa enunciar-se.

2.3 DISCUSSÃO

Em nossas articulações teóricas, partimos da precedência simbólica do lugar Outro, transitando pelas leituras do grito *infans*. Esse grito manifesto da ruptura homeostática da libra de carne é lido como demanda ao outro, que oferta um objeto da necessidade. Ao iniciar a oferta do objeto da necessidade, o agente materno é registrado como próximo assegurador (*Nebenmensch*) que sustenta a alternância presença-ausência do objeto. Essa oferta não assegura a satisfação, há um objeto originalmente cuspidado em razão do Juízo de Atribuição. Por meio da exposição do objeto da necessidade, do objeto da satisfação e do objeto expulso, começamos nosso desdobramento sobre a voz na Psicanálise.

Iniciamos nossa discussão pela voz sonorizada materna e pela precocidade dos sentidos auditivos no meio intrauterino. Aos quatro meses, no ventre materno, o feto já é capaz de ouvir a voz sonorizada; isso sustentaria que, ao nascer, o bebê já estivesse apto a reconhecê-la. Perguntamo-nos se a aptidão estaria ligada a essa precocidade sensitiva da voz. Re-conhecimento, conhecer de novo, não é o que, para nós, designa o ato *infans* que busca a voz, fazendo alusão ao objeto a lacaniano. Todavia, não pudemos deixar escapar a tese freudiana de que a voz pulsional, que interessa à Psicanálise, apoia-se numa função vital, o que nos permitiu questionar se haveria função vital relativa à voz.

Tal função fora sustentada pela apetência simbólica *infans*, apetência ao *mamanhês* (CATÃO, 2009; LAZNIK, 2004; VIVÈS, 2012), língua peculiar, falada com bebês e crianças, com características musicais. O chamarisco, porém, pareceu-nos originar-se em outro lugar. Há um mundo que se constitui entre a função vital, a extensão ventre-nascimento e a apetência simbólica. Foi nesse sentido que nossa tese permitiu restituir o timbre da voz. Antes que seja um apetente simbólico e antes que haja apetência sonora pela prosódia do *mamanhês*, é preciso que um timbre caia. É preciso que ele seja expulso para dar lugar à busca do reencontro faltoso, que irá permitir o movimento pulsional de enlace ao desejo do Outro.

Foi a leitura da voz, ejetada pelo grito *infans*, que permitiu que, no lugar do timbre materno, da onipresença, surgisse a presença-ausência autenticada pela musicalidade específica na qual aparece e desaparece a voz que dá lugar à primariedade rítmica. Pudemos evocar e substantificar tal primariedade pela voz relativa ao instrumento rítmico *shofar*. O timbre não tinha gozo, não tinha desejo;

mas a voz prosódica sim. Traçamos, então, o duplo movimento: a expulsão do timbre e a afirmação prosódica.

Tal afirmação permite ao *infans* ser sugado pelo gozo materno e fazer-se objeto do desejo do Outro por meio da sua voz. O sujeito pode, então, ter apetência pela própria voz como aquela que pode enganchar-se ao desejo do Outro. Passando pela produção do grito-apelo, o *infans* esforça-se para corporificar as características melódicas, já esboçadas nos primeiros balbucios dos bebês. Nessas simples aproximações, como Lacan (2005/1953) chamou os balbucios, iniciaram-se os movimentos de amarração à língua. Língua essa que comparece advertida do funcionamento simbólico da estrutura constitutiva do sujeito do *Inconsciente*.

Desse modo, não foi apenas o grito encoberto pelo significante do Outro, grito *infans* perdido como objeto por trás do que ele significa no Outro, que fez da voz um objeto primordialmente perdido. Consideramos que o corte da abertura labial pela qual um princípio de sujeito se pôs a expulsar uma parte de si, dando lugar ao apelo, foi o determinante da primeira perda e de seu efeito corporal, em que mergulha a dimensão emissível da voz.

Como dissemos, na queda do primeiro grito e em sua transformação em grito-apelo, vislumbrávamos a origem da possível escolha *infans* como apetente simbólico, apetência pela própria voz como aquela que pode enganchar-se ao funcionamento da linguagem, fazendo frente a sua amarração imaginária à língua. O grito *infans* que se ligou a uma imagem acústica evocadora do objeto, foi o grito-significante-unário alienado ao princípio do funcionamento simbólico. Esse grito, fazendo um chamado específico por meio de seu acionamento vocal, prestou-se a significar algo para alguém.

Esse acionamento foi possível pela queda do timbre materno que deu lugar à voz referência da presença-ausência materna. A formação da identidade perceptiva prosódica permitiu as primeiras amarrações da voz materna, deixando para trás o timbre como resto. Concomitantemente, o grito *infans* avançou, para o Outro, na direção simbólica, guiando as experiências de aproximação e afastamento do agente.

No movimento presença-ausência, que é acompanhado de gestos e vocalizações e sustentado num discurso endereçado aos apelos do bebê, compareceu a voz escandida. Diante das escansões da musicalidade do *mamanhês*,

apontamos a diferença entre a organização dos intervalos linguísticos, sustentados pela linguagem, e os elementos da música, organizados pela bateria de elementos discretos e dispostos numa relação matematicamente estruturada.

Enquanto, para Melman (1992), a musicalidade, que porta as escansões matemáticas, não evidencia o interdito, para outros teóricos da voz, a musicalidade da prosódia específica materna sustenta a entrada no interdito, por permitir uma entrada amena. (CATÃO, 2009; JERUSALISNKY, J., 2004; LAZNIK, 2004, VIVÈS, 2012). Propiciando a previsibilidade fronteira das frases e das palavras e a própria demarcação da presença e da ausência, as vocalizações maternas permitiram o estado de espera. Além disso, possibilitaram a antecipação e a pressa da conclusão por meio do acionamento vocal *infans*, como afirma Vorcaro (2017a, no prelo), de modo que o silêncio tornou audível a descontinuidade discursiva. (PORGE, 2012, 2014).

Decorrente do exercício da antecipação ou do anseio, a pressa constringe o tempo, que se inverte em urgência do ato pelo qual o sujeito em constituição ascende ao descontínuo. Assim, é por meio da temporalidade que introduzimos a necessidade lógica de pensar as coisas de modo ternário, e não binário, pois é dessa forma que o tempo rítmico participa da economia psíquica. (BERGÉS E BALBO, 2002). É importante salientar que estamos falando da função precipitante da batida rítmica do *shofar* substantificador. (LACAN, 2005/1962-63).

É na simultaneidade em que o timbre materno dá lugar à prosódia, com suas continuidades e seus intervalos, que o valor índice no qual o grito *infans* faz-se apelo marca um sujeito em vias de constituir-se advertindo o que não está lá onde se esperava. Na oscilação entre ser alguma coisa para alguém e o prenúncio do funcionamento significante, temos o testemunho da incidência da pulsação inconsciente nos primórdios de sua constituição como efeito de linguagem. (VORCARO, 2017a, no prelo).

A voz escandida ressoa nos movimentos rítmicos do corpo do bebê que apela de modo que, na etapa inicial dos balbucios, o choro ininterrupto é substituído pelo choro intervalar e as vocalizações *infans* passam a variar quanto à intensidade, ao ritmo e à entonação. (JULIETA, J., 2009). *Ali onde se estava* o discurso do Outro, no acaso interpretativo do agente da leitura do grito *infans*, fez-se o mapa das

referências significantes com as quais, no arbitrário das aproximações, o sujeito se funda na sua experiência inconsciente.

Isso porque o ato da vocalização se instalou como jogo erógeno no laço com o outro. É assim que a voz apelativa consoa, prosódica, fazendo corpo *infans*. Temos aqui a incorporação da voz. A voz toma corpo, com empréstimos de recursos da língua, para engajar-se no funcionamento da linguagem. Tais recursos ligam-se à condição objetal do sujeito na fala-falo disposta por sua relação com o Outro. Isso ocorre porque o *infans* foi capturado na dimensão alienante na qual busca sempre mais um significante que possa atualizar sua condição de objeto a oferecer-se ao Outro.

Em nossa leitura freudiana, expusemos o desenvolvimento do *Eu* a partir do acréscimo da representação ao autoerotismo, que permite que o sujeito busque reencontrar o objeto substituto do originalmente perdido. Nesse movimento, O *Eu* controla a libido por meio da identificação primária. Em nossa leitura lacaniana, vislumbramos que, com o *traço unário*, o sujeito ingressa no reino significante e na relação com o desejo do Outro. Advertidos de não confundirmos *je*, constituído no desejo Outro, e *moi*, redobrado pela imagem refletida no Outro, destacamos essa ressalva atentos à reduplicação da sonoridade prosódica por meio da qual precipitamos o *moi* do sujeito espelhado.

Vimos que os imperativos da língua se sustentam pela reduplicação, numa conjugação imaginária em que prevalece o ideal “deve ser assim”, adorável; mas vimos também o “mas não pode ser assim”, resquício do que se escande na metonímia do desejo da língua materna interdita, capaz de operar a divisão significante S_1-S_2 .

Nessa divisão, o sujeito do *Inconsciente* se busca nos significantes pela bateria da qual se constituiu. Os ouvidos devem se tornar surdos a *um tal discurso* para que o sujeito se destaque com aquilo que alguns chamam “a própria voz”. (VIVÈS, 2012, grifos nossos). Pela metáfora das sereias, aludíamos ao ensurdecimento dos marinheiros de Ulisses, ao sobrepujar da voz de Orfeu, e ao ensurdecimento do próprio Ulisses. É preciso ensurdecer para poder cantar e decantar. Da voz que sai pela boca à procura do reencontro objetal, há o ponto de corte no qual o sujeito encontra sua voz, como objeto de desejo do Outro, para

poder fazer dela veículo do próprio desejo, na medida em que se torna inaudita, numa torção de retorno.

O que se torna inaudível naquele que, na torção do terceiro tempo pulsional, pode falar sem saber o que diz, fazer ouvir seu próprio desejo? É preciso atentar ao que, no movimento de incorporação da voz, houve o nascimento da instância crítica do *Supereu*, parte do *Eu* cuja voz é mediadora entre a emissão crítica parental e o que ressoa no corpo da pequena criança que as recebe. Núcleo do *Ideal-do-Eu (I)*, esse elemento novo nos permitiu situar o ponto de origem do pai primitivo na barra significante no nível primordial.

Pudemos observar, na voz escandida, a primariedade do interdito. Foram os intervalos e a voz escandida que permitiram a instauração da matriz simbólica, porque a mãe cuja língua é interditada tem seu desejo atualizado pela lei simbólica do pai. (MELMAN, 1992). Pensamos, então, a precocidade da transmissão dessa lei. *Ali onde se estava* no discurso do Outro, reconhecemos as mensagens dos deuses. Mesmo envoltas no S_1 ordenador, essas mensagens reservam alguma coisa da voz dos deuses que, por vezes, se fazem ouvir. (LACAN, 1998/1964).

Como poderiam os ouvidos inconscientes ouvirem algo que vem do campo real, a voz dos deuses que evoca o lugar de onde o sujeito do desejo deve advir? Esse lugar está além do caráter de *um*, da rede à disposição significante que engloba as mensagens, lugar de onde um sujeito advém por reduplicação; está além também do intervalar simbólico da voz escandida, lugar onde o sujeito *a*-pressado antecipa-se, constituindo-se nos intervalos da linguagem. (VORCARO, 2017a, no prelo). Ele está naquele que permite que o *Real* seja invocado a cada vez que fala.

Por que falamos da fala, se já diferenciamos a voz sonorizada da voz pulsional relativa ao desejo e à divisão? Lacan (2005/1962-63) diz que o que completa a relação do sujeito com o significante é uma passagem ao ato. Trata-se do significante não somente articulado-encadeado com os demais, mas emitido e vocalizado. Isso nos coloca na presença de *a*. O que sustenta esse *a* deve ser bem desvinculado da fonetização. A Linguística, em seu sistema de oposição, diz que, quando alguma coisa passa a uma emissão, entra em uma dimensão nova, propriamente vocal. Mas em que mergulha, em termos corporais, no corpo-linguagem da Psicanálise, a dimensão emissível?

A voz da mensagem dos deuses já trazia um “ai” real bem entonado, voz capaz de angustiar e transitar o discurso Outro no corpo *infans*. Embasamo-nos no transitivismo, informando que, quando a mãe transitiva, dizendo “ai” no lugar do outro semelhante que se machuca, temos o significante emergindo no campo do Outro no sujeito, relançando o *vel* da alienação. (BERGÈS e BALBO, 2002). O transitivismo permite, no entanto, que os “a”s da mãe e da criança tenham divisão. Como expusemos, é função da voz, enquanto objeto *a*, testemunhar que o lugar do objeto *a* não é apenas o da miragem. (LACAN, 2005/1963).

Do sentido alienante, observamos que o sujeito só é produzido pelo significante, mas se agarra na direção da língua bem falada para ser olhado pelo Outro. A separação, por sua vez, permite outro sentido, o sentido sempre aberto da hiância no reviramento do sentido que gira. (LACAN, 2007/1975-76). Isso implica colocar em movimento a cadeia significante por meio da qual o sujeito enunciar-se-á desejante.

Se o objeto *a* voz é aquele capaz de testemunhar, na experiência de fala do agora sujeito, sua própria divisão, é porque, em seu corpo, ressoou a primariedade do interdito materno. Do mesmo modo que uma mãe *narcisista* seu pequeno por meio do narcisismo primário renascido, transitiva seu afeto real. Seu “ai” localiza um terceiro termo na relação – termo discursivo – mas só “terceiriza” porque passou pelo resquício real do afeto que se encarna, fazendo corpo no sujeito.

Esse resquício tem a dimensão *Real* da voz do pai morto cuja afetação permite lembrar seu próprio pacto de entrada na linguagem. Tendo sido marcada por sua entrada na cultura a partir do assassinato do pai, seus dejetos de voz irão se inserir no caráter parasitário dos imperativos interrompidos do *Supereu*, posteriormente, pela interdição do incesto.

É essa voz que o sujeito irá portar em seu corpo, por seu próprio pacto de subjetivação pela linguagem. Ele portará a voz silenciada do pai primordial, voz destacada da fala e da própria sonorização. É preciso que, em sua fala, o sujeito se afete. É preciso que algo em sua fala ressoe em seu corpo, fazendo corpo, um engajamento de seu corpo na cadeia do significante com todas as suas consequências, como nos Lacan. (2005/1962-63).

O reviramento que permitiu ao sujeito sua experiência com o inconsciente, por meio da fala-falha, resultou do percurso da pulsão invocante, onde situamos a

função estruturante da voz-resto. Não é uma voz captada nem produzida, é o objeto pulsional voz relativo ao sujeito em sua divisão. (PORGE, 2012, 2014). Essa é a voz subjetivadora do terceiro tempo pulsional, voz da separação, no término da circularidade da relação do sujeito ao Outro, onde se demonstra a torção essencial, na qual o sujeito se engendra no recobrimento de duas faltas. (LACAN, 1998/1964).

Quando ressoa o vazio do Outro em sua própria frequência, o Outro do sujeito testemunha a voz substantificada pelo *shofar*, resquício do indizível. Foi no íterim da voz escandida que situamos a voz áfona, dejetivo da escansão. Ao ressoar o vazio Outro e incorporar voz, o sujeito *a-fetado* pode enunciar não apenas a voz escandida, mas os vestígios do sofrimento do pai, testemunhado em sua voz pulsional.

3 CAPÍTULO TEMÁTICO: A VOZ QUE CON-SOA

3.1 REVISÃO TEÓRICA

3.1.1. Introduzindo *Ali onde se estava*

Ali onde estávamos nós, no capítulo anterior, partimos do corte do grito expulso para ascender ao registro da percepção sonora, que, por meio da representação, é reencontrada no mundo mediante o juízo de existência. Num tempo concomitante à passagem da voz expulsa à voz apelativa, trabalhamos a perda do timbre materno, que dá lugar à “preferência” pela modulação prosódica do *mamanhês*.

Coincidente à época em que os vagidos se tornam interruptos, observamos a matriz simbólica operando no pequeno, o que implica que o puro grito foi rebaixado à condição de grito-apelo, sob registro do significante unário. Desse modo, a falta passa a ser demarcada pelas manifestações *infans*, que anseiam pela recuperação do objeto para sempre perdido. Isso porque um sujeito se precipitou na falta estrutural relativa à natureza da relação com o significante, ou seja, pelo fato de que um sujeito estrutura-se pela linguagem.

Como fizemos observar, enquanto, no animal, alguns sinais biológicos são cativantes, implicando num comportamento que liga diretamente o portador do sinal a quem o percebe; no ser falante, é estabelecido um intervalo entre os sinais acionados e seu autor: os sinais são rastros separados daquele que o emite. Assim, o *infans*, já funcionando por meio de uma matriz simbólica mínima, introduzida pelo agente materno, situa tal agente alternadamente: (1) agente da privação, quando está ausente e (2) agente que traz a possibilidade de satisfação, quando está presente. (VORCARO, 2017b, informação verbal).

A articulação exaustiva da entrada no jogo do significante não se reduz a substituir o que não está ali ao constatar a presença ou a ausência materna. Segundo Lacan (2016/1958-59), na medida em que a demanda da criança começa a se articular, engendra-se um processo de divisão do discurso. A relação mais original do sujeito é a relação entre o Outro, como lugar da fala, e a demanda. A alternância significante articula a necessidade do sujeito. Essa articulação estrutura a relação do sujeito consigo mesmo, chamada desejo.

Para a criança, o Outro, como lugar da linguagem, torna-se personagem mediante o qual a própria demanda fica carregada de uma significação que difere da necessidade. O Outro é então interpelado na demanda de sua presença ou de sua ausência: o agente materno, que o encarna, está na posição propícia para fazer a demanda da criança, de satisfação da necessidade, passar para outro valor, conferindo esse novo alcance. Isso gera uma gama de experiências de respostas gratificantes ou frustrantes que inscrevem as modulações da história do sujeito. (LACAN, 2016/1958-59)

Ante a pressão da demanda da criança, nenhum agente garante a resposta, a resposta do Outro, para o sujeito, vai além do que demandou. Para Lacan (2016/1958-59), já marcado pelo traço que o divide de si mesmo como sujeito da fala, o sujeito busca resposta, mas encontra um buraco no Outro, pois nenhum significante autentica a cadeia significante nem garante a fala. A criança realiza, no nível do Outro enquanto lugar da fala, algo de uma falta em relação a qual ela terá que se situar. Isso porque a resposta do Outro fica à margem da falta fundamental que se encontra no nível do significante. Nenhum objeto dado pelo Outro compensa essa falta, tendo que oferecer uma série interminável de adições que nunca se esgotarão.

É aí que o *infans* tem de se situar para se constituir como sujeito e se fazer reconhecer pelo Outro. Falta algo, no discurso do Outro, que permita sua identificação como o sujeito do discurso que ele profere. Como assinala Vorcaro (2017b), o lugar anônimo do Outro, que a criança pressente como vácuo na fala materna, a interroga sobre a nomeação de seu desejo, que está além do dizer materno. (Informação verbal).

Há, para o sujeito, um custo psíquico necessário para essa localização de si mesmo, que ele domina na relação imaginária que o engajou no Outro, tentando elevar esse pedaço de si à função do significante que falta para se designar no nível da instância do desejo. Por meio do objeto *a*, que surge no lugar em que se coloca a interrogação sobre o que o sujeito quer, representa a falta como o resíduo à margem de todas as demandas. Pela carência de um significante que responda pelo seu lugar de sujeito no nível do Outro, encontra-se com o objeto de seu suporte. (LACAN, 2016/1958-59).

O sujeito emergirá então no estado de sujeito barrado, vindo do lugar em que foi inscrito, para o lugar em que vai novamente inscrever-se. É o objeto *a* que preenche a função de primeiro referente da falta do sujeito, a que todos os outros significantes se endereçam. O sujeito se institui como uma relação de falta com esse *a* que é do Outro, assim, a relação do sujeito com o objeto *a* comporta a operação lógica de interseção cuja extração define o objeto *a*. (LACAN, 1998/1964)

Separado da cadeia significativa, o sujeito deixa de estar ligado ao sentido da alienação e localiza seu resto no objeto *a*: elemento não significante que tampona o intervalo significativo, o desejo do Outro, atravessado entre os significantes. Nesse ponto de falta, o sujeito, efeito do significante, articula-se ao elemento não significante que faz interseção entre os significantes. É aí que o sujeito representa sua parte e joga sua partida na separação, engendrando-se, pondo-se no funcionamento da linguagem. (LACAN, 1998/1964).

Desse modo, a separação surge do recobrimento de duas faltas. Na superposição de duas faltas, o sujeito encontra, na falta do Outro, o equivalente ao que ele é como sujeito do significante. Do primeiro encontro com o Outro, sobra, no corpo, um resíduo inapreensível, só localizável logicamente. O sujeito encontra uma falta na intimação que o Outro, por seu discurso, faz a ele. Nos intervalos, próprios à estrutura da linguagem, desliza algo além do dito, desejo do Outro, apreendido pelo sujeito nas faltas do discurso. (LACAN, 1998/1964)

O sujeito aí precipitado está, assim, absorto em sua apetência ao simbólico, amarrado à condição imaginária em que joga no campo do desejo Outro, em se fazer objeto desse desejo, ao mesmo tempo em que, desse Outro primordial, recebe sua mensagem invertida. (LACAN, 2005/1962-63). É nesse enganche que se destaca a voz enquanto objeto pulsional, voz-resto não simbolizada, visto que o objeto perdido e a coisa cusvida que deram origem à série de expulsões não são passíveis de representação.

Do primeiro grito natural em direção ao sujeito que fala, permitindo-se a experiência com o *Inconsciente*, destacamos que o ato de vocalização, ao se instaurar como jogo erógeno no laço com o outro, é voz incorporada e engajada no funcionamento da linguagem. Na produção do grito-apelo, pela voz apelativa que consoa prosódica, fazendo corpo vocal, o *infans* esforça-se para atingir as características melodiosas. Reduplicando a sonoridade prosódica, anuncia o *Eu*

(*moi*) do sujeito espelhado. Baseados nesses movimentos que situamos a fala-falo, dada a ver, mas também precipitamos a falha-falha, cuja origem está no ponto de corte relativo à voz escandida.

Além disso, vislumbramos que, para se tornar sujeito da enunciação, foi preciso que o *infans* ensurdescesse. Mesmo sendo as orelhas orifícios que não podem se fechar estruturalmente, por meio dos ouvidos inconscientes é possível ensurdecer ao discurso Outro. Como dissemos, quando Lacan evidencia a direção do terceiro tempo da pulsão invocante, afirma que, no campo do *Inconsciente*, os ouvidos são o único orifício que não se pode fechar; mas, ao discurso Outro, os ouvidos devem se tornar surdos. (LACAN, 1998/1964). Nós trabalhamos não pela prerrogativa do ensurdecimento ao discurso Outro, mas pela hipótese da recusa ao timbre primordial e do ensurdecimento à própria sonorização vocal.

Numa torção em retorno, em que a voz veicula o desejo do Outro do sujeito, a voz que ressoa, na experiência inconsciente, é dejetado áfono relativo ao inaudito. É preciso ensurdecer à própria voz, torná-la inaudita, para poder falar, mesmo que fale *Ali onde se estava* no discurso do Outro, onde se fez o mapa das referências significantes com o qual o sujeito se funda, na sua experiência inconsciente, e pelo qual “O sujeito se sustenta como desejante em relação a um conjunto de significantes cada vez bem mais complexo.” (LACAN, 1998/1964, p. 175).

Na próxima seção, trabalharemos o con-soar⁴², aprofundando o contorno simbólico-imaginário do objeto *a*, dimensão real da voz, mediante as primeiras experiências ligadas à sonorização. Vorcaro (2016)⁴³ afirma que a sonoridade significativa da voz, efeito da articulação simbólico-imaginária, é muito cara à psicanálise e, talvez, ela não possa ser abordada de modo disjuncto da função sonora da voz. (Informação verbal). Isso porque, como afirma Oliveira, L. (2002), a produção verbal é resultante da tomada de posição do sujeito em relação à língua.

Estaremos atentos a essa função no que ela aponta ao estabelecimento do jogo erógeno do bebê com o outro, aos processos de alienação e separação e à reduplicação vocal *infans*, por captura na imagem espelhar.

⁴² Consoar é um verbo que significa fazer soar ou soar juntamente, emparelhar sons semelhantes ou combinar, ser compatível com. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=conson%C3%A2ncia&rlz=1C1GGGE_pt-BRBR578BR578&oq=conson%C3%A2ncia&aqs=chrome.0.016.2890j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8#q=consoar>.

⁴³ Palestra apresentada por Angela Maria Resende Vorcaro, na FCM-UNICAMP, na cidade de Campinas, em 29 de agosto de 2016.

3.1.2 Vocalise-ação⁴⁴

Lacan (2005/1963) aponta que tudo que é ofertado no nível do Outro ao *infans*, lhe é feito sob a forma vocal. É por uma relação mais que accidental que a linguagem se liga a uma sonoridade. Nós podemos partir da abordagem fenomenológica para situar a relação com a voz do Outro como objeto caído do Outro, Lacan acentuou, porém, que não poderíamos esgotar sua função estrutural, a não ser dirigindo a interrogação para o que é o Outro como sujeito. Sem prescindir do Outro como lugar onde o sujeito se funda com sua experiência inconsciente, discerniremos tal experiência da experiência de fala.

Lacan (2005/1953), em um artigo que precede o Relatório de Roma, questiona-se sobre o que é a experiência de fala. Já naquela época, ele falava do funcionamento da fala organizado na linguagem, por meio da qual se articulam: significante e significado. Nos anos 50, Lacan pôde explorar a relação entre a fala e o desejo de um modo que nos parece ainda muito interessante, apesar dos avanços que ele obteve, em sua obra, nos anos que se seguiram.

Para Lacan (2005/1953), toda relação a dois, marcada pelo estilo do imaginário, para que assuma valor simbólico, precisa de um terceiro personagem com função de mediador. Isso faz com que a relação do sujeito com o objeto possa ser sustentada a certa distância. A fala desempenha o papel de mediação, mediação entre o que é realizável entre dois sujeitos.

No seminário 4, o autor destaca que o terceiro elemento nessa relação é a linguagem do simbólico, que não se reduz ao sujeito ou ao Outro, mas afeta diretamente o modo como se relacionam. (LACAN, 1995/1956-57). Fala ou linguagem? Desde muito cedo, aprendemos que a fala é uma via, um desfiladeiro pelo qual as manifestações das necessidades devem rebaixar-se para serem satisfeitas. Isso porque “A criança se dirige a um sujeito que ela sabe ser falante, que ela viu falando, que a penetrou com relatos desde o começo.” (LACAN, 2016/1958-59, p. 21).

⁴⁴ Substituímos o termo “vocalização”, relativo ao ato e efeito de vocalizar, ou seja, à emissão de sons, por “vocalise-ação”, referindo-nos ao exercício vocal “vocalise”, que consiste na ação de cantar, sobre uma ou mais vogais, várias linhas melódicas com notas especificamente arranjadas. Vocalise também designa a parte vocal sem palavras da música polifônica dos séculos XIII e XIV, quando a música não possuía texto. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vocalise>>.

Atentos à ligação fala-linguagem, vamos demarcar o que pode ser a voz que se destaca dentro da experiência de linguagem do sujeito. Experiência que ocorre sem a necessidade de a criança já estar falando. (LACAN, 2016/1958-59). Para Lacan, trata-se da experiência de linguagem na qual se exerce a marca, a impressão deixada pela demanda sobre a necessidade, desde a experiência originada no Juízo de Atribuição freudiano e, portanto, no grito *infans* e no timbre materno expulsos.

De início, o grito do neonato é efeito do envelope do organismo que sonoriza singularmente o fluxo de ar, ou seja, não corresponde a nenhum apelo específico, talvez apenas testemunhe a intolerância do neonato, seu desamparo primeiro (*Hilflosigkeit*). Como observamos, é pelo grito do bebê que o agente do Outro se intima a responder, e é, ainda, pelo grito que o bebê confere o anúncio da experiência de dor, franqueando a ultrapassagem da alucinação para tatear o mundo. (FREUD, 1996/1895). Para Vivès (2016a), quando o bebê grita, desperta a memória de seus próprios gritos e sua própria experiência de dor. (informação verbal).

Para Pommier (2004), esse grito é signo de um exílio, é a potência última da impotência. Tomá-lo como signo de uma necessidade e, portanto, de uma demanda, é operação imposta pelo Outro. Mas o recém-nascido não corresponde a nenhuma demanda precisa, nem a da presença. Ele testemunha mais o que recusa⁴⁵ que o que demanda. Para o autor, o desamparo primeiro (*Hilflosigkeit*) é a escolha necessária à existência, mais importante que o resultado de uma impotência fisiológica e de uma dependência total. Além da experiência de dor, ele guarda a dignidade do que o neonato pode afirmar de um “não” na condição biológica em que demarca sua recusa ao campo do Outro.

Nesse sentido, propõe que o grito do recém-nascido seja menos o signo de uma necessidade que o signo de um exílio. O *infans* prefere esse exílio à dependência, o que seria visível na criança em lágrimas ao denotar a violência de sua recusa e a angústia que ela faz nascer em seu fundo mais íntimo. (POMMIER, 2004).

Essa recusa ao campo do Outro é a recusa de seu lugar fálico. Sabemos que “Entre mãe e filho há sempre um falo: de início, ele é imaginário e ele deve cair para

⁴⁵ No texto de Pommier (2004), o termo recusa é utilizado para a *Austossung* freudiana, que traduzimos como expulsão.

que o falo simbólico venha se situar entre eles de modo a separá-los, dando lugar a uma castração simbólica.” (BERGÈS e BALBO, 2002, p. 57). Como dissemos, para Pommier (2004), o que a criança recusa é a significação fálica atribuída ao sujeito por sua mãe. Esse lugar fálico é originado bem antes de seu nascimento, onde o *infans* viveu no sonho de seus pais, lugar de um desejo que não foi nem inteiramente aquele do pai, nem da sua mãe, mas um voto obscuro que os ultrapassou também.

A mãe deseja que o filho se identifique com sua própria falta e que ele forme com ela uma unidade. Desse modo, coloca o corpo da criança no lugar de sua falta, preenchendo todas as suas necessidades. (POMMIER, 2004). O apoio sobre a necessidade define a pulsão, indefinidamente relançada a “fazer *um*”, unidade de significação do falo que falta à mãe.

No equívoco entre o grito expulso em que se manifestou o neonato e o grito-apelo do bebê, tal como foi ouvido pelo Outro, bebê e mãe apoiaram-se na necessidade para atingir a pulsão, ambos identificando o grito de protesto com a falta fálica materna, tentando unificar, no bebê, neonato e falo materno inexistente. (VORCARO, 2017a, no prelo).

O excesso de demanda materna rejeitada é ativado pelo viés da pulsão: preenchendo as necessidades, o agente materno coloca o corpo *infans* à mercê de cada um de seus atos de alimentação e de cuidado, erigidos pela oralidade e pela analidade. A pulsão, mediante os modelos oral e anal, dá seu valor psíquico de prazer ou desprazer ao conjunto das sensações. A satisfação da demanda começa por engendrar um prazer, mas é um prazer que gira mal e, por isso, o sujeito se rebela, e quando o empuxo pulsional vira o corpo, ela é rejeitada para fora. (POMMIER, 2004).

A recusa se realiza, no entanto, sobre o fundo de um eterno retorno ao ser com o qual teria sido necessário que ele se identificasse. Conforme Vorcaro (2017a, no prelo), o sujeito permanece sob o golpe da demanda materna, onde o *um* do unário constitui o eterno presente da dívida em relação ao Outro materno. A partir do momento em que o sujeito começa a falar, o *traço unário* entra em jogo, a possibilidade de dizer *um* e *um* e *um* constitui a identificação primária *i(a)*, dada na experiência especular e autenticada pelo Outro. (LACAN, 2005/1962-63).

Como vimos, o organismo é atingido pela linguagem por meio do traço unário. Pelas vias constitutivas que se seguem, as crianças rejeitam o que as aniquila caso elas aí se identifiquem completamente, porém ficam em dívida com aquilo que acabaram de rejeitar, porque a exigência do recalçamento permanece constante. (POMMIER, 2004).

Segundo Vorcaro (2017a, no prelo), foram os avatares do recalque primário que permitiram à criança assumir uma significação, opondo-se à função sîgnica em que representaria o falo materno. A criança inicialmente obedeceria a uma univocidade de signos, imaginariamente partilhados com sua mãe, numa linguagem que asseguraria uma comunicação exata entre eles. Sabemos que não é necessário enunciar-se para comunicar.

Desse modo, a criança propõe-se como falo, tentando determinar seu desejo e encarnando-se como termo que equaciona a falta pressentida na mãe. Oferecer-se como falo ao desejo materno é fazer-se de objeto e anular-se como desejante. (VORCARO, 1997). Todo o período pré-edipiano trata-se, para a criança, de um jogo no qual o falo é fundamental como significante. A criança se propõe a ser o objeto que preenche a falta materna, ensaia ocupar e assumir a relação com aquilo que é o falo para a mãe, ela se apresenta à mãe como lhe oferecendo o falo nela mesma. (LACAN, 1995/1956-57).

Para Vorcaro (1997), a criança buscará aderir à posição de falo imaginário ao camuflar sua própria hiância. Nessa condição, o falo é o operador que produz o objeto *a* no furo que impõe ao sujeito o corte, é o que introduz a criança alienada ao agente como meio de assegurar-se do que este deseja, onde o *Eu (moi)* encontra sua estabilidade.

O falo é, ainda, como o furo do globo lotérico – nos apropriamos da metáfora da roleta lotérica de Lacan (1998/1964) – ao qual se associa o sujeito, o *Inconsciente* e o objeto *a*. O sujeito, em relação ao seu orifício, está no interior. O importante não é o que entra lá, mas o que sai de lá. O *Inconsciente* é o que tem o papel obturador, de fechamento. O objeto *a* é chupado ao orifício. Ao girar o globo, várias bolinhas que estão dentro dele se misturam, seriam essas bolas lotéricas objetos *a*, que podem tamponar o orifício. Vincularemos esse tamponamento ao objeto *a* olhar, relativo à alienação do sujeito à imagem especular.

Para Vorcaro (2017a, no prelo), na imagem especular, há também uma relação temporal na qual o sujeito se apressa em se ver semelhante a ele. Nesse tempo anterior à fase do espelho, o traço indica o lugar de vir a ser, que deixou suspenso, nos significantes, a garantia da existência como ser. O sujeito a se apressar evoca que algo falta na sua contagem. O Outro responde testemunhando a imagem visual e/ou sonora de tal evocação, produzindo uma recontagem, introduzindo mais um.

Desse modo, o *Eu* da criança, que emerge latente nas suas articulações de fala, ainda em formação, depende da articulação significativa produzida pela mãe. Esse significante do desejo materno mantém sua obscuridade. O significante do desejo materno é estranho à criança. (VORCARO, 1997). A primeira emergência do sujeito, como puro efeito do Outro, não ultrapassa o limiar para tornar-se um agente que fala movido pela pulsão. É o jogo pulsional que lança à transposição dessa primeira emergência, permitindo operar com a separação e, ao mesmo tempo, com o desejo do sujeito. (VORCARO e LUCERO, 2010). Como se desdobra, então, tal jogo?

Suponhamos o seguinte desdobramento: mesmo que continue a buscar a identidade de percepção do seu autêntico grito, o bebê não o encontra mais, posto que, para viver, é forçado a transformá-lo em demanda, ou seja, ele deve expulsar (*Ausstossung*) seu grito para modulá-lo na linguagem, segundo as modulações do Outro. Adentremos nas referências modulares.

Com um simbólico que eroginiza, permitindo constituir uma imagem ideal na qual o bebê possa se espelhar, a voz da mãe impõe silêncio ao corpo do bebê, ordenando as manifestações orgânicas. Em sua modulação, comparece a interpretação que ela enlaça com o que ocorre no corpo do bebê, o que lhe permite ter acesso à representação do afeto.

No capítulo anterior, salientamos a metáfora de Vivès (2016a) sobre a isca prosódica, isca de gozo, reduzida pelo anzol da linguagem. Ao mordiscar a isca da voz materna, a criança é fisgada pelo anzol da linguagem. (informação verbal). Propomo-nos a destacar da voz prosódica materna o *Simbólico* que decanta e o *Imaginário* que encanta, considerando que ambos velam o *Real* da voz. Quando esses contornos sobrepujam a presença dos timbres conhecidos? À nossa pesquisa importa localizar esse tempo.

Desde que o bebê nasce, a mãe faz uso da prosódia, num momento em que o bebê ainda não entende o que ela diz, pois nele ainda não estão inscritas as leis fonéticas, sintáticas e gramaticais da língua. Em sua musicalidade, a mãe produz uma erotização no ato de escuta. Antes de organizar a seleção dos fonemas da língua ou de compreender seu sentido, o *infans* vivencia prazer no ritmo. (JERUSALINSKY, J, 2004).

Dado que um bebê de poucos meses não nasce com a língua inscrita, ele é tomado, desde o início, pelo funcionamento da linguagem. Propomos que o funcionamento da linguagem é atrelado à modulação Outra. Na sobreposição prosódica ao timbre originário, temos, além da dimensão alienante, vestígios da voz escandida relativa ao enodamento simbólico.

A voz original do timbre, que assombra a palavra transmitida ao *infans*, é inarticulada. Para Vivès (2016b) ela é da ordem do contínuo, não é decomposta em unidades discretas. (informação verbal). A musicalidade, uma vez que intercala picos prosódicos e silêncios, sublinha o ponto do dito, produzindo marca, inscrição, pelo que é sublinhado pela tela significante do Outro. (JERUSALINSKY, J, 2004, p. 208).

Assim, a prosódia acentua os pontos de corte do movimento rítmico, uma vez que o *mamanhês* só teria efeito constituinte se produzisse corte e articulação significante nas manifestações orgânicas do bebê. Para Vorcaro (1997, 2001, 2002) as escansões temporais da voz e a musicalidade produzem marcas no corpo, capturando o bebê numa primeira matriz simbolizante, que exige ser desdobrada para que um sujeito ali compareça.

Vamos discutir essas marcas junto às demarcações prosódicas da língua. Para Lier-de Vitto (1998), a prosódia da língua aponta a medida da composição da cadeia⁴⁶. Tal cadeia segue sequências que obedecem a uma métrica e a um compasso, são sequências temporais com uma sucessão de picos semelhantes a ondas. Essas ondas permitem que o metro surja no lugar da sentença, advertindo sobre a quebra da pausa sintática. Temos aqui a função demarcativa prosódica na sentença, como apontado por Scarpa (1996, 1999).

A prosódia traz os limites melódicos, rítmicos e acentuais numa materialidade linguística. Desses elementos linguísticos, interessa-nos o apontamento de que é onde a pausa rítmica intervém, que os fragmentos discursivos se cruzam. É a

⁴⁶ Trata-se da cadeia sintagmática da língua, e não da cadeia inconsciente relativa à estruturação psíquica pela linguagem.

prosódia, em sua estrutura cambiante, que ilumina a sistematicidade da língua, o movimento da língua sobre si mesma. (SCARPA, 1996, 1999). Desse modo, o trabalho da prosódia não obedece a estruturas inexoráveis, o que abre possibilidade para a mobilidade na língua.

Para nós, essa mobilidade não se instala num lugar qualquer, é preciso que adentremos nas questões constitutivas do sujeito pela linguagem para que essa língua adquira valor. Nos primórdios da constituição psíquica, nos registros das primeiras emissões sonoras, já temos a possibilidade de o *infans* constituir-se enquanto falante. O choro interrompido já pode demonstrar que o sujeito está à espreita da entrada da linguagem, o choro passa a ser substituído por intervalos, na medida em que se instala num circuito de demanda com a mãe – chora e espera ser respondido. (JERUSALINSKY, J, 2004).

Quando um bebê começa a produzir sua própria vocalização, pode articular, em seu balbucio, uma quantidade de sons que jamais encontramos reunidos em uma língua, ele não tem limites em sua capacidade fônica de balbuciar (GORENBERG, 2016). Esses limites são estabelecidos conforme se instaura o jogo erógeno com o outro. Linguistas apontam que, entre três e quatro meses, os bebês começam a produzir as primeiras vogais. (FLETCHER e MACWHINNEY, 1997).

Nos perguntamos por que tal produção coincide diacronicamente com o período em que se vislumbram os primeiros movimentos do terceiro tempo pulsional. (KUPFER et. al., 2009). Também é o jogo erógeno que faz com que as produções vocais variem quanto à intensidade, ao ritmo e à entoação. Para os bebês que ainda não podem deslizar pelos significantes com desembaraço, a entoação tem peso fundamental naquilo que é dito.

A prosódia é uma via privilegiada de engajamento do *infans* no diálogo e o primeiro veículo da organização das formas fônicas linguísticas. É ponte entre a organização formal da fala e o potencial significativo e discursivo da língua nos primeiros anos de vida, possibilitando as primeiras estruturas que ligam som e sentido. (SCARPA e FERNADES-SVARTMAN, 2012).

O auge dos parâmetros entoativos e temporais das produções sonoras do bebê ocorrem aos oito meses. (JERUSALINSKY, J, 2004). Há, porém, um momento em que se produz uma interrupção, um momento decisivo em que as capacidades fonéticas parecem cambalear. (GORENBERG, 2016). Já apontamos que, por volta

dos sete aos 11 meses de idade, os bebês vão perdendo progressivamente a capacidade de produzir fonemas que não fazem parte da língua materna nacionalmente⁴⁷ falada, entrando na etapa do balbucio linguístico. Os sons tornam-se cada vez mais semelhantes aos dos adultos, uma vez que, nesses balbucios, há sílabas combinando consoantes e vogais, além de padrões de entonação. (FLETCHER e MACWHINNEY, 1997).

Essa transição se inicia em torno dos seis meses, concomitante à origem do estágio do espelho, momento em que o bebê se aliena à imagem que o Outro lhe oferece e às articulações sonoras, trilhando longo caminho até apropriar-se da linguagem. (JERUSALINSKY, J, 2004, 2009; LACAN, 1998/1949). Nesse processo, a criança adequa a imagem sonora que ela produz à imagem sonora que escuta das pessoas que estão a sua volta. (COSTA, André, 2015).

Como a voz comparece nesse processo? Porge (2012, 2014), propõe que o estágio do eco – que trabalhamos no capítulo anterior – participa do estágio do espelho. Diante dessa ideia, podemos achar uma via para pincelar a participação da voz nesse processo, voz essa que será explorada de modo mais minucioso posteriormente. O estágio do eco é proposto como um momento estrutural – não é genético, nem orgânico ou evolutivo – está relacionado com o sujeito anterior a toda nomenclatura, o sujeito do nó que amarra seu lugar no vazio no momento de distinção entre exterior-interior e sua reversão.

Vivido em torno dos 10 primeiros meses de vida, “o estágio do Eco está ligado ao momento de passagem do grito ao apelo e à fala, com a voz como objeto resto”. (PORGE, 2014, p. 122). “Entre o grito e a voz propriamente dita há esse tempo de passagem pelo jogo de vocalizações, os balbucios, os gorjeios, as lalações, os motherese ou parêntese [...] em que a criança goza da matéria sonora para seu prazer.” (PORGE, 2014, p. 120).

Desse modo, para Porge (2014), a criança passa da “imitação” dos sons que ouve, entre seis e sete meses; para a produção de sua primeira perda vocal, entre oito e 10 meses, quando tenta adaptar seus vocalizes à fala. Em tal adaptação, ela sacrifica sua voz, uma parte de si mesmo. Jerusalinsky, J. (2004) aponta que, nesse momento de perda, os balbucios são mais segmentados, com mais articulação fonética e menos entonação.

⁴⁷ Chamaremos de língua nacional por referência à Melman (1992), manifestando a diferenciação do conceito de língua materna.

Dessa forma, para Jerusalinsky, J. (2004), à medida que o *infans* vai se instalando na língua, a prosódia vai exercendo um papel cada vez mais restrito na produção de sentido. Observamos, assim, sua importância para o funcionamento do sujeito na linguagem, que não visa apenas à significação e à comunicação.

A linguagem instrumental – o que implica saber falar a língua para se comunicar – não registra o espírito da língua, que é o lugar do terceiro. Terceiro, aqui, pode ser entendido como o que está colocado em qualquer diálogo, no qual se situa aquele que fala, seu interlocutor e o campo da linguagem, como um campo prenhe de mal-entendidos, semidizeres, bem como de significações antecipadas, implícitas em cada laço social. (COSTA, Ana, 2013-14, p. 34).

Diante do funcionamento da linguagem articulado à língua, Jerusalinsky, J. (2004) aponta que, além de a prosódia desempenhar papel na distinção entre modalidades de frases, é importante na subversão do sentido. Para Lacan (2005/1953), existe uma concorrência, uma superposição de símbolos como numa frase poética, que vale por seu tom, sua estrutura, seus trocadilhos, seu ritmo, sua sonoridade; tudo é da ordem e do registro da linguagem.

Temos, assim, o lugar da prosódia da língua no jogo simbólico. Lacan (1998/1964) chama de jogo do significante as formações do *Inconsciente*: sonho, lapso, chiste ou sintoma. Nessas formações, encontramos o Outro em toda abertura do *Inconsciente*. Costa, Ana (2013-14) lembra ser dos jogos chistosos, das criações da língua, com suas potencialidades metafóricas, que herdamos as condições da referência ao desejo e à castração, tão bem trabalhados por Freud (2017/1905), relativos às manifestações inconscientes.

O *Inconsciente* não pode ser satisfeito pela procura da identidade perceptiva (VORCARO, 2017a, no prelo). A identidade perceptiva, repetição da percepção, está enlaçada com a satisfação da necessidade relativa ao juízo de existência por comparação aos traços de memória da realidade. Isso requer a conversão dos investimentos livremente deslocáveis em investimentos fixos que se transformam em ação. (FREUD, 2010/1911, p. 113).

Nós a associamos à voz recuperadora do objeto, o grito *infans* que se liga a uma imagem acústica capaz de reevocar tal objeto, onde teremos certa formatação da voz/timbre em significante unário; na medida em que faz um chamado específico. Trata-se da formação da identidade perceptiva prosódica, que permite reconhecer os primeiros registros e amarrações da voz, deixando para traz o grito/timbre/resto. De

certa forma, dissemos que o *Inconsciente* não se satisfaz pela voz prosódica, mas os marcadores prosódicos rítmicos têm relação com a voz escandida, que permite o aparecimento do sujeito no intervalo da estrutura da linguagem.

O *Inconsciente*, contudo, também não se satisfaz, porque está organizado como uma linguagem numa cadeia feita de elementos cuja unidade é significativa. Mesmo que uma frase, uma palavra ou um fonema possam fazer parte da cadeia, o *Inconsciente* é simples escritura. (VORCARO, 2017a, no prelo). O *Inconsciente* é organizado:

[...] como uma cadeia de elementos feita de diversas partes do discurso sobre o qual o recalçamento pôde pesar, desde a frase inteira até a letra, passando pela palavra, pelo fonema, e mesmo pelo elemento de pontuação. (MELMAN, 1992, p. 35).

É por isso que ele é exprimível em qualquer língua e constituído muito mais pela letra que pelo material do significante, mas esse significante pode fazer parte dele, assim como frases, locuções proverbiais e metáforas usuais. Desse modo, o *Inconsciente* é constituído por uma cadeia feita de elementos cuja unidade é variável, porque a cadeia vai da letra ao fonema, passa pela palavra, pelo segmento, ou fragmento de discurso, de modo que aquilo que faz unidade significativa é variável. É *um* cuja cesura é dessa forma: móvel. (MELMAN, 1992, p. 49, grifo nosso)

As coisas recebidas do mundo exterior insistem em se ligar à barra do recalque primário de forma significante pela sua diferença. Em virtude disso, começarão a entrar em jogo os termos elementares de soletração que enlaçam um significante com outro significante, produzindo o efeito sujeito. O significante só é *um* na articulação com outro significante. Isso implica que a rasura do corte do *traço unário* por um significante acarretará, necessariamente, a remissão de um significante a outro significante. Assim, o saber inconsciente trabalha na medida em que deriva do *traço unário* e, em seguida, de tudo que irá se articular com ele como significante. (VORCARO, 2017a, no prelo).

A relação que há entre a coisa modulada e complexa e a articulação falada se dá pela interação entre o material disponível e o uso que lhe dá a sintaxe, numa outra forma de linguagem, a fonemática. A sonoridade é composta por letras que carregam significantes. Os significantes da escrita permitem a notação das funções

do fonema com o auxílio da escrita. (VORCARO, 2017a, no prelo). O advento da escrita se dá perante o isolamento do traço significante. Esse traço é encontrado nos primeiros registros da percepção que surgem à consciência e se dispõem por simultaneidade, que Freud (2016/1986) chamou de *Wz (Wahrnehmungszeichen)*, signos da percepção.

Tomamos, assim, a criança como caco de cerâmica em que estão impressos os modos como os pais se referem a ela. Podemos pensar na impressão de signos em que se funda o sujeito – um traço ou a série de traços – na medida em que são reconhecidos, lidos pelo Outro, fonetizados. Como destacamos, por estar submetida à linguagem, não é de qualquer forma que a mãe interpreta nem de qualquer forma que ela fala. Na transmissão linguageira, atravessada pela língua materna interditada, mantém-se a incidência da metáfora paterna.

A instância *Ideal de Eu* ou *Supereu*, que incide nas primeiras manifestações da mãe ao *infans*, ordenando algo da ordem do funcionamento da linguagem, demanda uma imagem ideal daquele a quem ela responde. Pensemos que essa resposta será moldada, em sua forma, pelas exigências parentais, exigências de que o grito, além de ter um significado, torne-se língua. É desse modo que podemos ligar o *a* ao interdito do pai?

Gorenberg (2016) retrata os restos mnêmicos da palavra ouvida dos pais, resquícios de percepções acústicas que trabalhamos com Freud (2011/1923), para distingui-los, em sua dimensão de fonema, com Lacan. Conforme a autora, a voz, como fonema, articula-se com a dimensão pulsional mais além do som, que ela relaciona ao bramido do *shofar*, pelo qual valida a função de fonemização referida por Lacan (2005/1962-63). Em sua dimensão de renovação da aliança com Deus, a voz do *shofar* indica a complexidade da relação do sujeito com o significante – em particular, enquanto é vocalizado – referenciando o fonema e o Outro enigmático. (GORENBERG, 2016).

No capítulo anterior, trabalhamos o “*Que queres?*” (“*Che Vuoi?*”), pergunta do sujeito ao Outro que culmina na fórmula do fantasma: $\$ \diamond a$. Gorenberg (2016) articula certa dimensão do *Che Vuoi?* como um antecedente lógico do *Supereu* em sua faceta mais real, da qual o bramido do *shofar* é indício. O estatuto enigmático do Outro se encarna como a voz emitida pelo *shofar* ao substantificar algo da função de

a. A autora acentua que a função de fonemização está implicada na diferenciação entre o suporte de *a* e o enodamento último do desejo com a angústia.

No intuito de aproximar sua tese da teoria linguística, ela parte da teoria do significante linguístico para chegar na Fonologia⁴⁸, ramo que se ocupa dos fonemas e tem papel preponderante na Linguística Estrutural, na qual as oposições da fonética tradicional – sonora/surda... – foram recriadas como funções de oposições lógicas. Para a autora, a fonologia pôde considerar os excedentes como agregadores dos distintivos fonéticos: prosódia, entonação, acento, melodia, elementos redundantes e variações.

Scarpa e Fernandes-Svartman (2012) afirmam que a prosódia molda a materialidade fônica. Por ser não-discreta e constituída por subsistemas potenciais – altura, intensidade, duração, velocidade, ritmo, pausa – é um bom caminho para a forma fônica – matéria sonora e significante – simbolizável e passível de simbolização.

Pelo viés psicanalítico, a operação de fonemização produz um excedente que não pode ser significantizado⁴⁹, abrindo águas sobre a Fonologia e a Linguística. Para Gorenberg (2016), o conceito de fonema alude à forma como o significante é capturado e moldado à voz, articulando, assim, sua dimensão pulsional.

Considerando a Fonologia e seus excedentes como agregadores dos distintivos fonéticos, perspectiva em que a voz sustenta os significantes, como nos aproximamos da dimensão pulsional? Os elementos suprasegmentais, como permissores da produção da fala encadeada, apontam a prosódia como apoiadora de sentido. Isso é bastante diferente da propriedade de remessa significativa, que aponta o desejo sempre *para lá*, ou seja, não há nada na língua que assegure a identidade do desejo.

Lembremos, com Melman (1992), que, para aquele que fala, a mãe está, em sua língua, interdita. Esse interdito supõe a presença de um terceiro paterno. Esse efeito castração é a própria língua que causa, na medida em que o significante tem a propriedade de ser pura diferença e de remeter sempre a outro significante. Com essa propriedade de remessa significativa, o desejo é sempre de outra coisa e o sujeito está sempre em exílio.

⁴⁸ Ferreira (2015) aponta que, para fazer face à fonética, a fonologia, postulada por Jakobson, formalizou-se como a ciência da forma ou da função. Ela se radica na estrutura linguística e no manuseio da fala, ao contrário do estado cru da substância vocal a que se propõe a fonética.

⁴⁹ Neologismo da autora.

Lacan (1999/1957-58) diz que, na fala, significante plenamente desenvolvido, algo fica sempre para além de cada um dos elementos encadeados. Como vimos, por natureza, os significantes são evanescentes, e a passagem de um para o outro constitui o essencial: a cadeia significante. Para Vorcaro (1997), no intervalo da passagem do desejo pela cadeia significante, introduz-se uma mudança essencial, que faz a dialética do desejo depender de sua articulação numa cadeia significante.

Na passagem atualizada, manifesta-se alguma coisa que aprofunda o significante, que está além, e que faz dele uma voz. (LACAN, 1999/1957-58, p. 355). Essa voz toma consistência na transmissão, porque se refere ao lugar que se apagou. É no que o significante apagado deixou seu lugar, que se presentifica essa voz.

É preciso que o sujeito fale, que empreste voz a seu *Inconsciente*, “se quiser que o inconsciente se deixe escutar sem que se saiba e sem que possa comandá-lo” (MELMAN, 1992, p. 49). Ressaltamos que fala e voz não são homólogos. Tomados de empréstimo pela mãe a partir da sonoridade manifesta da criança, os traços podem ser usados como escrita do sujeito ao retornarem articulados pelo próprio sujeito. (VORCARO, 2017a, no prelo).

Lidos em voz alta, os traços sonorizados⁵⁰ podem ser meios de oferta de elementos para que o sujeito possa circular, na linguagem, entre os significantes. Para Lacan (2005/1962-63), a fonetização é o sistema de oposição que introduz possibilidade de substituição e deslocamento, metáforas e metonímias, sistema apoiado num material capaz de se organizar em oposições distintivas. (LACAN, 2005/1962-63).

O diferencial desse sistema não é o fonema, mas a oposição. É nesse sentido que, como diz Lacan (2005/1962-63), o que sustenta a função de *a* deve ser desvinculado da Linguística e da fonetização. Nós podemos olhar para a sonorização como um lugar onde os traços fonetizados denotam seu valor de oposição, uma oposição primária engajada no funcionamento simbólico onde se constitui o sujeito.

Para exemplificar esse funcionamento da oposição, Vorcaro (2017a, no prelo) designa, no *fort-da*, a aparição da linguagem pelo significante, onde duas

⁵⁰ Por articularmo-nos ao campo fonoaudiológico, é preciso especificar que, toda vez que fizemos referência ao “traço sonorizado”, não se trata dos traços sonoros postulados pela Fonologia, de vibração laríngea, mas a qualquer traço vocalizado pela criança.

modalidades vocais, dois fonemas, expressam oposição. O *fort-da* refere-se a duas vocalizações produzidos pelo neto de Freud diante da ausência de sua mãe. *Fort* significa *foi embora*, interpretação de Freud (2010/1920, p. 172) para a vocalização de “um forte e prolongado *o-o-o-o*” de seu neto. Ele produzia essa vocalização ao fazer desaparecer um carretel, que lançava para dentro do berço. Já o alegre “*é-é-é*”, que Freud interpretara como *da, está aqui*, ele produzia ao aproximar/puxar de volta o carretel para fora do berço. (grifos nossos).

Diante da cena do carretel⁵¹, Freud (2010/1920) elucida o que refere ser o primeiro jogo de invenção de um menino de dezoito meses de idade para expor como trabalha o aparelho psíquico nas brincadeiras de criança. Ele trata a cena como uma oportunidade que lhe foi oferecida, mas relata a constância com a qual a cena lhe era apresentada:

Foi mais que uma observação ligeira, pois durante algumas semanas estive com a criança e os seus pais sob o mesmo teto e levou um certo tempo até que se revelasse para mim o significado daquela ação misteriosa e sempre repetida. (FREUD, 2010/1920, p. 171).

Freud (2010/1920) também conta que seu neto repetia o *fort* quando desaparecia diante do espelho. Para Veras (2000), a criança conta-se no desaparecimento; entre as duas emissões diante do espelho, ela se faz falta ao Outro, onde reaparece.

Vorcaro (2017a, no prelo) diz que o desaparecimento – entre atirar um objeto e recuperá-lo – é condição para que algo se forme no campo da imagem. Na dimensão imaginária, o “*é-é-é*”, *da*, causa o sujeito no plano mais simples da identificação. Trata-se da concatenação de um funcionamento simbólico primário que engaja a criança na constituição subjetiva. Lacan (1998/1964) diz que os dois fonemas encarnam os mecanismos de alienação, que se exprimem no nível do *fort*, porque não há *fort* sem *da*. Se, no entanto, o sujeito se exercita nesse jogo, ele só o

⁵¹ Essa cena o fez avançar, junto a outros fenômenos, para além do princípio do prazer, criando um dos quatro conceitos fundamentais da Psicanálise: a repetição. Ele trabalha o porquê de a repetição dolorosa do desaparecimento ser encenada como brincadeira, uma vez que tal fato não harmoniza com o princípio do prazer – primeira ênfase da abordagem sobre o funcionamento econômico do psiquismo – e questiona por que o menino repetia o desprazer na brincadeira em si mesmo, visto que repetia frequentemente o primeiro ato do *fort*, quando desaparecia diante do espelho, lançando sua tese sobre o que está além do princípio do prazer.

faz com a ajuda de um carretelzinho, que Lacan chamará de objeto *a*. É a função de “exercício com esse objeto” que se refere à alienação. (grifo nosso).

O carretel é uma coisinha do sujeito que se destaca e, com esse objeto, a criança transpassa as fronteiras de seu domínio. É no carretel que devemos designar o sujeito, objeto *a* que designa o sujeito, enquanto o significante é a sua primeira marca. (LACAN, 1998/1964). Desse modo, não é à necessidade do retorno da mãe que o jogo visa, isso seria designado no grito-apelo precocemente esboçado pela voz⁵². No conjunto da atividade, Lacan destaca o jogo mesmo, no representante da representação (*Repräsentanz da Vorstellung*)⁵³: o *fort* para *da* e o *da* para o *fort*.

Dessa maneira, fica clara a relação de oposição e a operação da alienação. No primeiro jogo significativo, as vocalizações serão lidas, fonetizadas, como o próprio Freud o fez em sua tradução da brincadeira calcada na voz sonorizada de seu neto. Vislumbramos, assim, de que modo o significante é capturado e moldado pela sonorização vocal fonemática, mas articulada por meio de sua dimensão pulsional alienante.

Na reprodução sonora, a criança lê, em voz alta, suas referências, seu mapa referencial. É preciso, porém, que ela releia, melhore sua performance. Tal movimento podemos observar em seus monólogos de berço. Dedicaremos a próxima seção aos monólogos, manifestações sonoras que permitem pensar a voz – objeto de nosso estudo – separada de seu suporte vocal no sujeito em constituição.

3.1.3 Interrupções do discurso Outro nos movimentos monológicos

É por um fenômeno muito típico da primeira infância que podemos observar o nascimento do sujeito pela linguagem, trata-se, para Lacan (2016/1958-59), do funcionamento autônomo da fala nos monólogos do berço⁵⁴.

Subvertendo a Linguística Clássica⁵⁵, que não se deixa abalar sobre o erro e o equívoco, Jakobson (1969/1941) fizera notar improvisações da criança onde o erro

⁵² Embora seja mesmo voz a expressão utilizada por Lacan (1998/1964), ele refere-se à voz como sonoridade.

⁵³ Já referimos, no capítulo anterior, o representante da representação como o S_2 , por relação ao S_1 .

⁵⁴ Os monólogos foram postos em evidência pela psicologia do desenvolvimento, nos anos 20, mediante o trabalho de Jean Piaget (2005/1923). Ele chamou esse fenômeno de “fala egocêntrica”, em que a criança fala de si mesma e a partir de seu próprio ponto de vista, na ausência de interlocutores. É uma fala em que a criança não se preocupa com a clareza do que diz e fala por meio de frases curtas, entrecortadas de silêncios prolongados ou de palavras de outras pessoas.

encontra lugar: os monólogos de berço. Produção instável e imprevisível, os monólogos são compostos de erros por meio dos quais Lier-de-Vitto (1998) diz que a criança “desafina”. (grifo nosso).

Os monólogos são produções instáveis em que o sentido não se define. Pausas, hesitações, interrupções abruptas, sequências de repetições, e composições inesperadas caracterizam essas manifestações linguísticas da criança: ela ‘erra’ demais, para demais e repete demais. (LIER-DE VITTO, 1998, p. 164, grifo da autora).

No trabalho de Lier-de-Vitto (1998), encontramos que a criança usufrui, em seus monólogos, o discurso do outro, dando “voz” a esse discurso. (grifo nosso). Iniciemos nosso trânsito sobre os monólogos pela perspectiva linguística segundo a qual os monólogos derivam do discurso do outro⁵⁵. Para De Lemos (1992), as mudanças na fala das crianças não se dão por um conhecimento gradativo sobre a língua; decorrem, sim, da captura da criança pelo funcionamento linguístico, onde aparecem três elementos: o sujeito, o outro e a língua. Desse modo, entre a criança e o outro, há o terceiro elemento: a língua.

Isso permite que não se fale mais de processo dialógico, a relação é com a fala do outro e não com o outro. Para a autora, é pela identificação com a fala do outro que se dá a captura da criança, pela via do imaginário. As mudanças na fala são consequentes da mudança de posição numa estrutura formada pelos três elementos. Decorrem disso três posições discursivas relativas ao processo de subjetivação. (DE LEMOS, 1992). Apontaremos a primeira posição assumida pela criança como falante. Ela se dá pela dependência de sua fala à fala do outro, está colada à fala do Outro. Nela, há retorno dos enunciados do outro dominante na fala da criança. (DE LEMOS, 2002). Seria essa a posição monológica?

Lier-De Vitto (1998) diz que vozes diversas circulam em diálogos e monólogos da criança, são as vozes das palavras do outro. Isso pode ser concluído, por exemplo, pelo fato de as crianças usarem, nos monólogos, o próprio nome, o que demonstraria que as vozes do outro semelhante não se apagam totalmente. São

⁵⁵ No Curso de Linguística Geral, Ferdinand de Saussure (2006) define que a preocupação da linguística deve ser o funcionamento do sistema da língua, e não seu uso. Ele hesita em colocar o paradigmático na língua e o sintagmático num sujeito/indivíduo que fala livremente.

⁵⁶ Por referência à Linguística, aqui o outro é discurso ou instância, lugar de funcionamento da língua constituída. (De Lemos, 1992; 2002). Dentro da referida área, o discurso do outro é entendido como fragmento discursivo: palavra, frase ou pedaço do discurso ouvido pela criança a partir das vocalizações da fala de pessoas próximas.

verdadeiros diálogos, não apenas por pedaços de enunciados, mas enunciados inteiros congelados que ali advêm da voz do outro, citações maciças que deslizam na voz da criança e a capturam. (LIER-DE VITTO, 1998). A esses deslizamentos, caros à Psicanálise, logo retornaremos.

As desmontagens/montagens textuais dos monólogos deixam entrever o movimento que barra a cadeia sintagmática, colocando em relação fragmentos diversos, mesmo que sejam apontados como não sendo quaisquer⁵⁷. (LIER-DE VITTO, 1998). Em sua pesquisa, Lier-De Vitto (1998, p. 155) situa que todos os segmentos dos monólogos têm um envelope prosódico, de modo que a iluminação prosódica, nos monólogos, segue uma repetição cadenciada que dá a impressão de um todo coeso, é o envelope globalizante da prosódia. Todavia, acentuamos que o trabalho da prosódia não obedece a estruturas inexoráveis, o que abre possibilidade para mobilidade na língua.

O que se estrutura de modo prosódico pode levar a movimentos que confundem os sentidos⁵⁸, isso aponta que a prosódia permite que o discurso esteja aí implicado. Além disso, os envelopes prosódicos estudados nos monólogos guardam uma reserva: em nenhum se observa a repetição do mesmo, há sempre mobilidade no nível segmental, é sempre repetição com diferença. (LIER-DE VITTO, 1998).

Nesse sentido, os monólogos são “quase” coesos, o que a autora também sustenta pelo fato de fragmentos vários se cruzarem na voz monológica da criança. Nos monólogos, são os outros irrompendo na voz da criança. A criança, porém, pela ordem da linguagem, tira os fragmentos que circulam pela voz à deriva para submetê-los à cadeia significante num domínio de sentido particular. Seria esse domínio o do sentido? Seriam mesmo as vozes outras as escutadas a partir da passivização da criança ao discurso do outro?

Apesar de alguns linguistas atentarem a esse fenômeno como uma demonstração de passivização do sujeito ao outro, o que representaria sua colagem a um discurso do qual não há apropriação, Lacan (2005/1962-63) o evoca como

⁵⁷ A autora referencia Freud (2015/1915) para citar que a relação entre os fragmentos se dá por meio das redes de memória.

⁵⁸ A linguagem desse estudo linguístico é entendida como rede de relações e de sentido. Tal concepção relaciona-se com a proposição da especularidade da língua, segundo a qual a criança diria o que o outro disse porque se alienou, seria uma fala capturada, e não uma escolha. (De Lemos, 1992; 2002).

revelador da precocidade das tensões primordiais no *Inconsciente*. Os monólogos do berço seriam a chave para pensarmos o *a* como resto, ali onde o sujeito foi atingido pela linguagem. Lier-de Vitto (1998) aponta uma vicissitude especial dos monólogos, que se aproxima das proposições de nossa tese: mostrar o outro começando a se mover no discurso da criança.

Para a autora, trata-se de um sujeito tomado pela palavra do outro; sujeito que, nas pausas, no lugar em que a língua faz buraco, faz silêncio, cedendo lugar para o outro falar e se movimentar. Isso é observado nos excertos monológicos em que a criança, após um fragmento outro, pausa, permitindo que *outro-outro* possa se presentificar em sua voz monológica, ou seja, após a pausa, o silêncio, a criança traz mais um fragmento discursivo. Temos aqui uma aproximação da produção da criança à troca dialógica proposta ao agente materno no princípio da constituição do sujeito.

Lier-de Vitto (1998, p. 100) propõe que o caráter dialógico está ligado à presença absoluta de certos fragmentos tomados do discurso do outro, fazendo presença na ausência. Quanto ao caráter dialógico, trabalhamos que, nos endereçamentos do agente materno *infans*, a mãe produz intervalos, silencia, sustentando uma matriz dialógica. Isso porque supõe que o bebê tem algo a dizer, sustenta aí um desejo e uma alteridade.

Assim sendo, conforme Ferreira (1997), além de interpretar a vocalização dos bebês, a mãe também assume, alternadamente, as posições da troca dialógica (*turn-talking*), dando lugar de fala ao bebê. Todavia, “Definir dialogia como ‘alternância de turnos’, de ‘papéis’, ou como ‘ações recíprocas’, significa reduzir a constituição do sujeito e da linguagem a uma questão meramente empírica”. (LIER-DE-VITTO, 1998, p. 100, grifos da autora).

Lier-De Vitto (1998, p. 174) indaga-se qual seria o efeito, na criança, desse silêncio do outro presente em sua voz, respondendo que:

[...] nesse silêncio, ele é situado no interior de uma articulação significativa que o aprisiona em redes históricas que se entrecruzam [...] *Ele é, então, ‘efeito’ decorrente da condição de produto de ‘não ser escutado’ e de ‘não escutar’*. [...] apesar disso, os monólogos deixam ver sua determinação dialógica e discursiva. (grifo da autora)

Perguntamo-nos se, nos monólogos primordiais, em vez de “não ser escutada” e “não escutar”, como apontou Lier-de-Vitto (1998), não estaria a criança

exercitando seu inaudito, colocando em movimento, sob o ponto de corte discursivo, a cadeia associativa inconsciente imprescindível ao “falar sem saber o que diz”. (grifo nosso).

Retornando à metáfora do globo lotérico, Lacan (1998/1964) diz que aquilo que se inventa, nos primeiros enunciados de associação livre, sai do globo no intervalo em que o objeto *a* não tampona o orifício. Essa imagem permite “restituir a função constituinte do simbólico em sua contraposição recíproca.” (LACAN, 1998/1964, p. 138). É o jogo do sujeito. Algo que é do interior do sujeito, mas só se realiza do lado de fora, no lugar Outro, onde ganha seu estatuto. Numa constelação de significantes, por associação, o sujeito dividido pela linguagem pode, num efeito da fala, se realizar no Outro.

Isso permite questionarmos também se a criança que monologa seria realmente produto e, caso positivo, produto de quem? Produto do discurso outro ou Outro – lugar dos significantes primordiais? Conforme Lacan (1998/1964), nesses monólogos, reencontramos o nascimento do sujeito no campo do Outro, sujeito do *Inconsciente* cuja característica é estar sob o domínio significante pelo qual desenvolve suas cadeias, suas redes, num lugar indeterminado. Podemos associar esse lugar à fonetização do Outro, como faz Gorenberg (2016) ao referenciar os monólogos da criança?

Ferreira (2015) parece responder a nosso questionamento ao situar um antecedente monológico no balbucio de valor linguístico. A autora lembra que, ao começar a assumir valor fonético, o balbucio adota uma forma que pode ser identificada pelo ouvinte como um som da linguagem convencional, como mamãe e papai. Ao estudar o *falar babyish*⁵⁹, de Jakobson, Lacan (2003, 1961-62, não publicado) apontou que o uso preliminar dos termos, apesar da forma assumida, ainda não tinha função designativa. Assim, Ferreira (2015) observa que a dimensão vocal sobressai à fala do bebê, revela a forma do corpo sonoro, e não algo que ele queria dizer. Para a autora, o mesmo ocorre nos monólogos: a criança não sabe o que diz, mas, mesmo assim, vocaliza.

Seria esse não saber relativo ao sentido? Voltamos a ele. Seria relativo ao sentido trazido do campo do Outro em suas leituras sobre as produções *infans*?

⁵⁹ Fletcher & MacWhinney (1997) retratam o *baby-talk* ou *babyish* com a expressão popular “jeito como as crianças falam”. Essa fala estereotipada representa alguns traços comuns da pronúncia inicial das crianças.

Seria, então, a voz sonorizada o produto, e não mais o *infans*? Podemos dizer que sim, se tomarmos por base a ideia de Lacan, segundo a qual a voz é o produto, enquanto objeto caído do órgão da fala; e o Outro é o lugar onde *Isso* fala. (LACAN, 2005/1963, p. 71).

Nos monólogos, a criança não fala para si, não se dirige ao outro da função *eu-tu*, as crianças que monologam falam para *lá*. Desse modo, o Outro não pode ser confundido com o sujeito que fala no lugar do Outro, o Outro é o lugar em que *Isso* fala e coloca o problema do sujeito como anterior à questão. Lacan (2005/1962-63) sustenta que a fala dos monólogos é análoga à função do sonho, onde tudo se passa na Outra cena, no inconsciente.

No seminário 6, cinco anos antes, Lacan (2016/1958-59) havia evocado um sonho relatado por Freud, sonho que permite questionar as tensões primordiais. Vorcaro e Resende (2016) dizem que, nesse sonho, o qual chamam de sonho de nomeações empilhadas, a cadeia descontínua e diacrônica do código articula-se à demanda contínua do sujeito, como em toda fala, tomando a solidez emprestada da solidariedade do significante.

Em sua exposição do sonho, Freud (1996/1897) supõe que se possa encarar a fala das crianças durante os sonhos como sonhos mesmo. Sua suposição deu-se num tempo em que ele sustentava a tese de que o sonho é a realização de desejos. Conforme Provedel e Prizskulnik (2008), foi a primeira vez que Freud relatou um sonho de uma criança em carta a Fliess. A criança era sua filha, Anna Freud. O relato data de 31 de outubro de 1897, num registro conhecido como Carta 73. Vejamos como descreve o sonho a Fliess:

Aninha, um ano e meio de idade. Um dia em Ausse, ela teve de ficar sem comer porque passou mal de manhã, o que foi atribuído ao fato de ter comido morangos. Durante a noite seguinte, ela recitou um cardápio no sono: 'Molangos, molangos silvestes, omelete, pudim!' (Freud, 1996/1897, p. 324)

O sonho de Anna Freud foi rerepresentado, dessa vez ao público, em sua grande obra "A interpretação dos sonhos":

Caso me seja concedido que o fato das crianças falarem enquanto dormem também pertencem ao âmbito do sonho, posso comunicar um dos mais precoces de minha coleção. Minha filha caçula, então com dezenove meses de idade, vomitara certa manhã e por isso fora mantida em jejum durante o resto dia. Na noite que se seguiu a esse dia de fome, nós a ouvimos gritar

excitada enquanto dormia: ‘Anna Feud, molango, molango silveste, ovo mexido, mingau’. (FREUD, 2016/1900, p. 151, grifo do autor).

Freud (2016/1900) aponta que Anna enumera os pratos dignos de desejo em sua série, a série: “Anna F.eud, Er(d)beer, Hochbeer, Eier(s)peis, Papp!” (LACAN, 2016/1958-59, p. 75). As duas formas de morango que ela grita representariam um protesto pelo fato de a babá associar o mal-estar ao abuso na ingestão de morangos. Lacan (2016/1958-59) circula que o valor exemplar do sonho surpreendido por Freud foi ser articulado em voz alta durante o sono, o que revela a presença do significante em seu contexto atual.

Destaca também que Anna usava o próprio nome para expressar posse e, após dizer Anna F.eud, forma a sua série. Com isso, “fomos introduzidos no que denomino de topologia do recalque.” (LACAN, 2016/1958-59, p. 83). Temos a estrutura do significante quando o sujeito nela se embrenha com as hipóteses mínimas para que entre no jogo significante. Lacan assemelha tal fato ao que ocorre nos monólogos primordiais.

Anos mais tarde, Lacan (1998/1964) refere-se aos monólogos infantis como jogos propriamente sintáticos, uma cama de reserva inconsciente, que ele associa metaforicamente às reservas de índios, no interior da rede social. A sintaxe, diz ele, é pré-consciente. Esses jogos, no entanto, saem da esfera pré-consciente e se mantêm na reserva, e o que escapa ao sujeito é justamente isso, que sua sintaxe está em relação com sua reserva inconsciente.

Quando o sujeito conta a sua história, a conta de modo cerrado a um núcleo. Lacan diz que essa resistência do discurso – no núcleo cerrado – é diferente da resistência do sujeito. Esse “núcleo deve ser designado como da ordem do real – do real do que na identidade de percepção é sua regra.” (LACAN, 1998/1964, p. 70). Núcleo real daquilo que é a sua regra, na identidade de percepção, lugar onde existe a voz sem amarração. Vestígio *Real* que também encontramos nas articulações simbólicas que dão lugar à voz escandida.

Trata-se do objeto *a* que resiste à assimilação da função significante, mantendo-se vestígio de *Real* no *Simbólico*. O funcionamento significante e a repetição são errâncias em torno do vazio, inscrição incessante daquilo que não se escreve. (VORCARO, 1997). Para Milner (2012), é na faceta multiplicada da

homofonia que se escreve um impossível de se escrever, ali tudo bascula, onde os fragmentos viram “significantes fazendo eco”. (grifo nosso).

O que trouxemos, até o momento, remete a algumas questões: Seria esse eco o mesmo da voz? A criança usufrui, por meio do jogo erógeno pulsional, da estrutura de abertura sintagmática da prosódia da língua incorporada? Nas divagações vocais da criança, temos o movimento autoerótico do segundo tempo pulsional, em que ela pode se satisfazer com as partes do próprio corpo, como acentuou Freud? Lembremos que, segundo Laznik (2004), o tempo autoerótico se sustenta, como segundo tempo, somente depois da passagem pelo terceiro tempo reativo à pulsão, que, em nosso caso, vincula-se ao se fez escutar.

Acreditamos que os desdobramentos que nossas análises terão poderão explorar essas questões. Por ora, no intuito de considerarmos as proposições de nossa própria tese, afirmamos que se trata muito mais de situar o sujeito no intervalo. Para Milner (2012), quando a língua começa a se mover no corpo, na voz da criança, entrevemos o ponto agudo de subjetivação em que ela atravessa os textos e põe o sujeito no intervalo.

Nesse jogo autônomo da palavra, circula a interrogação primitiva a propósito do sujeito, regulamentada pela linguagem, segundo a qual o que o sujeito recebe está sob uma forma interrompida. Observamos, com isso, a aproximação de Ferreira (2015), para quem as primeiras palavras de berço já são articuladas. Nesse mesmo sentido, Gorenberg (2016) diz que os monólogos primordiais evocam certa operação de castração da linguagem sobre a língua, o que deixa um resto, um detrito, um indeciso do objeto voz localizado em sua exterioridade significante.

Segundo Ferreira (2015), o objeto *a* – voz-resto – sustenta-se quando alguma coisa passa para uma emissão. Ela fala, no entanto, da voz separável pela sua dimensão emissível, que substantifica no *shofar*, voz do pai assassinado que ressoa fora dele. Por outro lado, Gorenberg (2016) fala da voz articulada que, no vazio do Outro, ressoa não modulada. Para a autora, essa é a voz imperativa que Lacan (2005/1962-63) identifica como incorporada. A voz articulada incorporada é a voz imperativa do *Supereu*, é a voz dos pais da infância, introduzida no psiquismo do sujeito. Essa voz será modelada pelo *shofar*, após o desejo do Outro ter adquirido a forma de um mandamento – um bramido de Deus. Junto com Vorcaro (2001),

questionamos se é mandamento ou andamento. A próxima seção será dedicada ao ponto de corte, à voz interrompida e escandida e ao andamento.

3.1.4 O andamento e a voz escandida

Em suas novas articulações sobre as primeiras inscrições no corpo *infans*, Vorcaro (2017a, no prelo) propõe que o registro do compasso materno imprime, no corpo real da criança, uma temporalidade de cortes, resíduos vazios, que a entonação e o timbre preenchem. Isso dá vazão a seu trabalho sobre a voz escandida, que não pode se confundir nem com a Fonética, nem com o fonema.

A lição de 09/04/1974, do seminário 21 de Lacan (1997/1973-74, não publicado), registra que a voz pode ser estritamente escansão, a escansão ligada ao tempo que Lacan leva para dizer as coisas, visto que o objeto a se liga a essa dimensão do tempo. Nesse sentido, Vorcaro (2017a, no prelo) propõe que a voz escandida seja justamente relativa à articulação, falta de garantia do Outro, distinta das sonoridades, voz que não é modulação e tem seu princípio nos andamentos dos endereçamentos do agente do Outro.

Para Vorcaro (2001, 2002), o andamento apresenta a marca do afeto corporal de deslocamento, implicando o tempo. É por meio da localização do afeto temporal que o timbre e a entonação poderão ressoar, reduzidos à temporalidade real do andamento. Já expusemos que, quando se trata do simbólico, o elemento temporal é muito importante. (VORCARO, 2017a, no prelo). Antes da invenção do metrônomo ou do uso do pêndulo, a referência do andamento musical era corporal: a pulsação cardíaca, o passo, a respiração e a dança; ou seja, a temporalidade dependia do corpo que a executava.

Na constituição psíquica, temos também o movimento temporal que franqueia seguimentos a partir do andamento impresso pelos cuidados maternantes. Antes que advenha um sujeito, os cuidados maternantes ao corpo do bebê articulam uma matriz estruturada num cálculo temporal. É por meio do andamento que se imprimem escansões no organismo, estabelecendo uma regularidade Outra. Essa regularidade segmenta o fluxo vital *infans*; coagulando-o, definindo esperas, urgências, sobressaltos e sínopes que discretizam e organizam elementos de uma forma singular. Isso engaja um gozo acéfalo e define uma superfície corporal. (VORCARO, 2017a, no prelo).

É justamente essa superfície corporal que se engajará no jogo pulsional, sendo a voz escandida a que dá início ao movimento de contorno pulsional, demarcando abertura e fechamento pelos quais joga a erogeneidade. Além da entonação e da rica expressão facial com que a mãe produz seus endereçamentos ao bebê, a erotização do ato de escuta se dá, também, pelo movimento de seus lábios, que convocam o *infans* a olhá-la. (JERUSALINSKY, J., 2004).

Nos propusemos, neste capítulo, a trabalhar o con-soar. Observamos que é pelo movimento do olhar relativo ao fazer-se objeto do desejo ao Outro, para o Outro, que o sujeito exercita suas primeiras manifestações linguísticas. Isso ocorre mesmo que as letras, ao transitarem pela língua materna, sejam tensionadas pelo sujeito no andamento e moduladas no timbre específico que ele assumirá na enunciação, como propõe Vorcaro (2017a, no prelo).

Vorcaro (2017a, no prelo) destaca que as primeiras produções sonoras que ocluem – os fonemas oclusivos *p*, *b* –, por meio do tensionamento que modula e pontua a emissão de ar, são articuladas à demanda do agente materno, implicando uma estruturação de funcionamento que ultrapassa a função orgânica. Lembremos que o importante, aqui, é se esses fonemas, produzidos justamente pela oclusão labial, denotam um ponto de corte marcado como borda do corpo pulsional, fazendo das primeiras produções sonoras do bebê movimento que contém, prende, solta, coloca o funcionamento pulsional em jogo.

Mesmo no jogo do carretel, em que soam as vogais “musicais”, evocando o objeto em meio ao jogo significativo do neto de Freud (2010/1920), percebemos a escansão temporal com que a criança abole seu carretel, o que faz com que a identidade do objeto seja mantida na presença e na ausência. Com essa cena, Freud permitiu perceber o objeto encarnado em sua própria duração, separado de si próprio e, de certo modo, sempre presente, à sua disposição.

Como afirma Porge (2012, 2014), não é a pura sonoridade que demarca o jogo de abertura e fechamento do circuito pulsional invocante, mas um orifício e uma escansão. A função de corte, no que concerne à voz, é sua escansão na fala. “As pausas na fala são essenciais à sua escuta” (PORGE, 2014, p. 111).

Se é a escansão da fala que cria a voz como objeto *a*, como saída de um orifício e como alguma coisa que se corta, evocamos os lábios do corte significativo. Isso porque o corte se dá não apenas no que a mãe diz, que passa pela orelha e

que o bebê ouve, mas também no movimento dos lábios que articulam o que ela diz. Movimento que o bebê vê e lê. (BERGÈS e BALBO, 2002, p. 71 e 72).

Para Lacan (2005/1962-63), os fonemas mais fundamentais são as consoantes, pois são ligados ao corte, modulados no nível dos lábios e estão no plano da articulação significativa. Na Fonologia, segundo Oliveira, E. (2009), a consoante é um som que compreende obstrução, pois são fonemas produzidos por meio da passagem do ar pela garganta com a boca fazendo obstáculo. Por sua vez, a vogal é definida como o som emitido pela voz sem ruído de ar; som musical produzido por vibrações periódicas do ar laríngeo, ecoando livremente pelo canal bucal.

Lacan (2005/1962-63) usufrui de termos de seus amigos linguistas para se referir, justamente, aos lábios que efetuam a função de borda da pulsão, encarnação de um corte do objeto. Lembremos que, na pulsão, algo se destaca, se mutila, se perde: o objeto real da voz, um cavo que será apenas contornado. Retornamos aqui à relação mais que accidental entre a sonorização da fala e a voz enquanto objeto da pulsão. Não é preciso falar para ter linguagem, ela pode dar-se de muitas formas, mas a fala é uma via, um desfiladeiro.

Para Lacan (2005/1962-63), são os lábios do corte dos significantes que se transformam em cartas, letras fechadas em envelopes selados de outros traços. Didier-Weill (1999) também se utiliza de elementos da língua, segmentos fonéticos, para trabalhar a continuidade e a descontinuidade da sonata materna. Diz que o mundo que é dado ao *infans*, entre vogais e consoantes da fala materna, guarda a marca de um contínuo – mundo da música, que suspende os limites espaço-temporais que recebeu da ordem da lei – e de um descontínuo, campo da lei que irá discriminar todas as coisas.

A voz escandida abre o lugar Outro, lugar do desejo Outro onde a voz ecoa a interdição simbólica. (VORCARO, 2017a, no prelo).

[...] as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer. Esse dizer, para que ressoe, para que consoe [...] é preciso que o corpo lhe seja sensível. É um fato que ele o é. Porque o corpo tem alguns orifícios, dos quais o mais importante é o ouvido, porque ele não pode se tapar, se cerrar, se fechar. É por esse viés que, no corpo, responde o que chamei de voz. (LACAN, 2007/1975-76, p. 18-19)

É pelo ecoar pulsional que encontramos a pulsação temporal, mais radical que o significante. Lacan (1998/1964), embasado no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud (2016/1900), aponta que, quando Freud escreve sobre o esquecimento dos sonhos, só faz referência ao jogo significante. Para ele, não devemos nos contentar com o inconsciente do jogo significante, o que importa é o modo de tropeço como as manifestações inconscientes – sonhos, chistes, atos falhos – aparecem.

Há algo que se estatela na frase pronunciada, e é ali que algo quer se realizar, alguma coisa aparece diante de uma intencionalidade e, refere-nos Lacan (1998/1964), de uma estranha temporalidade. É algo pelo qual o sujeito se vê ultrapassado, na surpresa, e que se produz numa hiância. É uma manifestação num corte do sujeito, donde ressurgue o desejo, na metonímia do discurso desnudado; é ali que o sujeito se saca, em algum ponto inesperado. Num reachado, sempre prestes a se perder, situa-se o dinamismo inconsciente, que consiste em apagar. Aqui adentramos naquilo que Lacan parece verdadeiramente querer sustentar: alguma coisa inconsciente está sempre disposta a se perder e retornar na surpresa; se perder para ser reencontrada.

Conforme Chemamma (2017), logo que o sujeito fala, logo que seu desejo se constitui no nível da linguagem, sempre equívoca e polissêmica, pode-se entender outro discurso além do que ele acredita querer dizer. Há, assim, divisão entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação.

O desejo inconsciente é lembrado pelos tropeços da língua; o corpo interditado é lembrado pelo saber da língua e pelo gosto pelas metáforas e metonímias. Saber uma língua “quer dizer ser falado por ela, que o que ela fala em você se enuncia por sua boca, como destacado, a título do *Eu (je)*” (MELMAN, 1992, p. 15). Segundo Oliveira, L. (2002), a palavra é meio privilegiado, pois através dela os laços sociais e as formações do inconsciente são constituídos, mantidos ou rompidos.

Diante dos tropeços, graças ao jogo poético, aos lapsos, etc., é sempre o desejo de uma coisa diferente que a língua pode oferecer. Essa coisa que a língua pode oferecer está interdita, apesar de ter causado o desejo. Com base no exposto, entendemos que o *Inconsciente* pode ser representado como um corpo materno cuja livre disposição é interdita, é o objeto interdita que torna uma

língua materna para nós, mas que deixa escutar o desejo nele enganchado. É a esse interdito que uma língua deve sua significância. Assim, “a língua materna é aquela na qual, graças ao jogo do significante, se entretém e se dá a escutar o desejo daquilo que é impossível.” (MELMAN, 1992, p. 33).

Para Vorcaro (2017a, no prelo), mesmo que o sujeito não possa apreender o desejo articulado pelo interdito, ele pode emprestar-lhe a sua voz sem que o saiba e sem que possa comandá-la. Para Jerusalinsky, J. (2004), a voz que vacila trai o locutor no ato de enunciação, revelando mais do que ele queria dizer. Queria dizer a psicanalista que a voz é o próprio tropeço? Nos aproximamos mais da posição de Gorenberg (2016), segundo a qual a voz interrompida é transmitida pelos ecos do real que se encontram nos intervalos e nos cortes tendo em conta que é impossível prender esse real.

É no corte descontínuo do sujeito, forma essencial com que aparece o *Inconsciente*, que Lacan (1998/1964) liga o sujeito ao significante. Esse é o *Inconsciente* da dimensão de enunciação. Para Musolino (2015), a contingência da voz surge no imprevisto de uma posição de enunciação. Nessa dimensão do corte enunciativo, se assim podemos chamar, o que aparece na fenda, por uma função pulsativa do *Inconsciente*, está destinado à cicatrização, ao desaparecimento.

Desse modo, cercamos o *Inconsciente* com uma estrutura temporal. Lacan (1998/1964) afirma que, no lapso, por exemplo, observamos o *Inconsciente* que se evade numa estrutura escandida onde podemos situá-lo entre um ponto inicial e um terminal, entre o instante de ver⁶⁰ e um ponto de apreensão, ponto final que não se conclui. Assim, o que realmente interessa é o movimento do sujeito, que só se abre para, numa pulsação temporal, voltar a se fechar.

Quanto ao movimento de fechamento, no capítulo anterior, trabalhamos a expulsão (*Ausstossung*) e o ponto surdo. Em suas novas articulações sobre o ponto surdo, Vivès (2016b, informação verbal) altera o processo que chamara de “aquisição do ponto surdo” (VIVÈS, 2012) para “fazer experiência”. (grifos nossos). Trata-se de fazer a experiência da renúncia ao gozo vocal. Essa experiência ele encontra no juízo de existência freudiano, num movimento de reencontro, que movimenta a pulsão. Não se trata de encontrar a representação, modo de

⁶⁰ Quanto ao “instante de ver”, é o primeiro da série que se segue com o “tempo para compreender” e o “momento de concluir”.

reaparecimento do objeto no mundo externo, mas de reencontrar o outro não surdo capaz de ouvi-lo. (VIVÈS, 2016a, informação verbal).

Lacan (1998/1964) já constatará que bastam duas orelhas para sermos surdos, o que os psicanalistas podem reconhecer pelas clivagens⁶¹ do objeto *a*. Para Lacan, a expulsão de Freud sustenta o objeto *a* quando submetido à clivagem, a divisão pela qual se constitui o sujeito da linguagem, que enunciamos na seção anterior. Dessa forma, relacionam-se expulsa e ensurdecimento.

Mas como podemos pensar um corte em um esfíncter não contrátil? Como dissemos, o ouvido não pode se fechar facilmente; o fechamento, em relação à voz, é um ato do sujeito que não quer mais o que lhe é dado a ouvir. (DIDIER-WEILL, 1999). Temos de atentar ao fato de que a condição de não oclusão do ouvido impede que a subtração se dê de maneira imediata. (REMOR, 2015).

Didier-Weill (1999) diferencia o sentido do ato de fechamento pela forma como incide sobre o que diz a voz, pelo sentido das palavras, um recalque pelo *Eu (moi)* ou sobre o real da música da voz. Referimo-nos ao segundo. Para Vivès (2016a), fazer a experiência do ponto surdo é criar um espaço intrapsíquico onde o sujeito não seja invadido pelo mundo. Diante disso, esse sujeito tem um espaço de intimidade por onde consegue escapar. A primeira oposição significativa mostra algo do ponto surdo já presente, porque a entrada na linguagem vela o grito. (informação verbal).

Assim, diante da aposta no outro não surdo capaz de ouvir, a voz do sujeito deve ser compreendida como aquela que indica a sua presença na enunciação e, portanto, do desejo que o sustenta e apoia seus endereçamentos ao outro. A voz do desejo, sua dimensão enunciativa, implica o sacrifício da voz no altar da palavra, implica aceitar se separar da voz da sonoridade. (VIVÈS, 2016b, informação verbal).

Tomando por base nosso referencial teórico, podemos sustentar que o sujeito da enunciação é aquele que se fez surdo à própria sonorização vocal. Ele adentrou num *Simbólico*, operado pela linguagem, que fez furo no *Real*. Ao final do circuito pulsional, em sua reversão fundamental, encontrou o desejo Outro, assumido em seu inaudito. Ele adveio com um timbre único – inclassificável, incomensurável, fazendo presença – e também transitou pelas melodias duplicadas. De tudo isso, ergueu-se, enunciando-se desejante, assumindo os próprios equívocos.

⁶¹ O termo clivagem, Lacan retira da obra de Freud em alemão: *Spaltung*, traduzido, em francês, por *clivage* e, em português, clivagem.

Das melodias duplicadas, salientamos um elemento da língua con-soando entonação. Para Melman (1992, p.51), a fala se desenvolve sobre dupla escala; uma sustentada pela significância e outra pela entonação, pela música para a qual “não damos seu lugar merecido [visto que] toda fala é evidentemente cantada”. Em toda fala há o canto, ele é o que recusamos abandonar quando aprendemos uma língua estrangeira, pois, ao falar a nova língua, continuamos a utilizar a música da outra.

Se é verdade que toda a fala é cantada e inclui a música, Melman (1992) pensa que a música inerente à fala é testemunha da presença do pai morto a partir dos elementos sucessivos por uma relação matemática fixa, calculada e ordenada, que já tratamos no primeiro capítulo. Ele lembra que a música habitou os campos de batalha, mesmo sob sua forma mais sucinta, de escansão, “a escansão dos tambores”. (grifo nosso).

Nesse sentido, podemos dizer que a música lembra a morte do pai, a morte do pai para que o sujeito possa viver com a língua. O pai é morto pelo fato de que não conseguimos chegar a lhe dar voz, apesar de todos os nossos esforços. Desse modo, a entonação veicula um apelo ao pai; mas a música da língua materna lembra que o desejo ao qual estamos condenados é mudo. (MELMAN, 1992).

Em sua leitura, Vorcaro (2017a, no prelo) diz que, ao falar uma língua estrangeira, manter a entonação é comemorar a mudez do desejo ao qual se está condenado, visto que ela comemora a afonia do pai morto. A autora propõe, porém, que o que resta no *Inconsciente* de um sujeito falante são resíduos não entoacionais da fala materna, são resíduos caídos da entonação, que se depositam como ponto surdo, retomando o conceito de Vivés sobre o timbre materno.

Da entonação ou do timbre que comparecem na música da fala materna, dando-lhe certa consistência, o que se singulariza, na experiência *infans*, é seu resíduo de marcação temporal, que talvez possa ser contemplado nas escansões do andamento. Na escansão que a linguagem transmite ao humano, o sujeito cede algo de suas escansões, provindo das que nele retumbaram, para enlaçar-se com o Outro na enunciação do dizível. Isso após se instaurar o funcionamento da linguagem no corpo que ressoou na vibração do andamento da fala. (VORCARO, 2017a, no prelo).

3.2 PERCURSO METODOLÓGICO

3.2.1 Participantes

Participaram do estudo dois bebês, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, e suas mães, responsáveis pelos cuidados diários com os mesmos. A lactente do sexo feminino será chamada F, enquanto o bebê do sexo masculino receberá a referência M. Tais letras serão precedidas de M quando a nomenclatura designar as mães MF e MM. As duplas em interação foram acompanhadas longitudinalmente durante o período de 11 meses, seguindo o período de um mês (um mês e um dia a um mês e 29 dias) a 11 meses (até 11 meses e 29 dias) dos bebês.

Para inclusão na pesquisa, foram consideradas mães falantes do português brasileiro e ouvintes; e bebês ouvintes e a termo. Os critérios de exclusão foram: bebês com síndrome genética ou deformação congênita e/ou bebês com alterações na estrutura ocular causadoras de obstrução no eixo visual, causadoras de doenças como catarata, glaucoma congênito e outros. Para exclusão das mães, foram utilizados os critérios de: deficiência mental e/ou síndrome genética, além do quadro de surto psicótico (com delírios e/ou alucinações).

3.2.2 Delineamento, procedimentos, instrumentos e análise

Foi realizada uma pesquisa empírica, de abordagem qualitativa, fundamentada no método de estudo de caso exploratório-descritivo, que tem como objetivo obter uma visão mais acurada sobre o problema de pesquisa, embasando futuros trabalhos, assim como identificar as múltiplas manifestações do fenômeno e descrevê-lo de forma diversa e sob diferentes pontos de vista (GIL, 2009). A escolha metodológica deu-se, em parte, pela exigência de uma metodologia empírica para argumentação de projeto de tese no Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana (PPGDCH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), exigência essa que atende aos critérios de cientificidade dos trabalhos acadêmicos.

O estudo de caso foi definido por Yin (2005) como forma de investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, principalmente quando os limites entre fenômeno e contexto não são claros, sendo

um estudo aprofundado de um ou mais casos – casos múltiplos, a partir de uma construção efetuada pelo pesquisador.

Nesse tipo de pesquisa, utilizam-se diversas fontes, tendo como objetivos: levar conhecimento especializado para lidar com o fenômeno estudado; identificar todos os dados relevantes; examinar interpretações rivais; ponderar e comprovar o grau dos achados. Como critérios de escolha por essa metodologia, destacam-se, nesta tese, a relevância dos dados, as possíveis interpretações e as ponderações. Por sustentar-se em contextos e aprofundamentos, por embasar-se em “não precisão” de delimitação entre fenômeno e contexto e por ser conferido ao pesquisador o processo de construção, pareceu-nos uma escolha metodológica possível, considerando-se o viés teórico psicanalítico dado ao trabalho.

A nomenclatura “casos”, utilizada neste escrito, não se refere à perspectiva clínica da Psicanálise. Enfatiza-se que se trata de uma leitura teórica cuja interação outrora citada refere-se à afetação no corpo e no psiquismo *infans*, de sujeitos em vias de constituir-se psiquicamente, por meio dos endereçamentos dos agentes do Outro, aqui representados pelas mães do estudo. Considerados terceiro termo na relação “corpo materno-corpo *infans*”, tais endereçamentos serão lidos com base no constructo teórico psicanalítico, no *a posteriori* que permitiu a este trabalho inscrever-se como efeito de uma experiência de leitura, situada nas discussões da autora durante a escrita desta tese.

A escolha dos participantes do estudo deu-se por conveniência de acesso aos mesmos. Inicialmente, contactou-se a supervisora da área de Neonatologia do Programa de Residência Médica do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), também professora do Departamento de Pediatria da UFSM e do PPGDCH, a fim de possibilitar o primeiro contato com a equipe responsável pelos cuidados com os bebês recém-nascidos desse hospital. Uma vez realizado tal contato, agendaram-se dois encontros entre a pesquisadora e a equipe, a fim de averiguar os critérios de inclusão dos bebês no estudo e iniciar o contato com as mães dos mesmos – ainda em internação hospitalar decorrente do nascimento de seus filhos.

Para averiguação dos critérios, a equipe médica aferiu os resultados dos exames relativos à audição, visão e doenças genéticas dos neonatos. Em relação à audição do bebê, foi verificado o resultado da Triagem Auditiva Neonatal (ou exame de Emissões de Otoacústicas Evocadas Transientes e/ou Potencial Evocado

Auditivo de Tronco Encefálico). Essa triagem é obrigatória por lei e gratuita, no Brasil, desde 2010, sendo mais conhecida como Teste da Orelhinha. Quanto à verificação da visão, atentou-se ao resultado do Teste do Olhinho (exame de rotina nos recém-nascidos no HUSM), conferindo aos bebês o fato de não terem nenhum obstáculo ao desenvolvimento da visão. Quanto à possibilidade de portarem doenças genéticas, foi descartada por meio da detecção neonatal de Fenilcetonúria-PKU, popularmente conhecida como Teste do Pezinho. Nesse exame se detectam precocemente doenças metabólicas, genéticas e infecciosas, doenças que podem causar alterações no desenvolvimento neuropsicomotor do bebê.

Uma vez indicados os possíveis participantes, a pesquisadora visitou os leitos no alojamento conjunto da maternidade, em setembro de 2014, a fim de, brevemente, explicar o intuito do trabalho e a possibilidade de contato posterior para apresentação da pesquisa. Durante os dois momentos de visita, em diferentes quartos, mostraram-se interessadas em conhecer o estudo 10 mães, das quais se obtiveram os contatos telefônicos. Após 15 dias do primeiro encontro, contataram-se as mães para verificação da permanência do interesse. Das 10 mães contatadas, cinco mantiveram-no; para essas, foram agendadas visitas em suas residências. Antes da realização da visita, duas delas manifestaram desistência da participação.

Assim, às três mães que concordaram em participar da pesquisa, foi apresentado o estudo por meio de explanação oral da pesquisadora sobre os objetivos, a justificativa, os procedimentos, o detalhamento do método, os riscos e benefícios, o acompanhamento e a assistência, assim como a liberdade de recusa ou desistência da participação, em qualquer tempo, dando início ao Processo de Consentimento Livre e Esclarecido (PCLE). Nesse momento, também foram buscadas as informações necessárias aos critérios de inclusão das mães: audição, língua falada, convívio com os bebês, deficiência mental e episódio de surto psicótico, com ações observacionais e questionamento oral.

Esse primeiro encontro resultou em três sujeitos com declarada intenção de participação na pesquisa, os quais realizaram a formalização de assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – anexos A e B – após leitura e apresentação oral dos mesmos. Foram dois termos assinados por cada uma das mães nesse momento: um especificando a participação da mãe no estudo (Anexo A)

e outro especificando a participação do bebê no estudo (Anexo B). Mesmo após a assinatura dos termos, consentindo participação, houve mais uma desistência, permanecendo os participantes descritos.

Formalizadas as participações, iniciaram-se as visitas domiciliares. Durante o primeiro encontro, em novembro de 2014, foi realizada uma entrevista não-estruturada buscando evidenciar a história do bebê por meio do relato materno. A partir dessa data, instaurou-se o processo longitudinal de acompanhamento dos casos, nas residências, para registro das ações interacionais entre mães e bebês. Foram realizados encontros mensais, de novembro de 2014 a setembro de 2015, totalizando 11. Cada encontro teve duração aproximada de 30 minutos e as interações foram principiadas pelas mães por meio de brinquedos do próprio bebê ou levados pela pesquisadora, dispostos em brincadeiras com os lactentes. Sendo livres, as interações incluíram espontaneamente momentos de trocas alimentares e a presença de outras pessoas da família, como o irmão de M, que será referido como IM.

As cenas de interação foram registradas por meio de filmagens e de gravações de áudio. Além disso, após cada visita, ocorreram alguns registros complementares em diário de campo, no qual foram inclusas percepções da pesquisadora acerca das trocas registradas. Desse modo, denota-se a triangulação instrumental da pesquisa: observações da interação, registradas em áudio e vídeo; entrevistas, registradas em áudio; e diário de campo, registrado a punho/de forma escrita. Após os 11 meses de coleta, foi realizada nova entrevista não-estruturada com cada uma das mães para registro da percepção sobre a experiência de participação no estudo.

Como exposto, o percurso longitudinal compreendeu o período de um a 11 meses dos bebês, tendo início, a partir do segundo mês de vida, os encontros interacionais. Optou-se por não realizar encontro no primeiro mês a fim de evitar excesso de invasividade, espaçando-se um período mínimo para o estabelecimento das trocas e rotinas entre mães e filhos. O período foi projetado visando ao registro de produções sonoras e efeitos de fala que circularam durante os processos constitutivos pela linguagem e pela pulsão.

A análise, cuja técnica de interpretação seguiu a proposta do estudo de caso, compreendeu o cruzamento dos materiais registrados. Os materiais de áudio

passaram pela análise perceptiva acústica da pesquisadora. Destaca-se o tratamento de análise de todos os registros por comparações constantes, um método desenvolvido para sustentar a “teoria fundamentada” (*grounded*). Para tanto, o pesquisador reúne e compara um volume de informações que emergem do processo de análise, o que permite reconstruir a experiência pela via teórica. (GIL, 2009).

A leitura teórica realizada pela autora deu-se por referência a sua formação psicanalítica, na qual fundamentou a especificidade do objeto de estudo – a voz nos primórdios da constituição psíquica – em suas especificidades. Para tanto, foram feitos recortes para as análises conforme os momentos constitutivos dos sujeitos. Desse modo, serão inclusos, na apresentação dos materiais e em sua discussão, excertos retirados das trocas entre mães e seus bebês quando estes tinham: um, quatro, oito e 11 meses de idade, tempos cronológicos demarcados pelos operadores lógicos da estruturação psíquica.

Na análise proposta, não se trata de testar uma teoria, mas de desenvolvê-la mediante processos determinados, que incluem a interpretação do pesquisador e a troca entre diferentes sujeitos. Por esse motivo, incluímos P como participante deste estudo, autora e pesquisadora cuja presença implicou, além das leituras empreendidas, efeitos na própria “cena de coleta” a que se propôs.

3.2.3 Considerações éticas

Esta pesquisa seguiu as diretrizes e as normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, conforme expostas na Resolução nº 466/12, de 12 de dezembro de 2012. Ela foi desenvolvida considerando o interesse dos envolvidos e da comunidade científica e acadêmica. Uma vez sendo a coleta deste estudo realizada na residência dos sujeitos participantes, quem assinou a Autorização Institucional (Anexo C) para a realização da mesma foi a chefe do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Para efetivação dos preceitos éticos, foi assinado o Termo de Confidencialidade (Anexo D) pela pesquisadora responsável. A mesma garante o armazenamento dos dados no Centro de Estudos de Linguagem e Fala (CELF), na rua Floriano Peixoto, 1750, subsolo do prédio de apoio da UFSM, sob

responsabilidade da orientadora do estudo/pesquisadora responsável, pelo período de cinco anos. Após transcorrido esse tempo, os mesmos serão destruídos.

O estudo respeitou o Processo de Consentimento Livre e Esclarecido (PCLE) com os sujeitos envolvidos, assegurando o princípio de respeito ao participante e a sua manifestação expressa de contribuir e permanecer ou não na pesquisa durante todas as suas etapas. Esse processo teve início na primeira visita realizada aos possíveis participantes, durante a qual foram prestadas as informações sobre a pesquisa, informações essas que também se encontram nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Anexos A e B.

Os bebês, por se tratarem de incapazes legais, tiveram a assinatura dos termos referentes as suas participações efetivadas pelas mães. Os TCLE expressaram os objetivos, a justificativa, os procedimentos, o detalhamento do método, a ponderação de riscos e benefícios, o acompanhamento e a assistência, assim como a liberdade de recusa ou desistência da participação a qualquer tempo. Também sustentaram a manutenção do sigilo, a privacidade e a proteção da imagem (assegurando a não utilização da mesma em prejuízo dos participantes). Além disso, garantiram ressarcimento, indenização ou pagamento de despesas decorrentes da participação no estudo. Foram asseguradas as condições de acompanhamento, tratamento, assistência incondicional e orientação aos participantes.

Este estudo não ofereceu benefício direto aos sujeitos da pesquisa, mas proporcionou proveito indireto, visto que a participação auxiliou a produção de conhecimento para o desenvolvimento das áreas da Psicanálise e da Fonoaudiologia. Também não houve nenhum risco direto aos participantes, uma vez que o estudo não compreendeu intervenções de qualquer natureza, apenas entrevistas e observações. Todavia, considerou-se que as mães poderiam sentir algum desconforto em razão de sua participação, como algum constrangimento durante as filmagens ou ao responder a alguma pergunta.

Caso houvesse algum desconforto e necessidade ou vontade de receber atendimento psicológico, elas teriam direito gratuito ao mesmo, sendo a pesquisadora a responsável pelo seu acolhimento na rede pública de saúde ou na Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP) da Universidade Federal de Santa Maria, serviço no qual a responsável atua como psicóloga e supervisora. O

mesmo procedimento seria utilizado caso fosse identificada, pela pesquisadora, a necessidade de acompanhamento psicológico às mães durante a pesquisa, o que não ocorreu.

Ainda, caso fossem verificados aspectos de risco psíquico ao bebê, por meio de sinais como a recusa do olhar, os participantes seriam orientados quanto à importância de tal aspecto, assim como sobre a existência de um serviço que, na época, realizava intervenção precoce – o Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPS i) “O Equilibrista” – serviço de referência para o atendimento de crianças com transtornos mentais da Secretaria Municipal da Saúde do município de Santa Maria. O serviço, em parceria com o curso de Fonoaudiologia da UFSM, incluía a intervenção precoce em seu quadro de atividades. O possível encaminhamento seria alvo de discussões, em caso de evidência de risco, e as mães optariam quanto à busca pela intervenção.

Considerando tratar-se de uma pesquisa que envolveu a área da saúde, o acesso aos cuidados seria gratuito e por tempo indeterminado, conforme a necessidade de utilização de métodos profiláticos, diagnósticos e terapêuticos identificados no estudo, mas não houve necessidade.

Esta investigação teve registro no Gabinete de Projetos do Centro de Ciências da Saúde (CCS) e no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob o número CAEE 34428014.6.0000.5346. Seu projeto, cujo título era “Condições Maternas de Invocação e o Surgimento do (Sujeito) da Linguagem”, foi aprovado em primeira instância pelo CEP, na data de 12 de agosto de 2014, sob parecer número 748.099. O início dos procedimentos de pesquisa ocorreu após essa aprovação.

Todos os preceitos acima citados demonstraram respeito aos princípios éticos impostos à prática de pesquisa com seres humanos, todavia, cabe-nos, como pesquisadores críticos, atentar a esse dispositivo como legitimador de práticas de pesquisa pautadas na objetivação do universo humano. A imposição é colocada porque, dentro dos princípios da bioética, apenas um modelo de pesquisa é considerado, o biomédico.

Poli (2012) auxilia a visualização desse aspecto ao apontar que, do mesmo modo como esses preceitos facilitam a adequação dos modelos clássicos de pesquisa psicológica, pois se sustentam na distinção entre pesquisador e

pesquisado, inviabilizam as pesquisas de cunho clínico – inclusive a psicanalítica – que possuem pressupostos distintos dos que constituem as biociências. A psicanalista reconhece que a subversão freudiana foi propor, justamente, um modelo de ciência que inclui a experiência singular, marcada pela história e restauradora do valor da fala/palavra.

Observou-se, por exemplo, que um dos preceitos do TCLE, garantir a autonomia dos sujeitos da pesquisa, é sustentado na capacidade de autodeterminação dos sujeitos. Isso se contrapõe ao desejo inconsciente do sujeito, objeto de escuta da Psicanálise, sendo o psicanalista aquele que conhece as determinações inconscientes que produzem a impossibilidade da autonomia. Desse modo, esta pesquisa parte da premissa de que a autorização consciente à participação no estudo e a aparente autonomia de participação ordenam-se pela demanda inicial da própria autora da tese. Além disso, inaugura, em retorno, a relação com os demais participantes, diante do lugar específico em que é colocada por cada sujeito que aceitou recebê-la em sua casa. Desse lugar, em contrapartida ao que esses sujeitos supuseram lhes ser ofertado no contato com a pesquisadora, foi-lhe endereçada a escuta de determinadas especificidades.

3.3 LEITURAS E RECORTES

Nesta seção, discutiremos as vertentes teóricas apontadas com os materiais resultantes⁶² dos procedimentos metodológicos referidos e a posição da pesquisadora ao longo da construção deste escrito. Nossas leituras dividem-se em quatro momentos lógicos: o primeiro é relativo à primariedade rítmica, incidência simbólica, observável já no segundo mês de vida nos bebês; o segundo enfatiza a constituição do laço com o outro e a incorporação da língua nos bebês de quatro meses de idade; o terceiro demarca a passagem pela voz apelativa e os objetos que, com ela, quedam, leituras que empreendemos nas cenas do nono mês de vida dos bebês; o último momento, registrado nos materiais em que os sujeitos da pesquisa tinham 11 meses de idade, demarca a passagem pelos significantes e o

⁶² Destacamos que, para a apresentação dos materiais de áudio, manteremos o estilo descritivo, sem uso de figuras para visualização de frequência, de intensidade e de tempo, sendo que as mesmas foram captadas pela pesquisadora de modo perceptivo auditivo.

sujeito constituído pela linguagem, apresentando elementos que destacam que a voz escandida ressoou no sujeito.

3.3.1 A primariedade rítmica incidente no *infans*

Como dissemos, de início, o grito do neonato, efeito do envelope do organismo que sonoriza singularmente o fluxo de ar, não corresponde a nenhum apelo específico. Mas é por esse grito que o próximo assegurador (*Nebenmensch*) se intima a responder. (FREUD, 1996/1895). Tomá-lo como signo de uma necessidade e, portanto, de uma demanda, é operação imposta pelo Outro. (POMMIER, 2004)

Durante o segundo mês de vida dos bebês participantes, as interpretações do agente do Outro sobre o organismo dos bebês foram empreendidas por ambas as mães. Em suas primeiras ofertas, foi visível a suposição de sujeito impressa nas interpretações, bem como a leituras das sonorizações *infans* como apelos endereçados a elas.

Quando a mãe de F, por exemplo, visualiza que ela quer mamar, logo lhe empreende uma pergunta: “*Que que a F quer, ãh?*”, supondo que ela deseje algo. O mesmo ocorre em uma cena em que MM deita M no sofá, lendo seu choro como uma demanda para que trocasse sua fralda: “*é verdade, é verdade, é verdade [...] é verdade, é muuita verdade*”.

Temos claro que, tomando as manifestações da criança como signos, conforme observamos nas mães da pesquisa, o agente do Outro antecipa um sujeito. Ao mesmo tempo, estende, instala e atribui à criança a posição indeterminável de um sujeito do gozo. (LACAN, 2005/1962-63). Nos sucessivos endereçamentos e leituras demandantes sobre o *infans*, opera a perda do gozo instintual do *infans* por meio de sua inserção no campo da linguagem. Para Vorcaro (2003), os cuidados e as interpretações, em atos simbólicos, possuem sentidos imperativos, por arbitrarem valor, emoldurando e definindo sua significação.

As leituras empreendidas pelas mães não apenas traduzem os movimentos dos bebês, mas também o situam no diálogo, ofertando palavras como respostas dos mesmos. Notamos o exposto por Ferreira (1997): além de interpretar a vocalização dos bebês, as mães também assumem, alternadamente, as posições da troca dialógica (*turn-talking*), dando lugar de fala aos bebês.

Em um excerto, MF percebe que F olha a sua volta e refere à pesquisadora que a bebê observa sua casa, visto que tinha estranhado a casa da avó, da qual haviam retornado recentemente, e pergunta à bebê: “*Nenê estranhou ontem a casa da vovó?*”. MF mesmo responde: “*Estranhoo*”. Assim, empreende a pergunta e sabe responder no lugar onde deve advir F. Do mesmo modo, quando MM indica que M gosta de ficar “peladão”, logo produz a resposta do bebê: “*tá muito quente, mãe, eu gosto de ficar assim, tá muito quente, eu gosto de ficar peladão, viu?*”. Outro excerto permite visualizarmos a troca dialógica:

– MF (4:53)⁶³: “*É preguiça, a F tá com preguiça?*”.

– MF (5:04): “*Eu recém acordei, mamãe, tô cansada, preguiça da viagem.*”.

Para Lier-de-Vitto (1998), todavia, definir dialogia como alternância de turnos ou de papéis significa reduzir a constituição do sujeito e da linguagem a uma questão meramente empírica. De que modo vislumbramos os aspectos constitutivos em tão precoce momento?

É sobre um princípio de constituição de bordas do corpo que entendemos os movimentos de nosso primeiro mês de observações. As bordas são zonas erógenas relacionadas à função central da pulsão: engendrar zonas que sejam fontes específicas para a pulsão por meio da exclusão de outras zonas anexas. (LACAN, 1998/1964). Vemos, nesse princípio, o agente do Outro convocar algumas zonas a engendrem-se no gozo materno.

Não são apenas palavras e sonorizações que as mães ofertam, oferecem também seus corpos durante as traduções que empreendem aos bebês. Como exemplo, observamos MF nomear a forma como F movimenta-se para a mama: “*tu sente o cheiro.*” – seu relato é acompanhando do gesto de cheirar o pescoço da filha, como se estivesse ela mesma vivendo a cena relatada. E continua: “*tu quer mamá.*”, movimento maternos que permite transitar (BERGÉS e BALBO, 2002).

Outros excertos denotam o ressoar dos movimentos maternos em relação ao fazer-se corpo *infans*. Aproximando a borboleta, que antes balançava mais afastada do rosto de M, MM lhe fala: “*É, olha aqui, pega aqui a borboleta.*”. Em pronta resposta, M abre a boca como se fosse abocanhar o objeto. A mãe continua: “*Ó a boboletinha, é*”, encostando o objeto sobre o peito do menino e pegando sua mão para que acariciasse a borboleta. Nesse momento, M fecha a boca e sobe cada vez

⁶³ Refere-se ao tempo da filmagem em minutos e segundos, marcando cronologicamente o tempo em que as falas ocorreram.

mais seu olhar, desviando-o da mãe, que tenta captá-lo com a borboleta, colocando-a em frente a seus olhos, então ele novamente abre a boca. Vemos aqui uma parte do corpo que se precipita sobre um objeto externo.

Em outra cena, MF recoloca a mão da filha no brinquedo e diz: F *“Olha aqui, coloca a mãozinha pra ti sentir”*. F olha o brinquedo, a mãe pergunta: *“Viu?”*, passa a mão da filha como se acarinhasse o brinquedo, acompanhando o gesto de palavras: *“que gostoso, que gostoso esse brinquedo”*, pega a mão de F e solta-a em cima do brinquedo, ao que ela levanta um dedo. Observamos, nesse momento, o corpo *infans* delinear-se à oferta e ao gozo maternos.

Para Freud (1996/1895, 2016/1900, 2010/1911), nesse princípio, os atos dos bebês provavelmente relacionam-se à repetição da percepção, enlaçada com a satisfação da necessidade, por comparação aos traços de memória da realidade. Esses traços requerem a conversão dos investimentos livremente deslocáveis em investimentos fixos que se transformam em ação, como o abocanhar.

Desse modo, entendemos que as bordas são delineadas por orifícios dos quais se destacam objetos que virão a cumprir função na pulsão. (LACAN, 1998/1964). Assim, chamaram-nos a atenção as tentativas de captura do olhar dos bebês por parte das mães. Em um momento no qual M olha para cima, MM diz: *“Não olha para cima!”*. Sua solicitação é entendida como repreensiva pela pesquisadora, diante do temor de recusa ao olhar. Nos casos estudados, a insuportabilidade materna, perante o desvio do olhar, é presente em muitos momentos, alguns ditos sobre ele: *“Não olha pra lá... não olha assim... não olha... tá? ... aqui a mamãe... dá pra mãe... dá aqui pra mim... oiii...”* (MM) ou *“Não olha para cima”*, solicitação de MF à filha.

Diante do não atendimento ao pedido materno, outras atitudes são tomadas pelas mães: MM busca levar o rosto de M para baixo, colocando delicadamente a mão em sua nuca. Em outra ocasião, MM utiliza tom repreensivo: *“Pra baixo, a mãe falou. Olha a cabeça, pra baixo”*, ao mesmo tempo em que puxa a cabeça do menino para baixo, concluindo com uma vocalização mais amena e estendida quando consegue fazer com que ele não olhe mais para cima. MF, por sua vez, tenta seduzir o olhar da menina com um brinquedo: *“Aqui ó”... “Olha aqui ó, olha o que a mãe tem pro nenê”*. Sem resposta, a mãe se debruça sobre o carrinho para

alcançar seu olhar, tentando fazer com que o desviasse do ponto acima ao qual seu olho estava fixado.

Os olhares evasivos parecem olhares ainda não emoldurados. Quando iniciaram as filmagens, a pesquisadora observou, em M, o olho que qualificou como “arregalado”, que foi revelando um olhar a enquadrar-se. Aos poucos, o pronto arregalar de M foi entendido como sinal do instante de captura do olho, que logo se tornaria olhar, uma circunscrição delimitativa em que os olhos poderiam focalizar os objetos externos. No olho arregalado de M, relativo a uma zona ainda não erogeneizada, precipitamos a borda erógena que inicia a inscrição de um corpo.

Primeiramente, o olho de M e o olhar de MM não se encontram durante as mamadas e o ato de trocar a fralda. Os breves encontros de olhares, que ocorrem em outras situações, logo são suspensos. Observamos a recusa de M diante das tentativas maternas de buscar o olhar e nos questionamos quanto à recusa exposta por Pommier (2004). Para ele, o que a criança recusa é a significação fálica atribuída ao sujeito por sua mãe. Esse lugar fálico é originado bem antes de seu nascimento, é onde o *infans* viveu no sonho de seus pais, lugar de um desejo que não foi nem inteiramente aquele do pai, nem da sua mãe, mas um voto obscuro que os ultrapassou também. A recusa de Pommier (2004) parece referir-se a uma exclusão do saber que o demanda como signo, por situar a criança em relação à posição fálica. O saber materno objetado pela renúncia do *infans*, nesses primeiros movimentos, é, porém, aquele do gozo absoluto, que vimos com Vorcaro (2003).

A tentativa de encontro de olhares por parte das mães, quando tem sucesso, provoca satisfação, é o que observamos em uma cena na qual o olhar de M encontra o de MM e a mãe sorri. Temos aqui o chamado materno pela oferta de gozo, mas, do mesmo modo como o *infans* é fisgado nesse gozo, a mãe também o é. Diante de um olhar, gesto ou vocalização *infans*, vimos a fala materna se alimentar, como apontou Ferreira (2010). Nessa captura de mão-dupla, prevalece o gozo do agente do Outro.

Para seu empuxo, observamos o agente do Outro utilizar todos os recursos que lhe estão disponíveis. Diante das recusas de M, por exemplo, MM faz carinho, vocalizando: “*caariinhho.*” (prolongado, entre 17:20 e 17:35). Esse endereçamento é capaz de fazer M interromper o choro. Questionamos aqui a função da vocalização, que parece engendrar prazer – como propõe Freud (1996/1895) para a dupla

tensão-apaziguamento. Como vimos, no preenchimento das necessidades, onde o agente materno coloca o corpo *infans* à mercê de cada um de seus atos de alimentação e de cuidado, esse agente oferta valor psíquico de prazer ou desprazer às sensações, dando origem ao empuxo pulsional. (POMMIER, 2004).

O canto materno de MM: “ã, ã, ã”, também provoca o arregalar dos olhos de M, o que nos permitiu esboçar a prosódia enquanto isca à qual o *infans* se deixa muito cedo fisgar. Diante desse chamarisco, o olhar é imediatamente capturado pelas mãos. Do mesmo modo, observamos que o empuxo vocal de MF, que utiliza a caracterização melódica: “*Oolha a borboleta*”, é usada somente após o olhar de F ser capturado no objeto, o que ela desejava. O mesmo ocorre em uma fala de MM, que produz um “*ooooi*” extensivo quando o olhar de M a encontra, ou seja, ela responde ao que supõe ser um ato do sujeito filho.

É interessante observarmos que, diante dos apelos maternos que incluem as variações tonais frasais, há retorno, em vocalização, por parte dos bebês, mas em número reduzido em relação aos encontrados perante a melodia do *mamanhês*. Nesses casos, com frequência, há a manifestação vocal dos bebês, que parecem realmente apetentes ao objeto sonoro. Há muitos exemplos em que a mãe lhe fala e F não responde, como o que segue: “*Que tu tá encantada, que que o nenê tá encantado, é com a máquina que o nenê tá encantado? Tá gostando da máquina? Hum, será que já descobriu a tua profissão? Hein, F?*”. Em outra sequência dialógica, vemos o mesmo ocorrer: “*É preguiça, a F tá com preguiça?*”.

Em outro momento, todavia, quando a mãe vocaliza de modo mais agudo e extensivo, utilizando características do *mamanhês*: “*Oopa, que isso? Que isso?*”, F parece engatar-se no chamado materno. Em outro excerto, diante da decrescente entoação materna, “*O queeeé? Que tu queeer?*” ... “*Hein?*” (4:48), M encontra o olhar da mãe e parece lhe endereçar, vocalizando “ã” (4:50). Ao cumprir o desejo de que M não olhe mais para cima, MM produz uma vocalização de satisfação: “*Assiiim*” (10:18), ao que M vocaliza (10:19). Em outro instante, MM diz “*Ooiiii*”, e M para o choro, escutando a voz materna.

Percebemos que as vocalizações dos bebês são acolhidas pelas vocalizações maternas. Quando M vocaliza com extensão, a mãe repete a produção do filho: “*ééé*”. a produção vocal da mãe é muito próxima à produção do filho, precipitando assegurar a inscrição dos traços sonorizados pelo menino. Do mesmo

modo, quando MF diz “*Era o colinho da mamãããe*”, F vocaliza “é” com entoação e duração aproximadas da vocalização materna, esboçando padrão melódico pela frequência com que é emitida. Em outra utilização do recurso entoacional, por parte da mãe, quando esta capta o olhar da bebê, F emite uma vocalização estendida: “*ããã*” (01:07). A duração de sua vocalização é maior que as outras emitidas por ela.

Observamos que as vocalizações de F são realizadas no intervalo da voz da mãe e também na ausência objetal, ou melhor, na “perda” perceptiva de objetos externos. Assim, comparece certo apelo vocal à presença dos objetos perdidos. Vemos instaurar-se o apelo à presença-ausência da vocalização materna, ligada ao prazer-desprazer. Diante da ideia de complementariedade desses dois polos, remetemo-nos ao jogo de alternância em que a possibilidade de ausência é segurança da presença.

Teríamos, aqui, a oposição mais ou menos, presença e ausência, que nada mais é que uma posição objetivável da premissa do jogo. (LACAN, 1995/1956-57). Os bebês do primeiro mês da pesquisa encontram-se nessas premissas do jogo erógeno, ao mesmo tempo em que, em suas vocalizações, começam a se instaurar alguns aspectos melódicos que servirão ao jogo no laço com o outro logo em seguida.

Na primariedade do jogo, observamos que as evidências rítmicas das vocalizações *infans* também são imposições à entrada no jogo. Vejamos a cena:

– MM: “*Tá, já te deixei peladão como tu gosta.*”.

– M: “*ã*”.

– MM: “*Deu, tá peladão [...] Táá peladãão mamããããe.*”.

Encontramos a prosódia do mamanhês na segunda frase, quando a mãe goza do que lê, “resposta” do filho, mas chama-nos a atenção que a suspensão do choro tenha se dado após a primeira fala, de condição rítmica. Teríamos aqui evidências da primariedade rítmica? Em que medida podemos referi-la nas vocalizações?

Em Freud (2016/1905), a questão rítmica já estava presente. O autor escreveu sobre a produção de excitação sexual e de sensações prazerosas pela agitação mecânica e ritmada do corpo. Tal evidência pôde, nas palavras freudianas, ser confirmada pelo fato de as crianças gostarem tanto das brincadeiras de movimento passivo, como serem balançadas e jogadas para o alto, inclusive pelo

fato de pedirem incessantemente que tais brincadeiras sejam repetidas. Do mesmo modo, referiu ser costumeira a utilização do recurso de embalar as crianças inquietas para fazê-las adormecer.

Nós lembramos, com Vorcaro (2001, 2002, 2003), que esses movimentos são acompanhados da cantiga materna, que imprimem andamento, fazendo corpo. Desse modo, em que sentido o andamento rítmico da voz materna pode produzir satisfação e ser enganche ao jogo pulsional? Em relação às vocalizações, pudemos, nesse primeiro mês, retomar a pulsação rítmica em alguns endereçamentos vocais. Pareceu-nos que o empuxo musical materno dá-se não somente por relação à melodia musical, mas também ao ritmo que demarcou evidentemente alguns intervalos das falas maternas. Sabemos que o destaque musical à voz da mãe, muitas vezes, encontra-se em sua sonoridade, fazendo com que seja esquecido que a música implica silêncios, espaços, pausas.

Mais do que entender o canto materno como uma forma de “facilitação” da apreensão do *infans* pelo *Simbólico* (CATÃO, 2009; LAZNIK, 2004), nos propusemos a tocar nos limites, nos vazios e nos interditos dessa voz. Encontramos, na prosódia, certa função de finitude, que associamos à descontinuidade. A musicalidade, intercalando picos prosódicos e silêncios, sublinha ponto do dito, produzindo marca, inscrição, pelo que é sublinhado pela tela significativa do Outro. (JERUSALINSKY, J, 2004, p. 208).

Diferentemente da musicalidade do *mamanhês*, os ritmos musicais que extraímos das falas maternas foram monotonais, o que demonstra que não existiram as variações de frequência características do *mamanhês*, mas eles tiveram efeito análogo à melodia musical materna. Há, no entanto, uma particularidade do andamento, que visualizamos em nosso estudo:, ele decorre de um intervalo temporal marcado por uma lógica matemática. Não se trata, então, de simplesmente “fazer ausência aos ouvidos”, trata-se de fazer ausência dentro de uma lógica. Entendemos, aí, dentro da matemática do intervalo, uma ascendência à previsibilidade, onde situamos algo da ordem simbolizante.

Vorcaro (2001, 2002) diz que as primeiras escansões sonoras são matrizes simbolizantes prévias às matrizes simbólicas, um funcionamento mínimo significativo no organismo. Nesse início de incorporação vocal, que reserva lugares ao con-soar prosódico nas vocalizações *infans*, ainda não temos a voz engajada no

funcionamento da linguagem e, portanto, ainda não há voz-resto. Temos, porém, uma voz principiada nos andamentos dos endereçamentos do agente do Outro. Para Vorcaro (2001, 2002, 2017a, no prelo), o andamento apresenta a marca do afeto corporal de deslocamento, implicando o tempo. É por meio da localização do afeto temporal que o timbre e a entonação poderão ressoar, reduzidos à temporalidade real do andamento.

Antes que advenha um sujeito, os cuidados maternantes que contém o corpo do bebê articulam uma matriz estruturada num cálculo temporal. É por meio do andamento que se imprimem escansões no organismo e se estabelece uma regularidade Outra. Essa regularidade segmenta o fluxo vital *infans*, coagulando-o, definindo esperas, urgências, sobressaltos e síncope que discretizam e organizam elementos de uma forma singular. Isso engaja um gozo acéfalo e define uma superfície corporal. (VORCARO, 2017a, no prelo). É justamente a superfície corporal que se engajará no jogo pulsional, sendo a voz escandida a que dá início ao movimento de contorno pulsional, demarcando abertura e fechamento pelos quais joga a erogeneidade.

Que superfície é essa? Diante de qualquer ato, mesmo que não seja conscientemente observado, há disposição materna para interpretação dos pequenos movimentos “invisíveis” da filha, visíveis apenas ao olhar da pesquisadora *a posteriori* da análise dos dados. Numa cena, F reencontra a borboleta e eleva o braço esquerdo tentando alcançar o brinquedo; após ela abaixar o braço, a mãe a convoca: “*Olha isso, olha aqui, pega, pega?*”. O corpo de F, ainda despedaçado, é acompanhado de pronta leitura.

Quando MF percebe que F está atenta ao gravador, dirige-se a ela: “*Olha ali o gravador. Olha ali, ã?*”. Em sequência, MF estica o braço direito, mexe os dedos e MF a lê: “*Que que a F qué pega, ã?* (4:02). A tradução materna do corpo da filha ocorre também em uma cena já citada, quando a mãe desvia o olhar para pegar mais um objeto e F vocaliza. Nesse momento, F abre a boca e parece aproximar-se do seio da mãe. MF volta e sorri para a bebê: “*Eu sei o que tu quer. Tu vem no colo da mãe.*”.

Observamos MF colocar o corpo da criança no lugar de sua falta, preenchendo todas as suas necessidades. É por aqui que se apoia a pulsão, indefinidamente relançada a fazer unidade de significação do falo que falta à mãe.

(POMMIER, 2004). Para Vorcaro (2017a, no prelo), no equívoco entre o grito expulso, em que se manifestou o neonato, e o grito-apelo do bebê, tal como foi ouvido pelo Outro, há apoio na necessidade para atingir a pulsão, tentativa de unificar, no bebê: neonato e falo materno inexistente.

Desse modo, a voz da mãe impõe silêncio ao corpo do bebê, ordenando as manifestações orgânicas. Em sua modulação, comparece a interpretação que ela enlaça com o que ocorre no corpo do bebê, o que lhe permite ter acesso à representação do afeto. (VORCARO, 2017a, no prelo). Para Vorcaro (1997, 2001, 2002), as escansões temporais da voz e a musicalidade produzem marcas no corpo, capturando o bebê numa primeira matriz simbolizante, que exige ser desdobrada para que um sujeito ali compareça. Observamos que é muito cedo que os contornos imaginário-simbólicos começam a operar no *infans*. Em sua primeira emergência, o sujeito é efeito do Outro, mas o jogo pulsional logo permitirá uma ultrapassagem.

3.3.2 O laço pulsional e o contornos prosódicos vocais

Em nossos registros dos quatro meses de idade dos bebês, observamos que a demanda da mãe já se instalou sobre o corpo *infans* e se manifesta numa busca ativa pelo laço com o outro. No início das filmagens, enquanto MF fala com P, F busca ativamente a mãe, olha atenta e, quando MF emite um olhar, F sorri; se não sorri, a mãe lhe endereça um som, acentuando sua atenção. Do mesmo modo, quando a mãe toca um objeto, F volta-se para ele. As trocas entre mãe e filha são evidentes.

F também sorri para P quando a visualiza. O mesmo acontece com M. Quando iniciamos as filmagens do quarto mês, ele parece muito perceptivo aos movimentos de P, sorrindo quando lhe alcança um olhar. Também sorri quando P lhe emite uma frase melodiosa. F também busca ativamente a atenção de P, com olhar e vocalizações. Busca, ainda, os objetos que a mãe deixa em sua frente. Quando a mãe suspende o bico em sua frente, chamando-lhe a atenção: “*olha aqui!*”, F visualiza o objeto, tentando alcançá-lo com a mão. O mesmo ocorre com M e MM em situação análoga. Desse modo, havendo uma demanda e uma resposta, como refere Lacan (1964/1998), há presença evanescente do sujeito.

Assim, observamos que, muito cedo, inicia-se a experiência de linguagem. Não é preciso que a criança esteja falando para que a linguagem se exerça na

marca deixada pela demanda sobre a necessidade. A sobreposição da demanda é transmitida pela fala engajada no funcionamento da linguagem. (LACAN, 1995/1956-57). Como vimos, desde muito cedo, a criança aprende que a fala é um desfiladeiro pelo qual as manifestações da necessidade devem ser rebaixadas para serem satisfeitas. É desse modo que a criança se dirige a um sujeito que ela sabe ser falante, que ela viu falando. Isso fica muito claro nos bebês de quatro meses, atentos à P e a suas mães quando falam.

Essa atenção agora é imediatamente fisgada pela entonação prosódica própria do *mamanhês*, utilizada pela mãe ao ofertar objetos ao bebê. Há um registro em que MF chama a atenção de F para o microfone – atrelado ao aparelho de gravação de áudio: “*Tu viiuu?*” (extensivo), e F vira de imediato o rosto para onde a mãe aponta. Percebemos que essas falas endereçadas servem prontamente para localizar o corpo *infans* no espaço, um enquadramento perceptivo vinculado ao apelo sedutor materno, mas, mais que isso, um engajamento de um sujeito a advir por meio do laço com o outro.

Do mesmo modo que, no primeiro mês, o engajamento dos bebês nas demandas maternas permite que os investimentos das mães, no lugar do agente do Outro, se perpetuem. Um ponto, porém, diferencia-se consideravelmente; constatamos que as filmagens e gravações do quarto mês de idade dos bebês registram muito mais silêncios que as do primeiro mês. Retratamos silêncio como a falta de emissões sonoras, mas o indicamos como incidência do simbólico. Os bebês vocalizam, mas como apelo a algum objeto ou à própria mãe.

F, por exemplo, ao não alcançar um objeto, vocaliza, parecendo apelar, o que se suspende quando ela o alcança. Do mesmo modo, quando a mãe retira da boca de F o bico que ela havia recém pegado, a menina vocaliza, queixando-se – leituras da pesquisadora. Vemos repetir-se esse movimento em M quando MM para de dar o iogurte ao menino e distancia-se dele. Nessa suspensão, M emite vocalização, ergue o corpo e levanta suas perninhas no carrinho de bebê, fazendo gestos que parecem um chamado.

São os vazios intervalares, situados dentro da lógica da antecipação temporal, cujo objeto alternante falta, que visualizamos nesse momento. Apoiados em Vorcaro (2001, 2002), sustentamos tratar-se da pertinência simbólica da

ritmação, marcação de intervalos pelos quais o sujeito se lança na lógica antecipatória onde pode inscrever seus atos e suas vocalizações.

Quando Lacan (1964/1998) estudou os pares opostos como condição primária do significante, trouxe a diferenciação da origem dos sistemas representacionais, parte dos jogos simbólicos. A expressão desses movimentos opostos pudemos visualizar no *fort-da* freudiano (FREUD, 2010/1920). Assim, além da presença-ausência da premissa do jogo, da presença evanescente do sujeito ou da referência invocante diante da antecipação rítmica que notamos no primeiro mês, temos agora a ligação significante que se distingue e se instala aleatoriamente.

Entendemos que o próprio funcionamento ritmado da alternância realizada pelos agentes opera por uma defasagem que se inscreve entre os termos diferenciais, fazendo incidir alteridade real por meio de uma lacuna na relação rítmica em que um termo anulava o outro alternadamente. Isso ocorre porque a mãe está totalmente submetida à língua e funciona sob a lei do significante, que não equivale a nenhum outro significante, nem a si mesmo. Assim, o desencontro entre termos alternantes exclui um deles diante da precipitação ou do adiamento da alternância, uma intervenção temporal que desnaturaliza o Outro, introduzindo a equivocidade entre a mãe e a criança. (VORCARO, 2003).

Observamos, em nosso estudo, que o *infans* precipita-se justamente diante da falta do que espera alternar. Em um jogo no qual MM tira e coloca o bico em M, vemos aparecerem as vocalizações do menino no lugar do objeto faltoso, diante de sua não recuperação. Na defasagem temporal, o *infans* ocupa a posição vazia por meio de um grito, substituindo o termo sustentador da alternância. Esse grito é tão presente que MM diz: “*Acho que eu vou gravar um cd de grito, de grito, né, meu gordo!?*”. Assim, quando algo inominado falta na posição esperada, o grito se faz apelo ao retorno da coisa alternante.

Esse grito é corpo que se oferece ao que falta na alternância simbólica (VORCARO, 2001, 2002, 2003). Perante o ritmo, uma condição primária se inscreve corporalmente. (COSTA, Ana, 2008). Tendo o grito, como corpo, assumido a função de apelo, temos a atualização da estrutura mínima do significante traçando o recalque originário. Desse modo, associamos o grito-apelo à sonorização vocal

recuperadora do objeto. É o grito *infans* que tenta se ligar a uma imagem acústica capaz de reevocar o objeto perdido.

Temos, aqui, certa formatação da voz/timbre em significante unário; unário na medida em que faz um chamado específico. Trata-se da formação da identidade perceptiva prosódica, que permite reconhecer os primeiros registros e amarrações da voz. Eles deixam para traz o grito/timbre/resto ou a voz enquanto objeto *a*.

Assim, sugerimos, nesse momento lógico, a inscrição do registro vocal como apelativo e, portanto, da ordem de uma ligação significativa radical. Somamos a esse momento estrutural o enriquecimento das modulações vocais dos bebês nos balbucios proprioceptivos. Percebemos que, quando MM brinca de colocar o bico na boca de M e logo tirá-lo de lá, entoando uma frase com o *mamanhês*, MM vocaliza, entoando mais de uma nota. Quando, no entanto, a mãe o faz com a fala típica, M choraminga.

Sabemos que o *Inconsciente* não se satisfaz pela voz prosódica (LACAN, 2005/1962-63), mas os marcadores prosódicos rítmicos têm relação com a voz escandida, que permite o aparecimento do sujeito no intervalo da estrutura da linguagem. Aos quatro meses, percebemos a entrada na linguagem por parte dos bebês, que manifesta-se, na língua, pela presença de endereçamentos prosódicos específicos. Em nosso estudo, encontramos as tentativas de enquadre prosódico, bem como a ritmicidade instalada no jogo erógeno com o Outro.

Aos quatro meses, o bebê constitui contornos prosódicos relacionados à captura da sonorização vocal. Jerusalinsky, J. (2004) aponta que essas mudanças prosódicas do ato de vocalização dos bebês se dão quando o jogo erógeno, no laço com o outro, já se instalou. Isso fica explícito na cena a seguir: MM observa o interesse de M pelo microfone de gravação de P e pergunta o que ele quer; ele responde com vocalizações mais extensas (16:50-18:50⁶⁴) e parece esforçar-se para fazer com que soem frasais, utilizando variações prosódicas.

F também vocaliza, esboçando variação prosódica, como se emitisse uma frase, mesmo que os elementos fonéticos não sejam discretizados como na língua nacional falada pela mãe, o português brasileiro. Lembramos, com Gorenberg (2016), que o conceito de fonema, na Psicanálise, alude à forma como o significante é capturado e moldado pela voz, articulando assim a sua dimensão pulsional. Diante

⁶⁴ A marcação temporal refere-se à extensão da vocalização em minutos e segundos.

da vocalização que esboçamos em F, a mãe ri, evidenciando a diferença dessa emissão em relação às anteriores, ou seja, demarcando a captura vocal no jogo erógeno. Com isso, F vocaliza novamente e vira o rosto para o lado, ao que a mãe questiona: “*o que que a bebê quer?*”.

Desse modo, vemos se precipitarem os traços, sonorizados, que podem ser meios de oferta de elementos para que o sujeito possa circular, na linguagem, entre os significantes. Podemos olhar para a sonorização como um lugar onde os traços fonetizados denotam seu valor de oposição, numa oposição primária engajada no funcionamento simbólico onde se constitui o sujeito.

Demarcamos que os vazios intervalares verificados, nesse momento do estudo, não são o vazio Outro, lugar onde a voz ressoa diferente da sonoridade, mesmo que uma relação mais que acidental ligue a linguagem a uma sonoridade. (LACAN, 2005/1962-63). O fato de efetuar-se uma questão, “*o que quer o bebê?*”, que vimos em ambas as mães, denota, além da suposição de sujeito, a imprecisão materna sobre a demanda *infans*. Essa questão demarca o não saber materno, imprescindível a sua localização como agente do desejo.

Como demarcador da falta estrutural Outra, essa pergunta poderá, mais adiante, inverter-se para: “mamãe me fala, mas o que ela quer?”. Essas questões evidenciar-se-ão pelas margens que contornam o vazio do Outro e provocam corpo *infans*. Lacan (2005/1962-63) refere que é nesse vazio que a voz ressoa. Ela ressoa não modulada, mas articulada; está por relação à fala, não à música. Além disso, reclama obediência, é a voz como imperativo e é como significante que ela entra, antes de qualquer coisa, conforme vimos aqui.

3.3.3 A passagem pela voz apelativa e os objetos que ficam

As gravações referentes aos oito meses de idade dos bebês iniciaram, ambas, com os mesmos sobre o tapete de suas salas, brincando livremente com seus brinquedos. A pergunta sobre o que querem continua presente, em ambas as mães, mas agora os bebês sonorizam após as perguntas maternas. Desse modo, F e M respondem às frases interrogativas, tanto de P quanto de suas respectivas mães, mesmo que elas não tenham a prosódia específica do *mamanhês*.

Chamamos de resposta por sua equivalência no tempo dialógico, preenchendo justamente o turno da troca, por exemplo:

– MF: “E onde é que o nenê tem que colocar?”.

– F: “Ãmããe.”.

– MF: “Aonde que a F tem que colocar?”.

Além da resposta e do diálogo, trabalhamos que, nos endereçamentos do agente materno, a mãe produz intervalos, silencia, sustentando uma matriz dialógica, isso porque supõe que o bebê tem algo a dizer, sustenta aí um desejo. No momento, notamos os bebês engajados numa alteridade.

Esse momento lógico comparece junto às perdas vocais da etapa dos balbucios linguísticos. Conforme Porge (2014), na tentativa de adaptar seus vocalizes à fala, há produção das primeiras perdas vocais do sujeito em constituição. Aos oito meses de idade dos bebês, percebemos as vocalizações relativas aos balbucios linguísticos. F, por exemplo, faz: “*Bum, bum, bum*” e M, “*íéíéíé*”, “*abuu, abuu, aaa*”. Trata-se de um tempo de interrupção em que as capacidades fonéticas parecem cambalear, visto que os bebês não têm mais todas as capacidades vocais que se evidenciavam nos balbucios iniciais. (GORENBERG, 2016).

Nessa adaptação, o bebê sacrifica sua voz, uma parte de si mesmo. Em nosso estudo, ligamos a função de *a*, voz enquanto resto, à experiência do ponto surdo (VIVÈS, 2016a), desde a aparição do outro não surdo, capaz de ouvir o sujeito num gesto de reencontro que movimenta a pulsão. (Informação verbal)

É interessante observar que os linguistas também concebem um ensurdecimento nessa etapa dos balbucios linguísticos, o ensurdecimento à língua estrangeira, que denota o emolduramento sonoro no qual, ao fazer uso da língua, o *infans* “ensurdece” a outras línguas, não nacionais. Temos, nesse movimento, a hipótese de reencontro na representação, que presa pelo reaparecimento subjetivo do objeto externo. Sabemos que, diante desse reencontro, a música da língua começa a emudecer, mas estará sempre ali, prestes a se manifestar. Com Melman (1992) atentamos ao fato de que, mais tarde, adultos, os sujeitos manterão a melodia da sua língua ao falarem uma língua estrangeira. O canto da fala é o que recusamos abandonar, falamos uma língua estrangeira e continuamos a utilizar a música da língua nacional.

Assim, são concomitantes os reencontros das representações e o ensurdecimento da música da língua, visto que a melodia da língua se perde na dimensão do enunciado. Na medida em que o sujeito tenta falar para significar,

perde a sonoridade da fala. Para Vivès (2012), a voz é a parte do corpo que se deve pôr em jogo para que um enunciado se produza, ela é o suporte da enunciação discursiva e desaparece por trás do sentido. Assim, a fala vela a voz e, inversamente, quando algo altera o enunciado significante, a voz cessa de se fazer transparente ao sentido. Para Vivès (2009a, 2012), essa seria a voz do endereçamento, momento em que o sujeito toma a voz como própria. Já colocamos em discussão a tomada de voz como própria, falar como *Eu (moi)* diz sobre a apropriação dos contornos vocais pelas vias identificatórias.

Nesse processo, adequam-se a imagem sonora que a criança produz e a imagem sonora que escuta das pessoas que estão a sua volta. (COSTA, André, 2015). Esse fato, o temos na pesquisa. Em um momento, MF pergunta o que F quer e segue: “*quer o papai? Cadê o papai do nenê?*”. Ela parece responder por F, mas agora, de maneira bem cadenciada, dividindo as sílabas: “*Pa-pai, pa-pai*”. Diante da candência materna, F enuncia “*atata*” e repete “*ta-ta*” com segmentações. Observamos, conforme exposto por Jerusalinsky, J. (2004, 2009), que, nesse momento de perda, os balbucios são mais segmentados e possuem mais articulação fonética. Diante disso, MF sobre põe seu “*Pa-pai*”.

É interessante que MF sobreponha as vocalizações de F justamente com o apelo paterno⁶⁵ e, ainda, de uma forma intervalar. O saber materno sobre o que fala a filha soa interdito pelo desejo do pai, e esse interdito sobrevém como um imperativo sobre a língua a ser falada. Há tentativas de soar um “p” no lugar de “t”, percebemos como F tenta contornar seus movimentos labiais para as sonorizações, mas, após as tentativas, sem sucesso, ela solta uma longa vocalização melodiosa.

Os movimentos labiais são relevantes quando a mãe solicita que F olhe para seu rosto: “*F, olha aqui!*”, e faz movimento com os seus lábios, sussurrando algumas palavras; F movimenta os seus lábios também, mesmo que não sonorize com eles. Vemos aqui um lugar de troca erógena bastante delimitado, a borda labial pela qual F goza das trocas com a mãe – bordeia os lábios e sorri. Mas o que se corta na boca/lábio que não sonoriza?

Lembremos que, para Lacan (2005/1962-63), os lábios que efetuam a função de borda da pulsão são encarnação de um corte do objeto. O que acabamos de relatar parece justamente isso, a função do corte posta em cena. Na pulsão, algo se

⁶⁵ Logo citaremos a cena em que a mãe revela que o pai deseja que o “tata” seja “papa”.

destaca, mutila-se, perde-se, mas isso que se perde tem a condição de cavo, é apenas um cavo que será contornado. É muito interessante percebermos, então, que temos aqui voz na condição de *a*, voz que nem mesmo ecoa, que simplesmente está suposta numa abertura e numa escansão. (PORGE, 2012, 2014). Mesmo sem ecoar, parecem lábios como cartas fechadas, envelopes selados. (LACAN, 2005/1962-63). Parecem lábios dimensionados na circularidade pulsional em que aparece o outro não surdo, capaz de ouvir “coisas” onde não existe sonoridade e de quem o sujeito busca os ouvidos, oferecendo a sua voz.

Conforme Oliveira, L. (2002) na medida em que a pulsão se atrela à língua, o *Inconsciente* se inscreve no social. Sustentamos que o sujeito que opera, com a voz, seu laço com o outro, implica sua economia psíquica na abertura e no fechamento ao outro. Como vimos na seção anterior, o sujeito que se abre e se fecha o faz porque a matriz simbólica permitiu que um sujeito estivesse se estruturando pela linguagem. F agora gargalha, com interrupções, e chora, sustentada numa estrutura de linguagem. Em um princípio de choro, por exemplo, que ocorre quando F não consegue alcançar um objeto, a mãe determina: “*Pega!*”; F suspende o choro e consegue alcançar, ao que sorri com prazer. O mesmo ocorre com M, que choraminga quando MM retira uma caixa de papelão com a qual brincava, mas suspende seu choro após a mãe iniciar uma brincadeira com ele.

Com oito meses, F também já faz “*Aquelas brincadeiras, aquelas coisas dela que chamam a atenção da gente*” (MF), além disso, suas conversas estão muito no “*ta, ta*”. Segundo a mãe, o pai diz não conhecer nenhum “*Tatata*”, apenas o “*Papa*”. MM, por sua vez, lê, nos “*tatas*” cadenciados de M, uma música para o “*tata*”, evidenciando se tratar do papai. Temos aqui a indicação *babyish*, antecedente dos monólogos de berço para Ferreira (2015), que se manifestam no balbúcio de valor linguístico, por adotarem uma forma que pode ser identificada pelo ouvinte, no caso, os pais, como um som da linguagem convencional. A autora demarca a saliência da dimensão vocal, que se revela na forma do corpo sonoro, como ocorre nos monólogos.

O que salientamos, da aproximação com os monólogos, é o deslizamento compreendido pelos bebês. Todavia, os *babyish* têm uma condição que difere das metonímias dos monólogos, eles não estão na dimensão de resto, colocam-se na presença de outrem e apoiam-se em objetos externos – não somente o vocal.

Mesmo na presença de MF e P, observamos momentos em que F encontra-se “sozinha” com seus brinquedos. Numa tentativa de encaixe de quadradinhos de brinquedo no orifício de um recipiente maior, divaga com suas sonorizações.

Encontramo-nos no tempo de passagem pelo jogo de vocalizações no qual os sujeitos gozam da matéria sonora para seu próprio prazer. (PORGE, 2014). Nas divagações vocais de F, temos o movimento autoerótico do segundo tempo pulsional, quando a criança pode se satisfazer com as partes do próprio corpo, como acentuou Freud (2015/1925). Como sustentamos com Laznik (2004), esse tempo autoerótico é válido após a passagem pelo terceiro tempo pulsional, o se fazer escutar na pulsão invocante.

Entendemos que o próprio prazer aqui evidenciado é balizado pela fala, na relação com os objetos do mundo, com os quais podem operar numa condição de alteridade e pelas referências terceiras da fala sonorizada, que manifestam um movimento da linguagem, mesmo que ainda não possam deslizar com desembaraço pelos significantes. Segundo Jerusalinsky, J. (2004), para os bebês que ainda não podem deslizar com desembaraço, a entoação tem peso fundamental no que é dito, e o auge dos parâmetros entoativos e temporais das produções sonoras dos bebês ocorrem aos oito meses de idade. Foi o que percebemos em nossas observações, a incidência de tipos prosódicos em balbucios extensivos, por exemplo, quando F produz “*Ba, ba - da, da, da*” (10:31 – 10:34), e M vocaliza de forma cadenciada: “*ta-ta-ta-a-a-a*” (9:56 – 10:05).

Em relação à fala das mães, observamos, nesse período, a redução das variações na produção do *mamanhês* em MM, mas, em MF, apenas evidenciamos que elas se entrecruzam com a modalidade de fala endereçada ao adulto. Os bebês relacionam-se com tais falas de modo análogo, como explicitado no início desta seção.

Quanto à prosódia dos bebês, para Dodane (2015), já com nove meses, as crianças contêm as características rítmicas e entoacionais da língua materna, produzindo configurações melódicas de frases sobre as quais serão alocadas a língua. Dessa forma, esses padrões melódicos serão usados pelos bebês nas etapas do balbucio diversificado⁶⁶ e na etapa holofrástica⁶⁷, na qual as primeiras

⁶⁶ Balbucio linguístico.

⁶⁷ As holófrases, palavras-frase, são amálgamas de elementos não perfeitamente lexicalizáveis. Há apreensão lexical quando uma palavra exporta sua significação, ao ser deslocada a outras posições

palavras emitidas pela criança preencherão tal padrão. A prosódia seria, então, como a “coluna vertebral” que estruturaria a protolinguagem, acolhendo as primeiras palavras.

Nessa visão, é como se a prosódia fosse um leito sobre o qual se deitam as sonorizações *infans*, mas a cama que conhecemos, como dissemos, é a cama de reserva inconsciente de Lacan (1998/1964), quando este se refere aos monólogos infantis como jogos propriamente sintáticos. Tais jogos se dão sobre o discurso Outro pelo qual vemos desdobrar-se a cadeia significante, mas o sujeito a experiencia de um modo muito particular, em seu andamento, a partir do andamento Outro que ressoou corpo *infans*.

O que se singulariza na experiência *infans* é seu resíduo de marcação temporal, que vimos contemplado nas escansões do andamento. Na escansão que a linguagem transmite, o sujeito cede algo de suas escansões, provindas das que nele retumbaram, para enlaçar-se ao Outro na enunciação do dizível. Isso ocorre após se instaurar o funcionamento da linguagem no corpo que ressoou na vibração do andamento da fala. (VORCARO, 2017a, no prelo).

Das articulações que fizemos entre essa etapa e a constituição psíquica, podemos metaforizar o dedilhar das aberturas da flauta, metáfora de Lacan (2005/1962-63). Lacan explicita o vazio do Outro e os buracos ofertados pelo objeto *a* por analogia à flauta. Ao questionar em que sentido a sonoridade se liga às questões fisiológicas, denota que, talvez, aí, encontremos a qualificação da sonoridade. Qualificação que expusemos também com Porge (2012, 2014) como boa ou má sonorização da voz do eco.

O que nos interessa, todavia, é a ressonância que o aparelho sensorial “ouvido” proporciona. Para Lacan (2005/1962-63), ele só ressoa em sua própria nota, em sua própria frequência, e é o vazio do bojo desse ressonador acústico, de tipo tubo, que põe uma ordem a tudo que possa ressoar nele, tudo que se principia na realidade do sopro. Essa topologia fisiológica, com o simples interesse de metaforizar o objeto *a*, permite dizer que o sujeito dedilha as aberturas da flauta,

no ordenamento sintático, só tendo sua significação na aglutinação frásica que é tomada. Desse modo, holófrases são frases ou expressões independentes de uma estrutura sintática, todavia já são tomadas em uma estrutura de linguagem, mesmo que não decompostas. Trata-se de uma percepção global associada a um signo, uma significação pelo conjunto. É um antecedente lógico da apreensão frásica na qual a unidade da frase é capturada como enlaçamento da significação que ela comporta, lugar onde o ato da representação da língua e da expressão coincidiram. (VORCARO e RESENDE, 2016)

aberturas que impõem a todos os sopros possíveis a mesma vibração, uma vez que os buracos abertos por *a* terão de ser dedilhados de um modo singular. É o momento em que o sujeito se coloca, de modo singular, a contornar o objeto *a*.

3.3.4 A voz que ressoa articulada

Neste momento de leitura, atentamos a alguns demarcadores do contorno do vazio do Outro, corpo *infans* que se enforma onde a voz ressoou articulada. Pelos recortes que empreendemos no décimo segundo mês de vida dos bebês, ou seja, quando eles tinham 11 meses de idade, observamos que os traços sonorizados por eles podem ser usados como escrita do sujeito, porque retornam articulados. (VORCARO, 2017a, no prelo).

Os bebês estão agora em posição bastante diferenciada. Olhemos algumas cenas: quando MF pergunta se a bolacha está boa, F responde um enfático “*lá*”. Quando M quer pegar o gravador e é proibido pela mãe, ele emite: “*sai*”. Os bebês parecem, agora, poder circular, por meio da linguagem, entre os significantes.

Nesse momento, percebemos as bordas do corpo delimitadas, formando unidade. M, por exemplo, reconhece os limites por onde seu corpo pode transitar. Em uma cena, ele chega até a porta engatinhando, a porta está aberta e ele para antes de sair por ela, olhando para P; MM então pergunta: “*vai passear?*”, e ele parte em direção ao pátio. Percebemos que a circulação se dá pelo apoio na língua, do mesmo modo como, na seção anterior, vimos o choro de F estancar-se pela fala de MF. Agora, no entanto, é o sujeito que permite situar-se nos espaços simbólicos a ele ofertados.

Ele também formula seus próprios espaços simbólicos onde as brincadeiras estão presentes. Uma brincadeira ocorre entre M e seu irmão, IM. IM começa a fazer barulho de carrinho, convocando M a olhá-lo. Ele olha, mexe no carro de bebê, um pouco distante de IM, e empreende algumas vocalizações, iniciando uma troca entre os irmãos. M mexe no brinquedo, olha para o irmão e vocaliza. Ele joga com os significantes na relação com o irmão.

Da mesma forma, quando MF briga com F para que ela não pegue o gravador, F pega uma boneca de pelúcia que está em cima do sofá e simula uma briga com ela, verbalizando, nos tons maternos repreensivos, “*frases*” com as quais faz ao objeto aquilo que ela mesma sofreu. Observamos F identificada com o

discurso do Outro, mas vivenciando ativamente aquilo que viveu passivamente. Quando a mãe diz que a boneca vai chorar, ela a atira ao chão, retornando para as tentativas de pegar o gravador. A mãe reluta, ela novamente pega a boneca e a sacode, produzindo vocalizações que novamente soam repreensivas. A mãe dá o bico de F para a boneca, F o pega da boneca e coloca em sua boca; depois, volta a retornar para a boneca, enunciando vocalizações em ondas melódicas mais amenas.

Do mesmo modo que o corpo é *Um*, as vocalizações dos 11 meses de idade já têm seus contornos bem delimitados: quando MF diz “*não mexer*”, F diz “*nã*”; quando MM diz à M que não pode mexer no gravador, com um enfático “*não*”, ele vocaliza “*ão*”. As referências ao papai são, agora, mais claras também. Quando MF questiona a F onde está o papai, primeira fala que dirige à filha diante das gravações de P, F logo emite um “*Papa*”. Quando MM pronuncia “*ai, a*”, M repete, empreendendo uma brincadeira com a roda do carrinho de bebê. Quando o irmão diz “*scui, scui*” para chamar sua atenção, ele diz “*i*”, demarcando o elemento fonético final da fala do irmão.

Vimos que a instância *Ideal de Eu* incide nas manifestações do agente materno ao *infans*, as quais demandam uma imagem, que é moldada pelas exigências parentais, exigências de que o grito, para além de ter um significado, torne-se língua. Nisso, o bebê exercita suas primeiras manifestações linguísticas, mesmo que nele se revele um sujeito que tensiona as letras no andamento e as modula no timbre específico que assumirá na enunciação. (VORCARO, 2017a, no prelo).

Propostos a trabalhar o con-soar, neste capítulo, pelo movimento do olhar, relativo ao fazer-se objeto do desejo para o Outro, observamos que é no tempo concomitante ao que as palavras se enunciam, coladas à língua, que a mãe começa a oferecer seu filho como objeto de gozo ao outro. Percebemos, nas falas de MF, a mãe destinada a ofertar as produções de F à P: “*mostra para a tia P que tu sabe dar beijo*”, ao que F faz um movimento labial.

Do mesmo modo, a mãe quer que ela fale o nome da irmã, do papai. Ela goza por meio do corpo de F, na medida em que ele pode ser oferecido ao olhar do outro. Também pede que F conte coisas do seu cotidiano para a tia P, como quando foi ao médico fazer exames. Solicita, ainda, que ela cante a música “*pintinho amarelinho*”,

ao que F faz os gestos da música, olhando para P, evidenciando que responde à demanda materna. MF pede que ela cante também a música, ao que F vocaliza, ritmando a mesma. MM também quer que M se mostre: “*mostra o que tu apronta aqui pela frente*”; “*dança*”; “*atira beijo*”; “*diz o é pra tia*”.

Todavia, mesmo que passem pelo gozo materno, oferecendo-se à P, notamos que, em muitos momentos, é numa posição de enunciação que se situam os bebês participantes, mesmo que ainda não digam *Eu*. Em uma cena, MF mostra para F a tia P. F olha e sorri para P, logo olha para a janela, enunciando: “*auau*”; quer mostrar algo à P. Essas são produções vocais manifestamente endereçadas ao interlocutor, produções capazes de conduzir o olhar de P.

Podemos, aqui, situar a passagem entre um sujeito que fala e outro que escuta, mas principalmente a passagem entre um sujeito e ele mesmo, como aponta Porge (2012, 2014). Como dissemos, para poder falar, é preciso que o sujeito torne sua voz inaudita. Essa voz exerce a função de constituição do vazio do sujeito diante do vazio do Outro. (LACAN, 2005/1962-63).

Em nossas observações, chamaram-nos a atenção as associações empreendidas pelos bebês. Em uma cena, F caminha, apoiada no sofá, e encontra um livro, ela o abre e começa a balbuciar como se contasse histórias “*babababa*”. Depois de ter deixado o livrinho, acha um segundo e propõe-se a levá-lo até o outro. As associações estão presentes nas verbalizações também. Em muitos momentos, F tenta pegar o gravador de P, dizendo “*papa*”, ao que a mãe explicita que “*não é o rádio do papai*”. Observamos, nessas cenas, os significantes em articulação, a remissão de um a outro. O saber inconsciente trabalha com tudo que irá se articular a ele como significante. (VORCARO, 2017a, no prelo).

Nos lugares de passagem significantes, situamos outras vocalizações de M e de F. Em uma vocalização extensa, por exemplo, F “*lê*” um livrinho, pronunciando “*abô puiéé*” (07:58-08:10). Ela faz pausas, escande sua vocalização e vai em busca de algo que parece associar com sua leitura. Parece-nos, aqui, precipitar-se o corte descontínuo do sujeito, forma essencial em que aparece o *Inconsciente* e pela qual Lacan (1998/1964) liga o sujeito ao significante. Essa é a dimensão do corte enunciativo em que algo aparece na fenda, por meio de uma função pulsativa do inconsciente.

Na passagem entre um sujeito e ele mesmo, manifesta-se alguma coisa que aprofunda o significante, que está além, e que faz dele uma voz. (LACAN, 1999/1957-58, p. 355). Essa voz toma consistência na transmissão, porque se refere ao lugar que se apagou e que dá vazão para que outro significante se coloque em seu lugar. Desse modo, temos aqui um sujeito que fala e que empresta voz a seu *Inconsciente* (MELMAN, 1992, p. 49). Esse sujeito comparece em cada intervalo da voz escandida que nele ressoou.

4 CONCLUSÃO

Preservando a condição autoral entre pares, sustentada na transferência de trabalho, e acreditando na formação inacabada, partimos para a conclusão no duplo movimento de fechamento e de abertura. Para finalizar a tese, pontuaremos as considerações inéditas que propusemos neste trabalho, seguindo um breve curso de como chegamos a elas. Na condição de abertura, lançaremos futuras possibilidades de leituras e locuções nas quais pretendemos investir.

No que se constituiu fechamento, articularemos as discussões do primeiro e do segundo capítulos. Como exposto, de início, o *infans* emite sons e está constantemente exposto a produções de som dos que o acolhem neste mundo. Apostamos que é numa operação surda-muda, por relação ao objeto áfono, que ele se torna sujeito apenso à linguagem e propusemo-nos a olhar os restos dessa operação.

Nossa tese propôs, em princípio, a expulsão do timbre materno e o engajamento na prosódia específica do *mamanhês*, somando a essa especificidade a articulação da primariedade rítmica. Para tanto, permitiu restituir o timbre vocal, localizando-o na mãe e no grito do recém-nascido. Posto expulso, o timbre materno dá lugar à afirmação prosódica. Expulso, o grito *infans* dá lugar à condição apelativa. Nem lá, nem cá, expulsos, dão lugar à busca pelo objeto faltoso, jamais reencontrável, mas que permite o movimento pulsional de enlace ao desejo do Outro.

No lugar do timbre materno, expusemos a satisfação mítica, engendradora presença-ausência e autenticada pela musicalidade específica, que propicia a previsibilidade fronteira, demarcação das vocalizações que permitem o estado de espera. Sobre ele, há antecipação, na pressa da conclusão, por meio do acionamento vocal *infans*.

Desse modo, evidenciamos que, com o estatuto simbólico advindo da primariedade rítmica, a produção do grito-apelo *infans* apressa-se ao lançar-se nas acuidades sonoras, corporificando as características melodiosas num movimento de amarração à língua. A voz que chamamos apelativa, bordeia o que se fará corpo, incorporando voz diante de seu engajamento na linguagem.

No segundo capítulo, emblematizamos esses movimentos, os quais nomeamos con-soar. Observamos que é muito cedo que os contornos imaginário-

simbólicos começam a operar as bordas do corpo, zonas erógenas relacionadas à função central da pulsão invocante. No princípio da constituição psíquica, as vocalizações engendram prazer, ao que a leitura do *infans*, como demandante, retorna oferta de gozo materno nas configurações prosódicas.

É na simultaneidade em que o timbre materno dá lugar à prosódia que o valor índice em que o grito *infans* faz-se apelo marca um sujeito em vias de constituir-se, advertindo o que não está lá onde se esperava. Essas sonoridades *infans* são acolhidas pelo agente do Outro com aproximações que asseguram a inscrição dos traços sonorizados numa língua que servirá à fala.

É desse modo que, na premissa do jogo erógeno, já se encontram os bebês no primeiro mês de vida. Aos poucos, começam a instaurar aspectos melódicos que serão ofertados no laço com o outro. Na primariedade de nossas evidências rítmicas sobre as vocalizações *infans*, constituímos imposições à entrada no jogo erógeno. Isso porque sustentamos o empuxo no ritmo musical demarcado nos intervalos das falas maternas.

Apostamos nos ritmos monotonais de intervalo lógico sincopado como demarcadores do andamento dos endereçamentos do agente. Afirmamos que os andamentos apresentam a marca do afeto corporal de deslocamento, implicando o tempo, pelos quais são reduzidos timbre e entonação.

É na ordenação temporal que o sujeito se lança à lógica antecipatória. Entendemos que os silêncios dos bebês de quatro meses indicaram a incidência do simbólico, porque os percebemos inscritos numa estrutura de linguagem na qual situaram seus atos e suas vocalizações. Como corpo que se oferece ao que falta na alternância simbólica, na passagem pela inscrição do registro fônico como apelativo, também notamos o enriquecimento das modulações vocais dos bebês.

Nesse momento lógico, as tentativas de enquadre prosódico e a ritmicidade foram lidas como instauração do sujeito no jogo erógeno com o outro. Foi assim que colocamos os traços sonorizados à serviço do sujeito que deseja circular, na linguagem, entre os significantes. Há, porém, um processo até que possam deslizar com desembaraço por eles.

Aos oito meses, com os bebês engajados numa alteridade, os sujeitos alienados tentam falar para significar. Nisso registramos a perda da sonoridade da fala e a ela acrescentamos a queda de *a*. Diante dos lábios que efetuam a função de

borda da pulsão, encarnando o corte de um objeto, abre-se um cavo, que deverá ser contornado, no sujeito que opera com a voz escandida, seu laço com o outro.

Esse sujeito implica sua economia psíquica na abertura e no fechamento ao outro. Com sua reserva inconsciente, singulariza a experiência de linguagem com seus resíduos de marcação temporal. Constatamos, em nosso trabalho, a incidência da pulsação inconsciente nos primórdios da constituição do sujeito. Por seu pacto de entrada na linguagem, o sujeito ressoa em seu corpo o resquício do indizível e contorna, de modo singular, o objeto *a* numa temporalidade que nele ressoou corporalmente o andamento materno.

Em nosso trabalho, ao observarmos os bebês com 11 meses de idade, atentamos a alguns demarcadores do vazio pelo qual o sujeito contorna *a*. Na passagem entre um sujeito e ele mesmo, manifesta-se alguma coisa que aprofunda o significante. A voz se refere ao lugar que se apagou e que dá vazão para que outro significante se coloque em seu lugar. O sujeito comparece em cada intervalo da voz escandida que nele ressoou. A função da voz escandida é demarcar o lugar onde o sujeito pode comparecer nos resíduos do andamento. Retraçando o trajeto em torno de sua própria voz como objeto de desejo do Outro, o sujeito faz dela veículo de seu desejo. Essa é a voz inaudita, objeto áfono, na torção do retorno pulsional relativo à invocação.

Desse modo, acreditamos ter colocado em questão a voz que interessa aos psicanalistas, referente ao objeto-resto pulsional, sem deixar de lado o objeto sonoro, também caro à escuta do sujeito. Ao mesmo tempo, ofertamos articulações sobre o objeto áfono que podem ser alvo de constructos referenciais no campo fonoaudiológico.

Numa referência ao espaço e ao tempo em que se deu o percurso desta escrita, restringimos nossas leituras teóricas, com a certeza de que muito do exposto possa ser reencontrado, revisto e reordenado na grande obra dos psicanalistas em que nos referenciamos. Gostaríamos de ter abordado as formulações lacanianas posteriores às que enfatizamos. Citaremos, brevemente, algumas, como modo de incentivar futuras propostas de trabalho.

No seminário 12, Lacan (2006/1964-65, não publicado) considera que a referência mítica, dada por Freud à consumação do pai, estaria velada sob o *ser do Outro*, o que quer dizer que a identificação a qual nos referimos sobre o objeto voz é

especificada incorporação da essência da potência primordial. Nessa direção, o que Freud nomeia como *instinto de vida* é concebido por Lacan, de modo evidente, na lição de 03 de maio de 1965, como aquilo que institui, no organismo real, a aposta/intimação de que “*seja!*”, convocando o sujeito a absorver o que não morre e que se transmite, a saber: uma herança simbólica.

Desse modo, recalque originário e identificação canibalística ao pai têm o mesmo estofo: na identificação primária; tratar-se-ia da identificação a esse traço, ligação primária a que um primeiro representante se atará para sustentar o represamento, evitando o livre escoamento dos estímulos recebidos. Diante dessa premissa, poder-se-ia estudar a inauguração da cadeia de ligações subsequentes considerando-se a identificação ao traço unário, que revela o sujeito, de modo que suas demandas infinitas visassem a fazer ressurgir o unário primitivo, coextensivo à estrutura do sujeito.

Também vislumbramos possibilidade de desenvolvimento das noções do seminário 17, no que estabelece um tempo, anterior à estrutura da linguagem, em que a criança goza com a sonoridade. (LACAN, 1992/1969-70). Trata-se de um tempo em que a linguagem se reduz ao “afeto” de *alíngua*. Quando começamos este trajeto, imaginávamos ser possível trabalhar as precisões do seminário 20, “*Mais, ainda*”, em que Lacan (2008/1972-73) diz que a linguagem é feita de *alíngua*, elocubração de saber sobre *alíngua*.

Acreditamos ser possível prosseguir sobre como apreender, por meio das contribuições da matemática nos avanços de Lacan, a diferenciação de *lalíngua*, como o que se precipita do encontro do *infans* com os significantes do discurso. Isso conduz a revirar a concepção de significante para investigar a noção de elemento, nos estóicos, que situaremos brevemente, fomentando futuros trabalhos.

No seminário 20, Lacan (2008/1972-73) toma o *Inconsciente* estruturado como os ajuntamentos de coisas heteróclitas que a teoria dos conjuntos trata como sendo letras. Diferentemente dos matemáticos, para quem as letras designam esses conjuntos, ele insiste em que as letras funcionam como ajuntamentos mesmo. Assim, o signo não é signo de alguma coisa, nem é signo para alguém; é um efeito do funcionamento significante, efeito sujeito.

Nessa direção, a modalidade pela qual o sujeito se aliena e se inscreve singularmente na linguagem é figurável por *lalíngua*, pelas lalações da criança antes

dela restringir sua fala ao discurso estabelecido. Rastro que reproduz a parte do que subsiste do sujeito alojando o recalcado. *Lalíngua* é então o elemento em torno do qual os significantes da linguagem giram, envolvendo-o.

Neste *um* – que, como citamos ao longo do escrito, não se sabe se é fonema, palavra, frase ou mesmo o pensamento – agiria o gozo do não-sabido, saber impossível de reunir, furando o *Simbólico* (LACAN, 2008/1972-73). A própria teoria dos gozos, exposta por Lacan, carrega uma densidade que consideramos não cabível neste tempo-espaço de estudo.

Nesses avanços teóricos, o *Inconsciente* é considerado, primeiramente, para estruturar-se como uma linguagem, elucubração sobre *lalíngua*. Desse modo, a distinção de um significante a outro significante cujas cadeias operam o funcionamento da linguagem, como expusemos ao longo deste escrito, será extraída de *lalíngua*, constituindo o sujeito evanescente que coabita ali.

Dessa forma, o que se imprime inicialmente seria o zumbido da linguagem falada no corpo vivo, cortando-o. Antes da estruturação da linguagem no *Inconsciente*, os ajuntamentos de marcas do que ressoa no corpo farão letras. O corte real, efeito de um funcionamento significante, será aludido por precipitados de *lalíngua*.

O *Real* lacaniano é sedimento de marcas esvaziadas de qualquer predicado, como efeito da linguagem falada ecoando num corpo *infans*, fazendo letras que carreariam as cadeias significantes que elucubram sobre elas. Dito isso, salientamos que fizemos uso de excertos do seminário 23, mas não consideramos viável o aprofundamento do mesmo sem os acréscimos de outros seminários, nos quais incluímos os supracitados.

Enfim, os trilhos do funcionamento da linguagem, extraídos das últimas articulações de Lacan, abrem-se como estudos por vir. Não seria possível tratar sobre eles antes de percorrer todo o leque de questões que a Psicanálise apresentou à Linguística ao nela introduzir o sujeito do *Inconsciente* articulado à pulsão e à realidade. O percurso que até aqui seguimos foi escolha para o desenvolvimento dessa tese, acolhida pelo Programa de Distúrbios da Comunicação Humana da UFSM, com vistas à interlocução entre a Psicanálise e a Fonoaudiologia.

Desejamos que nossa tese possa ter o mesmo efeito de abertura aos que se interessarem por sua leitura.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, P.L. **O olhar e a voz**: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

BARBOSA, P.G.; CARDOSO-MARTINS, C. Uma revisão dos estudos sobre a fala dirigida à criança e suas implicações para a aquisição inicial do vocabulário. **Linguagem em (Dis)Curso**, Tubarão, v. 14, n. 1, p. 195-210, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n1/12.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

BENTATA, H. O Canto da Sereia: Considerações a respeito de uma incorporação frequente da voz materna. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, p. 13-20, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000100002>. Acesso em: 19 jun. 2014.

BERGÈS, J.; BALBO, G. **Jogo de posições da mãe e da criança**: ensaio sobre o transitivismo. Porto Alegre: CMC Editora, 2002.

BOYSSON-BARDIES, B. O papel da prosódia na emergência da linguagem como estrutura intencional dentro e a partir de uma estrutura biológica. In: SOULÉ, M. (Org.). **A inteligência anterior à palavra**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 17-24.

CATÃO, I. **O bebê nasce pela boca**: voz, sujeito e clínica do autismo. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

CHEMAMMA, R. Clivagem e divisão subjetiva. **Convergência**. Disponível em: <http://convergencia.aocc.free.fr/texte/chemama-p.htm>. Acesso em: 23 fev. 2017.

COSTA, Ana. **Clinicando**: escritas da clínica psicanalítica. Porto Alegre: APPOA, 2008.

_____. Um luto impossível: efeitos de trauma em imigrações. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre, n. 45-46, p. 32-36, jul. 2013-jun. 2014.

COSTA, André. O. De palavras e inconsciente: a função da linguagem na origem da psicanálise. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 2, p. 69-89, 2015. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v47n2/v47n2a05.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

DE LEMOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. **Substratum**, Barcelona (Espanha), v. 1, n. 1, p. 121-135, 1992.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 42, p. 41-69, Campinas, SP, 2002.

DIDIER-WEILL, A. **Invocações**: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

_____. **Nota Azul:** Freud, Lacan e a arte. 2. ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014.

DODANE, C. A emergência da linguagem: da proto-língua às primeiras formações linguísticas. In: III ENLC - Saberes em Contraponto, 2015, **Anais Eletrônicos**. POA: Instituto de Letras/URGS, 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5Q9qiNstEI9M24tbDE2RI9LbWc/view?pli=1>> Acesso em 03 de jun. 2015.

ERLICH, H.; ALBERTI, S. O sujeito entre psicanálise e ciência. **Psicol. rev. (Belo Horizonte) [online]**. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 47-63, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar. 2015.

FERREIRA, S.S.M.O. A interação mãe-bebê: primeiros passos. In: WANDERLEY, D.B. (Org.) **Palavras em torno do berço**. Salvador: Ágalma, 1997. p. 77-88.

_____. Por que falar ao bebê se ele não compreende? In: CAMAROTTI, M. C. (Org.). **Atendimento ao bebê:** uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 97-103.

_____. Será o manhês uma exclusividade da função materna? In: BARBOSA, D. C.; PARLATO-OLIVEIRA, E. (Org.). **Psicanálise e clínica com bebês:** sintoma, tratamento e interdisciplina na primeira infância. São Paulo: Instituto Language, 2010, p. 51-73.

_____. Voz e sonoridade: uma aliança. In: MALISKA, M. E. (Org.). **A Voz na Psicanálise:** Suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura. Juruá Editora: Curitiba, 2015, p. 125-139.

FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud:** edição standart brasileira, v.1, Publicações pré-psicanalíticas e esboços no prelo (1886-1889). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1895). p. 341-466.

_____. Carta 112 [52], de 6 de dezembro de 1896. In: _____. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**, v.5, Neurose, Psicose, Perversão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 (1896). p. 35-45.

_____. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess – Carta 73. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud:** edição standart brasileira, v.1, Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1897). p. 324.

_____. **A Interpretação dos Sonhos**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016 (1900).

_____. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: _____. **Obras completas**, v. 6, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos [1901-1905]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (1905), p. 13-172.

_____. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. Obras completas, v. 7. Trad. Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 (1905).

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: _____. **Obras completas**, v. 10, Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos [1911-1913]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1911), p. 108-121.

_____. Totem e Tabu. In: _____. **Obras completas**, v. 11, Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos [1912-1914]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (1913), p. 108-121.

_____. Introdução ao Narcisismo. Trad. Luís Fernando Lofrano de Oliveira, Max de Araújo Götze e Sofia Schneider. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 1, n. 47, p. 172-193, jul./dez., 2014 (1914).

_____. As Pulsões e seus destinos. In: _____. **As pulsões e seus destinos**. Edição Bilingue. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015 (1915), p. 13-69.

_____. **Psicologia das Massas e Análise do Eu**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013 (1921).

_____. O Inquietante. In: _____. **Obras Completas**, v. 14, História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos [1917-1920]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1919), p. 328-376.

_____. Além do Princípio do Prazer. In: _____. **Obras Completas**, v. 14, História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos [1917-1920]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1920), p. 161-239.

_____. O eu e o id. In: _____. **Obras Completas**, v. 16, O eu e o id, “autobiografia” e outros textos [1923-1925]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011(1923), p. 13-74.

_____. A Negação. In: _____. **Obras Completas**, v. 16, O eu e o id, “autobiografia” e outros textos [1923-1925]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011(1925), p. 275-282.

_____. Inibição, Sintoma e Angústia. In: _____. **Obras Completas**, v. 17, Inibição, Sintoma e Angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos [1926-1929]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014 (1926), p. 13-123.

_____. O mal-estar na cultura. In: _____. **O mal-estar na cultura**. Trad. Renato Zwick, Porto Alegre: L&PM, 2010 (1930). p. 39-186.

_____. Novas conferências introdutórias. In: _____. **Obras Completas**, v. 18, O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias da psicanálise e outros textos [1930-1936]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1933), p. 123-354.

_____. Moisés e o Monoteísmo. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira**, v.23. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1939). p. 15-150.

GALITO, M. **Prosa, n. 3**. Lenda de Jasão e dos Argonautas. Portugal: Editora Literária, 2001. Disponível em: <<https://editoraliteraria.files.wordpress.com/2012/04/lenda-jasao-argonautas.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GIL, A.C. **Estudo de Caso**. Fundamentação Científica. Subsídios para coleta e análise dos dados. Como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

GOENBERG, R. **La música de la lengua**. Incidencia del objeto voz em la clinica psicoanalítica. Olivos: Grama Ediciones, 2016.

HANNS, L. Comentários do Editor Brasileiro. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**, v 1, Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p.144.

HOMERO. **Odisséia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. Disponível em: <<http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/08/ODISSEIA.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

JAKOBSON, R. **Lenguaje infantil y afasia**. Buenos Aires: Ayuso, 1969 (1941).

JERUSALINSKY, A. **Saber Falar**. Como se adquire a língua? 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JERUSALINSKY, J. Prosódia e enunciação na clínica com bebês: quando a entoação diz mais do que se queria dizer. In: VORCARO, A.M.R. (Org.). **Quem fala na língua?** Sobre as psicopatologias de fala. Salvador: Ágalma, 2004. p. 13-19

_____. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo**. 2009. 262 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2009.

KENT, R. D.; MIOLO, G. Habilidades Fonéticas no Primeiro Ano de Vida. In: FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. **Compêndio de Linguagem da Criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 253-276.

KUPFER, M.C.M. et. al. Valores preditivos de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. **Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology Online** v. 6, n. 1, p. 48-68, maio 2009. Disponível em: <http://en.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/latin_american/v6_n1/valor_preditivo_de_indicadores_clinicos_de_risco_para_o_desenvolvimento_infantil.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2014.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do Eu. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 (1949), p. 96-103.

_____. O imaginário, o simbólico e o real. In: _____. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 (1953), p. 09-53.

_____. **O Seminário. Livro 4**. A relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995 (1956/1957).

_____. **O Seminário. Livro 5**. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 (1957/1958).

_____. **O Seminário. Livro 6**. O desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016 (1958/1959).

_____. **O Seminário. Livro 7**. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 (1959/1960).

_____. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura de personalidade". In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 (1960), p. 653-691.

_____. **A identificação**: seminário 1961-1962. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, Publicação para circulação interna, out. 2003 (1961/1962). Não publicado.

_____. **O Seminário Livro 10**. A Angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 (1962/1963).

_____. Introdução aos Nomes-do-Pai. In: _____. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 (1963), p. 55-87.

_____. **O Seminário Livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 (1964).

_____. **Problemas Cruciais para a Psicanálise**: seminário 1964-1965. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, Publicação para circulação interna, out. 2006 (1964/1965). Não publicado.

_____. **O Seminário Livro 16.** de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 (1968/1969).

_____. **O Seminário Livro 17.** O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992 (1969/1970).

_____. **O Seminário Livro 20.** Mais, Ainda. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 (1972/1973).

_____. **Les non-dupes errent.** Seminário 1973-1974. Bahia: Escola de Psicanálise Aleph, Publicação para circulação interna, 1997 (1973/1974). Não publicado.

_____. **O Seminário Livro 23.** O Sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007 (1975/1976).

LAZNIK, M. C. **A Voz da Sereia.** O autismo e os impasses na constituição do sujeito. Salvador: Agálma, 2004.

LIER-DE VITTO, M. F. **Os monólogos da criança:** “Delírios da Língua”. São Paulo: EDUC, 1998.

MATEUS, M.H.M. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. In: ENCONTRO DA APL E ESE DE SETÚBAL. O ENSINO DAS LÍNGUAS E A LINGUÍSTICA, 2004, Setúbal, **Anais Eletrônicos.** Setúbal: ESE, 2004, Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mhmateus-prosodia.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

MATIAS, G. F. A. **A importância da estimulação auditiva durante o período pré e pós-natal.** 1999. 23 f. Monografia (Especialização em Audiologia Clínica) – Centro de Especialização em Audiologia Clínica, Goiânia, GO, 1999.

MELMAN, C. **Imigrantes.** Incidências subjetivas das mudanças de língua e país. São Paulo: Escuta, 1992.

MILNER, J. C. **O Amor da língua.** Trad. Paulo Sérgio de Souza Júnior. Campinas, SP: Editora Autêntica, 2012.

MOON, C., FIFER, W.P. Evidence of transnatal auditory learnig. **Journal of Perinatology**, n. 20 v. 8, p. 37-44, dez. 2000. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11190699>> Acesso em: 21 abr. 2017.

MUSOLINO, M. B. de. A voz toma palavra. In: MALISKA, M. E. (Org.). **A Voz na Psicanálise.** Suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura. Curitiba: Juruá Editora, 2015, p. 151-165.

NUNES, P. A. O. Experiência auditiva no meio intrauterino. **Psicologia.com.pt** O portal dos Psicólogos. p. 01-15, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0157.pdf>> Acesso em: 21 abr. 2017.

OLIVEIRA, L.F.L. **Injúria**. A pulsão na ponta da língua. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

OLIVEIRA, E. A. A aquisição da escrita pela criança repete a gênese da escrita. **Domínios de Linguagem. Revista eletrônica de linguística**, Uberlândia, v. 3, n. 2, p. 94-102, ago./dez. 2009.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005 (1923).

POMMIER, G. **Qu'et-ce le "réel"?** Essai psychanalytique. Toulouse: Érès, 2004.

PORGE, E. **Voz do eco = Voix de l'écho**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014; Toulouse: Érès, 2012.

PROVEDEL, D.; PRISZKULNIK, L. Freud e os sonhos de crianças. **Estilos da Clínica [on-line]**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 232-249, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000200014>. Acesso em: 11 mar. 2017.

QUERLEU, D. et al. Reactivite du nouveau-ne de moins de deux heurs de vie a La voix maternelle. **Journal de Gynécologie Obstétrique et Biologie de la Reproduction**, Paris, v. 2, n. 13, p. 125-35, 1984. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/6736589>> Acesso em: 21 abr. 2017.

QUINET, A. **Um olhar a mais**. Ver e ser visto em psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

RABINOVITCH, S. **A Foraclusão**. Presos do lado de fora. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

REIK, T. The Shofar (The Ram's Horn). In: _____. **Ritual**. Four Psychoanalytic Studies. Trad. Douglas Bryan. Nova York: Groove Press, 1962 (1946). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/32076731/Theodor-Reik-the-Shofar>>. Acesso em: 25 set. 2016.

REMOR, C. A. Intervenção e Voz. In: MALISKA, M. E. (Org.). **A Voz na Psicanálise**. Suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura. Curitiba: Juruá Editora, 2015. p. 167-175.

RINALDI, D. O traço como marca do sujeito. **Estudos de psicanálise online**, Belo Horizonte, n. 31, p. 60-64, out. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100008>. Acesso em: 13 jan. 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARPA, E. M. Duas marginalidades e falsas expectativas na aquisição da prosódia. In: PEREIRA DE CASTRO, M. F. (Org.). **O método e o dado nos estudos da linguagem**. Campinas: Pontes, 1996. p. 87-110.

_____. Interfaces entre componentes e representação na aquisição da prosódia. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.) **Aquisição da Linguagem**: questões e análises. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 17-38.

SCARPA, E. M.; FERNADES-SVARTMAN, F. Entoação e léxico inicial. **Veredas Online Especial**. Juiz de Fora. Edição especial. p. 40-54, 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2012/10/Entoação-e-léxico-inicial1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2013.

SEGANFREDO, G. F. C.; CHATELARD, D. S. Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos. **Cadernos de Psicanálise - CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 61-70, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno30_pdf/05_Das_Ding_o_mais_primitivo_dos_extimos.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2017.

SOUZA, P. C. **As Palavras de Freud**: o vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

STERN, D. **The first relationship**: Mother and infant. Edição ON LINE. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002 (1977). Disponível em: <<http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/Daniel-N.-Stern-The-First-Relationship-Infant-and-Mother-With-a-New-Introduction-2002-1.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

TAVARES, P. H. M. B. A língua alemã em Freud – E Eu com Isso? **Mal-estar na Cultura**, Porto Alegre, p. 01-10, abr./nov. 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/difusaocultural/adminmalestar/documentos/arquivo/00%20-%20Tavares%20a%20lingua%20alema%20em%20freud.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

_____. As novas traduções de Freud feitas diretamente do alemão: estilo e terminologia. **Tradterm. Revista do Centro Intradeparamental de Tradução e Terminologia FFLCH - USP**, São Paulo, v. 19, p. 109-126, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/47349/51086>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

VERAS, V. A Inter-Dicção do Singular. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 38, p. 121-129, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/2685/4316>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

VIVÈS, J. M. Para introduzir a questão da pulsão invocante. Trad.: Júnia Mitre Haddad. Ver.: Marco Antonio Coutinho Jorge. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 329-341, jun. 2009a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000200007>. Acesso em: 19 out. 2014.

_____. O silêncio das sereias de Kafka: uma aproximação literária da voz como objeto pulsional. **O Marrare. Revista da Pós-Graduação em Literatura**

Portuguesa. Rio de Janeiro, v. 9, n. 11, p. 01-11, jul./dez. 2009b. Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero11/pdfs/robson.pdf>> Acesso em: 23 mai. 2014.

_____. **A Voz na Clínica Psicanalítica.** Tradução: Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012.

_____. Conferência de Abertura. **Colóquio** Internacional sobre Voz. Abordagens em análise de discurso e psicanálise. UFSC, Santa Catarina, agosto de 2016a.

_____. Autismo e voz maquínica. **Conferência** na FCM-UNICAMP, Campinas, agosto de 2016b.

VORCARO, A.M.R. **Sob a vigência da linguagem:** uma aproximação à clínica psicanalítica de crianças, 1997, 198 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 1997.

_____. Incidência da matriz simbolizante no organismo: o advento da fala, **Letras de Hoje**, v. 36, n. 3, Porto Alegre, p. 273-281, 2001.

_____. Linguagem maternante e língua materna: sobre o funcionamento lingüístico que precede a fala. In: Bernardino, L.; Rohenkohl, C. (orgs). **O bebê a modernidade, abordagens teórico-clínicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 65-84.

_____. Os dragões do tempo primordial: a repetição como primeira identificação. In: LEITE, N. V. A. (org). **Corporinguagem:** gestos e afetos. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 215-231

_____. Debate do texto: autismo e voz maquínica, de Jean-Michel Vives. **Conferência** na FCM-UNICAMP, Campinas, agosto de 2016.

_____. Um refrão surdo ressoa no corpo. In: BURGARELI, G. **Padecer do significativo** (Org.), Goiânia: Editora UFG, 2017a. No prelo.

_____. A constituição do sujeito. **Conferência** no I Encontro Sul-Brasileiro de Psicanálise: Infância e Adolescência, FGG, Joinville, junho de 2017b.

VORCARO, A.; LUCERO, A. Entre Real, Simbólico e Imaginário: Leituras do Autismo. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 28, n. 61, p. 147-157, abr./jun. 2010.

VORCARO, A.; RESENDE, A. O. Holófrase e lalíngua. In: LEITE, N; AIRES, S. (Org.). **Prática da Letra, uso do inconsciente.** Campinas: Mercado das Letras, 2016, p. 241-257.

WEISMER, S. E. O Papel das Variantes Prosódicas no Processamento Linguístico de Crianças com Impedimentos Específicos de Linguagem. In: CHAPMAN, R. S. **Processos e Distúrbios na Aquisição da Linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 125-134.

WERNER, L.A. Issues in human auditory development. **Journal of Communication Disorders**. v. 4, n. 40, p. 275-283, jul./ago. 2007. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1975821/>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

YIN, R. **Estudo de caso**: planejamento e método. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MÃES)



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Santa Maria
 Centro de Ciências da Saúde
 Programa de Pós-Graduação
 Distúrbios da Comunicação Humana



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: Condições Maternas de Invocação e o Surgimento do (Sujeito) da Linguagem

Pesquisadora: Amanda Schreiner Pereira (CRP 07/11992)

Orientadora (responsável pela pesquisa): Márcia Keske-Soares (UFSM)

Coorientadora: Angela Maria Resende Vorcaro (UFMG)

Instituição/Departamento: UFSM/Departamento de Fonoaudiologia

Telefone para contato (inclusive a cobrar): (55) 91644144

E-mail para contato: psico_amanda@hotmail.com

Endereço: Alberto Pasqualini, 25, sala 406. Ed. Ouro Preto. Centro/Santa Maria/RS

Após ser esclarecida sobre as informações que seguem, rubricue a primeira e a segunda página e assine a terceira página deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do responsável pela pesquisa. Em caso de recusa você não será penalizada de forma alguma.

Esta pesquisa irá analisar a voz e a fala com as quais a mãe conversa com seu bebê; também irá verificar como surge a linguagem em seu(sua) filho(a), através das primeiras vocalizações com sua mãe; e a importância destas trocas entre os dois para o aspecto emocional do bebê.

Para isto, serão realizados alguns procedimentos. Inicialmente será realizada uma entrevista livre com a mãe, na qual você irá contar a sua história com seu bebê. Esta entrevista será gravada em áudio, sendo registrado o que você disser. Depois desta entrevista inicial, serão filmadas algumas brincadeiras entre você e seu(sua) filho(a). No total, serão 11 filmagens, pois a pesquisadora quer acompanhá-los durante 11 meses de vida do seu bebê (um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez e 11 meses).

Uma vez por mês ela irá visitá-los em sua casa. Estas visitas serão agendadas conforme dias e horários que sejam mais adequados para você e nelas a pesquisadora solicitará que você brinque com seu(sua) filho(a). Você poderá escolher brincar com brinquedos que a pesquisadora levará durante as visitas ou com brinquedos com os quais vocês já costumam brincar. As brincadeiras serão filmadas e gravadas em áudio. Depois dos nove meses, será realizada nova entrevista, para que você conte como foi a experiência de participar desta pesquisa, ela também será registrada através de gravação em áudio. Além disto, a pesquisadora terá um diário de campo onde realizará algumas anotações sobre as observações de cada encontro, sendo que elas servirão de material complementar ao estudo.

Todos os materiais coletados serão analisados para que possamos atingir os objetivos deste estudo. As duas entrevistas serão transcritas e analisadas pela pesquisadora. As filmagens serão analisadas pela pesquisadora e um(a) psicólogo(a) convidado(a) para ajudar no entendimento sobre elas. As gravações em áudio serão analisadas por uma fonoaudióloga convidada, através de uma análise onde a voz gravada se transforma em gráficos mostrando os diálogos de vocês durante a brincadeira.

Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. Somente a pesquisadora, a(o) fonoaudióloga(o) e a(o) psicóloga(o) convidadas(os), a orientadora e a co-orientadora terão acesso às informações decorrentes dele, a menos que requerido por lei ou por sua solicitação.

Os resultados obtidos nestas análises serão publicados em artigos científicos, aprimorando as pesquisas que já existem na área. Assim, acredita-se que eles irão contribuir para a construção de novas intervenções terapêuticas com bebês e suas mães.

Este estudo não oferece benefício direto aos participantes, mas você terá proveito indireto, visto que sua participação auxiliará na produção de conhecimento para o desenvolvimento das áreas da psicologia e da fonoaudiologia, visando o bem-estar coletivo.

Também não há nenhum risco direto aos participantes deste estudo, uma vez que ele não compreende intervenções de qualquer natureza, apenas entrevistas e observações. Todavia, você poderá sentir algum desconforto em razão de sua participação no estudo, como por exemplo, algum constrangimento durante as filmagens ou para responder alguma pergunta. Caso algum desconforto ocorra e haja necessidade ou vontade de receber atendimento psicológico, você terá direito gratuito ao mesmo, sendo a pesquisadora a responsável pelo seu acolhimento na rede pública de saúde ou na Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP) da Universidade Federal de Santa Maria.

Despesas também não estão previstas neste estudo, uma vez que todos os encontros para a coleta dos dados serão realizados em sua residência, mas caso venha a ocorrer alguma despesa em razão de sua participação, você será ressarcido. Ainda, você não receberá auxílio financeiro pela sua participação nesta pesquisa.

Lembre-se que você poderá desistir de sua participação no estudo em qualquer etapa, retirando seu consentimento da participação como sujeito. A retirada deste consentimento garante a sua liberdade de expressar seu desejo em participar do estudo, sem o prejuízo da continuidade de qualquer acompanhamento que você tenha garantido.

Ainda, se tiver alguma dúvida, você poderá entrar em contato com a pesquisadora em qualquer momento.

Diante do exposto, você pode dar seu consentimento da participação como sujeito preenchendo os campos abaixo:

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar como sujeito do estudo “Condições Maternas de Invocação e o Surgimento do (Sujeito) da Linguagem“. Fui suficientemente informada a respeito das informações que li e que também foram lidas para mim. Eu discuti com a psicóloga Amanda Schreiner Pereira sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de

esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso a tratamento quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e sei que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido durante este acompanhamento.

Local e data _____

Nome e Assinatura do sujeito: _____

A próxima parte é para preenchimento e assinatura do responsável pela pesquisa

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Santa Maria _____, de _____ de 20____



Marcia Keske-Soares
Responsável pela Pesquisa

**ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(REPRESENTANTES LEGAIS DOS BEBÊS)**



**Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências da Saúde
Programa de Pós-Graduação
Distúrbios da Comunicação Humana**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: Condições Maternas de Invocação e o Surgimento do (Sujeito) da Linguagem

Pesquisadora: Amanda Schreiner Pereira (CRP 07/11992)

Orientadora (responsável pela pesquisa): Márcia Keske-Soares (UFSM)

Coorientadora: Angela Maria Resende Vorcaro (UFMG)

Instituição/Departamento: UFSM/Departamento de Fonoaudiologia

Telefone para contato (inclusive a cobrar): (55) 91644144

E-mail para contato: psico_amanda@hotmail.com

Endereço: Alberto Pasqualini, 25, sala 406. Ed Ouro Preto. Centro/Santa Maria/RS

Seu filho(a) está sendo convidado(a) para participar em uma pesquisa e você, como representante legal dele(a), precisa decidir se aceita ou não, de forma voluntária, a participação. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte à pesquisadora qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a participação de seu filho(a), rubriche a primeira e a segunda página e assine a terceira página deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do responsável pela pesquisa. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Esta pesquisa irá analisar a voz e a fala com as quais a mãe conversa com seu bebê; também irá verificar como surge a linguagem em seu(sua) filho(a), através das primeiras vocalizações a mãe dele(a); e a importância destas trocas entre os dois para o aspecto emocional do bebê.

Para isto, serão realizados alguns procedimentos que envolvem seu filho(a): serão filmadas algumas brincadeiras entre ele(a) e a mãe. No total, serão 11 filmagens, pois a pesquisadora quer acompanhá-los durante 11 meses de vida do seu bebê (de um a 11 meses). Uma vez por mês ela irá visitá-los em sua casa. Estas visitas serão agendadas conforme dias e horários que sejam adequados para sua família e nelas a pesquisadora solicitará que a mãe brinque com o(a) filho(a). A mãe poderá escolher brincar com brinquedos que a pesquisadora levará durante as visitas ou com brinquedos com os já esteja acostumada a brincar com seu(sua) filho(a). As brincadeiras serão filmadas e gravadas em áudio. A pesquisadora também terá um diário de campo onde realizará algumas anotações sobre suas

percepções durante cada visita, sendo que elas servirão de material complementar ao estudo.

Todos os materiais coletados passarão por análise, as filmagens serão analisadas pela pesquisadora e um(a) psicólogo(a) convidado(a) para ajudar no entendimento sobre elas. As gravações em áudio serão analisadas por uma fonoaudióloga convidada, através de uma análise onde a voz gravada se transforma em gráficos mostrando os diálogos do par mãe-bebê durante as brincadeiras.

Os resultados obtidos nestas análises serão publicados em artigos científicos, aprimorando as pesquisas que já existem na área. Assim, acredita-se que eles irão contribuir para a construção de novas intervenções terapêuticas com bebês e suas mães.

Este estudo não oferece benefício direto aos participantes, mas seu bebê terá proveito indireto, visto que sua participação auxiliará na produção de conhecimento para o desenvolvimento das áreas da psicologia e da fonoaudiologia, visando o bem-estar coletivo.

Também não há nenhum risco direto aos bebês participantes deste estudo, uma vez que ele não compreende intervenções de qualquer natureza, apenas as observações. Todavia, caso haja necessidade de algum atendimento, acompanhamento ou tratamento de saúde, decorrente da participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa, o mesmo será ofertado gratuitamente.

Despesas também não estão previstas neste estudo, uma vez que todos os encontros para a coleta dos dados serão realizados na residência onde mora seu(sua) filho(a), mas caso venha a ocorrer alguma despesa em razão de sua participação, você será ressarcido. Ainda, você não receberá auxílio financeiro pela participação de seu(sua) filho(a) nesta pesquisa.

Lembre-se que você poderá desistir da participação de seu(sua) filho(a) no estudo em qualquer etapa, retirando seu consentimento da participação dele(a) como sujeito. A retirada deste consentimento garante a sua liberdade de expressar seu desejo de participação no estudo, sem o prejuízo da continuidade de qualquer acompanhamento que ele(a) tenha garantido.

Se você concordar que seu filho(a) participe deste estudo, o nome e a identidade dele(a) serão mantidos em sigilo. Somente o pesquisador, a fonoaudióloga e a(o) psicóloga(o) convidados, a orientadora e a co-orientadora terão acesso às informações decorrentes da pesquisa, a menos que requerido por lei ou por sua solicitação.

Ainda, se tiver alguma dúvida, você poderá entrar em contato com a pesquisadora em qualquer momento.

Diante do exposto, você pode dar seu consentimento da participação de seu(sua) filho(a) como sujeito preenchendo os campos abaixo:

Eu, _____, abaixo assinado, concordo que meu filho(a) participe como sujeito do estudo “Condições Maternas de Invocação e o Surgimento do (Sujeito) da Linguagem“. Fui suficientemente informado(a) a respeito das informações que li e que também foram lidas para mim. Eu discuti com a psicóloga Amanda Schreiner Pereira sobre a minha decisão em deixar meu(minha) filho(a) participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que tal participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso a tratamento quando necessário. Concordo voluntariamente que meu filho(a) participe

deste estudo e sei que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que ele(a) possa ter adquirido durante este acompanhamento.

Local e data _____
Nome do sujeito (criança): _____
Nome do Responsável: _____
Assinatura do Responsável: _____

A próxima parte é para preenchimento e assinatura do responsável pela pesquisa

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Santa Maria _____, de _____ de 20____



Marcia Keske-Soares
Responsável pela Pesquisa

ANEXO C – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências da Saúde
Programa de Pós-Graduação
Distúrbios da Comunicação Humana

**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu, Ana Maria Toniolo da Silva, Chefe do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), autorizo a realização do projeto de pesquisa que tem como título "Condições Maternas de Invocação e o Surgimento do (Sujeito) da Linguagem", sendo a pesquisadora responsável pelo mesmo a professora doutora Márcia Keske-Soares.

Estou ciente de que este projeto tem como objetivo geral analisar o surgimento do sujeito (e) da linguagem a partir das condições maternas de invocação. Assim como, tem os seguintes objetivos específicos: reconhecer as condições que situam a voz materna enquanto invocante e o consequente endereçamento das produções sonoras/vocais do *infans* ao agente do Outro; investigar a pertinência do binômio "continuidade-descontinuidade" da sonata/voz materna em diferentes tempos do processo de invocação do *infans*; e articular os tempos cronológicos/diacrônicos da produção dos balbucios e o surgimento da linguagem aos tempos lógicos da pulsão invocante.

Os dados do projeto serão coletados por meio de observações filmadas em vídeos e gravadas em áudio e entrevistas gravadas em áudio na própria residência dos sujeitos participantes, também serão realizados registros escritos sobre as observações em diário de campo. Ressalta-se que será mantido o sigilo quanto aos dados coletados e que esta pesquisa só será realizada mediante aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria.

Santa Maria, 04 de Julho de 2014.

Ana Maria Toniolo da Silva
Chefe do Departamento de Fonoaudiologia

ANEXO D – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências da Saúde
Programa de Pós-Graduação
Distúrbios da Comunicação Humana**

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

Título do Projeto: Condições Maternas de Invocação e o Surgimento do (Sujeito) da Linguagem

Pesquisadora Responsável: Márcia Keske-Soares (UFSM)

Instituição/Departamento: UFSM/Departamento de Fonoaudiologia

Telefone para contato: (55) 3220 8659 ou (55) 99726370

Local da coleta de dados: residência dos sujeitos participantes

Os pesquisadores deste projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados através de observações (filmadas em vídeo, gravadas em áudio e registradas em diário de campo) e entrevistas (gravadas em áudio). Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão armazenadas no Prédio de Apoio da UFSM, na Rua Floriano Peixoto, nº 1750, CEP 97.015-372, na sala do Centro de Estudos de Linguagem e Fala (CELF), subsolo do prédio, Santa Maria/RS, por um período de 5 anos sob a responsabilidade da Pesquisadora Márcia Keske-Soares. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em 12/08/14, com o número do CAAE: 34428014.6.0000.5346

Santa Maria, 12 de Agosto de 2014.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'M Keske-Soares', is written over a horizontal line.

**Márcia Keske-Soares
Pesquisadora responsável**